1954

JUNHO - N. 445

EU SEI TUDO

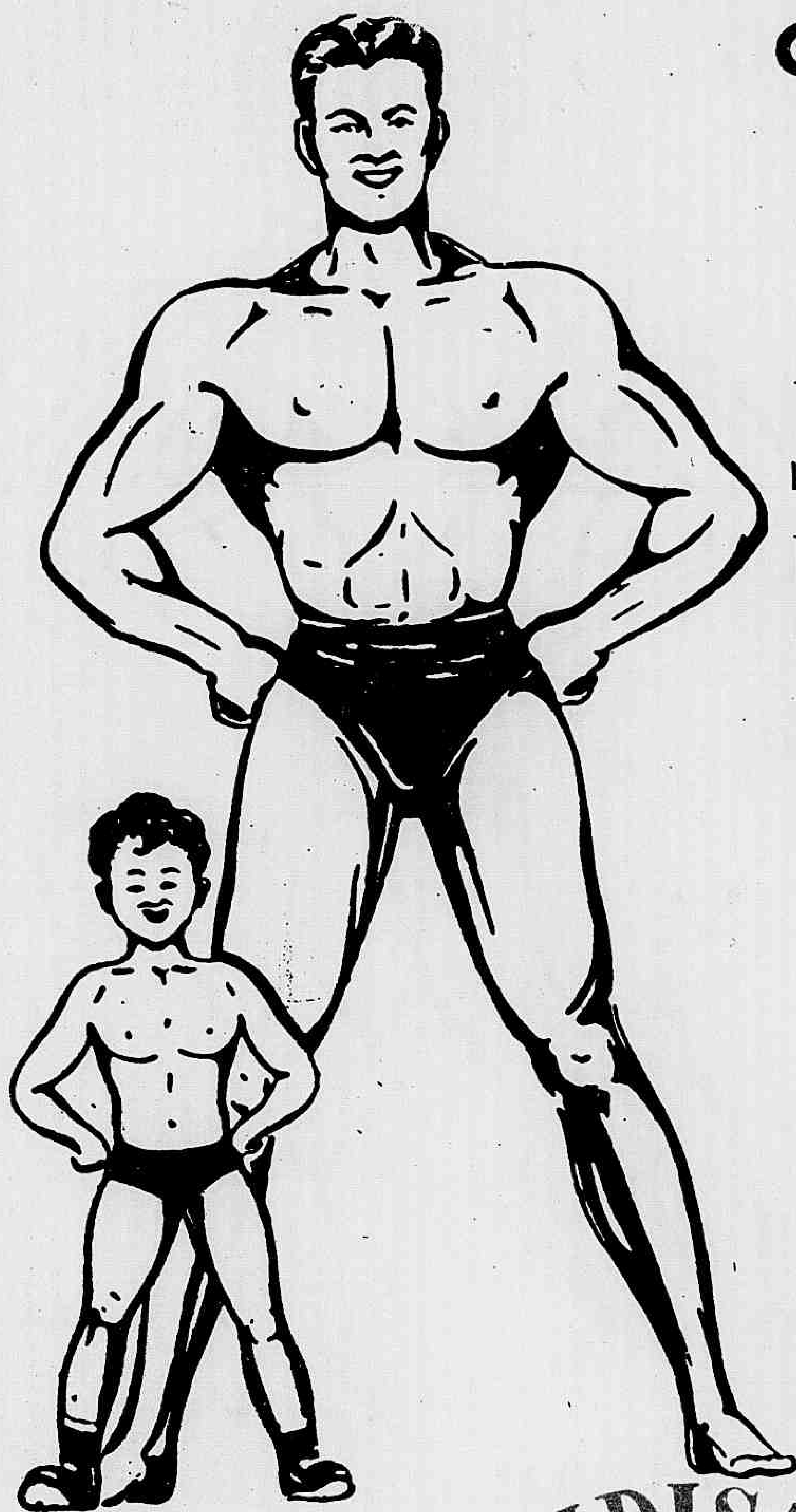


★ O "GUIA DO AMOR"

★ PORQUE A BÚSSOLA APONTA O NORTE

★ NEM TODO "BÊBEDO" ESTÁ BÊBEDO!

ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se ARROZINA em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

PERNAMBUCO — PARAIBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARA — PIAUÍ — MARANHAO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

A Cena Muda!

10 PÁGINAS EM CÔRES!

Segredos da Tela!

Cinema Brasileiro

Curiosidades e "Close-ups"

Novela das Imagens

Pré-Estréias

Ballet

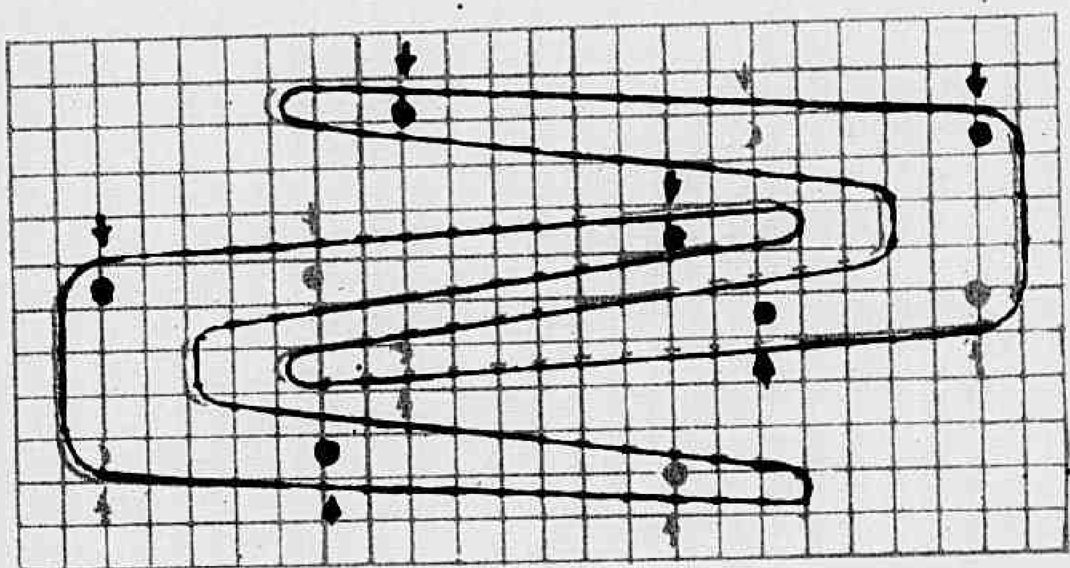
Discos

Preço Cr$ 4,00 - Redação: Maranguape, 15 - Rio - A venda em todo o país

REAVIVANDO AS MAIS GRATAS EMOÇÕES DOS ENTUSIASTAS DE CINEMA, «A CENA» ESTA PUBLICANDO UM GRANDE RETROSPECTO, COM MUITAS FOTOGRAFIAS SÔBRE OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS. REDAÇAO: MARANGUAPE, 15 — RIO. A VENDA EM TODOS OS JORNALEIROS DO PAIS.

PARA O LAR

FAÇA ISTO... VOCÊ MESMO!

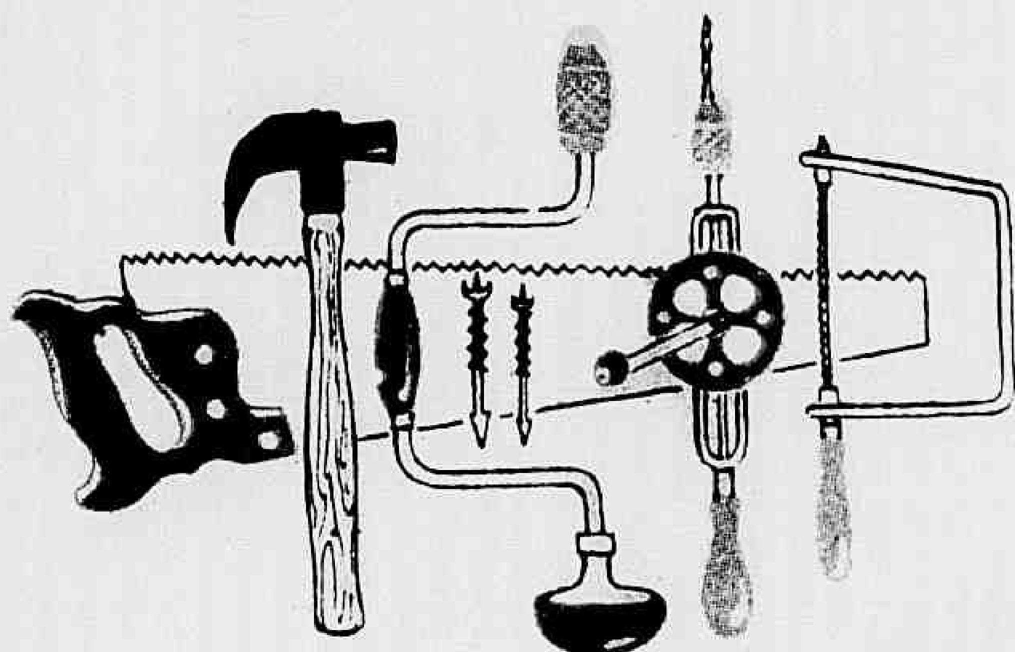


Eis o desenho necessário para que se possa mandar recortar a madeira compensada...



... e com isso e mais a lonita, três travões de madeira e um pouco de corda — teremos um porta-jornais prático e muito bonito.



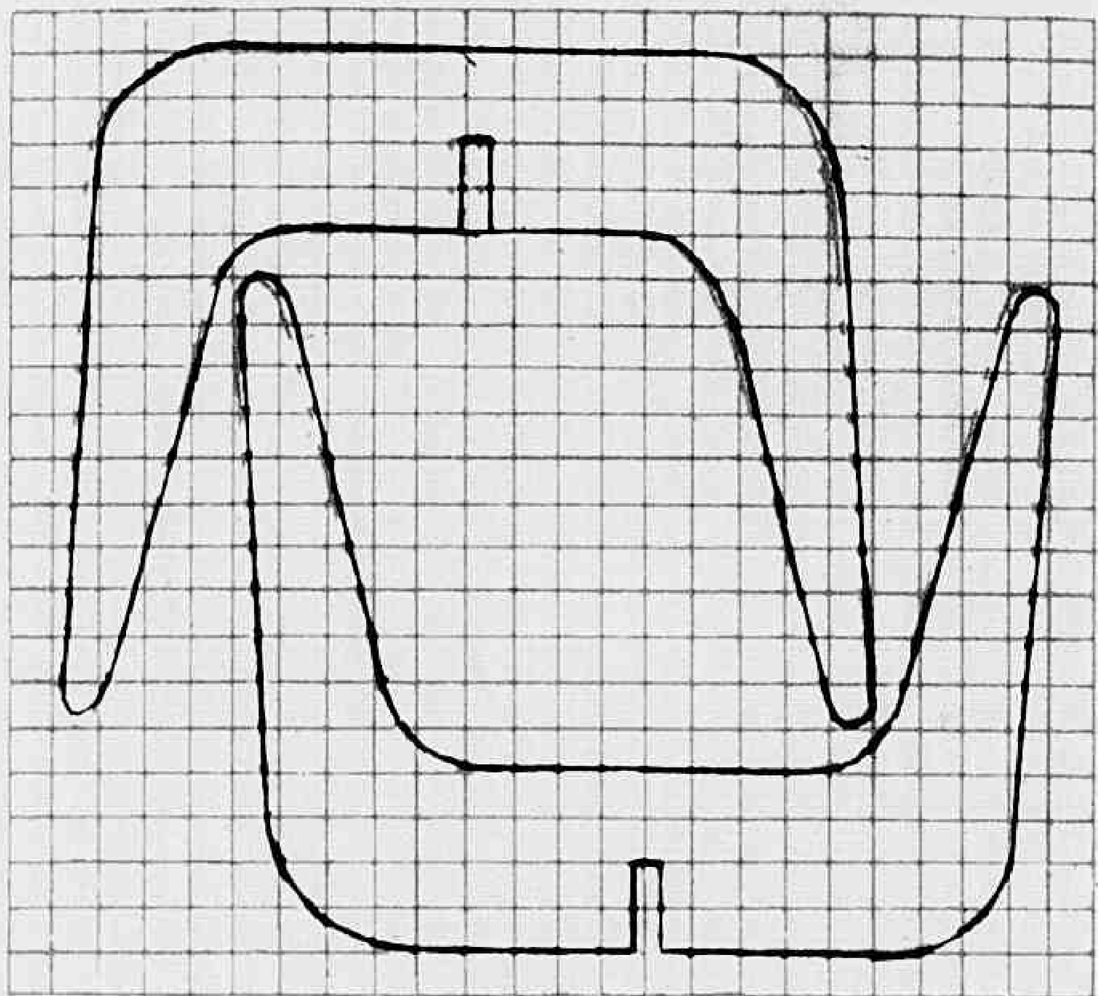


Êsse o material necessário para que se possa realizar êsses pequeninos móveis.

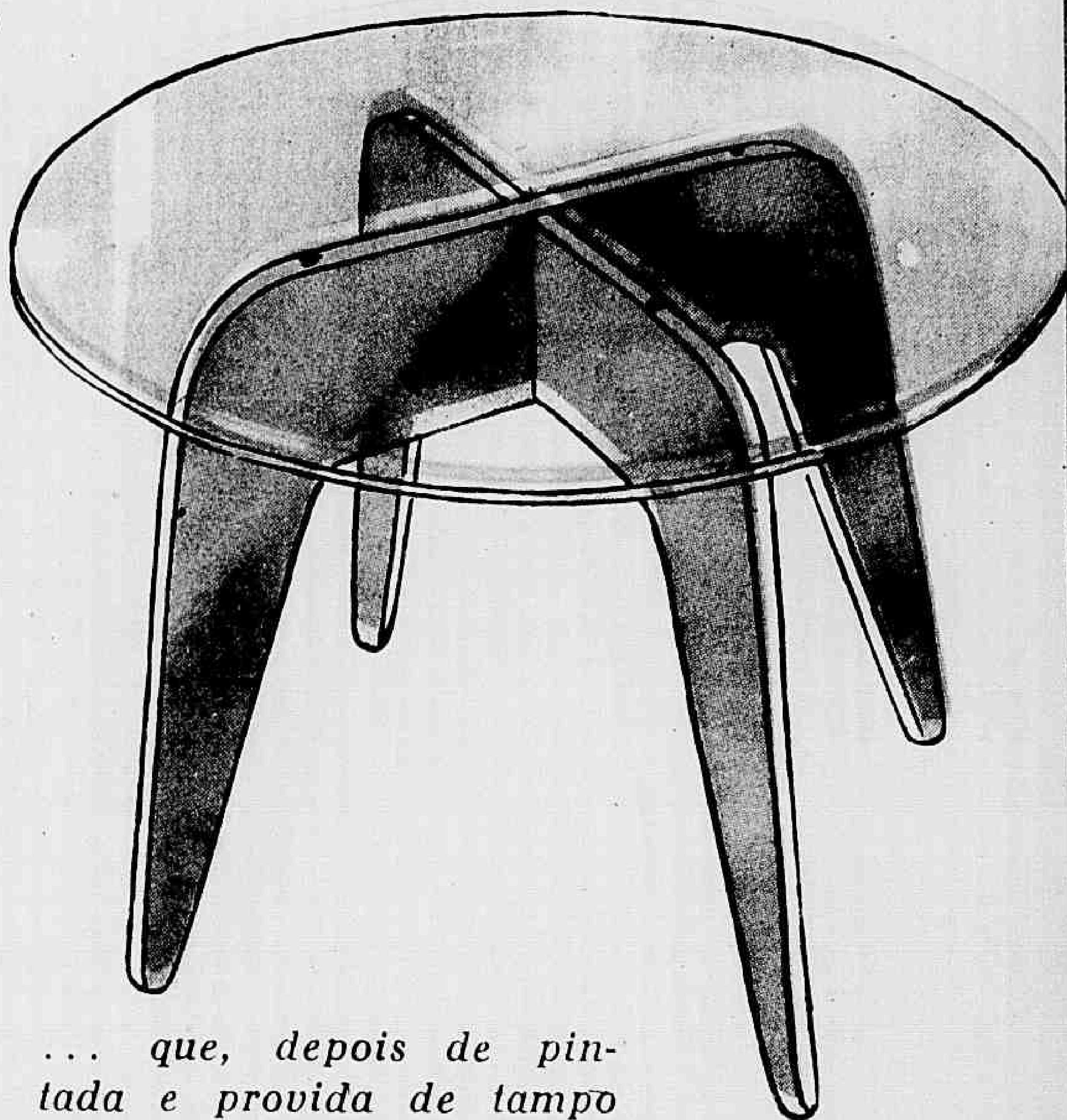


Eis um ambiente agradável, em que o confôrto é aliado ao bom-gôsto. Tudo pronto para servir. Tudo ao alcance da mão e da maneira mais prática possível. Entretanto, um rápido olhar indicará que todos os móveis que guarnecem êste "living-room" foram feitos com material barato e de fácil construção. Qualquer amador, mesmo com pouca prática, se mandar recortar a madeira por um profissional, conseguirá construir êsse mobiliário. Vejam explicações nas gravuras.

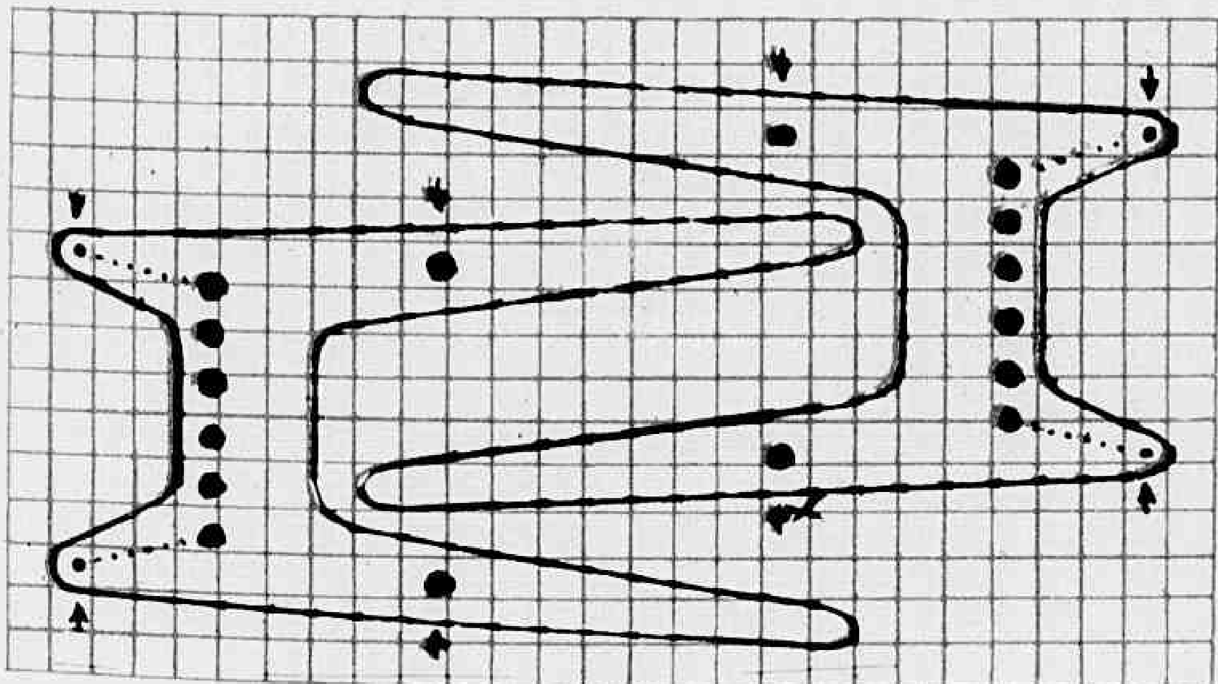
SIM. Não hesitem. Trata-se de trabalho fácil, para quem tenha um pouco de habilidade e capricho. O material, por sua vez, não exige grande despesa e, para aquêles que desconheçam tudo a respeito de carpintaria, há o recurso de mandar recortar as peças, segundo os esquemas e, depois, procurar armar os móveis em casa. Além da madeira compensada, um metro de lonita, uma certa quantidade de vime, um tampo de vidro e algumas latinhas de tinta de boa qualidade.



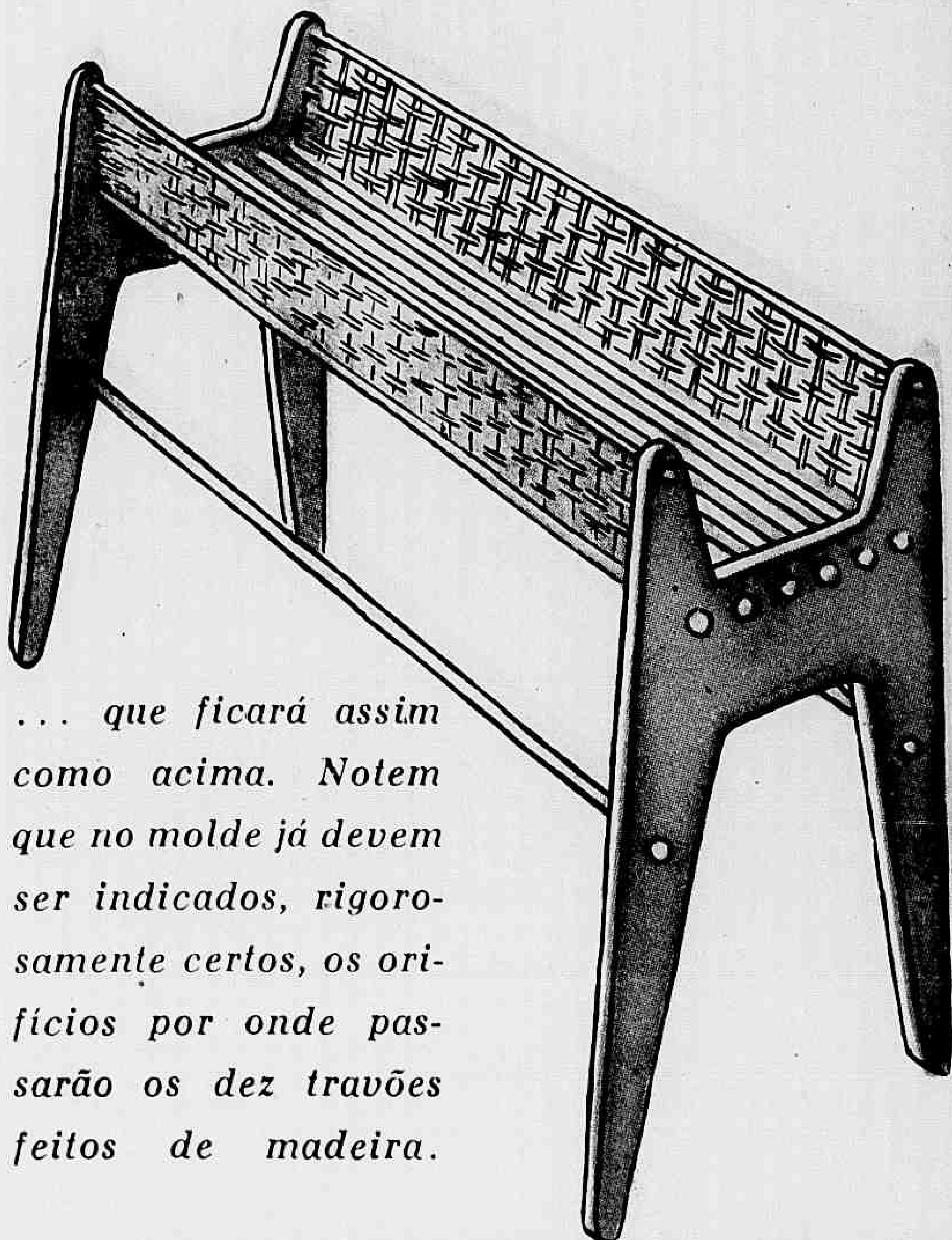
Assim é riscado o modêlo para que se confeccionem os pés de linda mesinha...



... que, depois de pintada e provida de tampo de vidro, terá êsse lindo aspecto.



E, agora, apresentamos um molde para outro tipo de porta-jornais e livros...



... que ficará assim como acima. Notem que no molde já devem ser indicados, rigorosamente certos, os orifícios por onde passarão os dez travões feitos de madeira.

É A LEI...

Por DICK HYMAN



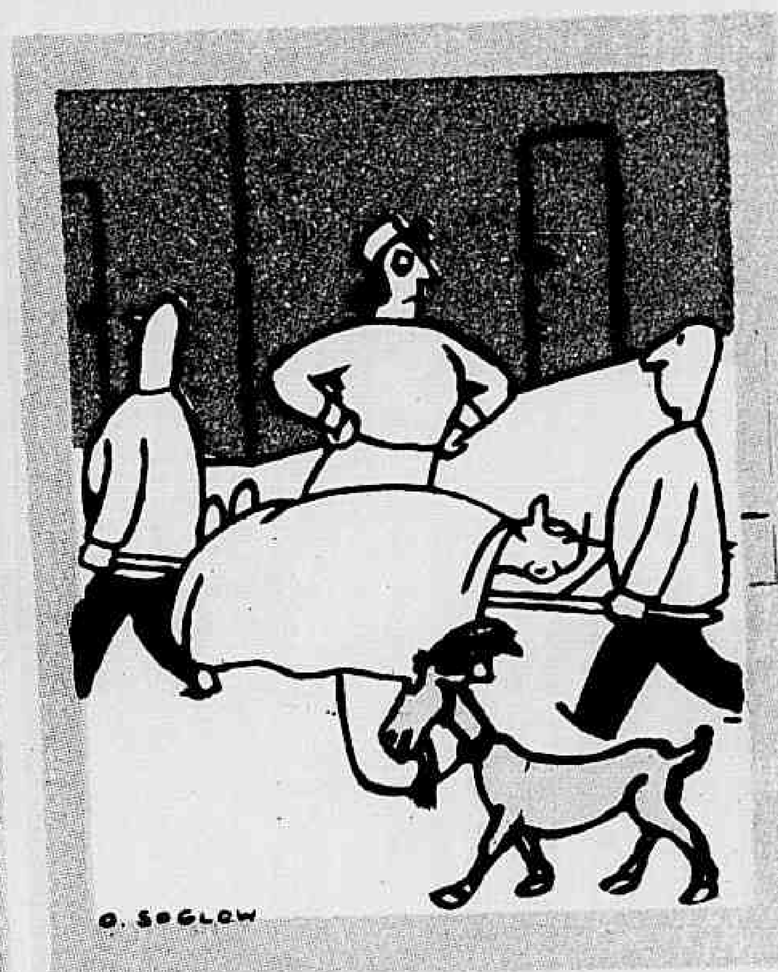
No Estado do Kentucky, os cães têm o direito, garantido por lei, para brigar, na rua, entre si...



Na cidadezinha de Moscou (Estado de Idaho), é contra a lei hipnotizar seja quem fôr, na rua.



Na Carolina do Sul, uma lei estadual exige que todo delegado de polícia, use um quépi militar e também uma comprida espada.



A mais surpreendente, porém, é a lei em Eodsworth, que proíbe que os bodes (!) acompanhem doentes ao Hospital dos Veteranos.

O MELHOR PASTOR

NUMA pequena cidade da Suíça, o pastor da igreja local chamou o pequeno Frank, a quem disse:

— Se podes impedir que teu avô adormeça durante o sermão, eu te darei dois francos, todos os domingos.

O menino prometeu, porém, no domingo seguinte, seu avô roncava como um órgão. Após o sermão, o pastor, bastante descontente, chamou novamente o pequeno Frank.

— De modo que não queres ganhar dois francos?

— Não. Meu avô me dá três, se o deixo dormir.



ASSUNTOS DE FAMÍLIA

(Resposta da página 3)

1 — Mãe e filho. 2 — Mãe e filha. 3 — Irmãos. 4 — Primos. 5 — Irmãos. 6 — Irmãos. 7 — Irmãs.



INFORMAÇÃO GRÁFICA

CONTAM que um tchecoslovaco, residente em Detroit, resolveu voltar a seu país de origem, apesar do regime comunista ali imperante. Antes de partir, disse a um vizinho:

— De lá mandarei um retrato meu. Se estiver de pé, significará que vou bem. Se estiver sentado, quererá dizer que estou arrependido de ter feito a viagem.

Um ano depois o vizinho recebeu o prometido retrato: seu amigo estava deitado a fio comprido e de costas, no solo.

CORTESIA ORIENTAL

UMA casa editôra chinesa empregava o seguinte formulário para devolver manuscritos que considerava impublicáveis:

«Lemos o seu trabalho com encanto sem igual. Porém, se publicarmos o seu livro, será impossível para a nossa emprêsa publicar, no futuro, outro de qualidade inferior.

«E, como não imaginamos poder encontrar nada comparável, nos próximos dez mil anos, vemo-nos obrigados a devolver sua excelsa obra, rogando-lhe mil vêzes que nos perdoe.»

MANUAL DE INSTRUÇÕES

UMA menina de dez anos entra numa livraria e pede ao vendedor: — Quero comprar o livro que está na vitrina: «Como Prender os Homens».

O empregado sorriu, indulgente, e perguntou:

— Não és ainda muito menina para saber estas coisas?

— Não o quero para mim — respondeu a menina, muito séria. — É um presente para meu pai, que é policial.

ANO XXXVIII ★ Nº 1 ★ EU SEI TUDO



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTIFICO ARTISTICO, HISTORICO E LITERARIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Publicidade: — J. M. Costa Júnior, L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nobrega. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.



ALVO ERRADO

Conto de R. VAN TAYLOR

ARTHUR Billingsly entregou a Carmody um grande embrulho, feito "para presente".

— Feliz aniversário, John! — disse êle, sorrindo com o seu ar mais amável, enquanto em pensamento exclamava, num grito selvagem: *"Feliz e pronta morte, cão egoista e indesejável!"*

John Carmody abriu a bôca, assaltado por grande surprêsa:

— Oh... Muito obrigado, Arthur! Ruth, fecha a porta e apanha o chapéu e o sobretudo de Arthur... Mas venha sentar, homem!

Ansiosamente, John entrou para o confortável *living-room*, completamente alheio a tudo, exceto ao grande embrulho quadrado e ornado com uma fita larga, e que êle examinava de todos os ângulos.

Foi muito gentil, lembrando-se do aniversário dêle, Arthur. — disse Ruth.

Arthur, atormentado, repentinamente, por uma sensação de culpa, fêz uma carêta, antes de responder:

— Ora... Isso não é nada. Espero apenas que não tenha vindo incomodar, esta noite...

— Incomodar?

Seus olhos azuis revelaram surprêsa.

— Sempre temos muito prazer em que apareça... Mas entregue-me seu sobretudo...

Estendeu as duas mãos, para apanhar chapéu e sobretudo — e quando suas mãos se tocaram foi para Arthur uma verdadeira tortura. Ela era tão linda... Agora, então, que amadurecia... Não mais a figurinha graciosa e tentadora, apenas com *exterior* e sem alma... mas uma mulher adorável, uma criatura capaz de endoidecer um homem, de prendê-lo totalmente e torná-lo todo seu... E Ruth



era tudo para Arthur. Pensava nela noite e dia, incessantemente.

MESMO que não tivesse outra razão para odiar John Carmody, o fato dêle ser o marido de Ruth era mais que suficiente. Mas podia somar, ainda, outras razões. Por isso decidira tudo tão fàcilmente.

— Então? Quais as novidades? — perguntou John, alegremente, quando se instalaram no *living-room*. Acabava de abrir o embrulho e descobrira seu conteúdo: um magnífico cobertor.

— É um cobertor elétrico — explicou Arthur. Havia um tremor nervoso em sua voz.

John mal pôde esconder sua decepção. Que idéia absurda! Em vez de pensar numa caixa de charutos, uma bonita gravata ou qualquer outra coisa, que um homem pode usar, êle próprio, escolher um cobertor para o seu aniversário! Uma coisa que êle teria que dividir com sua mulher!

— Você é um homem difícil para se dar um presente — disse Arthur, como se tentasse uma explicação e corando fortemente. — Você tem quase tudo... Tratei, ao menos, de comprar alguma coisa prática...

"E é mesmo bem prática" — pensou, selvagemente. Aquêle cobertor, que comprara, fazia parte do seu plano... plano de assassinato!

— Oh! Foi ótima idéia, meu velho... — declarou John, esforçando-se para aparentar júbilo.

— É um presente realmente maravilhoso... e muito útil, Arthur! — confirmou Ruth. — Espero usá-lo hoje mesmo!

Arthur baixou a cabeça, para esconder sua alegria:

— Ainda bem que acham... — disse.

— Isto exige um *drink* — anunciou John. — Ruth... Prepara os cálices.

— Não; obrigado, John... — disse Arthur, apressadamente. — Sinceramente, não estou com disposição para beber, hoje... e, além do mais, tenho que me retirar...

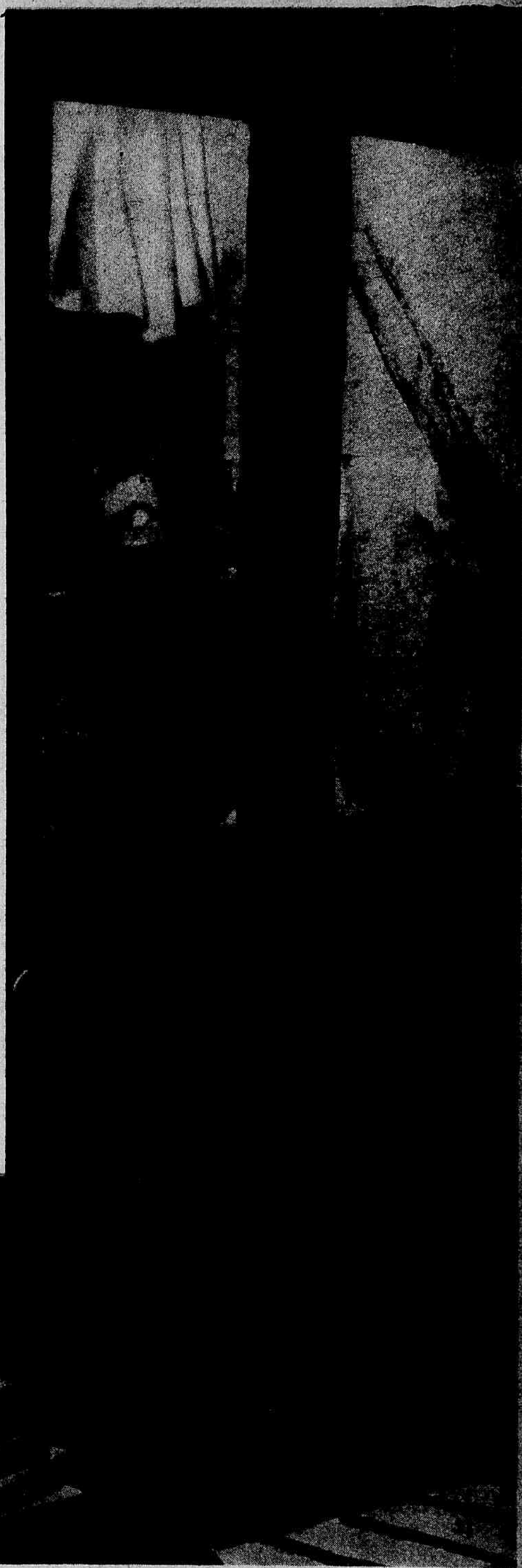
— Espere ao menos que lhe sirva um pedaço do bôlo que fiz para John... — pediu Ruth. — Caprichei bastante!

Foi para a cozinha e John, imediatamente, abordou o seu assunto predileto: política. Arthur, porém, mal o ouvia. Estava muito ocupado, odiando aquêle homem... John dava ordens a Ruth, como se ela fôsse uma criada. De fato, recordava-se de já haver mesmo falado com êle sôbre o caso.

Tinha sido há uns quatro meses, no escritório em que eram associados. A coisa surgiu, casualmente.

— John... — disse êle, muito naturalmente. — Você precisa arranjar uma criada para arrumar e cozinhar. Assim aliviaria bastante Ruth...

— Ouça, meu velho — respondera John. — Quando um homem casa aprende muita coisa. É melhor manter a espôsa ocupada do que sem nada que fazer. Isto livra o marido de inúmeros aborrecimentos...





— Mas, John... Ruth anda abatida... Tem emagrecido muito...

— Não tenho notado isso. Para ser franco, também não me sinto bem. Ando, talvez, precisando de exercícios... E olhe que, se não tivesse o julgamento de Philson, esta tarde, iria jogar gôlfe. A não ser que você mesmo quisesse ir ao tribunal.

Arthur acabou mesmo indo, enquanto John foi jogar gôlfe. Não desejava fazê-lo, mas precisava de afastar o sócio do escritório por algum tempo. Isso também lhe deu a oportunidade de telefonar para Ruth. Talvez pudessem tomar coquetéis em algum lugar. Queria tanto e tanto estar junto dela!

NESSE instante, Ruth voltava ao *living-room*, trazendo o bôlo numa larga bandeja.

— Está realmente um lindo bôlo — disse Arthur, enquanto ela cortava uma fatia para êle. — Mas, John, onde estão as velas?

— Oh! Nada de velas... Na minha idade não se usa mais isso — protestou John.

— Ora... Deixa disso. Um bôlo de aniversário tem que ter velas, nem que seja uma só. Vamos colocá-la... Ruth, seria possível arranjar?

— Também tive essa idéia — explicou ela. — Mas não temos uma só vela em casa! Creio que John escondeu ou jogou fora!

Riram todos, porém Arthur não ria pela mesma razão. Sentia as pernas tremer. Planejara tudo desde muito tempo, mas precisava de esclarecer certos detalhes. Um, mais importante, ainda precisava de explicação.

— Estava pensando se poderia conseguir, emprestada, uma lanterna elétrica... — disse êle, hesitante. — Está muito escuro, na rua, e não desejo levar algum escorregão no gêlo.

— Claro que emprestaremos uma... — declarou John. — Ruth, apanha a lanterna elétrica.

— Vocês têm outra? — perguntou Arthur. — Não quero ser inconveniente...

— Nada... Só temos uma, mas nunca usamos... — disse John. Depois, enchendo o peito, com ar importante, concluiu: — Arthur, você precisa de sair mais, fazer exercícios, jogar gôlfe... Assim ganhará melhor visão... Enxergará mais longe... e gozará a vida!

— Vou pensar nisso — disse Arthur, esboçando um sorriso.

"*De fato, gozarei melhor a vida* — pensou êle, encaminhando-se para casa. — *Gozarei imensamente, depois que tiver calcado o gatilho de certa arma...*

E nem seria suspeitado! E o melhor é que o próprio John havia criado o motivo que livraria Arthur de tôda culpa. O único que lhe restava fazer era matá-lo.

— Não é por nada, Arthur — dizia êle. — Você é mais técnico, porém eu sou mais dramático, impressiono melhor...

E assim ficara o hábito. Arthur desempenhava o papel mais árduo e cerebral e John se dirigia aos jurados... E com isso ganhava crédito por um trabalho que não era seu... Mas com isso ajudava, agora, o seu futuro assassino, pois com sua argumentação dramática, no tribunal, John ganhara muitos inimigos... Inimigos perigosos. Haveria, portanto, centenas de suspeitos.

Oh! Gozaria, sim, a vida, depois que John estivesse morto e enterrado. O escritório seria sòmente seu, e então seria um grande advogado! E, mais que tudo, poderia ter, finalmente, Ruth. Tudo seria feito sem risco!

Depois de chegar ao seu apartamento, foi apanhar a arma, fazendo-lhe uma minuciosa inspeção. Comprara-a, em segunda mão, no sul do país. Não podia haver meios de descobrir-lhe a origem...

Na manhã seguinte, no escritório, enquanto John saiu para tomar café, Arthur telefonou para Ruth, a fim de saber a respeito do cobertor.

— Sim. Usamos ontem — disse ela. — E agora vamos ficar fregueses... Já embrulhei todos os outros, antigos...

— Alegro-me de que tenha gostado.

— Oh, Arthur, você é um anjo... tão gentil...

Sua voz ficou nos ouvidos de Arthur por muito tempo, depois de haver desligado. Tudo... Tudo corria maravilhosamente!

ERA pouco mais de duas horas da madrugada, quando Arthur parou seu automóvel do outro lado do bloco de apartamentos e se encaminhou para a residência de John. A arma estava escondida sob o sobretudo. Usava sapatos bem maiores que os seus pés... e orgulhava-se dêsse pequenino detalhe. Estava escuro, mas Arthur caminhava sem hesitação, como homem treinado para uma missão *especial*. Pensara muitas vêzes no que iria fazer e sabia cada movimento a ser feito. Nos fundos da residência de John, numa espécie de porão, ficava o relógio da eletricidade. Teria apenas que forçar um pouco a veneziana baixa e abrir a janela; depois aproximar-se do relógio e retirar um fusível. No andar superior, o cobertor deixaria de funcionar, e John logo procuraria ligar a luz do quarto, para investigar a causa. A luz também não funcionaria. Imediatamente concluiria que havia queimado algum fusível... e teria que descer, sem luz, sem lanterna, sem vela e apenas com a ajuda de fósforos, que riscaria a cada cinco passos...

Então, quando o vulto de John Carmody passasse na sombra do porão... zás! Ali mesmo, da janela, êle o fuzilaria. Depois, correr para o automóvel e pisar, pisar...

Arthur tremia nervosamente, ao se aproximar da janela baixa. Não contara que a coisa o afetasse tanto. Sabia que precisava de ter calma. O tiro, assim, no escuro, teria que ser dado com cuidado e boa pontaria.

RUTH não estava muito disposta a dormir. Fechara os olhos, mas apenas para pensar em Arthur, enquanto John, a seu lado, resonava tranquilamente.

Considerava que, enquanto John agia como um displicente, quase mecanizado, Arthur nunca seria assim. E sabia que Arthur a amava! Uma mulher sente essas coisas com facilidade.

Ficou assim cêrca de uma hora, depois do que decidiu que, na manhã seguinte, telefonaria para Arthur. Dir-lhe-ia que estava decidia a deixar John!

Estando deitada, raciocinando, sentiu um frio repentino. O cobertor... Alguma coisa acontecera. Tratou de sacudir John, ao seu lado.

Êle se remexeu e procurou apossar-se de mais cobertor, sem qualquer consideração pela mulher, enquanto resmungava:

— Que quer você, agora?

— É o cobertor. Não está mais esquentando! É bom verificar o comutador.

Êle esticou um braço, até alcançar a lâmpada de cabeceira. Porém esta não funcionou.

— Irra! — exclamou êle, com maus modos. — Queimou algum fusível!

E, ato contínuo, deixou-se cair de novo, pesadamente, no leito.

— Diabos levem o Arthur! Comprar esta droga... E ainda por cima levou a lanterna elétrica e esqueceu de devolver!

★ ★



Um tampão de borracha, para pias e banheiras é o mais prático para frascos de produtos que exigem fechamento hermético e fácil de ser removido

— Você tem que ir trocar o fusível.

— E como irei até ao porão?

— Leva uma caixa de fósforos. Tem fusíveis sobressalentes, na própria caixa.

— Oooh! Não vou, coisa nenhuma! Estou com frio e sentindo-me gripado. Você quer ir, Ruth?

Isso a irritou. Mas para que discutir com John? Era melhor ir ela mesma, logo de uma vez.

Saltou da cama, vestiu um "robe" de lã e caminhou através da casa completamente escura, na direção do porão...



POR QUE A BÚSSOLA

O "colóquio da estrutura molecular"... Tal foi o título do congresso que reuniu setenta físicos e químicos, recentemente, em Paris, para discutir os "hábitos" dos átomos, isto é: a maneira como se unem uns aos outros, para formar os diversos elos de matéria.

Ninguém ignora, realmente, que existem noventa e oito tipos de átomos apenas, a cada um dos quais foi dado um número, traduzido na linguagem corrente pelos nomes que nos são familiares.

A série começa, portanto, por : 1 = a hidrogênio; 2 = a hélium; 3 = a lithium... para terminar com 92 = a urânium; 93 = a neptúnium; 94 = a plutônium; 98 = a califórnium.

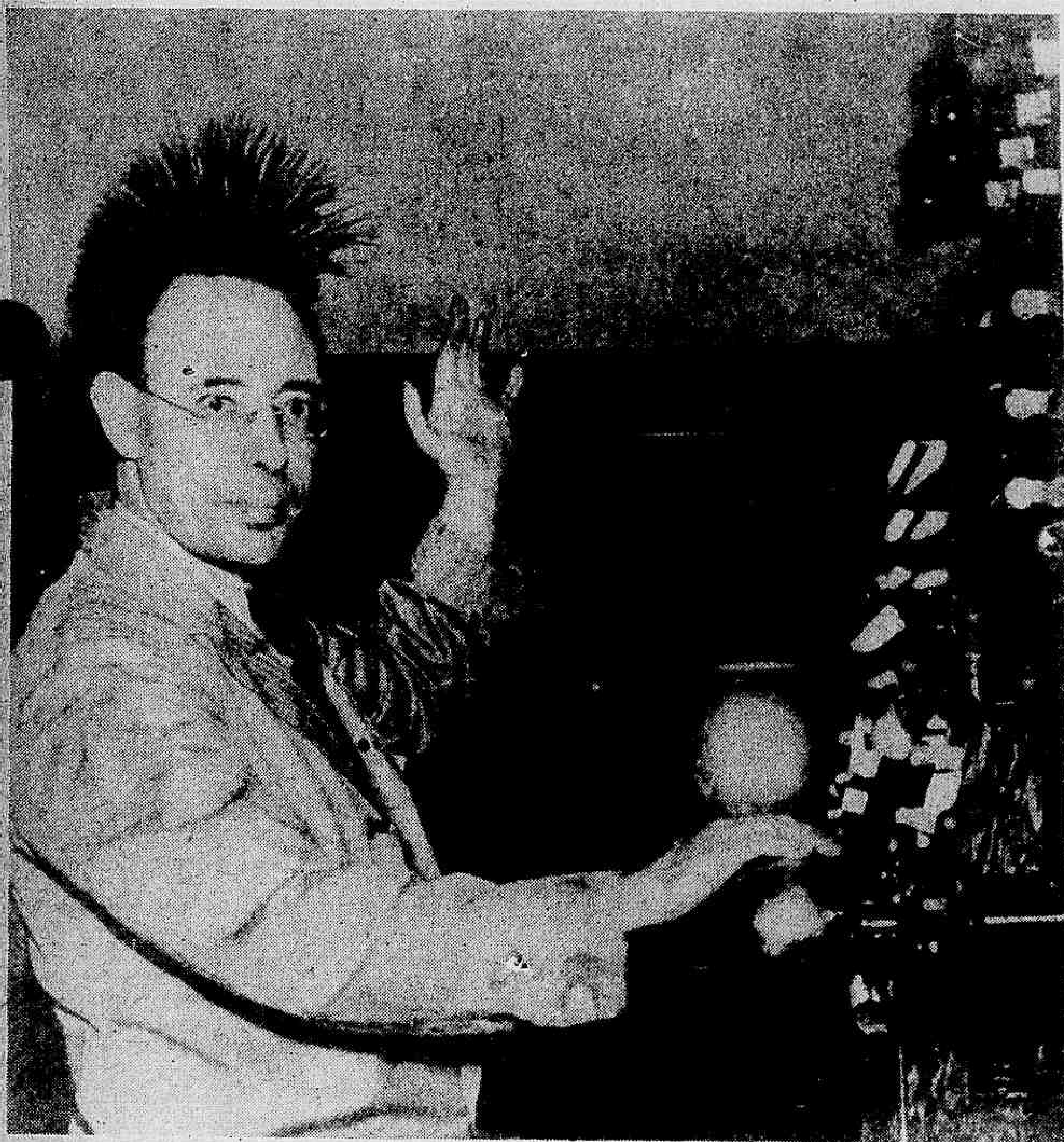
E *nada mais* pode existir no universo! Tôdas as estrêlas, todos os planêtas, os mundos conhecidos ou desconhecidos, nuvens interestelares só podem ser formadas a partir dêsses 98 elementos, a despeito de todos os corpos que existem sôbre a nossa balzaquianíssima Terra.

ÁTOMOS EM MOLÉCULAS — Sem dúvida, a repartição é muito desigual. Além dos últimos elementos da lista (os mais pesados) se mostrarem instáveis, está provado que os elementos são tanto mais raros, quanto mais pesados sejam, estando o Universo essencialmente constituído pelos átomos leves. Calcula-se, notadamente, que 95 a 99% do volume do sol e das estrêlas esteja representado pelo hidrogênio e o hélio!

Nas estrêlas, os átomos vivem quase em estado livre, parcialmente "rasgados", cabendo à ionização o fato de um átomo — cuja clássica fisionomia conhecemos sob a forma de um cortejo de electrons, gravitando em redor de um núcleo central —, haver perdido um ou vários electrons.

Mas, sôbre a Terra, não só os átomos são geralmente completos, mas tiveram a excelente idéia de unir-se sistemàticamente em moléculas, sendo que a "fórmula" das mesmas revela o número e a natureza dos átomos que entram na sua constituição.

Assim, se dizemos que a fórmula da água é H2O, isto significa, muito simplesmente, que uma molécula de água contém dois átomos de hidrogênio

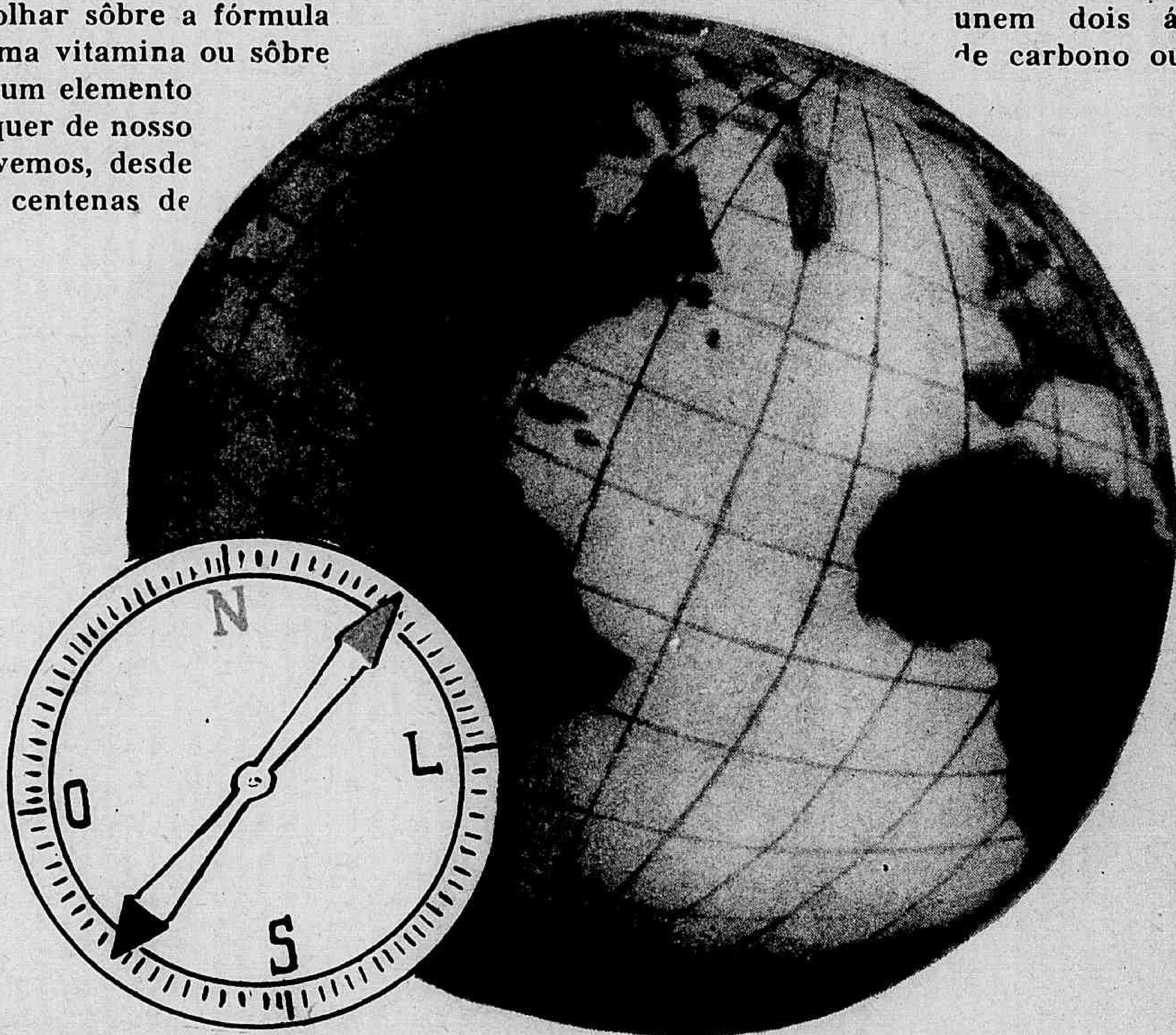


500.000 VOLTS atravessam o corpo do cientista atômico Thomas Jackson, eriçando seus cabelos e fazendo surgir faíscas de seus dedos, quando manipula a máquina electrostática de Cabot-Holz, que separa os átomos.

APONTA O NORTE? AGORA OS SÁBIOS JÁ SABEM

e um átomo de oxigênio. Da mesma forma, ficamos sabendo que uma molécula de ácido sulfúrico (SO4 H2) contém um átomo de enxôfre, dois átomos de hidrogênio e quatro átomos de oxigênio.

Em química orgânica, a complicação se torna extrema. Se lançarmos, por exemplo, um olhar sôbre a fórmula de uma vitamina ou sôbre a de um elemento qualquer de nosso ser, vemos, desde logo, centenas de átomos "agarrados" misteriosamente uns aos outros, para constituir verdadeiramente êsse ser que representa a molécula e dos quais conhecemos, hoje, centenas de milhares de variedades, presidindo tôda a vida mineral, como a vigetal e animal do globo. É a estrutura molecular a responsável pelas propriedades físicas ou químicas das substâncias e também pelo aspecto sob o qual elas se apresentam aos nossos sentidos.



Por exemplo, sabemos hoje que a *côr* de um corpo é essencialmente imputável à presença de certos blocos de átomos, chamados "agrupamentos cromóforos". Êstes são sistemas de átomos possuindo uma "dupla ligação", o que revela a existência de átomos mais fortemente ligados e que podem romper uma das ligações, sem quebrar o "sistema". As ligações *duplas* mais comuns são as que unem dois átomos de carbono ou dois de azôto (matérias colorantes azóicas) ou, ainda, um átomo de carbono e um átomo de oxigênio.

O próprio odor é uma propriedade molecular. Sabemos, por exemplo, que são odorantes as moléculas dissimétricas, que, chegando ao contato do líquido da nossa mucosa nasal, penetram nesse líquido em condições bem determinadas... *tal como o destroço que flutua no oceano.*

E, de fato, a eletricidade dessa molécula provocará uma despolarização de nossas células olfativas, que se transmite ao cérebro. Eis o que é um odor...

A molécula é eletrizada, segundo dissemos acima. E não há nisso nada de espantoso. Todo átomo é, com efeito, um sistema elétrico: simplesmente é êle neutro, nas condições ordinárias, porque a carga negativa dos electrons equilibra a carga positiva do núcleo. Porém, quando vários átomos vêm "esmagar-se" numa molécula única, assistimos a uma completa transformação dessas condições, e isso se traduz na "superfície" da molécula com o aparecimento de cargas elétricas de signo determinado, enquanto que o interior conterá uma carga de signo contrário.

Essa eletricidade superficial das moléculas tem enorme importância. Pelo fato de tôdas as moléculas de uma só substância apresentarem identidade de formação, possuindo, *por isso mesmo, na sua superfície*, cargas do mesmo signo, devemos concluir que *há uma ação repulsiva de sua parte*. Ora, tal ação é, exatamente, a origem de numerosos fenômenos agrupados sob o nome de *química coloidal*. Dessa maneira, as fumaças ou as emulsões são constituídas por tais moléculas eletrizadas e a fórmula é a mesma... no interior de uma nuvem!

Muitas pessoas acreditam que a nuvem é formada de vapor de água. Mas tal não ocorre. Aliás, o vapor de água é perfeitamente transparente... Uma nuvem é, de fato, constituída pela água líquida, sob espécies de gotículas que mantêm justamente o equilíbrio sob o efeito de suas repulsões elétricas. Êsse equilíbrio só será quebrado por alguma descarga exterior; então, a água cairá em forma de chuva. E sabem por que a clara de ôvo, batida até ficar como neve, cai quando sôbre ela deitamos vinagre? Porque êsse líquido, contendo cargas de signo contrário, quebra o equilíbrio elétrico.



Assim compreendemos o interêsse capital de conhecer as "regras do jôgo", isto é: saber em que condições os átomos são capazes de unir-se uns aos outros.

A êsse respeito, o conhecimento do átomo proporcionou noções preciosas. Sabemos, de fato, que, se os electrons são dispostos em camadas, em redor do núcleo, as propriedades químicas são essencialmente função da última camada, isto é: da camada *externa*. (Isso, aliás, parece lógico, pôsto que todo ser se "agarra" ao meio exterior pelos elementos periféricos de seu indivíduo) Ora, a teoria nos ensina que a camada externa de um átomo não pode conter mais de oito electrons. Nessas con-

dições, o físico foi levado, naturalmente, a dividir os átomos segundo oito classes, representando *as oito famílias químicas*.

Antes de tudo, encontraremos os átomos tendo 0 electron em sua camada periférica, o que significa que a camada precedente, completa com os seus oito electrons, representava, de fato, a camada externa. Os átomos em questão formarão pequenos universos fechados: *porque são completos, nada desejam dar e assim não se unirão a outros átomos como não penetrarão nas moléculas, vivendo como puros e isolados*. Essa família é a dos gases raros do ar (*argon, neon, xenon, krypton*).

Quanto aos átomos possuidores de um electron externo, êstes estarão sempre prontos a dar o mesmo para completar um átomo que possua, por exemplo, sete electrons periféricos. Êstes serão metais *monovalentes*, enquanto que teremos um metal *divalente*... se o átomo possui dois electrons periféricos, e *trivalente*, caso tenha três átomos periféricos. Eis porque um átomo possuindo sete electrons externos — portanto com *um* lugar vago -- será chamado metalóide *monovalente*. O cloro é um exemplo dêsse tipo e por isso vemos um átomo de cloro combinar com um átomo de sódio (metal *monovalente*) para dar uma molécula de cloruro de sódio (metal *monovalente*) para dar uma molécula de cloruro de sódio (sal ordinário).

Ao contrário, um átomo com seis electrons periféricos — e, portanto, com dois espaços vagos — será chamado metalóide *divalente*. Como modêlo temos o oxigênio. Um átomo assim se unirá então a dois átomos de um metal *monovalente* ou a um átomo de metal *monovalente*. Tal é a razão pela qual a fórmula da água é H_2O e não HO. Quanto aos átomos tendo cinco electrons periféricos, formam evidentemente a família dos metalóides *trivalentes*. Dessa forma, o azôto combina com o hidrogênio para dar o gás de amoníaco, de fórmula NH_3.

Vista dêsse ângulo, tôda a química se resume a um pequenino jôgo de aritmética, muito simples, no qual se trata apenas de combinar judiciosamente as *valências*.

Menção especial deve ser feita da família dos átomos possuidores de quatro electrons periféricos. Êstes serão muito capazes de perdê-los como de reclamar quatro electrons complementares. Poderão ser metais ou metalóides, sendo assim excepcional a sua importância química. E não ignoramos que o principal dêsses

(*Continua na pág.* 116)

A CIÊNCIA CONTRA O CRIME:

OS peritos designados para investigar sôbre as verdadeiras causas dos incêndios observaram desde longo tempo que os criminosos utilizam de preferência combustíveis líquidos: gasolina, álcool, benzina, com os quais regam as matérias inflamáveis, tapêtes, móveis, etc.

Em geral, êsses combustíveis são empregados em quantidades exageradas, da ordem de vários litros, quando uma simples fração de litro seria suficiente. Essa quantidade considerável de líquido escorre sôbre o solo, formando peças, penetrando pelas fendas do soalho, entre os quadrados dos ladrilhos, impregnando muitas vêzes o subsolo.

É bastante, após haver varrido os escombros do incêndio, escavar o solo ou levantar uma tábua para perceber um odor característico. Convém, em tais casos, colhêr os materiais impregnados, que serão levados ao laboratório, para análise.

A madeira regada com gasolina não queima como a madeira sêca. A carbonização normal da madeira é localizada e profunda, enquanto que a madeira "lampida" pela chama de gasolina mostra carbonizações extensas, porém superficiais, que seguem as arestas e desenham a forma característica de *poças e de riachos* provenientes do combustível líquido.

OS SISTEMAS DE RETARDAMENTO — O ponto essencial de um incêndio criminoso é o *foco inicial*... ou melhor, os focos iniciais, porque um bom incendiário — se assim podemos dizer — prepara cinco ou seis focos, ligados por meio de pistas de matéria inflamável. A presença absolutamente anormal de tais substâncias constitui, por si só, uma prova da ação criminosa.

As matérias inflamáveis utilizadas para a constituição dos focos iniciais são sempre reconhecíveis mesmo após a combustão. (Aqui fica o aviso aos incendiários!) É muito raro, realmente, que tais materiais sejam rigorosamente reduzidos a cinzas; por menos que reste das mesmas, embora em estado carbonizado, o perito as reconhecerá sem grande esfôrço, a ôlho desarmado ou com a ajuda de uma lente. Muitas vezes, a queda de um teto ou de uma parede cobre os focos tão bem que, retirando os escombros, camada por camada, os peritos acabam encontrando, *quase intacto*, o foco inicial... e a máquina criminal.

Os processos que permitem provocar um incêndio criminoso com um certo retardamento, são numerosos; mas não há, por assim dizer, nem um só que não

HÁ CEM MANEIRAS DE PERPRETAR UM CRIME. O PUNHAL, A MATRACA, O REVÓLVER, ETC., CONSTITUEM, APENAS UMA PARTE DOS ACESSÓRIOS DO CRIMINOSO. O FOGO É UMA FORMA DO CRIME FREQUENTEMENTE UTILIZADA. O EMPRÊGO DAS MÁQUINAS INFERNAIS, QUE PROVOCAM EXPLOSÃO DE RETARDAMENTO, COMPLICAM SINGULARMENTE O TRABALHO DO PERITO. MAS AQUI DEMONSTRAMOS, COM EXEMPLOS DETALHADOS, QUE A CIÊNCIA MODERNA PERMITE AOS POLICIAIS A RESOLUÇÃO DOS ENIGMAS MAIS COMPLICADOS, GRAÇAS A NOVOS PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO IGNORADOS PELO PÚBLICO.

OS INCÊNDIOS CRIMINOSOS...

possa ser identificado pela polícia. O mais clássico consiste em empregar uma vela cujo pé esteja cercado de matérias fàcilmente inflamáveis ([illegible]hados, por exemplo) de mo[illegible]mece no momento em que a [illegible] desça até estabelecer co[illegible] com essas matérias. Êsse [illegible]positivo é identificado [illegible]cilidade.

O fato de guarnecer o pé [illegible] vela com materiais inflamáveis tem por efeito *não deixar que a extremidade inferior dessa vela queime normalmente*. De fato, logo que as matérias se inflamam, a irradiação do calor funde o resto da vela e a mesma escorre pelo solo, penetra pelas fendas do soalho, esgueira-se pelos sulcos dos ladrilhos. Não poderá mais ser destruída pelo incêndio e será encontrada com facilidade, da mesma forma que a mecha da vela, que, deitada, cessará de queimar. A não menos clássica mecha utilizada pelos acendedores do tipo antigo, queima sem fazer chama, pela propagação simples da brasa, que caminha ao longo da mecha. Essa brasa é incapaz de inflamar materiais de incêndio, de sorte que é necessário colocar na extremidade um dispositivo capaz de transfôrmar a brasa em chama.



Daí o emprêgo de misturas incendiárias, à base de clorato, enxôfre, ou qualquer outra mistura química, tôdas constituindo perigosos explosivos.

Eis um caso ocorrido em Lausanne, há poucos anos. O incendiário utilizava um recipiente de celulóide cheio de *benzol*; a mecha, do tipo antigo chegava até à parte inferior dêsse recipiente, terminando junto de alguns pedaços de matéria negra, que uma análise revelou ser uma mistura de pólvora, enxôfre e cola sêca; um grande rôlo de farripas de madeira, com uma pedra como pêso estava fixado contra o dispositivo e o todo suspenso por um barbante a um travão da janela.

Segundo os cálculos do incendiário, a chama deveria cortar o barbante de suspensão e todo o dispositivo, em fogo, cairia sôbre as matérias inflamáveis que se encontravam em grande quantidade no local em questão.

Devido a uma falha na construção de perigoso aparelho, o dispositivo não funcionou até ao fim: tudo foi descoberto,

por assim dizer intacto, dando a prova irrefutável da tentativa de incêndio criminoso.

A captura dos incendiários é ainda mais segura, caso utilizem dispositivos... muito *científicos*, em que empreguem, por exemplo, um movimento de relojoaria, que dificilmente será destruído pelo incêndio. Um caso dêsse gênero ficou célebre nos anais do crime.

O incendiário havia preparado vários focos, constituídos, cada um, por montes de matérias inflamáveis, sôbre as quais havia colocado garrafas de benzina mal arrolhadas e de tal maneira que o líquido escorria, pouco a pouco, sôbre os materiais. A cada um dêsses focos *futuros* chegava um fio elétrico que devia, no momento em que o relógio estabelecesse o contacto, abrasar o pequenino fio metálico.



O incendiário inexperiente é reconhecido, sobretudo, por sua prodigalidade.

Infelizmente para o criminoso, um dêsses dispositivos funcionou mais depressa que os outros; os vapores de benzina, que se haviam espalhado pelo quarto, provocaram uma violenta explosão, que teve por efeito demolir o mecanismo.

A explosão provocou imediatos socorros, o princípio de incêndio foi dominado e os peritos descobriram imediatamente os demais focos, com seus fios elétricos e todo o trabalho criminoso perfeitamente intacto! Certos produtos químicos, difíceis de preparar e mais ainda de utilizar, tais como certas soluções de fósforo branco, têm a propriedade de inflamar imediatamente em contacto com o ar.



Colhêr material impregnado de carburante: trabalho facílimo para os técnicos.

Isto tem permitido *enviar o incêndio a domicílio*, sob a forma de embrulhos incendiários, expedidos pelo correio e que se inflamam no momento em que são abertos.

OS CADÁVERES QUEIMADOS — Pesquisas especiais devem ser feitas no caso de haver um cadáver no local do incêndio. São êsses, em geral, casos graves e difíceis de tratar. A primeira pergunta que faz o representante policial — e que é absolutamente necessário elucidar — é a seguinte:

— O indivíduo cujos restos carbonizados foram encontrados estava morto *antes* do incêndio, ou morreu realmente *durante* o incêndio?

Mesmo quando a carbonização do cadáver é profunda, existe um processo infalível para chegar a essa determinação: trata-se do exame espectroscópico do sangue contido no coração.

Se o indivíduo respirou na atmosfera do incêndio, que sempre contém um certo teor de óxido de carbono, por falta de ar, o exame espectroscópico fará aparecer as "raias" características da carboxi-hemoglobina. Essa determinação é tão sensível que pode ser efetuada com algumas gôtas apenas de sangue; é, portanto, quase sempre aplicável, pois os cadáveres

não são por assim dizer completamente incinerados nos incêndios.

Um fenômeno realmente alucinante, que é observado quase regularmente sôbre os cadáveres carbonizados e que pode prestar-se a confusões, é o da *desarticulação*. O fogo rói especialmente os tecidos no nível das articulações, porque nesses pontos, não há g r a n-d e s massas musculares úmidas; nessas condições, os membros são, em geral, destacados do corpo, como se o cadáver tivesse sido retalhado em peças.

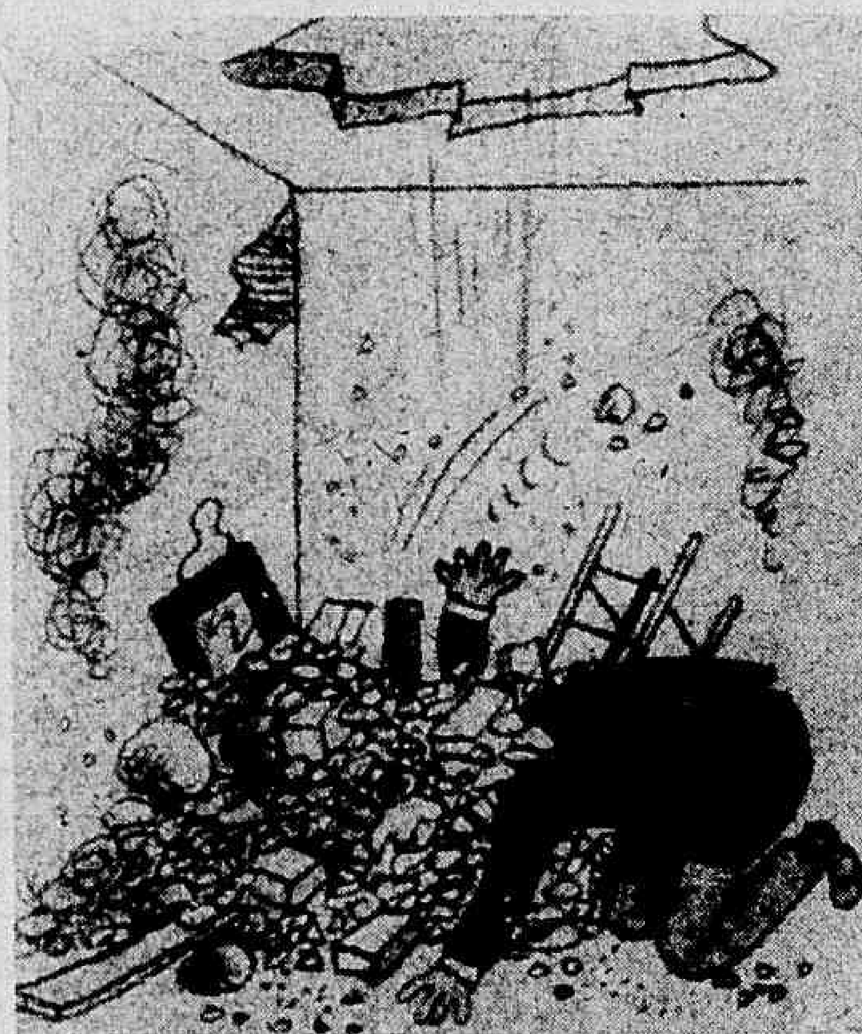
Num caso recente, foi encontrado, numa cozinha incendiada, o cadáver de uma velha mulher, que sucumbira por sufocação produzida por fumaça; um dos seus pés, completamente destacado no ponto de articulação do tornozelo, rolara para o meio da peça!

Essa infeliz se instalara, para dormir, cobrindo-se com um grosso cobertor, ao qual um pequeno fogareiro a carvão vegetal comunicara o fogo durante o seu sono. A separação do pé fôra devida ùnicamente à ação do fogo.

Os p s e u d o s - r e t a-lhamentos dos corpos humanos, encontrados nos locais de incêndio, não devem, pois, *necessàriamente*, criar a suspeita de um crime preliminar, do qual o assassino tentou fazer desaparecer os traços. Pode, realmente, haver o caso, pois que a imaginação dos criminosos é muito fértil! Mas será suficiente que o perito examine atentamente as articulações, para saber se foram cortadas por um instrumento qualquer ou roídas pela ação progressiva do fogo.



Os engenhos complicados deixam vestígios que a polícia logo descobre.



O fogareiro de carvão, de uso doméstico é sempre considerado perigoso.

Estamos, assim, muito longe dos tempos em que se resolviam balancetes difíceis com um pouco de estopa e gasolina. A técnica progrediu muito e ainda recentemente, na Alemanha, num relatório oficial, as autoridades competentes celebravam, com justo júbilo, que a partir de 1946 nem um só caso de incêndio criminoso foi registrado.

Isto naturalmente, porque os incendiários alemães se convenceram afinal (embora tarde) da inutilidade de quebrar a cabeça, engendrando métodos criminosos de atear fogo aos seus negócios ou na propriedade de um inimigo odiado, porque os peritos acabavam sempre descobrindo o crime.

Poderíamos prosseguir relatando ainda uma centena de incêndios criminosos descobertos pelas autoridades, no mundo.

No Brasil essa modalidade de crime sempre existiu, como em tôda parte, havendo mesmo uma certa época em que, dada a sua assiduidade, foi denominada "indústria do incêndio", havendo nos dois últimos anos uma recrudescência assustadora dêsses atentados. Hoje, felizmente, essas ocorrências, felizmente, são raras.

Em vista do exposto, aqui fica o conselho para os desesperados que pretendem apelar para o incêndio, a fim de resolver situações aflitivas: desistam disso, porque um perito logo descobrirá a trama!

ESTA SIM!
É QUE É
A MAIOR!





CASAMENTO NÃO É PARA MIM...

Novela de CAROLYN HAMILTON

ELA vivia na West 91st Street, a meio caminho do cavernoso, escuro e barulhento *subway* da Broadway e a encantada atmosfera de verão do rio Hudson, onde o cheiro de sal e a vista dos navios eram coisas bem mais agradáveis. Na carta da cidade, apenas dois quarteirões separavam o *subway* do rio. Mas como eram compridos! E morando, ali, entre os dois pontos, Mary quase nunca tinha tempo para ir gozar as delícias do rio. Apesar de tudo tinha que viver apertando a bôlsa magra para equilibrar o seu orçamento — o orçamento que, miraculosamente, sempre *chega* para uma mulher até que encontre um marido.

Pensando em tudo isso, Mary penetrou, apressadamente, no prédio de apartamentos e quartos baratos, e logo tratou de fechar a porta, cautelosamente. Seus braços tremiam, enquanto se mantinha parada, atenta ao menor ruído. Um fonógrafo, no segundo andar, executava uma ária da Aída. Mas era preciso subir, subir antes de que a Sra. Gillefoy surgisse no corredor, com a mão estendida, com a palma para cima. No primeiro andar, parou para respirar. *"Que maravilhoso seria!* — pensou. — *Que maravilhoso seria, se tivesse talento..."* No segundo andar, olhou, cautelosamente, pelo oval, entre as escadas, e, mais tranquila, penetrou no próprio quarto, cujas quatro paredes exibiam papel desbotado.

O nome *dêle* era Joe. Joe Solenski. Conheceram-se numa tarde de sábado, às margens do rio, no verão. Trabalhava numa loja de roupas para senhoras e às quintas-feiras jantavam juntos. Mas nunca havia nada combinado. Nunca se diziam: *"Até à próxima semana"*. Apenas uma despedida indefinida com um *"Até à vista"*.

Isso — e o dinheiro que êle deixava para que não se individasse com êsses jantares. E por sete semanas realmente mágicas êle voltara... E agora era quinta-feira outra vez! Mary enfeitara a mesinha de jôgo com candelabros e duas rosas. Ouviu, repentinamente, o ligeiro arranhar na porta. Caminhou para ela, desejando que fôsse êle — desejando com certo mêdo, pois

não queria ser desapontada. Ficaram um instante a olhar um para o outro, como para tirar qualquer dúvida. Depois, seu rosto moço e moreno, coroado por belos cabelos negros esboçou um sorriso, enquanto dizia, passando a mão pela cintura de Mary:

— Olá! Se está muito ocupada, posso dar uma voltinha.

— Não — disse ela, sorrindo também. — Já terminei o jantar... Macarronada! Gosta?

Êle se afastou na direção da geladeira comum, no fundo do corredor, para apanhar o café e a geléia para a sobremesa. Mary podia ouvi-lo assobiar, enquanto cuidava de arrumar os pratos, jogando ora para um lado, ora para outro os cabelos presos em forma de "rabo-de-cavalo".

— *"Que bom seria, se êle sempre estivesse aqui, ajudando..."* — pensou, enquanto, com as pontas dos dedos examinava a consistência da gelatina, que preparara, como surprêsa, para êle. Joe tinha fome! E Mary sorria, convidando-o a provar mais um pouquinho. Porém êle recusou, enfiando as mãos nos bolsos e declarando-se satisfeito.

— Você precisa se alimentar bem, pois trabalha muito — disse ela. — Nem sei como pode, se não gosta do trabalho que tem!

— Quando eu disse que não gostava do trabalho? — perguntou êle, dando volta à mesa, para sentar-se ao lado dela.

— Pelo menos nunca disse que gostava.

— Pois gosto... Gosto muito. Preocupação, trabalho... e setenta e cinco dólares por semana. Uma vida dura, meu bem; mas, de qualquer modo, tem seus momentos agradáveis.

— Pois claro! — disse ela rindo, enquanto pousava duas xícaras de café sôbre a mesa. — As belas criaturas que vão à loja devem entretê-lo bastante!

— Pobre de mim, simples vendedor de balcão!

Ela olhou para êle e notou uma ligeira ruga de amargura em sua fronte. Pela janela, vinha uma brisa muito leve e agradável, trazendo o cheiro do rio.

— Oh! Conte como são... — pediu Mary.

Com voz desanimada, êle falou da alegria e dos risos, da indiferença e do ridículo das elegantes da cidade. Eram criaturas da *alta roda* e realmente inteligentes e chiques. Só queriam o que houvesse de melhor. Mary ouvia, calada, vincando com a unha o plissado da saia.

— E você? — perguntou êle, carinhosamente, encostando um ombro na parede e cruzando os braços. — Gostaria de lidar com essa gente?

Ela riu e moveu a cabeça negativamente. Dessa maneira, é claro que não gostaria! Então, êle segurou-lhe uma das mãos, como se não quisesse realmente magoá-la:

— Não gostaria... Sei bem! Você disse que nasceu e cresceu numa fazenda no Maine. Depois veio para New York... Uma flor do sertão, numa floresta de arranha-céus! Mas, afinal, a que meio você pertence?

— Ao rio.

Falara sem levantar a cabeça e com os cantos dos lábios encurvados para baixo.

— Que tolice! Isso é apenas um lugar. Um lugar ao qual se vai, quando o dinheiro está muito muito curto para visitar coisa melhor. Ninguém pertence ao rio!

— Pois assim sou eu.

Êle paraceu zangar-se com essa teimosia. Depois riu.

— Já esperava por isso. Uma teimosa rebelde.

— Justamente.

Repentinamente, ela também sorriu. Sorriu porque êle sorria e aquêle era o melhor período de sua vida.

Nessa noite, Mary recebeu outro visitante que teria sido indesejável se o coração de Mary não se comovesse com o triste



isolamento em que vivia o pobre Sr. Klingheimer, sempre preocupado com a garrafa de leite, que guardava na geladeira comum, e porque sentia que o velhote necessitava de convivência e de camaradagem. Chegou, desculpando-se por trás da velha máquina de escrever.

— Sirva café ao Sr. Klingheimer, Joe — disse Mary, enquanto ajudava o pobre homem a pousar a máquina de escrever e a instalar-se trabalhosamente numa cadeira.

— Obrigado, Mary — agradeceu o visitante num tom de real gra-



tidão. — É só um minuto... Apenas para trocar a fita... por favor. Ah! Você tem dedos finos. Mas êstes! — exibia os próprios dedos, grossos e nodosos e cuja antiga agilidade fôra arruinada pelo artritismo. — Não podem fazer um trabalho tão delicado!

— Quando sai o livro? — perguntou Joe, oferecendo o café e o açúcar.

— Obrigado, Joe... O livro? — repetiu, coçando a cabeça. — Vai indo. Tenho que escrever um livro porque estou velho e tenho apenas a minha cabeça e o pouco que ela aprendeu. Mas vai ser coisa interessante!

Olhou para um e para outro, movendo a cabeça, afirmativamente:

— "O princípio, como agora... você, Joe, e Mary! Depois, a parte do meio, quando tudo balança, estremece e arrisca cair...

Sorriu, continuando a mover a cabeça, com satisfação:

— "Depois, o desfecho... O fim! E querem saber? Êles vivem felizes, depois.

Da janela aberta, onde se encostara, Joe falou, com voz irritada:

— Tem coragem de escrever uma mentira dêsse quilate?

Mary, ajoelhada junto da mesinha, colhendo as migalhas de pão do soalho, levantou a cabeça e viu o rosto de Joe, pálido e com expressão revoltada.

— Joe! — exclamou, escandalizada.

Êle, porém, voltou-se, bruscamente:

— Tudo isso é mentira... Bem sabe que é mentira... E espero que não esteja escrevendo uma coisa assim!

Mr. Klingheimer batia as pálpebras, muito surpreendido.

— Não, Joe... Não estou escrevendo sôbre o amor...

Pousou sua xícara com muito cuidado e levantou-se. Suas boas côres tinham desaparecido. Mary caminhou na sua direção, porém êle a deteve.

— Não, por favor, Mary. Levarei a máquina amanhã. Não se incomode... Eu não devia ter vindo...

— Oh, por favor... (Mary desviou o olhar de Joe para o pobre Sr. Klingheimer e em seu rosto havia susto e mêdo.

"Alguma coisa está errada — pensava teimosamente. — *Alguma coisa está errada, desde o princípio!"*

Ao chegar à porta, Mr. Klingheimer hesitou um instante. Depois disse com alguma firmeza:

— Devemos viver... sonhando um pouco, penso eu.

Alguns ruídos da rua subiram até à janela e as luzes dos candelabros brilharam tão intensamente como nos outros dias; mas não havia mais comunhão entre Mary e Joe. Êle continuava olhando pela janela, passando furiosamente uma das mãos pela cabeleira negra, mas com a sua arrogância já agora atingida pela expressão dolorosa dos olhos. Ela ficou indecisa, entre falar e calar. O mundo estivera naquela sala, até um minuto antes. Agora já se fôra... E ela não tinha fôrças para recuperá-lo.

— Por que está irritado? — perguntou finalmente.

— Êsse velho... — disse êle, à guisa de justificativa; havia raiva em sua voz e seus jovens músculos se contraíam. — Êle... e o seu livro! Ninguém devia ler uma coisa assim! Afinal, que sabe êle da vida?

— Êle apenas quis ser gentil...

— Oh, sim! — exclamou êle, gesticulando selvagemente. — Êle disse apenas aquilo que você queria ouvir, não foi? Um casamento de sonho... Amor entre nuvens... mas, afinal, *dançando no trapézio*, em algum imundo terceiro andar, com janelas para os fundos!

Ela sentiu o sangue afluir ao rosto e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não fale assim... Oh! Não fale assim, por favor!

— Mas é a verdade!

Caminhou para ela, com ar furioso, acrescentando:

— É a verdade... com setenta e cinco dólares por semana.

Foi uma necessidade urgente de carinho ou talvez compaixão o que a fêz precipitar-se nos braços dêle:

— Joe! — exclamou, com o rosto cheio de lágrimas. — Joe! Joe!

Seus braços apertavam o busto musculoso, como se não o quisesse perder. Sentiu um beijo rápido nos próprios cabelos, enquanto a voz dêle dizia, num cochicho:

— Um lugar assim não é para você, Mary... Lembro-me de meu pobre pai, na Polônia. Num cômodo vazio e muito frio... onde minha mãe trabalhava muito; e assim fêz até morrer, quase sem recursos. Não quero que o mesmo aconteça com você, Mary! Nunca farei isso com você!

Na quinta-feira seguinte Mary esperou, mas sabia que êle não apareceria. O seu último *"Até à vista"* fôra frio e reticente, sublinhado por um sorriso em que não havia nem alegria nem esperança. Apesar disso, ela esperou. Na janela havia uma jarra com gerânios e sôbre a mesa meia garrafa de vinho, que sobrara da semana anterior.



Agora apagara a luz e sentara-se junto da janela, retirando os sapatos para que os pés apanhassem os últimos raios do sol. Ficou tôda encolhida, abraçando os joelhos. Podia ouvir a máquina do Sr. Klingheimer; um ruído desagradável, irritante... Podia também ouvir portas que se abriam ou fechavam, um automóvel, em baixo, a sirena de uma embarcação... Nada, porém, *para ela*.

Era difícil alcançar o prédio em que morava e, por isso, Mary em vez de pedir o jantar por telefone, foi fazer sua refeição num automático do lado oposto ao *subway*. Pediu sanduíche... Um bife simples, entre duas fatias de pão. À saída passou por um restaurante de luxo, onde comiam senhoras elegantes.

— *Isto é o que Joe acha que eu quero* — pensou Mary.

Porém não estava, aquela noite, para pensar nessas coisas, para pensar fôsse no que fôsse. Em seu caminho de volta para casa, no atordoamento do movimentado *subway*, inspecionava cada rosto que passava, todos ansiosos, fatigados e pensou, com um ligeiro estremecimento: *"Assim serei eu mesma. Em breve estarei assim, envelhecida e ansiosa, ansiosa por nada nesta vida ou o equivalente a nada."*

No domingo, Mary procurou refúgio no rio. O dia estava deslumbrante. Crianças se entregavam aos seus folguedos, enquanto os adultos e os enamorados se moviam mais lentamente, procurando esquecer a semana que passara e não querendo pensar na que viria, poucas horas depois. Mary sentou num banco, com o Sr. Klingheimer, à sombra de uma árvore. Contou-lhe tudo a respeito de Joe e dela própria. Tudo. O velho escritor, corado e suando permaneceu imóvel e calado, ouvindo apenas. Finalmente, disse:

— Os pensamentos dolorosos fazem mal, realmente, e é bem triste e duro ser pobre. Mas talvez tôdas essas dificuldades sirvam para nos fazer subir.

Mary não respondeu. olhava agora para o rio pardacento que se transformava lentamente em azul, sob os raios do sol.

— Aquêle rapaz... Êle ama você, eh? — perguntou o Sr. Klingheimer.

— Penso que sim — disse ela, com voz distante e sem esperança.

— Naturalmente, você também o ama...

— Sim.

— Ficaram sentados, em silêncio, apreciando o panorama, até que o velhote se mexeu, impaciente.

— Alguém precisa falar com êle! Se êle é assim teimoso para não voltar... então você terá que ir ao seu encontro! Sabe onde êle mora?

— Êle simplesmente me deu o fora... — disse Mary.

— Hmm... Talvez seja verdade...

As gaivotas, fatigadas, pousavam junto da margem. O Sr. Klingheimer abanava-se com o chapéu.

— Quando eu vivia na Alemanha, Mary, isto, às vêzes, acontecia com pessoas que eu conhecia... Muitas vêzes ficavam sem dinheiro ou sem família e, também, sem um lugar para morar. Não se atreviam a procurar certas casas... Mas sempre algumas portas se abriam... e êles entravam, confiantes.

Sua voz morreu, quando Mary se voltou para êle.

— Sim — disse ela, ofegante. — Sim!

Nesse momento sentia mais ar em seus pulmões, ar mais farto e mais agradável.

— Mary, minha filha... Não cabe a mim sugerir...

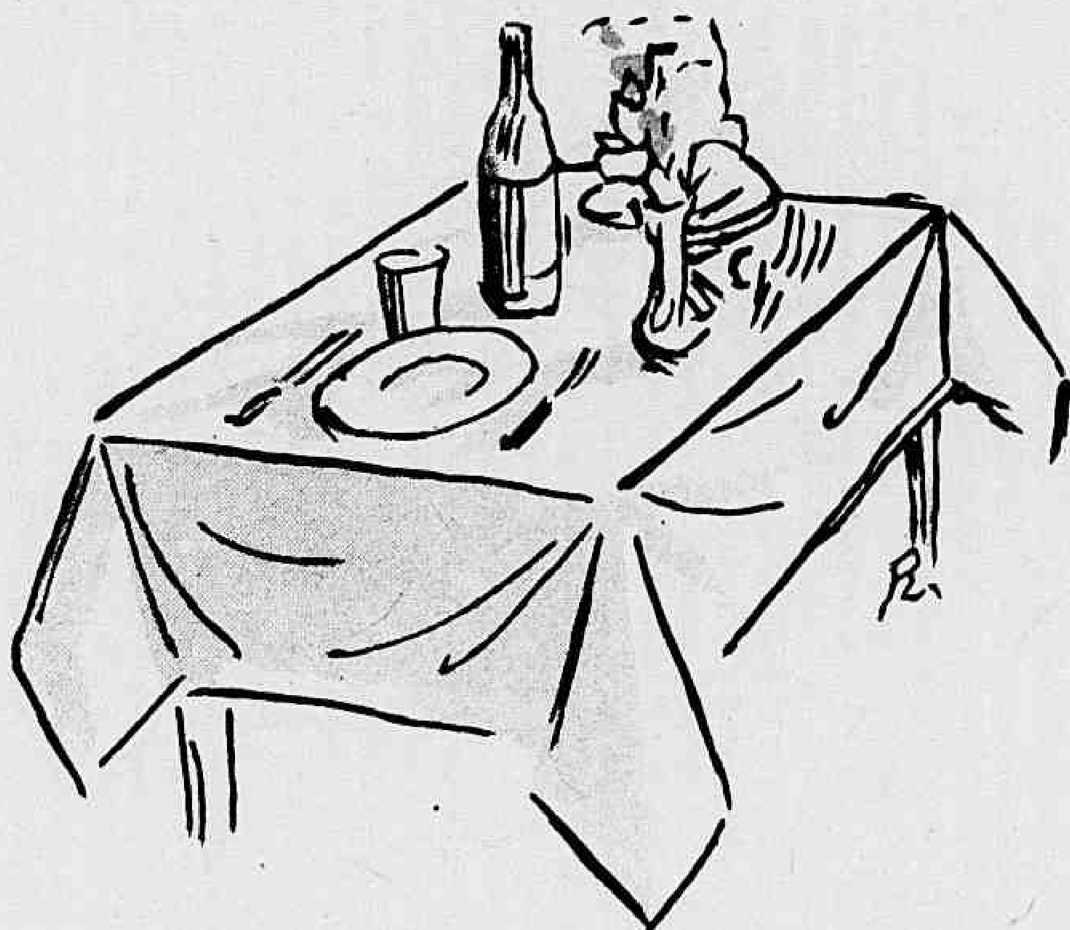
Porém ela já estava de pé. Curvou-se, ràpidamente, para beijar uma das faces enrugadas.

— Fico muito agradecida, Sr. Klingheimer. Muito mesmo! — disse ela.

Depois, antes de atingir Riverside Drive voltou-se para dizer adeus e sorrir para o rosto redondo, suado e ansioso, que a espreitava.

Na segunda-feira, no escritório, foram muito amáveis. Mary ofereceu trabalhar um mês "de aviso", porém uma dactilógrafa é coisa que se substitui com facilidade e por isso disseram que podia sair quando quisesse.

Dali retornou ao seu quarto, a fim de pagar o que devia e apanhar sua mala. O leite e o queijo, que comprara na última quinta-feira e no qual não tocara, deixou para o Sr. Klingheimer.



— Ach! — exclamou êle, juntando as mãos nodosas. — Se precisar de alguma coisa...

— Obrigada... Mas não preciso... Sinceramente! — afirmou Mary, que se mostrava reservada repentinamente, procurando conter sua emoção.

— Adeus... — sorriu para êle, ràpidamente e saiu, desceu a escada sombria e chegou à calçada, detendo-se para esperar um táxi.

Os prédios, com a fachada de pedra-sabão, perfilavam-se na Columbus Avenue. Mary, com os olhos turvos, pôde encontrar um certo edifício e um certo andar, cuja porta indicava 2-B, por trás da qual vivia Joe Solenski. Para lá caminhou penosamente e penosamente subiu a escada.

— Olá, Joe — disse ela.

— Mary! — exclamou êle, quase gritando.

— Eu... eu perdi meu emprêgo... e tenho apenas sete dólares... e não sei...

— Céus!

— Correu para ela, a fim de tomar-lhe a mala; depois ficou calado, como se tentasse compreender. Repentinamente, pousou a mala no chão e ordenou:

— Venha! Vou fechar a porta.

Ela olhou em redor, agarrando a bôlsa com as duas mãos. O apartamento era pequenino e estava pedindo pintura nova; porém ela pôde ver uma cozinha pequenina, mas muito limpa e, além... um quarto de dormir. Então, sua coragem desapareceu. Cobrindo o rosto com as duas mãos, exclamou, chorando:

— Não... Não posso!

— Oh! Que é isso agora?

Segurou-lhe os pulsos, forçando-a a descobrir o rosto. Ela, porém, não podia olhar para os olhos dêle. Mas pôde falar, embora com dificuldade:

— Foi um truque, Joe! Não perdi meu emprêgo... Apenas deixei o escritório... Pensei que, se você soubesse que eu não tinha mais emprêgo nem dinheiro, nem lugar para dormir... não me mandaria embora!

— Você?

Joe estava estupefato. Não sabia, mesmo, como receber a informação. Ela permaneceu um instante, de pé; depois sentou ali mesmo, sôbre o tapête.

— Eu... eu só ficarei, se você me quiser... Mas... se você quiser também... *a responsabilidade*... Não sendo assim, irei... irei para casa...

Êle se ajoelhou ao seu lado.

— Não diga tolice!

Vagarosamente, refletia. Mary esperava pacientemente. Afinal, êle pareceu tomar uma decisão, levantou-se e ergueu-a ao mesmo tempo, exclamando:

— Vamos casar!

— Oh, Oh, Joe!

Em seus braços, sentindo-se braçada e protegida contra a tragédia qu roçara por ambos, ficou palpitante. Nada disseram por alguns instantes. E quando êle tornou a falar, foi para dizer:

— Creio que nunca disse a você que amava, amava muito, Mary.

— Também o amo, Joe.

— Naturalmente, a nossa vida não vai ser muito boa, no início...

— Vai ser boa sim, Joe! — disse Mary. E ao mesmo tempo pensava: *"Vai ser maravilhosa"*.

ECOS

JOÃOZINHO voltou para casa com um ôlho arroxeado e outros sinais evidentes de haver brigado com um companheiro.

— A culpa foi do Pedrinho, mamãe! — explicou êle. A senhora, enquanto lhe banhava o ôlho, sorriu sem repreender o filho, mas observou:

— Sempre são precisos dois para que possa haver briga.

Depois levou-o até um corredor da casa, que tinha janelas abertas para algumas montanhas e disse ao menino:

— Grita para aquelas montanhas, insultando-as...

Joãozinho riu um pouco, mas obedeceu. Das montanhas voltava o eco de sua própria voz, repetindo as injúrias.

— Agora — disse a senhora grita «Deus te abençoe!»

O menino gritou novamente e, desta vez, a montanha respondeu: «Deus te abençoe!»



VÔOS DA FANTASIA

— Era tão pequenino, que, sentado no chão, ainda ficava com os pés pendurados. — **Luís A. Ramos**

— O ventilador rodava sôbre seu eixo, em busca de ar. — **D. J. Costelo**

— As boas idéias desperdiçadas, deixam um desfalque de fôrças na alma. — **Cristian de Asturias**

— Um gênio é uma fábrica; um erudito um armazém. — **Balmes**

PRONTO PARA ATINGIR A LUA



Mas não se trata de um cientista nem de um foguete de verdade, mas, apenas, de um novo tipo de brinquedo para a criança de hoje, para a qual a baratinha de corrida e o avião são velharias desinteressantes.

MATEMÁTICAS

NA Escola de Arquitetura, o professor pergunta ao aluno:

— Que faria você para determinar a altura de um edifício, usando um barômetro?

— Desceria o barômetro com um cordel e, em seguida, mediria o cordel.

O menino, que recebe péssimas notas em aritmética, é censurado pelo pai, que decide fazer um teste com o garôto.

— Se tens sete laranjas e juntas mais uma, quantas ficam?

— Não sei — respondeu o menino. — Na escola sempre contam com maçãs.



NUNCA HÁ QUE DESESPERAR

QUANDO abriram o escritório de Thomas Edison, depois de sua morte, encontraram, sob o vidro da mesa, um cartãozinho com os seguintes dizeres:

«Quando te sentires desanimado, lembra-te de Jonas. Acabou salvando-se!»



NO campo das observações científicas, a sorte só favorece às mentes que estão preparadas para recebê-la. — **Pasteur**

PODE ALGUÉM SER "POSSUÍDO" POR *Espíritos Diabólicos?*

Muita gente pode ir "para o inferno" — segundo hoje declara a Ciência.



A ciência começa a aprender que os historiadores medievais tinham tôda razão: — O Demônio pode atacar e realmente ataca os sêres humanos!

A cena ocorreu na esquina de uma rua de grande movimento, em Manhattan (como poderia ter ocorrido no Rio de Janeiro ou qualquer outra cidade, grande ou pequena, em qualquer outro país, pois já não causam surprêsa êsses fatos, pela sua insistência). Uma mulher, aparentando trinta anos de idade, rolou, repentinamente, pela calçada, batendo com os punhos fechados contra a poeira do solo, rasgando as próprias vestes, enquanto arquejava como um cão, após uma carreira. Quando qualquer pessoa se aproximava da infeliz, ela se rebelava, soltando gritos estridentes.

— *Ela está "possuída"!* — cochichou alguém, entre os assistentes.

Outros, porém, ergueram os ombros e sorriram, até que, lá detrás do círculo de curiosos, um homem avançou, abrindo caminho precipitadamente até chegar junto da mulher. A despeito de seus gritos e arreganhos ameaçadores, pousou a mão em sua fronte. Ela estremeceu violentamente e, a seguir, pareceu perder os sentidos ou adormecer profundamente.

— Que fêz o senhor? — perguntou um guarda, com ar desconfiado.

A resposta foi calma e segura.

— *Ordenei ao demônio que a deixasse em paz.*

E estamos no século XX, não na Idade-Média!

Talvez, assim mesmo pensando, os demais assistentes se afastaram, convencidos de que a mulher simplesmente sofrera um ataque epilético e perdera os sentidos. Outros, porém, curvaram a cabeça, como se o fato os tivesse impressionado de outra maneira ou estivessem de acôrdo com o homem que pousara a mão sôbre a desconhecida.

HÁ quatrocentos anos, a possibilidade de alguém vir a ser possuído por espíritos demoníacos atemorizou milhões de indi-

víduos. Histórias fantasiosas e atemorizantes surgiam então, relatando ocorrências tenebrosas de criaturas possuídas pelo demônio e, justamente, pela alta dose de fantasia, tudo foi levado à conta de ficção. Entretanto, frequentes descrições de espíritos diabólicos no corpo dos humanos apareceram em múltiplas obras e até mesmo na Bíblia. Da mesma forma, bem documentadas aliás, surgiram histórias de santos varões expulsando tais espíritos das vítimas atormentadas.

Para os que preferem uma base científica, também a medicina pode narrar muita coisa...

Um dos casos mais fantásticos, registrados pela "Society for Psychical Research", diz respeito a um fato ocorrido neste século, na Suíça, no lar de Moritz Joller, um advogado e membro da "Casa dos Representantes".

O irmão mais moço de Joller era famoso em tôda a Suíça por complicadas e escandalosas aventuras com as representantes do sexo oposto. De tal forma se conduzia que o pai o acusava de estar possuído pelo demônio e mesmo tratasse de deserdar o rapaz.

— Pois deserde-me, se fôr capaz! — ameaçou o filho. — Mas, se estou realrente *possuído pelo demônio,* tratarei de pedir ao Diabo que venha dominar esta casa, como me dominou!

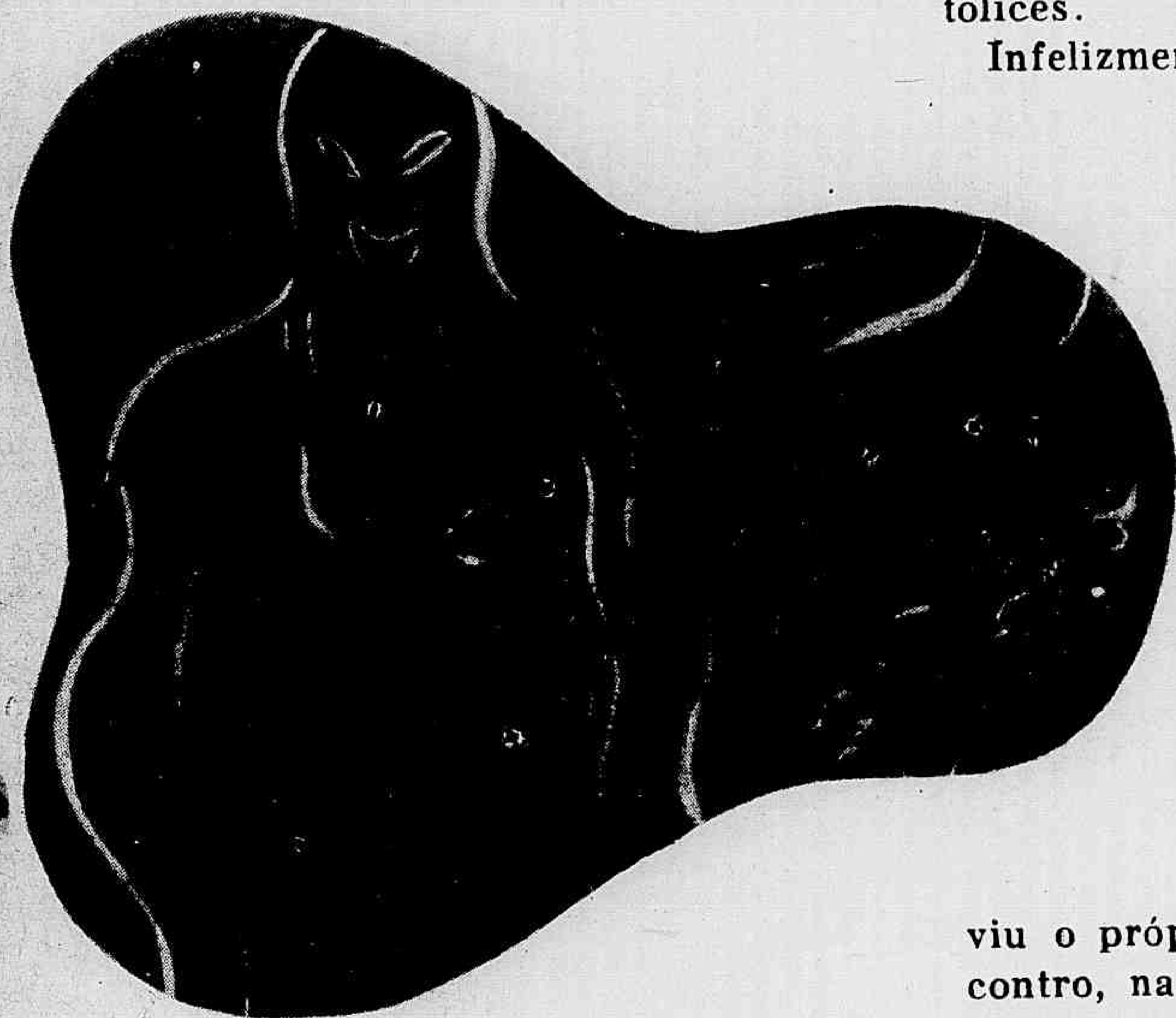
Mais indignado ainda, o pai decidiu expulsar desde logo o mau filho. Porém o expulso, longe de se acabrunhar, decidiu desde êsse momento envergonhar tôda a família, dali saindo para promover ar-



Na Itália, certos ritos continuam a ser realizados, a fim de expulsar os espíritos diabólicos. A gravura que publicamos acima mostra um «possuído», quando era obrigado a beijar uma estátua de santa

ruaças e tremendas tropelias por tôda a cidade. Alertada, a polícia surgiu, prendendo o incorrigível desordeiro. Quando o mesmo era conduzido para a sede policial, um dos cavalos escorregou e a carruagem virou inteiramente. Mais infeliz que os outros ocupantes, o rapaz foi atirado longe, batendo com a cabeça contra o meio-fio e fraturando o crânio. Sua morte foi instantânea.

Nessa mesma noite, a casa do velho Joller passou a ser palco de estranhos acontecimentos. Uma das criadas despertou aos gritos, depois que seus cobertores foram arrancados violentamente do leito. Seus gritos aumentaram quando



percebeu na escuridão do quarto um rosto cinzento. Pouco depois, tendo perdido a fala, pôde ouvir a estranha figura *que cochichava para ela as mais grosseiras e revoltantes palavras pornográficas que jamais ouvira!*

Etupefata e tremendo de mêdo, ela conseguiu saltar do leito e correr pelo corredor até o dormitório do seu patrão. Depois de ouvir sua história, o velho Joller correu ao quarto do seu outro filho, que vivia com a espôsa e os filhos em outra ala da velha mansão.

Sabedor do que ocorria na casa, opinou que se tratava apenas de um sonho da criada, porém esta protestou enèrgicamente, afirmando que *nenhuma mulher decente poderia ter um sonho tão ordinário. Discutiam ainda, quando outra* criada, muito moça ainda, apareceu, semilouca de mêdo, afirmando que "havia um homem no seu quarto".

— Êle tentou deitar-se na cama, ao meu lado! — explicou, em lágrimas.

Surpreendido, o velho Joller foi dar uma busca no dormitório da criada e, depois, em tôda a casa, sem nada encontrar de suspeito e terminando por afirmar que ambas as servidoras estavam tendo sonhos ou ficando loucas, sendo melhor que voltassem para a cama, tratando de dormir e esquecendo aquelas tolices.

Infelizmente, aquilo não era tolice!

Noite após noite, grandes tumultos transformavam num verdadeiro inferno o dormitório das criadas. As infelizes, no extremo limite da resistência nervosa, tratavam de refugiar-se no quarto do velho Joller. Êste, não podendo mais tolerar essas cenas decidiu despedir as criadas e contratar outras.

Entre estas havia uma jovem e lindíssima criatura. Pois bem; logo na primeira noite a infeliz viu o próprio Sr. Joller ir ao seu encontro, na cozinha, para lhe fazer uma proposta atrevida e inaceitável. Louca de terror e de revolta, a pobre moça correu a contar tudo à Sra. Joller.

— Impossível! — exclamou a veneranda senhora.

— É a verdade! — insistiu a criadinha. — Creio mesmo que o patrão devia estar doente. *Seu aspecto era estranho, como estranha era também a sua voz!*

Mais tarde, a Sra. Joller interrogou o marido.

Será que tôdas as criadas nesta terra ficaram loucas? — protestou êle. — Essa menina, pelo menos, deve estar!

Na noite seguinte, a Sra. Joller estava de guarda diante do seu marido, quando



Fantasmas, pesadelos, histeria... Loucura ou apenas a ação de espíritos diabólicos?

a criadinha se aproximou. E então a Sra. Joller ouviu seu marido repetir a desaforada proposta à serviçal. Mais tarde, confirmando o fato, a Sra. Joller afirmou que seu marido, ao falar para a criada, *não abria a bôca, nem mesmo movia os lábios!*

Na mesma noite, o filho mais moço dos Joller, rapaz de 16 anos, estava lendo na biblioteca quando a criadinha entrou, a fim de acender o fogão de inverno e, quando já saía, deu de frente com o rapazola... Nesse instante, as suas saias, *movidas por mãos invisíveis,* foram levantadas, deixando-a em humilhante situação. A infeliz fugiu da sala, gritando como uma desesperada.

Dois dias depois, passando pela cozinha e vendo aberta a porta do quarto da criada, o rapaz olhou para o seu interior. Lá estava ela, deitada, repousando. Nesse instante, porém, tôdas as roupas que a cobriam foram levantadas, expondo-a, mais uma vez, a grande humilhação.

As coisas assim continuaram até que o velho Joller se lembrou da ameaça do seu mau filho, horas antes de morrer: que pediria ao diabo que viesse infernar o ambiente caseiro como êle próprio sempre vivera atormentado pelo demônio, que o fazia atormentar as mulheres da cidade e assim também à sua família.

PORÉM mais estranho que a ocorrência de casas mal assombradas ou *possuídas do diabo*, é a constante posse de indivíduos pelo demônio. Os cientistas procuraram sempre ridicularizar a idéia de "possessão", mas já agora começam a ceder. Aliás, já em 1920, um grupo de cientistas, encabeçados pelo professor W. W. von Baeder, examinou uma menor de dezesseis anos, em Orlach, Bavária, apontada como *possuída por maus espíritos*. Von Baeder confessou estar convencido dessa realidade, tendo mesmo escrito:

— "Durante a sua posse por espíritos diabólicos saídos das trevas, pronuncia palavras que só podem mesmo ser ditadas por demônios cruéis, palavras que a pobre menina não pode, sem sombra de dúvida,

conhecer; são palavras que uma piedosa menina não pode jamais pronunciar contra as Sagradas Escrituras e a Igreja. Nesse estado fala também para si mesma como se fôsse uma terceira pessoa e o faz com grosseria e violência inacreditáveis. Após êsses transes, a menina era examinada, sendo reconhecida totalmente sã e assim era, de fato, salvo nas ocasiões em que era possuída pelo demônio."



Uma possuída do demônio beijando uma estátua sagrada (Itália)

"Um missionário, recém-chegado a remota aldeia africana, ficou, por sua vez, surpreendido quando um nativo, que jamais tinha visto até então um homem branco, nem sequer viajado além de poucas milhas ao redor de sua aldeia, falou-lhe em puríssimo latim. Êsse nativo pediu ao missionário que se retirasse porque a sua tribo tinha seus próprios deuses. O missionário imediatamente recitou uma oração... e o nativo começou a gritar e a contorcer-se até cair sem sentidos. Ao despertar, pouco depois, não se lembrava mais do que ocorrera.

"Quem são êsses espíritos diabólicos? A crença geral aponta o próprio demônio e seus anjos decaídos. Acreditam muitos indivíduos que o mundo está cheio dêles, que procuram conquistar almas, especialmente as daqueles que não têm qualquer religião. Um incidente que apóia essa crença foi registrado há alguns anos, nos terrenos de um seminário de New York. Estudantes jogavam *base-ball* quando o reitor veio observá-los do alto de uma janela... e viu, entre os jogadores, muitos espíritos malignos. Imediatamente, chamou os alunos, levando-os para a capela, onde ordenou que rezassem.

Quando, mais tarde, explicou os motivos dessa sua conduta, os estudantes afirmaram nada ter visto de anormal entre os jogadores.

"A possessão por espíritos malignos se manifesta por três maneiras: mudança da aparência pessoal, que se torna extraordinàriamente feia e ameaçadora; mudança da voz, que desce para um tom enrouquecido e áspero; mudança de idéias para as que têm o próprio demônio. Os possessos também adquirem fôrça indomável. Não podem ser seguros nem encadeados. Certa vez foram necessários 20 homens para dominar uma senhora francesa que era constantemente vitimada por ataques que se assemelhavam aos de algum possuído pelo demônio. O possuído também pode usar a voz de qualquer pessoa, viva ou morta, escrever com a letra de outrém e relatar fatos ocorridos em épocas e lugares diferentes.

"Em Appleton, Estado do Winsconsin, viveu muitos anos um sacerdote que, segundo opinião geral, sabia distinguir êsses espíritos. Podia entrar numa sala e apontar instantâneamente alguma alma "possuída" que estivesse presente. Várias vêzes travou ferozes batalhas com o invisível oponente. Mãos invisíveis e poderosas o levantavam do chão e depois de fazê-lo rodar como um pião, o deixavam caído. Isso durava, às vêzes, horas. Ao final, a pessoa possuída, na sala, e que parecia alheia ao combate, desmaiava, depois de gemer como se sofresse muito.

"O sacerdote jamais perdia a luta, embora algumas vêzes tivesse que ser hospitalizado. Os que assistiam a essas lutas, juraram que os ferimentos sofridos pelo religioso não eram praticados por êle próprio ou outra qualquer pessoa na sala."

EPISÓDIOS dêsse gênero impressionaram os cientistas, que desejaram observar os episódios. Um dêles, o Dr. André Maury, famoso psicologista francês, assim escreveu, pouco depois:

— Extraordinário espetáculo para os que ouviram o espírito do mal falar pela bôca da pobre mulher em tom realmente masculino e como se dois espíritos, no seu corpo, travassem terrível luta.

Crença ou realidade, já hoje os próprios cientistas admitem que os espíritos malignos atacam os indivíduos, dependendo seu poder da resistência de suas vítimas.

Apesar de tudo, muitos continuam céticos. Não apenas negam a possibilidade dessas ocorrências, como também negam a existência do próprio diabo, criatura cuja biografia é vivamente apresentada na Bíblia, *que as mesmas pessoas respeitam como a verdade*!

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRAZIELA ELISALDE

PENSANDO nas minhas leitoras, ávidas por gelados, escolhi a receita de um sorvete tão delicioso quanto original. Além do mais, êsse «Sorvete Festivo», como é chamado, tem a vantagem de ser preparado com muita facilidade.

Para se preparar uma quantidade de sorvete que chegue para quatro ou seis pessoas, tudo o que se necessita é de meio litro de sorvete e três quartos de xícara de frutas bem picadas.

Coloca-se o sorvete num liquidificador e bate-se com velocidade média (velocidade 2), até que fique bem fino, e deita-se na fôrma de sorvete do refrigerador.

Em seguida, coloca-se a fruta dentro do sorvete, distribuindo-a regularmente. Ponha-se a fôrma no compartimento de congelamento do refrigerador e deixa-se esfriar até ficar duro.

Antes de servir, deixa-se o sorvete exposto à temperatura normal do refrigerador durante uns cinco ou dez minutos.

Entre os vários ingredientes para êsse «Sorvete Festivo», sugiro: chocolate, creme, manga, etc.

Em vez de frutas, pode-se usar um môlho para dar gôsto ao sorvete-base, como, por exemplo, um môlho de menta ou de malvaísco. O môlho de menta é encontrado à venda e o de malvaísco é feito com um caramelo, derretido numa colher de água quente.

A seguir, darei duas receitas para preparar deliciosas bebidas, nas quais laranja, «grape-fruit», limão, etc., constituem a base principal. Se a leitora possui um liquidificador, com seu espremedor de sucos, será facílimo preparar essas bebidas. Aqui está um aperitivo para antes do almôço ou do jantar e que é, ao mesmo tempo, uma bebida que pode ser usada nas refeições.

COQUETEL VIVIDO

Uma lata ou garrafa de suco de uva.
Uma «grape-fruit».
Meio limão.
Uma laranja (ou o suficiente para 1/3 de xícara de suco).

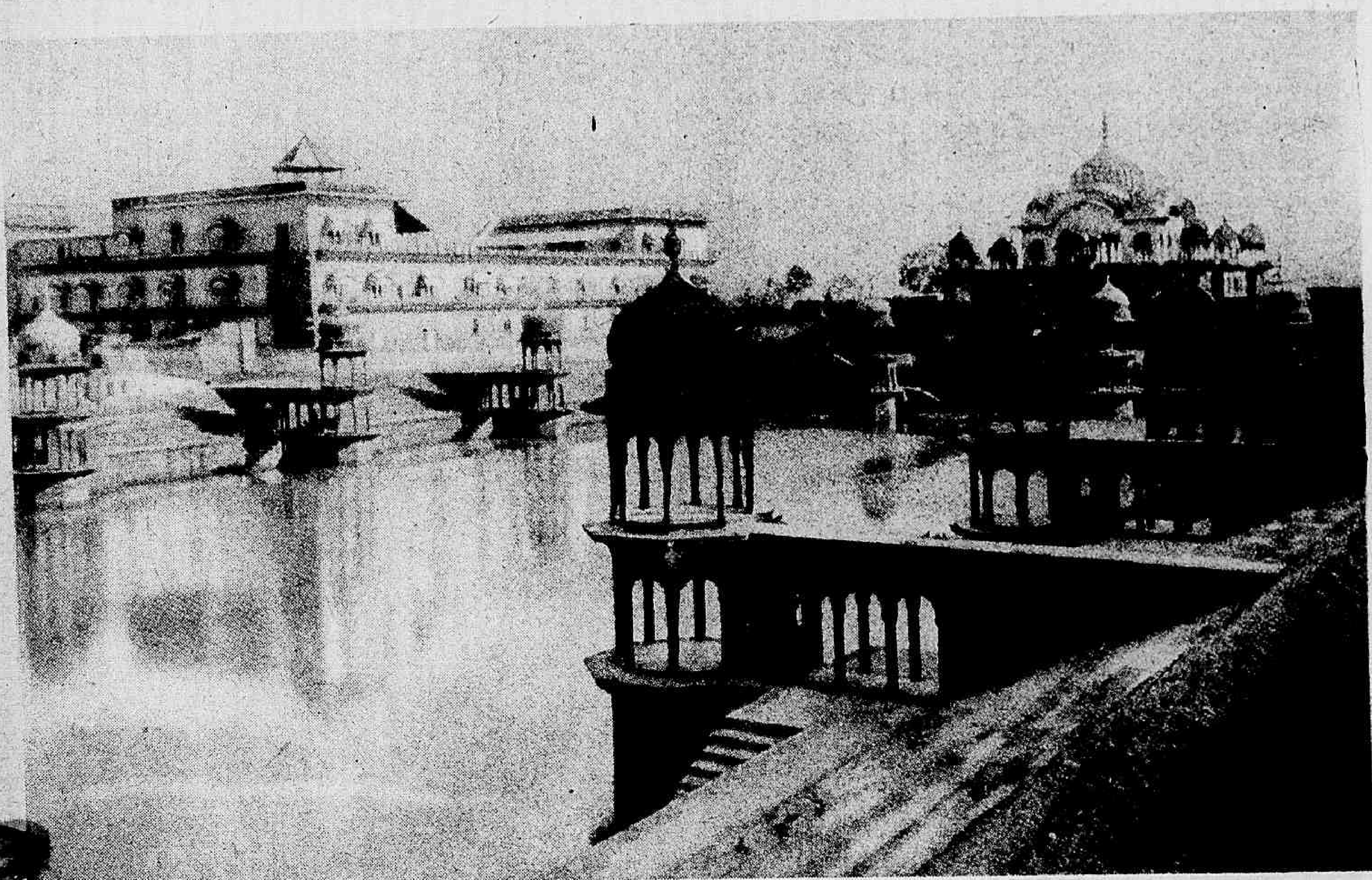
Se a leitora tem um liquidificador, coloque o dispositivo para espremer o suco; fixe a velocidade do contrôle que indica «sucos» e esprema o suco de laranja, limão e «grape-fruit» (deve render uma xícara e 1/4 de suco. Coloca-se o suco de uvas, no recipiente do liquidificador. Retira-se o dispositivo para espremer sucos, volta-se o motor à posição original e utilizam-se os batedores da parte dianteira, não com muita velocidade, para se misturar bem todos os sucos. Dessa maneira, se obtêm quatro copos de suco.

Naturalmente, a leitora poderá aumentar as quantidades, proporcionalmente, se desejar servir mais de quatro copos do coquetel.

TROPICOQUETEL

4 laranjas.
2 «grape-fruits».
3 limões.
Açúcar à vontade, se se desejar.

Usa-se o liquidificador para tirar o suco das frutas. Mistura-se o suco com açúcar, numa vasilha grande e deixa-se esfriar. Dá para seis copos.



Palácios e templos sempre surgem às margens dos rios na Índia. Acima, o cenotáfio de Maharao Raja, que morreu há cem anos. Não apenas em Kashmir, que vemos acima, mas por tôda a Índia, os templos ornam as margens de rios lentos e barrentos, pois são êles testemunhos da sagrada presença. Muito se poderia escrever sôbre a curiosíssima significação que a água tem na teologia e na lenda indianas.

A POESIA DOS CONQUISTADORES VÉDICOS

OS CÂNTICOS ARIANOS RESSOAM À MARGEM DO GANGES

Por DE MATTOS PINTO

QUANDO a história de um povo se perde nas imemoriais sombras do tempo, como a vida dos antigos povoadores do Ganges, só consultando a sua poesia nativa e original podemos rever as distantes épocas da sua origem. A Índia Védica emerge da bruma oriental como uma misteriosa flor de graça, onde o espanto e a fantasia se mesclam de hinos para engrandecer a paisagem da lenda, que obscurece as origens dos contornos de Agni e de Indra.

A epopéia pastoril e sagrada, que entusiasmou os poetas do Indo e do Ganges, se projeta no curso do tempo, como uma inexaurível fonte de emoções e de novidades. O "Rig-Veda", a melodiosa e legendária bíblia, que perpetua a voz nativa dos Arias, ilumina com a ternura e o assombro dos seus salmos, a alvorada da civilização indu, uma das mais antigas do globo.

A SABEDORIA SÂNSCRITA — A raça de cútis branca e negros cabelos, talhe esbelto e face vivaz, ágil imaginação e candura ingênita, de onde emanam o sentimento e a cultura da Índia Sagrada, repousou à sombra do Himalaia, mil e quinhentos anos antes de Cristo. Pastoris e guerreiros, poéticos e laboriosos, disseminados em comunas familiares, que se estenderiam até aos deltas do Ganges e do Indo, os Árias implantaram na península o áureo período de felicidade campestre, que o regime das castas iria desfazer para sempre.

Expressando em sânscrito a fidelidade, a amizade e a excelência da alma — o Ária veio de uma terra ignorada e discutida. A vida ariana se distinguia das

outras pela doçura dos costumes, pela franqueza da vida familiar e pelo atrativo da simpatia humana, dispensando as ligações políticas e nutrindo-se do livre espírito da própria raça, cuja lealdade congraçava as tribos dispersas pelos campos.

A harmonia das coisas altas e perfeitas, que insuflava a alma etérea dêsse povo amoroso e lutador, assinala a fase védica da terra dos Rajás, numa venturosa e patriarcal época.

Expressando sabedoria e revelação em sânscrito, ciência e posia, Veda indica bem o sutil, profundo e vago sentimento que paira nos cânticos arianos. Nos rogos e exortações do "Livro dos Hinos", palpita inteira a índole dos Árias, a simplicidade da existência, a candura das relações domésticas e o encanto do lar, três cultos supremos, que respandecem na mitologia da primitiva Índia. Não há memória de nenhum povo antigo, onde o sentimento da família alcançasse grau mais ideal, como nos cantores védicos. Sem príncipes, desconhecendo o estado político, ignorando o arbítrio das autoridades e libertos de encargos públicos, os Árias viveram em Spta-Sindhu, entre a caudal do Indo e a torrente do Ganges, serenos e venturosos, graças ao seu espírito comunal. O preconceito das castas, cujo ódio religioso dilacera as multidões da moderna Índia, só começou a imperar no fim da Era Védica, com as leis bramânicas de Manu.



A humanidade ariana, que floriu no ano mil e quinhentos antes de Cristo, na vertente ocidental do Himalaia, cultivava o amor da família e da raça com pureza e lealdade modelares, com sedução e arrebatamentos líricos. O poeta nativo descrevia o labor domástico da mulher, como a "procela que vem com rapidez, desfralda a cabeleira de ouro, agita a nuvem e solta chuva benfazeja".

A criança e a donzela simbolizavam a suprema bem-aventurança do lar védico. Há um suave salmo, onde cantavam com meiguice e arroubo: "Deus se entrega aos seus transportes de alegria como um Ária, no seio de suas adoráveis filhas". A eterna e deliciosa atração dos sexos em flor mereceu dos cantores arianos um hino inspirado: "Os jovens amam a voz das virgens tanto como os deuses amam os louvores dos homens". O devotamento poético e nobre, que sentiam pela família e pela raça, supria falta de unidade política. De tal modo preponderou o lirismo heróico da tenda e dos rebanhos, que os Árias legaram à humanidade o modêlo de uma florescente civilização e de uma metafísica pastoril, numa época bastante recuada da época moderna.

OS ÁRIAS — BERÇO DA HISTÓRIA E DA CULTURA DA EUROPA — Caso único e admirável, misterioso e simples, os Árias representam o exemplo de um povo vivaz, sentimental e guerreiro, que sem constituir uma nação política, imprimiu em tôda a Índia o sinete do seu poético e sonhador temperamento, um dos mais originais e dos mais belos do mundo. Os conquistadores védicos, cuja poesia cantou as virtudes de Agni e de Indra, divindades do fogo e do ar, não ergueram monumentos, nem levantaram templos e ostentosos palácios, como os Assírios, os Egípcios, os Gregos e os Romanos. Da civilização ariana sobrevive, porém, a obra-prima da poesia sânscrita, exótica e perfeita, que reluz como jóia do Oriente e maravilha da inspiração antiga. Há no "Rig-Veda", um tal sentimento de inocência e de naturalidade, que podemos reconstituir os costumes e a vida primitiva do Indostão, auscultando os ritmos da música verbal ariana, impregnada de entusiasmo e de glória.

Tôda a civilização indu, hoje uma das mais altas e das mais complicadas na história dos povos, parte da poesia védica, que Emile Burnouf considera tão formosa e clássica como a arte da Grécia. Vai mais longe Marius Fontane; apregoa a necessidade de estudar a vida dos Árias, porque nas suas raízes se oculta o berço da história e da cultura da Europa. Os salmistas védicos, pastôres e conquista-

dores, viveram no país de Aryaavarta, em plena Ásia, nas terras fertilizadas pelo Ganges e pelo Indo, trazendo consigo a perfeição do sânscrito, a língua nobre e sagrada, superior ao grego e ao latim, no qual se imortalizaram os quatro livros bíblicos da Índia: o "Rig-Veda", o "Sáma Veda", o "Yadjur-Vela" e o "Atharva-Veda", cujos textos constituíram a base das instituições sociais do povo indu. Marius Fontane contempla o povo ariano como uma raça privilegiada, improvisadora de hinos, cuja beleza nenhuma poesia culta sobrepujará, criadora de um tipo excelso de família, cujo singelo viver inspira a sociedade ideal.

Com o horizonte fechado pelo Himalaia, perfurando os céus brumosos, separado pelos deltas do Indo e do Ganges, as duas torrentes louvadas e cantadas pelos poetas, a alma primitiva e virgem da Índia se recolheu em si, extraindo da sua epopéia pastoril, a poesia imaterial e assombrosa do "Rig-Veda".



A famosa bailarina Tara Chandri, numa pose come Deusa da Aurora.

AS QUATRO OBRAS-PRIMAS DA LITERATURA VÉDICA — Desde que o filósofo Gottfried Wilhelm Leibnitz despertou a atenção dos filólogos para a riqueza do estudo comparativo dos idiomas, como fonte de renovação analítica para a história das nações e dos povos, que os "Vedas" passaram a ser examinados minuciosamente.

Depois o poeta e crítico alemão Friedrich von Schlegelen enunciou a hipótese de que os povos arianos haviam emigrado para a Europa, onde se cruzaram com as raças nativas do continente. Mais tarde, os quatro livros védicos continuaram interessando tanto os críticos da poesia pura e espontânea, como ainda cientìficamente os eruditos da historiografia, quando descobriram os linguistas, que os godos utilizavam palavras de origem persa e desde que William Jones falou no parentesco dos idiomas célticos e germânicos com o remotíssimo sâncristo.

Cada vez mais, os "Vedas" concentraram a reflexão dos interrogadores da origem das coisas, figurando como um menso manancial de estudos filológicos, histó-

ricos e mitológicos, para os paleontologistas das línguas, que comparam e ressuscitam a viagem dos vocábulos, através do espaço geográfico e da densidade psicológica das culturas. Depois de analisar todos os dialetos, que deram formação ao moderno vocabulário germânico, o gramático Johann Cristoph Adelung empenhou-se na comparação das línguas asiáticas.

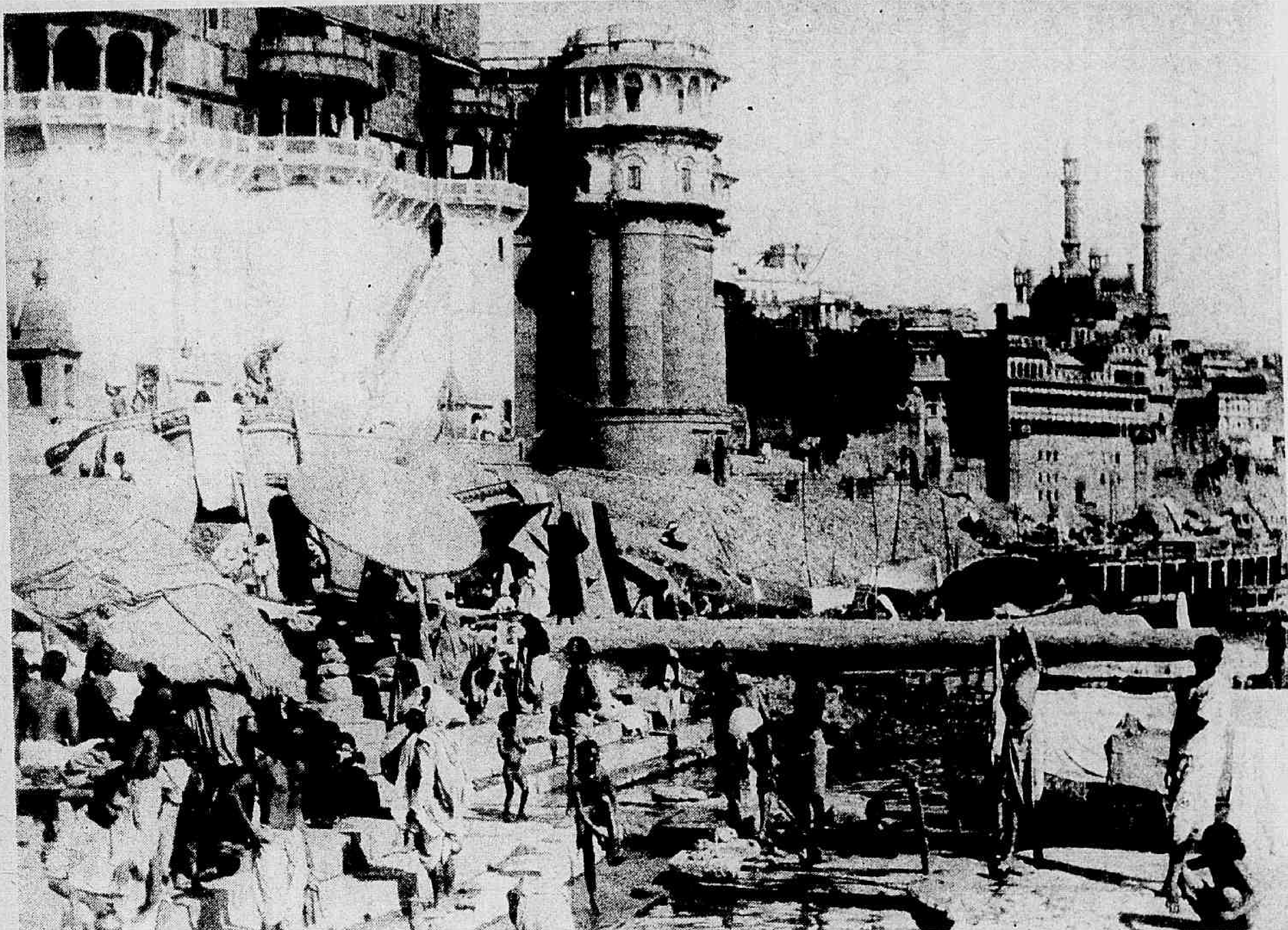
Cristoph Adelung anunciou a teoria de que todos os povos europeus originaram-se do planalto asiático. Numa época indeterminada cronològicamente, movimentou-se a migração simultânea dos Árias, que povoou os continentes americanos e a Europa. Discutem a verdadeira pátria dos Árias, reinando duas hipóteses antropológicas, uma defendendo a origem asiática e outra impondo a origem européia. Outros acreditam haver sucedido há dois mil anos, antes de Cristo, diversos desmembramentos dos Árias, sendo que uma ramificação viajou para a Europa e a outra para a Índia. A pintura da vida ariana, como uma época ideal, sem casta e sem privilegiados, livres da tirania litúrgica e dos sacerdotes, ignorando os doutrinadores políticos e a sua nefanda ambição, prevalecendo a igualdade absoluta entre todos, já despertou suspeitas dos investigadores áridos. Eruditos como V. Hehn duvidam, honestamente, que os arianos pudessem viver uma existência tão plácida e agradável, como pintam os hinos védicos, considerando a rudeza do período em que viveram, equiparada à época da pedra polida.

Mas a beleza e a perfeição do sânscrito deixa perplexo o filólogo, que indaga como pôde um povo pastoril, morando em tendas e nutrindo-se da carne dos rebanhos, inventar e modelar tantas melodias em metros diversos. O vocabulário e as imagens das quatro bíblias sagradas da antiga Índia, o "Rig-Veda", o "Sáma-Veda", o "Yadjur-Veda" e o "Atharva-Veda", denunciam existência de um povo mentalmente vívido. Insinua a lenda no seu idealismo despreocupado das coisas, que a divindade criadora do mundo e dos deuses, o supremo Brahma, ditou à casta dos richis, os hinos dos "Vedas", escritos em sânscrito arcaico, datando de dois mil anos antes de Cristo, ou apenas de mil e quinhentos anos, antes da época atual.

Os amantes das línguas raras extasiam-se com a perfectibilidade e a riqueza poética do sânscrito, que iria ser o sagrado idioma do brahmanismo e dos brahmanes. Muitas gerações de poetas e filósofos panteísticos trabalharam inconscientemente, para o conjunto dos quatro livros santos, verdadeira bíblia das instituições místicas e sociais do povo indu. Cada "Veda" reúne a compilação anônima de cânticos metrificados em inspirações diversas. Memorizados pela alma popular, cantados por sucessivas gerações de poetas destituídos de vaidade literária, que os perpetuaram oralmente durante séculos, os versos arianos espantam e deliciam pela sua maravilhosa espontaneidade. Ignora-se a língua primitiva dos Árias, sendo o sânscrito védico da Índia apenas um dos seus dialetos. Dois outros dialetos dominaram na primitiva Bactriana e na Pérsia. O sânscrito, o zendo e o persa, eis os três dialetos saídos das ramificações dos fabulosos Árias. O período védico durou nove séculos, de mil e quinhentos a seiscentos anos da era cristã.

Os livros santos da Índia, obras-primas da literatura sânscrita, pertencem a quatro categorias. O "Rig-Veda", o mais puro, o mais antigo e o mais nobre de todos, contém os tesouros espirituais da vida ariana primitiva. O "Sáma-Veda" indica, na ordem cronológica, o avanço dos conquistadores arianos. O "Yadjur-Veda", composto de rituais assinala o início da época brahmânica, culminando no tremendo "Código de Manu". O "Atharva-Veda", concebido nas margens do Ganges, denota, pela sua decadência artística e literária, que a influência ariana cede a primazia diante de outros fatôres cosmológicos e religiosos.

O orientalista inglês Henry Thomas Colebrooke deu ao "Rig-Veda", redigido em sânscrito arcaico, uma antiguidade de mil e quatrocentos anos antes de Cristo, sendo contemporâneo do tempo onde a Bíblia Hebraica fixa o "Êxodo". Max Muller diminuiu três séculos, datando de



O rio Ganges, na cidade de Benares.

mil e cem anos antes da época moderna, tornando-o existente no período da monarquia dos Judeus. Imensamente remotos, os cânticos do "Rig-Veda" atravessaram a vertigem dos séculos na fluente e humilde voz dos pastôres nômades, dormindo felizes sob o teto estrelado da noite.

A tradição oral legou-os à nossa era, quando os monges brahmânicos os escreveram em fôlhas de palmeira, no século XII, antes de Cristo. Os primeiros salmos da profunda poesia, onde os Árias puseram tôdas as virtudes da raça, reboaram nas plagas de Sapta-Siridhu, o nebuloso país dos sete rios. A pureza védico rescende inteira do arcaico "Rig", onde mais de trezentos poetas cantam, através de mil hinos melódicos, as aspirações de sonho e da amplitude da alma primitiva, convivendo diurnamente com a Natureza.

Dirghatamas, poeta védico da idade pastoril, exortava: "Céu e Terra, que nós temos cantado, concedei-nos graças dignas da nossa grandeza. Dai-nos vasto domínio, onde possa se estender o nosso povo. Que obtenhamos de vós uma potência insuperável.". Os epitálmios do "Rig" parecem datar do século XII, antes do Cristianismo. O "Sáma", o "Yadjur" e o "Atharva" descrevem a evolução civilizadora dos Árias até às margens do Indo, que consideravam a fronteira do povo, além da qual pululavam tribos estranhas, amarelas e inferiores.

Supõem os historiadores que o desmembramento da raça ariana, nas diversas ramificações indo-européias, transcorreu no tempo dos primeiros hinos e das primeiras homílias pastoris. Panteìsticamente, os Árias entoavam os seus epitálmios pela manhã, ao meio-dia e à tarde, com unção e ternuras virginais.

Existe um hino, onde o poeta Agastya assim convida os seus inspirados irmãos: "O generoso Agni deu o sinal! Cantemos o hino da manhã em honra de uma impetuosa raça!". A imaginação ariana, rica de símbolos e de inquietas concepções, criou os seus deuses ágeis, inteligentes,

(Continua na pág. 115)

A FORÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Não. Conseguiram conservar as máscaras.

— E os documentos onde estavam?

Peyrolles não teve tempo de responder: ouviu-se um grito de agonia. Os cabelos de Gonzaga eriçaram-se.

— Talvez seja um dos nossos... — murmurou Peyrolles a tremer.

— Não — respondeu o príncipe — reconheci a voz dêle.

Naquele momento, cinco sombras negras surgiram, vindas de junto da estátua de Diana.

— Quem é o chefe? — perguntou Gonzaga.

— Gendry — respondeu Peyrolles.

Gendry era um rapaz forte, que fôra cabo da guarda do Palácio.

— Pronto — disse, aproximando-se do príncipe. — Precisamos de uma maca e de dois homens: vamos levá-lo.

Estas palavras foram ouvidas no vestíbulo: os partidários do príncipe não tinham uma gôta de sangue nas veias. Os dentes de Oriol batiam...

— Oriol!... Montaubert!... — chamou Gonzaga. — Os senhores levam a maca...

E, como êles hesitassem, acrescentou:

— Todos nós matamos... O crime é em proveito comum!

Era preciso apressarem-se porque o Regente costumava sair por ali para se dirigir aos seus aposentos particulares e podia surpreendê-los.

Oriol, meio morto, e Montaubert, indignado, pegaram na maca. Gendry pre-

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha, Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Êsopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua da Chantre. Começada a reunião Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa, repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo

cedia-os e foram buscar o cadáver de Lagardère.

— Que é isto?... — disse Gendry. — Pois o maroto estava morto e bem morto!...

Oriol e Montaubert estiveram quase para fugir.

— Naturalmente foi morrer um pouco mais longe... — acrescentou Gendry.

E, tateando o solo, principiou a procurar. Deu a volta ao pavilhão, cuja porta estava fechada. A uns vinte passos dali, parou, exclamando:

— Cá está êle!

Oriol e Montaubert aproximaram-se, deixando a maca no chão e, com a ajuda de Gendry, colocaram nela o cadáver.

— Ainda está quente... — murmurou o antigo cabo. — A caminho!

Oriol e Montaubert dirigiram-se para o pavilhão com o seu fúnebre fardo. Só então o grosso dos partidários de Gonzaga teve licença de sair.

Entretanto, qualquer coisa assustara bastante os nossos três heróis: iriam jurar que passos vacilantes, mas precipitados, os seguiam desde então. Com efeito, o corcunda ia atrás dêles... estava extremamente pálido e parecia ter dificuldade em se aguentar em pé; no entanto ria com o riso agudo e estridente que lhe era peculiar.

— Então?... Lagardère veio ou não veio?... — perguntou ao príncipe, designando com o dedo convulsivo o cadáver sôbre o qual Gendry acabava de lançar uma capa.

Gonzaga bateu-lhe no ombro e o corcunda vacilou, prestes a cair.

— Está embriagado! — disse Gironne.

O porteiro não fêz o menor gesto para saber quem era levado naquela padiola... era, com certeza, algum fidalgo que ceara bem.

Eram quatro horas da madrugada. A multidão ao sair dispersou-se em vários

---

ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, em baixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do Príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o Regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do Regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido Duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao Regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobriu o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbarata os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, que afastando-se do grupo aperta-lhe o punho e apontando para a cicatriz na palma da mão do seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do Regente. De fato, a viúva de Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao Regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado à presença do Regente e da Princesa de Gonzaga. A Princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao Regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto é interceptado por Gonzaga e aponta-o ao Regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio.

sentidos e Gonzaga voltou ao palácio, acompanhado por Peyrolles.

Oriol, Montaubert e Gendry tinham por missão ir lançar o cadáver ao Sena. Tomaram pela rua Pierre-Lescot, mas ao chegar ali os dois fidalgos sentiram que lhes faltava a coragem. Então, por meio de uma pistola oferecida por cada um, o antigo cabo permitiu-lhes que deixassem ficar o corpo no meio de um monte de lixo. Retiraram a capa, levaram a padiola um pouco mais para longe e foram deitar-se.

Eis a razão por que, no dia seguinte, pela manhã, o senhor barão de Barbanchois, inocente com certeza de tudo quanto se passara, acordou no meio de um riacho na rua Pierre-Lescot, num estado que é inútil descrever-se. Fôra êle o *cadáver* que Oriol e Montaubert tinham levado...

O corcunda foi o último a sair. Caminhava a custo, sentando-se de vez em quando e ao erguer-se, soltava uma espécie de gemido. Os que o tinham visto no vestíbulo estavam enganados: não estava ébrio; e se o príncipe de Gonzaga, naquela noite, não tivesse tantas coisas que o preocupassem, teria notado que o riso do corcunda não era de bom agouro.

Do palácio à casa de Lagardère, na rua de Chantre, não iam mais de cem passos, tendo êle gasto uns dez minutos para os dar... sentia-se completamente esgotado e quando subiu a escada, fê-lo de gatinhas. Ao entrar, viu que a porta do aposento de mestre Luís estava aberta de par em par e devia ter sido forçada. Quanto à porta dos restantes, acontecera o mesmo...

O corcunda entrou no primeiro quarto. Tentou chamar Francisca e João Maria, mas a voz morreu-lhe na garganta. Deixou-se cair de joelhos e assim se arrastou até ao cofre, onde costumava estar aquêle pacote selado, com três grandes selos. O cofre, porém, fôra aberto à machadada e o embrulho desaparecera. O corcunda estendeu-se no chão como o pobre paciente que aguarda lhe seja dado o golpe de misericórdia.

Deram as cinco horas na capela do Louvre... Surgiram os primeiros clarões do crepúsculo. Lentamente, muito devagarinho, o corcunda ergueu-se e conseguiu desabotoar o gibão de lã preta, de onde retirou outro, de cetim branco, horrìvelmente sujo de sangue. Dir-se-ia que êsse gibão branco, tão amarrotado, servira para estancar uma grande ferida...

Gemendo e soltando fracos queixumes, o corcunda conseguiu arrastar-se até junto do sítio onde tinha água... lavou o enorme ferimento que sujara o gibão pertencente a Lagardère, muito embora a ferida sangrasse no ombro do corcunda.

Pensou o ferimento o melhor que pôde e bebeu um gole de água. Em seguida, deixou-se cair no chão, sentindo certo alívio.

— Só!... — murmurou. — Levaram-me tudo: armas e coração!



— *Aposto que não estava no seguro!*

I

DESCONFIANÇAS

No palácio de Gonzaga trabalhara-se durante tôda a noite. As casas estavam concluídas, os respectivos arrendatários haviam cuidado de levar o mobiliário...

Havia agitação, vendia-se, comprava-se, mentia-se, roubava-se; numa palavra: faziam-se negócios!

As janelas dos aposentos da Princesa de Gonzaga que davam para o jardim estavam fechadas. As do Príncipe, pelo contrário, tinham apenas corridas as cortinas bordadas a ouro.

Quanto a Peyrolles, ainda se encontrava deitado, embora não dormisse. Acabava de contar o que ganhara na véspera e de o juntar ao conteúdo de uma caixa de tamanho respeitável que tinha à cabeceira.

O fiel Peyrolles era rico e avaro, ou antes: ávido, porque se amava apaixonadamente o dinheiro era pelas boas coisas que êle lhe proporcionava.

Entretanto, surgira Gendry para lhe fazer o relatório do que se passara: Oriol e Montaubert tinham levado o cadáver de Lagardère até ao Arco de Marion, de onde o haviam precipitado no rio. Peyrolles beneficiava de metade do pagamento dos malandrins que empregava. Entregou o dinheiro a Gendry e despediu-o.

Em seguida, o *factotum* se levantou e dirigindo-se aos aposentos do príncipe, ficou muito surpreendido ao notar que outros se lhe haviam antecipado. Com efeito, Gonzaga estava na cama, mas dava audiência aos nossos dois amigos Cocardasse e Passepoil.

— Perceberam?... — dizia o príncipe com ar fatigado, dirigindo-se aos espadachins. — É preciso trazerem-me notícias, ainda hoje, mas notícias verdadeiras e com provas palpáveis. Quero saber se êle está morto ou vivo!

Cocardasse e Passepoil fizeram uma profunda vênia, passaram muito direitos defronte de Peyrolles e saíram.

— Ser-me-á permitido perguntar, Monsenhor — disse Peyrolles, um pouco pálido — a quem se referia dizendo querer saber se estava vivo ou morto?!

— Ao Cavalheiro de Lagardère — replicou Gonzaga, deitando a cabeça na almofada.

— Mas — disse Peyrolles, estupefato.

— Por que duvida?... Acabo de pagar a Gendry...

— Gendry é um bom patife e tu estás ficando velho, Peyrolles. Estamos muito mal servidos... Esta manhã, enquanto dormias, eu trabalhava... Vi Oriol e Montaubert... Por que motivo não acompanharam os nossos homens até ao Sena?...

— O trabalho estava terminado. Monsenhor teve a idéia de obrigar os seus amigos...

— Amigos! — interrompeu Gonzaga com tão profundo desdém que Peyrolles ficou de bôca aberta. — Fiz muito bem e tu tens razão... pelo menos é preciso êles julgarem que são amigos meus... Quero atá-los a mim por meio de um nó bem forte... acorrentá-los... Não que eu tema, por enquanto, qualquer coisa de desagradável...

O Príncipe se interrompeu, vendo que Peyrolles o olhava fixamente. Em seguida, prosseguiu:

— E fica desde já sabendo... — e por Deus juro!... — que, se eu cair, serás enforcado!...

Peyrolles recuou três passos. Os olhos pareciam querer saltar-lhe das órbitas. O Príncipe ao vê-lo não pôde evitar uma gargalhada franca.

— Rei dos medrosos! — exclamou. — O que eu pretendo, em caso de perigo, é ter à minha volta, não um grupo de amigos, mas sim uma leva de escravos, e repara bem: não de escravos comprados, mas, sim, acorrentados, pessoas que saibam viver apenas do ar que eu respiro, morrendo quando eu deixar de existir!

— Pela parte que me diz respeito... Monsenhor não precisa de...

— Sim, lá isso é verdade! Tenho-te prêso há muito tempo; mas, os outros?... Sabes que temos muito bons títulos ao nosso bando?... Navailles tem sangue ducal!... Choisy é primo de Motemart...

Chaverny é aparentado com os Príncipes de Soubisse...

— Oh! Quanto a êsse... — interrompeu Peyrolles. — Êsse há de ser ligado à cadeia, como os outros... É bastante, para isso, que arranje uma corrente a seu gôsto... e, se não a encontrar — prosseguiu o Príncipe, com ar sombrio — pior para êle!... Enfim, tenho todos na mão, desde ontem à noite, e amanhã de manhã posso tê-los debaixo dos meus pés... E, se te digo tôdas estas coisas, Peyrolles, é porque tu também estás incluído na lista dos meus amigos...

— Ah! Monsenhor, espero que não me confunda com essa gente...

— Não!... — respondeu o Príncipe, com um sorriso amargo. — Pelo contrário, e é por isso que falo contigo como a um confessor. Sabes?... Às vêzes, sente-se a necessidade de fazer confidências... Ora esta noite nós fomos traídos...

— Traídos! — exclamou Peyrolles. — E por quem?

— Por Gendry, Oriol e Montaubert.

— Será possível?

— Sim... enquanto não houver uma corda para os enforcar...

— E como sabe Monsenhor uma coisa dessas?... — perguntou Peyrolles.

— Sei, apenas, que aquêles velhacos não cumpriram com o seu dever!

— Disse-me Gendry, há pouco, que levaram o corpo até ao Arco de Marion...

— Gendry mentiu, e chego a confessar que já perdi a esperança de me ver livre dêsse maldito Lagardère...

— Mas, por quê?

Gonzaga tirou um papel que tinha debaixo do travesseiro e desdobrou-o lentamente.

— Não me parece haver ninguém que tenha vontade de se divertir com um Príncipe de Gonzaga... Por outro lado, êsse Gendry deve ter mão certa, porque nós ouvimos o grito de agonia...





— *Estou sujo e não tenho água em casa. É só!*

— Que diz êsse papel, Monsenhor — interrompeu Peyrolles, no cúmulo da inquietação.

Gonzaga passou-lhe o papel e Peyrolles leu, àvidamente.

Era uma lista, nos seguintes têrmos:

Capitão Lorrain — Nápoles
Staupitz — Nuremberg
Pinto — Turim
El Matador — Glasgow
Faenza — Paris
Saldanha — Paris
Payrolles —
Filipe de Mântua, Príncipe de Gonzaga

Os dois últimos nomes estavam escritos a tinta vermelha ou a sangue. Não tinham localidade indicada, visto o vingador não saber ainda o lugar onde os puniria.

Os sete primeiros nomes estavam escritos a tinta preta e marcados com cruz encarnada. Gonzaga e Peyrolles não ignoravam o que essa marca significava, e o *factotum*, que tinha o papel na mão, tremia como varas verdes.

— Quando recebeu isto, Monsenhor?

— Esta manhã, bastante cedo, mas não antes das portas serem abertas, pois já se ouvia o barulho infernal que êsses doidos fazem lá fora!

Gonzaga tinha razão. O barulho era ensurdecedor: todos gritavam ao mesmo tempo. Peyrolles, porém, não pensava no ruído, e em voz fraca perguntou ao amo como recebera a lista.

O Príncipe mostrou-lhe a janela que estava defronte da cama e um vidro da qual se encontrava quebrado. Peyrolles compreendeu e procurou com a vista em cima do tapête, encontrando dali a momentos uma pedra entre os estilhaços do vidro.

— Foi isso que me despertou — disse Gonzaga. — Li e passou-me pelo pensamento que Lagardère tivesse conseguido salvar-se...

Peyrolles baixou a cabeça.

— A não ser que... — prosseguiu o Príncipe — êsse ato audacioso tenha sido cometido por qualquer dos seus assalariados, que ignorasse ainda a sua morte!

— Assim o espero! — murmurou Peyrolles.

— Em todo o caso, mandei chamar imediatamente Oriol e Montaubert. Fingi ignorar tudo... brinquei, levei-os a confidências e acabaram por me dizer que tinham deixado o cadáver em cima de um monte de lixo na rua Pierre-Lescot.

Peyrolles, com a mão fechada, bateu fortemente sôbre o joelho.

— Ora, adeus!... — exclamou, furioso.

— É evidente que qualquer ferido pode recuperar a vida!...

— Bem, daqui a pouco saberemos ao certo o que há sôbre o assunto — disse Gonzaga. — Cocardasse e Passepoil foram investigar.

— E Monsenhor se fia nesses dois renegados?

— Não me fio em ninguém, amigo Peyrolles... nem mesmo em ti! Se eu pudesse fazer as coisas sòzinho, descansa que não me serviria fôsse de quem fôsse. Esta noite embriagaram-se... procederam mal... Êles próprios sabem, e é mais uma razão para andarem direitinhos! Mandei-os chamar e ordenei-lhes que procurassem os dois valentes que defenderam a aventureira que usa o nome de Aurora de Nevers... — E não pôde deixar de sorrir ao pronunciar as últimas palavras — ... e remexer céus e terra para ver se a nossa sombra negra mais uma vez nos fugiu...

Abandonou o leito e foi tocar a campainha. Instantes depois entrava um criado:

— Preparem a minha liteira!... Tu, Peyrolles, vais, como de costume, aos aposentos da senhora Princesa, e apresenta-lhe as minhas respeitosas homenagens... Entretanto, faz o favor de abrir bem os olhos, dizendo-me o aspecto que tem a antecâmara de Sua Excelência e em que tom te responde a sua criada de quarto.

— E onde posso encontrar depois Monsenhor?

— Primeiro, vou ao pavilhão. Estou ansioso por ver a nossa aventureira. Parece-me que a estouvada Dona Cruz e ela são muito amigas! Em seguida, passarei pelo palácio de Law, que ùlti-

mamente me tem desprezado um pouco, e depois vou ao Palácio Real, onde a minha ausência causaria má impressão. Sabe-se lá que calúnias não me levantariam!...

— Tudo isso leva muito tempo...

— Pouco... Preciso ver os meus queridos amigos... O dia de hoje não será desperdiçado e estou pensando numa ceia... Bem; mais tarde tornaremos a falar no assunto.

O Príncipe se aproximou da janela e apanhou a pedra que estava em cima do tapête.

— Monsenhor — disse Peyrolles — permita-me que o ponha de sobreaviso contra êsses dois patifes... Lembre-se de que êles estavam conosco quando foi o caso dos fossos de Caylus *e não estão mencionados na lista...*

Gonzaga que examinava a pedra, pensativo, desdobrou a lista e murmurou:

— É verdade... os nomes dêles não figuram aqui. No entanto, se foi Lagardère quem fêz a lista e se êstes dois estão ao seu serviço, poria os nomes dêles aqui, para dissimular.

— Além disso, Monsenhor, há aquêle corcunda que veio meter-se nos seus assuntos, sem ninguém o chamar...

— Quanto a êsse, terá que despejar o saco por completo, para eu ver o que há no fundo...

E dizendo isto, o Príncipe olhou pela janela. O corcunda estava precisamente junto do seu casinhoto e olhava para as janelas do Príncipe. Ao vê-lo, baixou os olhos e cumprimentou respeitosamente.

Gonzaga tornou a olhar para a pedra e murmurou:

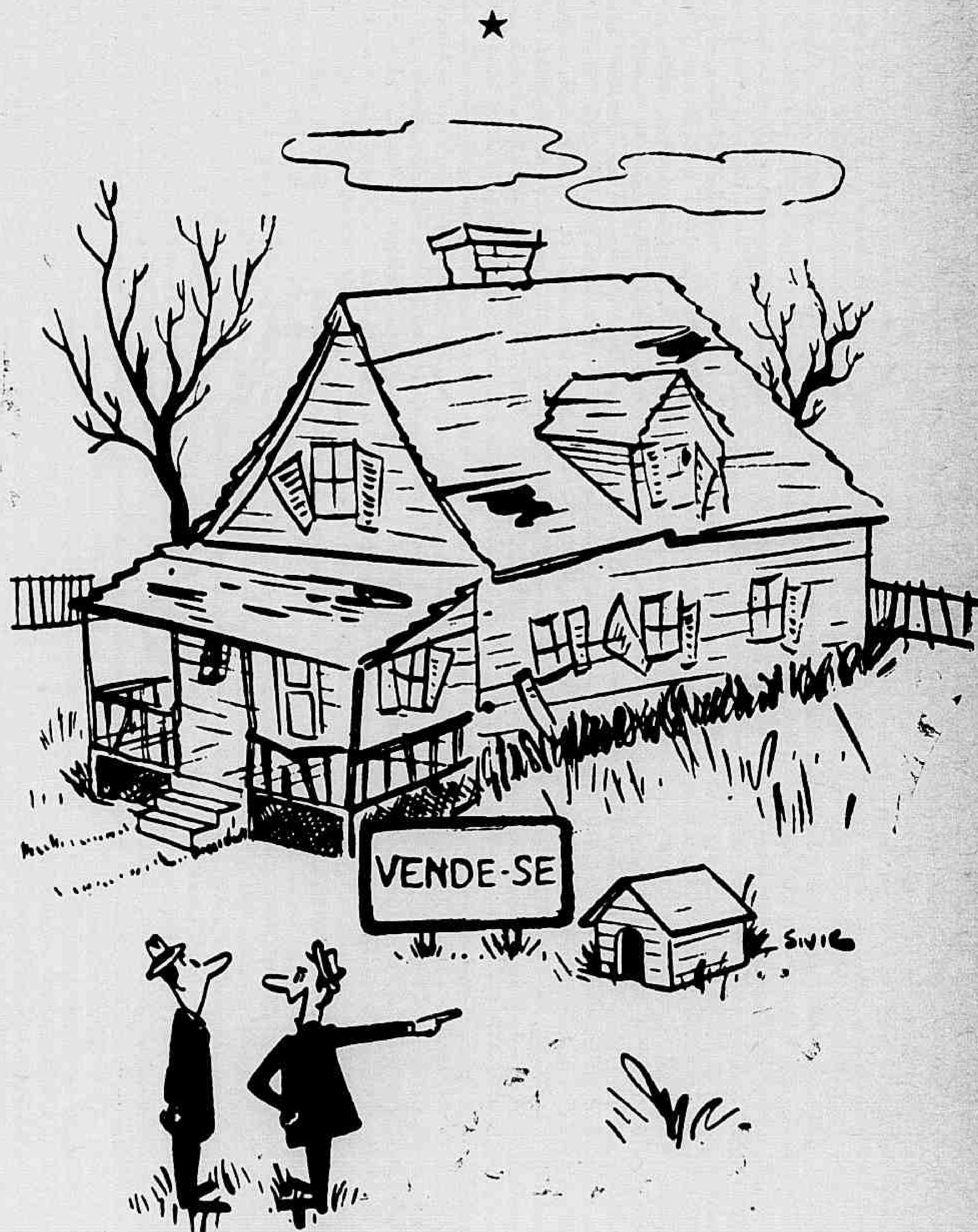
— Havemos de ver!... Olha; lá vem a minha liteira... Até logo, Peyrolles.

Enquanto percorria os corredores em direção aos aposentos da princesa, Peyrolles refletia:

"— Não tenho pela França um amor doido, como alguns... Tenho dinheiro, e sempre é possível encontrar uma pátria. O meu cofre está bem cheio e a cotação do Príncipe parece-me estar baixando. Se amanhã as coisas não estiverem melhor, pego na mala e vou procurar uns ares que convenham mais à minha delicada saúde..."

Entretanto, Cocardasse e Passepoil, que haviam prometido ao Príncipe multiplicarem-se para pôr côbro à sua incerteza, encontravam-se numa taberna comendo e bebendo por quatro. Estavam radiantes, pois tinham chegado à conclusão de que Lagardère não morrera.

★



— *O senhor tem coragem de dizer que está tudo em ruinas? Veja a casinha do cachorro!*

É que, nessa manhã, estavam convencidíssimos da morte violenta do *Petit Parisien*, visto terem estado de madrugada na casa da rua de Chantre e encontrado as portas forçadas. O rés-do-chão estava vazio. Os vizinhos não sabiam o que fôra feito da jovem, de Francisca, nem de João Maria. No primeiro andar, junto do cofre, cuja fechadura fôra arrombada, havia uma poça de sangue. Era verdade! Os que nessa noite tinham atacado o dominó côr-de-rosa, que êles haviam sido encarregados de defender, não tinham mentido... Lagardère morrera!

Gonzaga, porém, acabava de lhes restituir a esperança com o encargo que lhes confiara. O Príncipe queria que encontrassem o cadáver do seu mortal inimigo e para isso devia ter as suas razões. Quanto à segunda parte da missão, procurar os espadachins que tinham defendido Aurora, era assunto arrumado...

— Bem, agora resta-nos arranjar uma história!

— Duas! — respondeu Passepoil. — Uma para ti e outra para mim.

— Eu sou meio gascão, meio provençal, não tenho dificuldade em inventá-las!

— Pois eu sou normando e não temo a concorrência!

Cocardasse encolheu os ombros e bebeu outro copo de vinho.

E como ainda era cedo para voltar ao palácio de Gonzaga, ambos principiaram a compor a sua história...

Mais tarde, teremos ocasião de ver quem tinha melhor imaginação...

II

UM GOLPE NA BÔLSA DURANTE A REGÊNCIA

O corcunda fôra dos primeiros a entrar no palácio de Gonzaga e mal se abriram as portas, viram-no chegar com um moço que levava uma cadeira, um cofre, um travesseiro e um colchão.

Êsopo mobilava o nicho e queria, evidentemente, fazer dêle o seu domicílio... Comprara os direitos ao casinhoto de Medoro, fôra seu sucessor e o cão dormia no nicho...

Os locatários das barracas do jardim de Gonzaga só tinham um desejo: que o dia tivesse quarenta-e-oito horas. O tempo era pouco para os negócios. Enquanto caminhavam — indo para casa ou voltando dela — agiotavam; reuniam-se para jantar, a fim de continuar as suas agiotagens enquanto comiam... O vento soprava para os lados de uma alta...

A festa do Palácio Real produzira um esplêndido efeito. Bem entendido que ninguém, dentre aquêles ínfimos especuladores, pusera pés na festa; no entanto, alguns, espreitando dos terraços das casas vizinhas, tinham conseguido ver os bailados e não se falava noutra coisa.

Durante a ceia, fôra concedida licença para a emissão de uma nova espécie de ação: eram as *netas*. As *mães* eram brancas, as *filhas* amarelas e as *netas* deviam ser *azuis*, côr-do-céu, do longínquo, da esperança e dos sonhos.

Incessantemente chegavam montes de mercadorias e havia apenas uma comparação para o movimento que ia na rua Quincampoix: o de S. Francisco, a cidade do *golden fever*, onde os doentes atacados pela *febre do ouro* pagavam dois dólares para mandar engraxar as botas!

O palácio de Gonzaga tinha imensas semelhanças com a Califórnia e nada inventara em matéria de extravagâncias: não era ouro, nem prata, nem tão pouco mercadorias que se procuravam. Os papéis é que estavam em voga e a teoria apresentada era: se um luís vale 24 francos hoje, amanhã vale o mesmo, ao passo que uma *neta*, um papelinho azul, que vale agora cem pistolas, pode valer no dia seguinte duas mil!...

Abaixo o dinheiro pesado e velho!... Viva o papel, leve como o ar, o papel precioso, o papel mágico, que consegue fazer no fundo das carteiras um estranho trabalho de alquimista!...

Faça-se uma estátua ao senhor Law, o grande benemérito!...

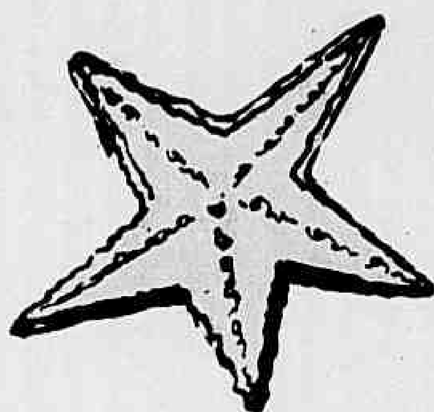
E Êsopo se beneficiava dêste entusiasmo, desta verdadeira loucura. As suas costas — secretária cômoda e ambulante com que a natureza o brindara — não tinham um momento de descanso.

(*Cont. no próximo número*)

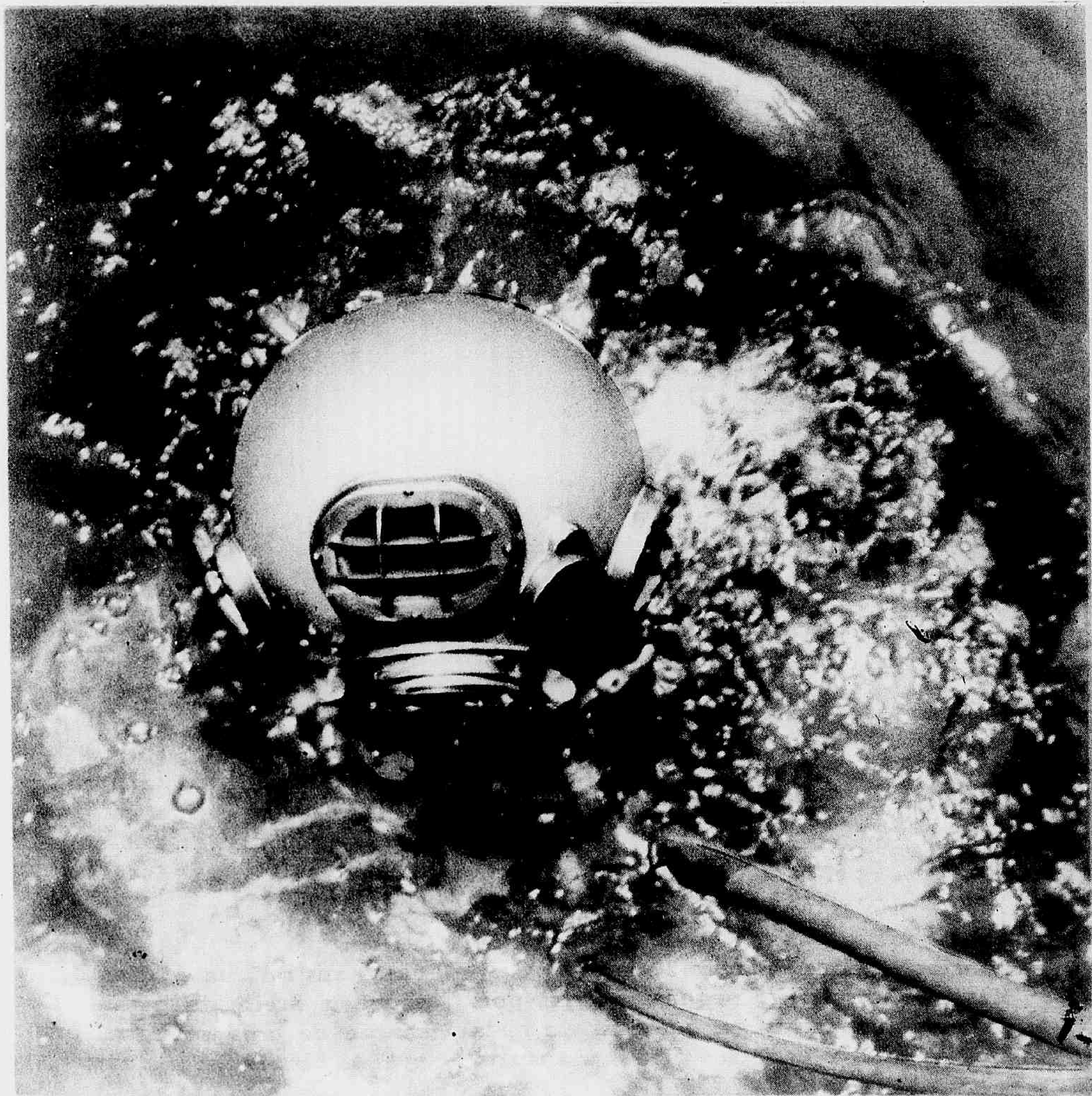
OS MISTÉRIOS MARINHOS



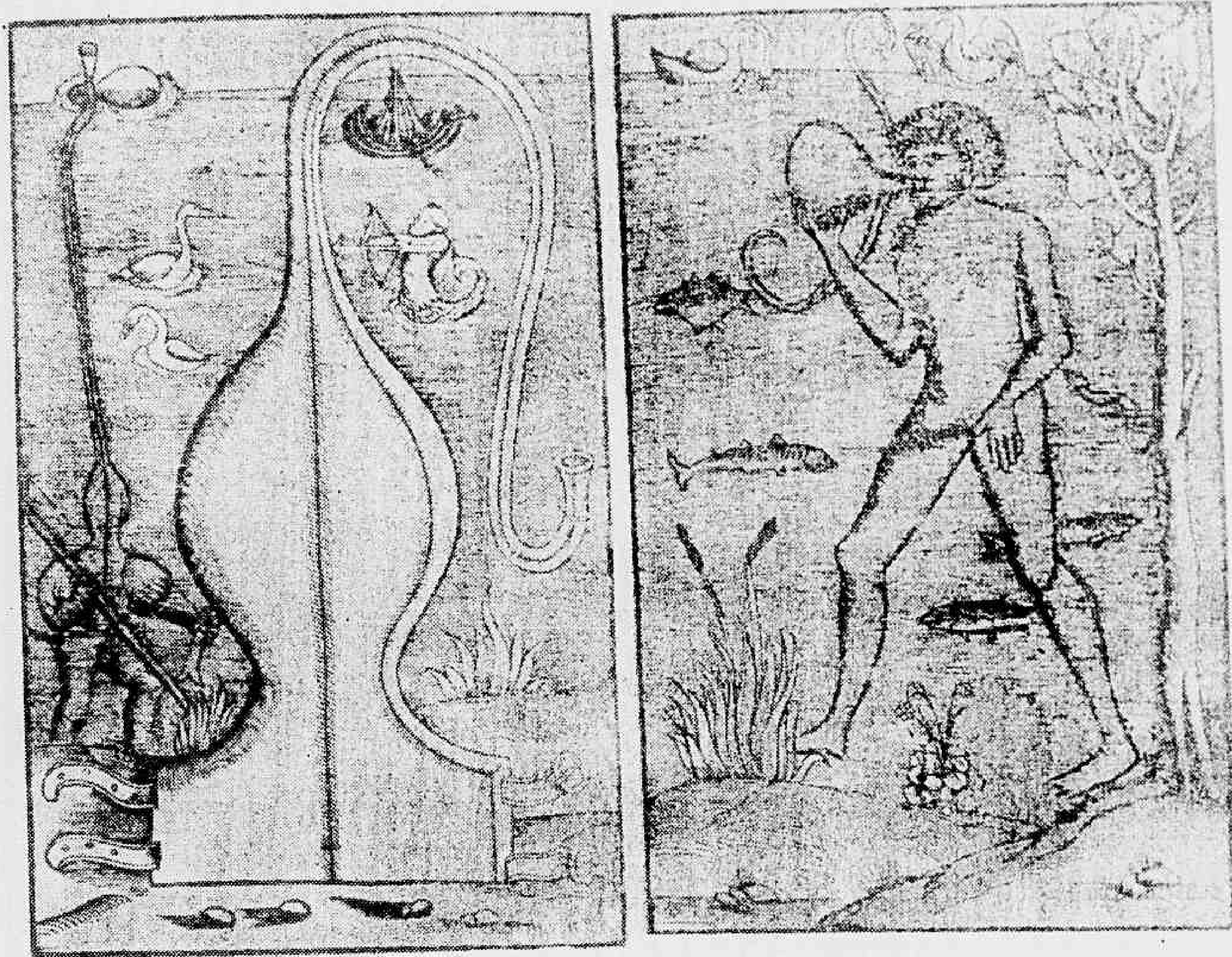
A LENDA DOS MARES POLARES ROLA SEUS MITOS AO SABOR DOS OCEANOS INFINITOS



DESDE os tempos mais recuados, talvez mesmo desde que existe, o homem foi atraído pelo mar, que sempre representou para êle o infinito, o mistério e a aventura. Seu sonho eterno tem sido poder mergulhar em seus abismos e tudo que sôbre êles lhe foi dito não o satisfez jamais. Desejava ver com os próprios olhos o que se passa nesse imenso aquário. Hoje, êste sonho se realiza... Novo domínio se abriu para o Homem. O universo submarino não é mais o que o atrai e amedronta. Nêle já pode passear e evoluir como sôbre um planêta



em que se libertasse das leis da gravidade. A *feérie* submarina está ao seu alcance. É permitido a qualquer pessoa, mesmo sem treinamento e sem sombra de heroísmo — visitar êsse mundo maravilhoso. Por tôda a parte surgem os clubes de mergulhadores, e já é mais fácil ir a



DESDE O SÉCULO XVII os homens haviam imaginado um equipamento de esporte submarino. Tratava-se de um capacete de escafandrista, destinado a envolver a cabeça e ombros, com lunetas de vidros e um uniforme, como se vê na gravura da época.

20 e 30 metros sob a água do que montar numa bicicleta.

Nem por isso, todavia, o mar revelou todos os seus segredos...

Ainda recentemente um repórter perguntava ao coronel norte-americano Perkins, o que sabia da serpente do mar.

— Infelizmente, eu a vi — respondeu, simplesmente.

Se os jornais contam, às vêzes, histórias fantasiosas, algumas são perfeitamente dignas de crença. Em 1892, o professor holandês Oudemans classificava 192 casos realmente sérios e declarava que a serpente do mar se assemelhava ao plessiosáurio antidiluviano, mas pertencia à família das focas. "Tem uma cabeça de vaca marinha, pescoço longo, corpo munido de duas natatórias e pode atingir 30 metros".

Mas não devemos, sequer, sorrir, pois os especialistas afirmam que existem nada menos de quatro espécies dêsses monstros.

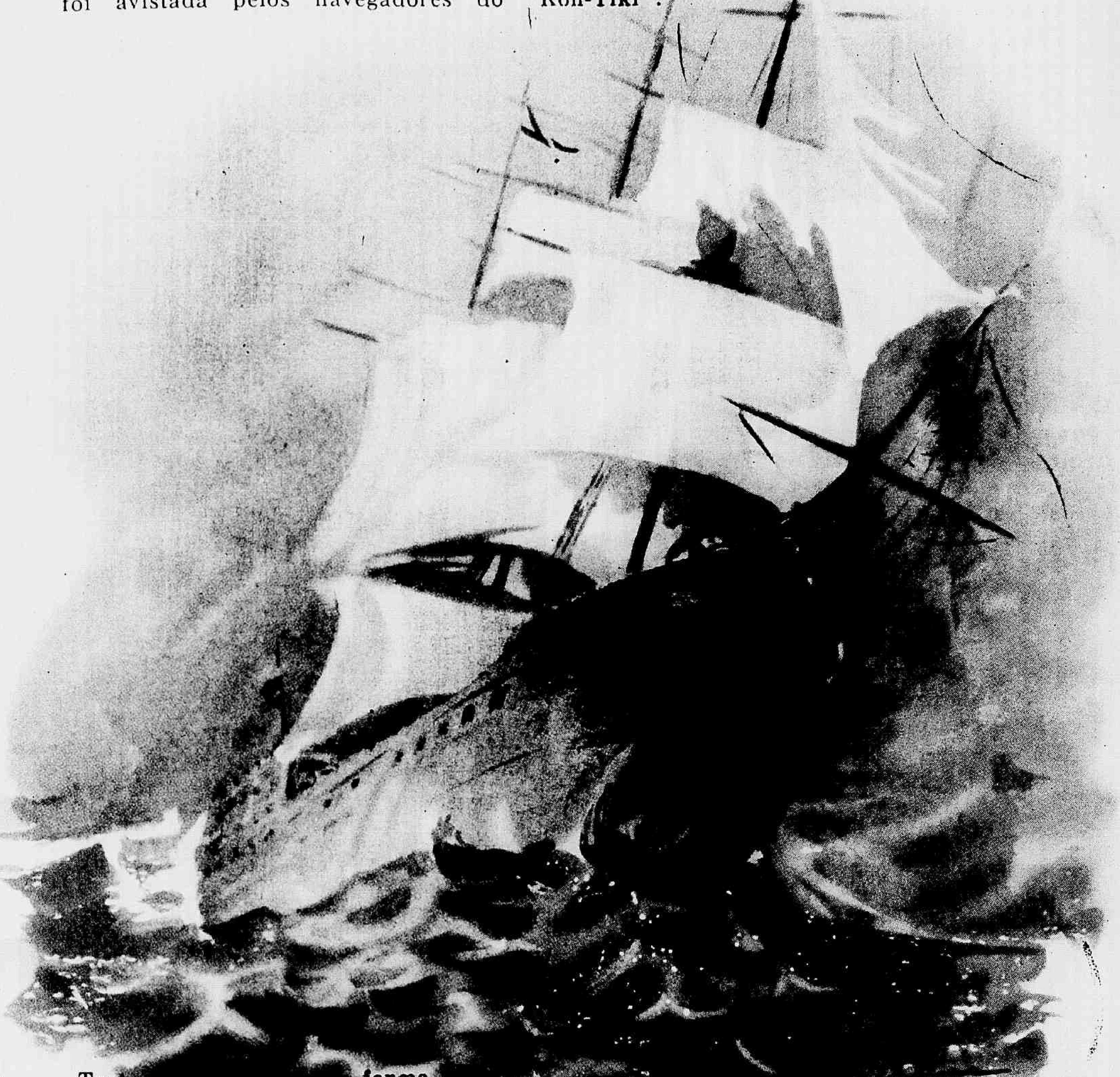
A primeira é a verdadeira serpente do mar; tem a forma de uma serpente terrestre. Foi vista em 1817, numa enseada de Massachussetts, nos Estados Unidos. Mede cêrca de vinte metros e a largura do seu corpo passa de um metro; a cabeça recorda a de uma imensa tartaruga do mar e avança em espirais verticais. No dia 10 de agôsto de 1932, ao largo da costa canadense, outra serpente do mar foi avistada; media 25 metros de comprimento e foi minuciosamente descrita por um médico, Mr. Kemp, sua espôsa e família.

O segundo tipo de serpente do mar recorda o plessiosáurio. No dia 6 de agôsto de 1948, ao largo da ilha de Santa Helena, 10 oficiais do navio-de-guerra britânico "Dedalus" a avistaram. Cabeça e ombros passavam uns dois metros da superfície do mar. Durante vinte minutos êsse monstro de vinte metros acompanhou o navio. A êsse mesmo gênero pertence o famoso *Monstro de Lochness*, que em 1933 e 1934 foi visto 118 vêzes, tendo sido mesmo fotografado e filmado! Nas margens do lago, cinco estudantes encontraram as marcas de suas patas, que mediam mais de dois metros!

O terceiro tipo tem a forma de uma imensa tartaruga. No dia 2 de junho de 1877, a equipagem de um navio-de-guerra inglês, "Osborne", o avistou ao largo da Sicília, com uma cabeça de foca com mais de dois metros de largura. A parte do corpo fora d'água media cêrca de quinze metros e o animal, ao todo, parecia ter 50 metros. Em 1890, um monstro do mesmo gênero foi avistado ao largo da costa australiana e, dias depois, dormindo sôbre a areia da praia. Com a aproximação de uma senhora, professôra numa cidade balneária, o animal voltou ràpida-

mente para o mar. Mais recentemente, em sua travessia do Pacífico, a equipagem do "Kon-Tiki" relata um encontro semelhante.

A quarta espécie de serpente do mar também foi avistada pelos navegadores do "Kon-Tiki".



Trata[illegible] forma [illegible] crocodilo e [illegible] nalado na [illegible] comandante de u[illegible]marino [illegible]m 30 de julho de 1915. O corsário acabava de afundar um navio cargueiro quando, bruscamente, um crocodilo gigantesco foi projetado a 20 ou 30 metros no ar, provàvelmente sob o efeito da explosão submarina do navio afundado e, quinze segundos mais tarde, o monstro desaparecia no abismo.

Apesar dêsses depoimentos, muita gente declara que a serpente do mar não existe. Nada poderá vencer seu ceticismo *de princípio*; nem as observações dignas de fé, nem as declarações dos sábios, que se curvaram sôbre a questão. Em junho de 1950, o Dr. Anton Brunn, da Universidade de Copenhague, regressou a seu país após uma viagem de sessenta mil

milhas através dos mares, estudando a fauna submarina. Não longe de Santa Helena, sua expedição retirou de um fundo de 2.000 metros uma espécie de larva de enguia que em vez de medir — como de costume — alguns centímetros, passava dos dois metros. Como uma larva de enguia de dez centímetros pode atingir, no período adulto, 5 metros, o Dr. Brunn considera que a larva então pescada pode normalmente ultrapassar vinte metros.

— Estou seguro de que a serpente do mar existe nas grandes profundidades — declarou o célebre professor.

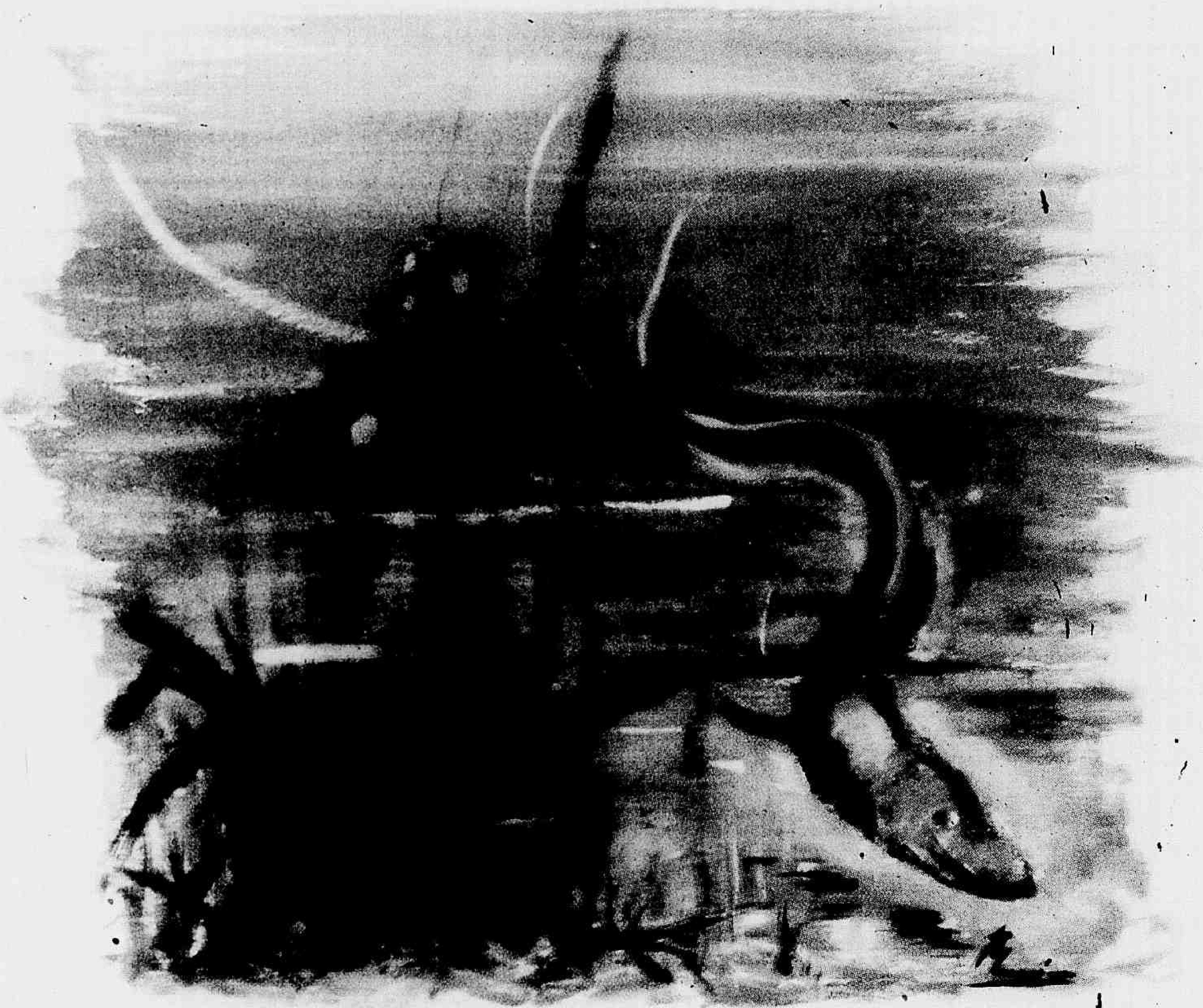
Como explicaram minuciosamente os norte-americanos William Beebe e Attis Barton, animais gigantescos povoam os grandes fundos marinhos; pesquisas metódicas e científicas permitiram aos dois sábios colhêr animais realmente fantásticos como uma raia de 23 metros de envergadura, a mesma de um moderno avião de reação a jato!

De fato, o mar possui numerosos mistérios. Alguns puderam ser revelados como o dos *suicídios de baleias*. De fato, desde muito tempo, êsses animais eram encontrados em certas costas, sôbre as quais se atiravam para morrer. Hipóteses mais extraordinárias foram avançadas, porém a verdadeira é, talvez, ainda mais bizarra. Há um inimigo, o *marsuino*, que ataca as baleias, ferindo-as cruelmente com sua poderosa espada; quando o sangue corre, para acabar com seu gigantesco adversário, o marsuino se atira contra a própria bôca da baleia, arrancando-lhe a língua. A baleia morre. Os marsuinos passeiam em bando numeroso e são sempre agressivos; quando as baleias os percebem, fogem, perseguidas por seus terríveis adversários. Aterrorizadas, e com a certeza de um fim cruel, atiram-se contra as costas, pondo-se ao sêco: aí está o *suicídio* das baleias!

O mistério das enguias foi desvendado há menos de um quarto de século pelo oceanógrafo dinamarquês Johnnes Schmidt. No início de setembro, começa a grande viagem das enguias. Viveram na água doce, nos rios, riachos, lagoas, etc., cêrca de quinze anos! Então mudam de côr: a enguia amarela passa a prateada, enquanto seus olhos e suas narinas se dilatam. Cessa de comer durante cêrca de doze meses e, bruscamente, uma fôrça misteriosa se apossa do animal, que desce para o mar. Com a velocidade de 40 quilômetros por dia, bilhões de enguias se dirigem para o oceano, a 500 metros de profundidade, na direção do Mar de Sargaços, que se estende entre as Antilhas e as Ilhas do Cabo Verde, no Atlântico. Nessa imensa extensão de algas, côr-de-ferrugem, as enguias machos e as enguias fêmeas, que até então viviam separadas, têm um encontro marcado; é a grande estação dos amôres. E para êsse encontro, vindas de todos os cantos da Europa, as enguias percorrem 2.000 milhas sob o mar, para uma união nas águas glaucas.

Logo que a postura termina, as jovens larvas sobem a 50 metros da superfície; então deixam-se levar a deriva para as costas européias e mesmo até às distantes águas da Finlândia! Essa viagem de retôrno durará cêrca de três anos. A seguir, as enguias subirão os rios e encontrarão os sítios onde habitaram seus pais, nos rios e lagos. O mistério das enguias não existe mais; entretanto, um ponto permanece obscuro. Após o matrimônio, não são mais encontradas as enguias adultas. Que é feito delas, após êsses rápidos amôres? Seus cadáveres mergulham nas profundidades ou continuam a levar uma vida misteriosa na escuridão dos grandes fundos? Para seus amôres, as enguias deixam as águas doces para viver no mar. Os salmões, por seu lado, para a viagem nupcial, deixam o mar e sobem as águas doces. É no mês de novembro que abandonam o oceano Atlântico, ou os outros mares em busca dos rios. Com um vigoroso golpe de cauda vencem as barragens e as quedas. Sua côr se transforma; o ventre passa a ser prateado e o dorso escurece. Quando chegam ao alto dos rios, os machos e as fêmeas celebram o matrimônio; a seguir, as fêmeas, com suas natatórias, escavam orifícios na areia do fundo e ali depositam os ovos; a seguir, voltam ao mar, deixando-se levar pela correnteza; os machos, menos felizes, e que, durante os breves amôres, perderam a metade do seu pêso, morrem.

Durante três anos, os jovens salmões crescem e ficam no rio até que, um dia, levados por seu instinto, descem, por sua vez, para a água salgada. E é então que que começa o problema ainda insolúvel do salmão. Que faz êle nos oceanos? Quais são os seus passeios misteriosos da Escócia ao Mar Branco, da Terra Nova às costas da França? Até ao presente, os



sábios que estudaram o assunto não puderam responder.

O salmão continua aureolado de mistério. Quando uma baleia ou um marsuino, por exemplo, encalhava nas praias da França, era considerado como "destroço", sendo dividido, segundo velho costume, entre todos os que o haviam encontrado. Porém um édito real, de agôsto de 1681, assim impôs: *"Declaramos o salmão peixe real e, como tal, pertencerá ao rei, onde fôr encontrado"*. Em 1940, o escritório hidrográfico dos Estados Unidos apontava ainda no Pacífico 425 ilhas cuja posição e existência eram duvidosas.

Falava-se muito sôbre a Atlântida, pela qual, na antiguidade, os autores gregos se interessavam apaixonadamente, apontando-a como um verdadeiro continente, cujos habitantes haviam invadido a Europa e mesmo a Ásia; até o presente, embora tenha permitido escrever numerosos livros e edificar notáveis teorias, não pôde ser encontrada, permanecendo ainda no domínio das hipóteses.

No outro canto do mundo, a ilha de Páscoa jamais revelou seu segrêdo; suas imensas estátuas de mais de dez metros e pesando várias toneladas, intrigam os arqueólogos do mundo inteiro, os quais imaginam que no oceano Pacífico um



Também no fundo do mar, além de tesouros, os homens procuraram as sereias...

outro continente, no gênero da Atlântida, mergulhou nas águas, num formidável cataclismo.

Algumas vêzes, bancos de peixes ou de minhocas terrestres levam os navegadores a acreditar que se encontram em presença de ilhas. E, de fato, muitas ilhas surgem, para desaparecer logo em seguida. No Japão, por várias vêzes, enormes jatos de vapor surgiram do mar, levando a crer na existência de vulcões submarinos.

Nas Novas Hébridas, em 1897, uma ilha surgiu do mar, atingindo em poucos anos mais de 15 metros de altura. Quando, vindos das ilhas vizinhas, os indígenas nela pretenderam residir, ela mergulhou

totalmente no mar. Numerosos outros casos interesantes foram relatados por navegadores relativamente a ilhas "fantasmas". O mais interessante se refere sôbre o ocorrido na costa da Nova Zelândia e mais especialmente à Ilha Falcão, logo apelidada pelos marinhenros "O diabo que sai da toca". Foi assinalada pela primeira vez em 1865; nessa época tinha 2 quilômetros de comprimento por 150 m de largura; em 1867 outro navio encontrou apenas uma ilha de poucos metros quadrados. Vinte anos depois, um navio a encontrou... com 7 km de comprimento e ornada de coqueiros. Em 1913, desapareceu totalmente, sendo riscada das cartas marítimas; em 1930, reapareceu. Em 1940, pescadores nela se instalaram; dois anos mais tarde não tinha mais que 100 metros de diâmetro. Hoje está desaparecida.

Se algumas ilhas surgem e desaparecem, outras viajam... como a do Mar Ártico, que lá se foi, com todos os seus habitantes. No Pacífico, verdadeiras ilhas de pedra passeiam e constituem gravíssimo perigo para a navegação. Outro perigo é constituído pelos destroços que erram através dos mares e constituem tão sério perigo que, em 1910, uma expedição foi organizada para a sua destruição. Êsses navios abandonados sem equipagem continuam a vogar sôbre os mares; um dêles, perdido ao largo do Chile, foi encontrado nas ilhas Tuamotu; o "Leon-White" cruzou todo o Atlântico indo encalhar nas Hébridas! O veleiro alemão "Trave", cortado em dois por um transatlântico, teve a sua parte da pôpa levada, ao sabor das vagas, para a Nova Inglaterra, enquanto que a parte da proa foi encalhar nas Carolinas!

Um exemplo recente, data da guerra de 1914: um submarino alemão captura um cargueiro canadense, repleto de peixe sêco; depois de canhonear a embarcação, abandona-a, deixando que fique ao sabor das ondas. Ao fim de vários meses, um navio de guerra britânico, atraído pelo odor de peixe podre, encontra o navio e procura afundá-lo de uma vez; porém a embarcação foi encontrada, dez meses mais tarde, navegando com seu carregamento malodorante.



GRAVIDADE



Assim Newton descobriu a lei da gravidade...

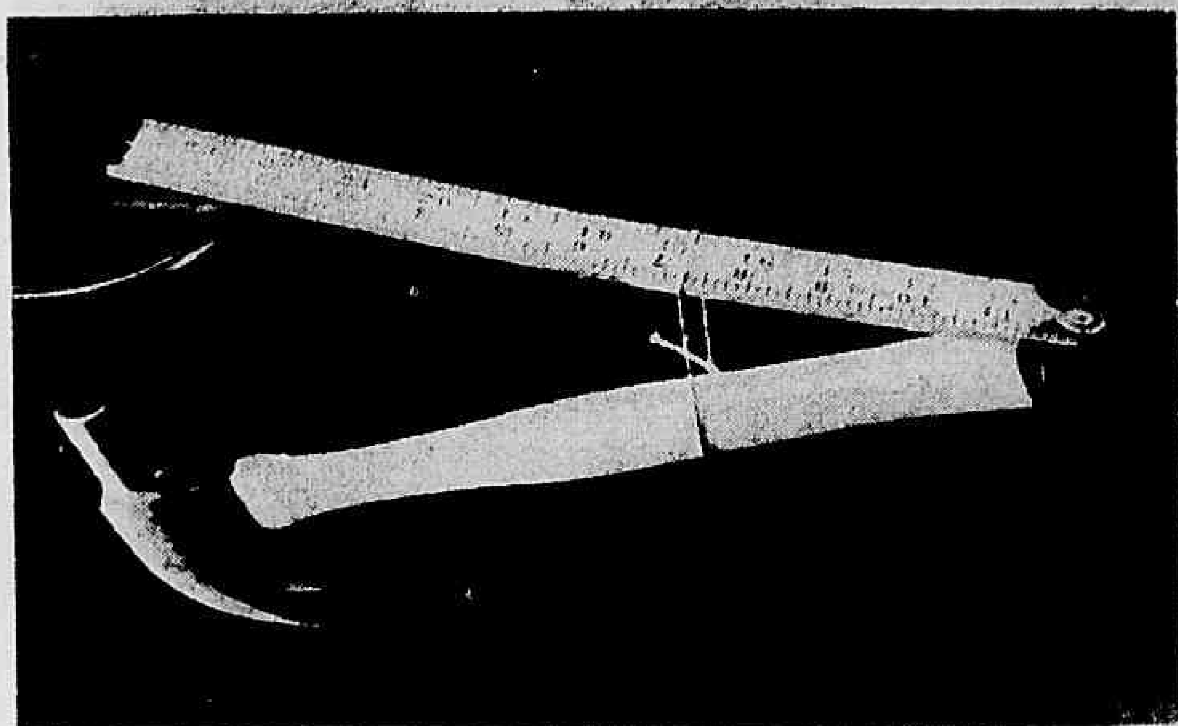
ESTABILIDADE ERRADA?

Embora abtravidade seja inflexível, há truques que parecem ignorar a lei de Newton...

COM objetos caseiros podemos obter truques interessantes. É fácil, por exemplo, equilibrar um copo, dois talheres, etc., na ponta dos dedos. Mas nem todos sabem como...

Desafiem seus convidados e quando tiverem falhado... cruzem dois garfos ou duas facas (quanto mais pesadas melhor),





na alça de uma xícara. Nesta posição, os cabos das facas, mais baixos que o centro de gravidade, estabiliza a xícara, mesmo que esteja cheia de líquido.

Outro paradoxo do mesmo gênero exige um martelo e uma régua de 60 centímetros.

Pousando a extremidade da régua na extremidade da mesa, naturalmente cairá.

Entretanto, se à régua unirmos o cabo do martelo, com a cabeça, mais pesada, voltada para a direção da mesa, o centro de gravidade mudará de lugar, ficando sob a mesa e, nessas condições, régua e martelo ficarão sustentados pela mesa, com absoluta segurança.

A SURPRÊSA DAS BOLAS

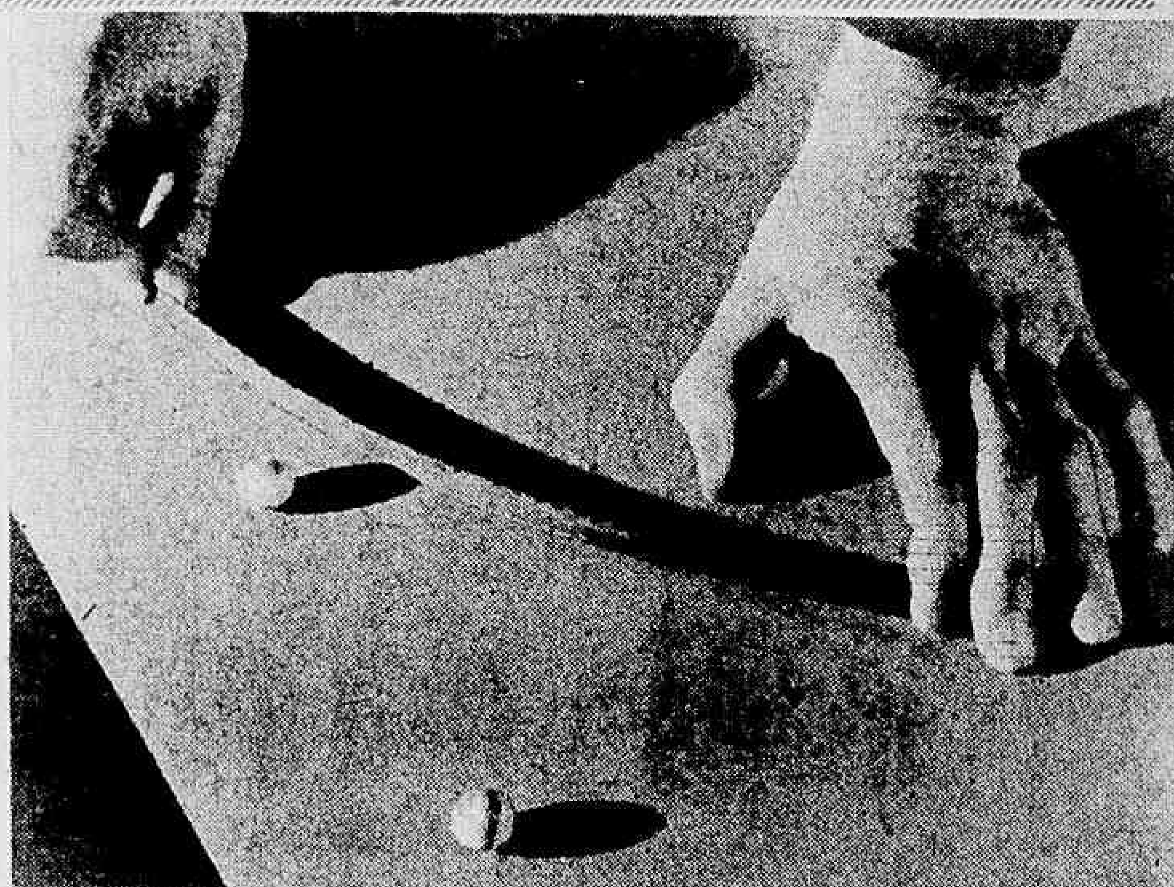
EMBORA muitos possam custar a crer, uma bola, atirada horizontalmente de uma certa altura, como a base de uma mesa, atingirá o solo ao mesmo tempo que outra bola similar, apenas *deixada cair* da mesma altura.

Experimente fazê-lo com duas bolas de "gude" e uma lâmina de metal, operando sôbre o canto de uma mesa, como indica o clichê.

Depois de encurvar a lâmina, largue-a e as bolas serão expulsas da mesa.

Embora uma seja lançada muito distante, ao contrário da outra, o ruído do seu impacto no solo indicará que caíram juntas, isto é, com a mesma velocidade de queda.

A razão? Todo corpo, desprezando a resistência do ar, cai ao solo com a mesma velocidade. O fato dum objeto viajar horizontalmente não influi na velocidade de sua descida vertical.



Duas bolas de vidro, uma deixada cair, outra lançada do mesmo nível atingirão o sôlo simultâneamente.

Nenhuma granada pode fugir a esta regra. Apenas dentro do espaço de tempo da queda, poderá viajar mais depressa e ganhar mais distância, antes de atingir o solo.

MELHOR EQUILÍBRIO



Ao contrário do que muitos imaginam uma extremidade superior mais pesada, ajuda a equilibrar um bastão.

SE sustentarmos na ponta de um dedo a extremidade de uma vara metálica ou de madeira, o equilíbrio será mais fácil se o maior pêso fôr na base ou no extremo alto?

Se disser, "na base" estará errando, porque a base é tão pequena e o dedo tão trêmulo, que dificilmente descobrirá se o centro de gravidade está mais alto ou desceu.

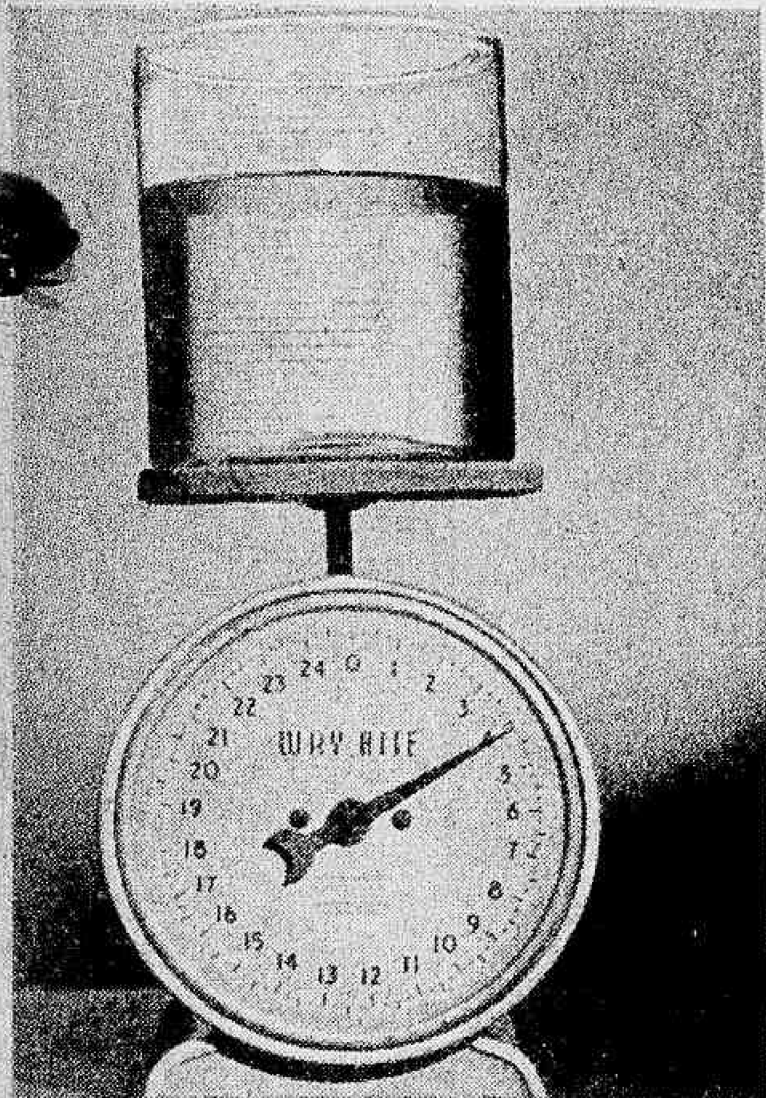
Quando o maior pêso fica bem no alto, porém, a vara deixará de dançar e assim o operador terá mais tempo para encontrar o equilíbrio momentâneamente perdido.

Tal afirmativa o leitor, se o quiser e dispuser de um pouco de tempo e paciência poderá verificar, seguindo exatamento o que por nós foi descrito.

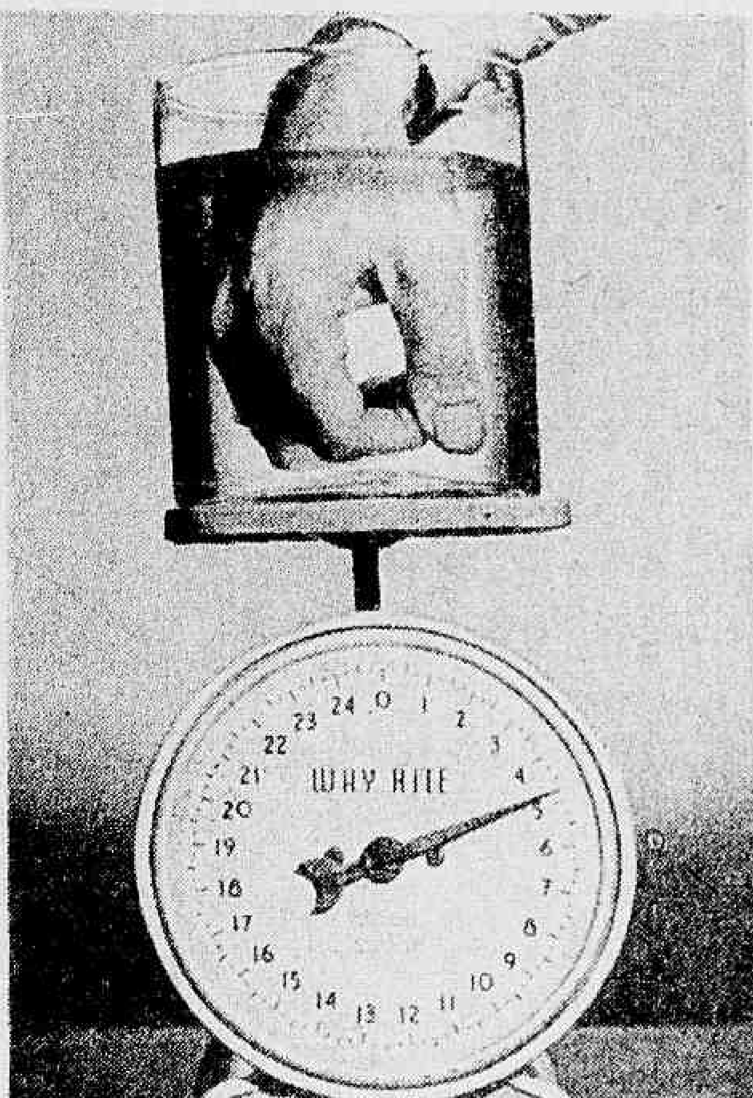
COM A PALAVRA O SÁBIO ARQUIMEDES

Há mais de dois mil anos o fenômeno do deslocamento do pêso foi explicado. Eis como isso ocorre...

SE intrometermos a mão num jarro com água, sem tocar nos bordos nem no fundo do mesmo, o jarro pesará mais?



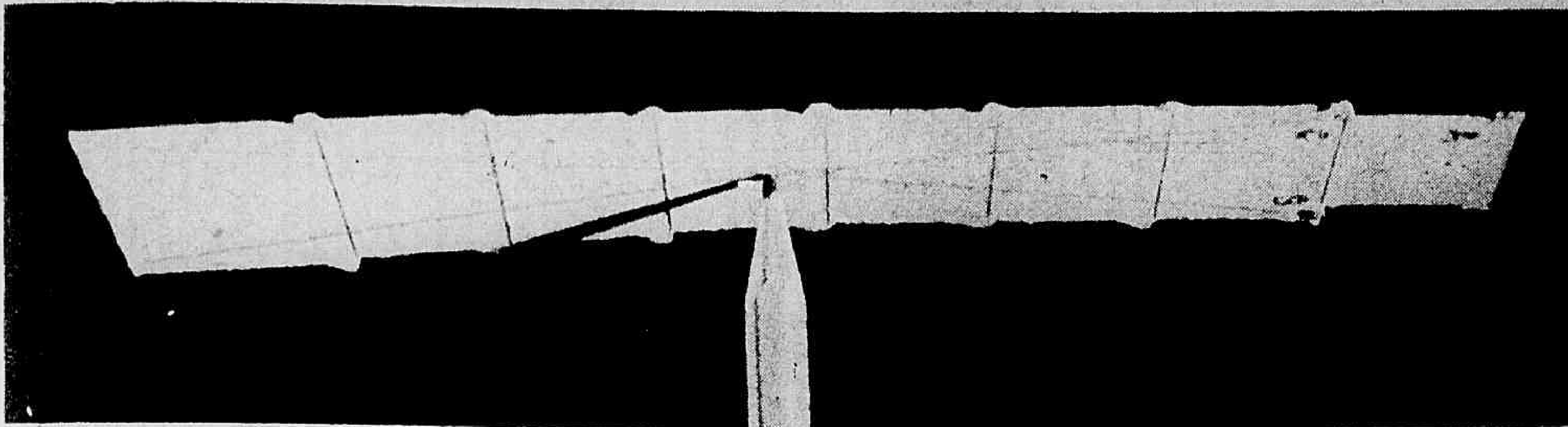
Eis aqui um vaso contendo água e cujo pêso correto é indicado pelo ponteiro da balança.



O mesmo vaso, a mesma água, mas com o líquido deslocado pela mão... e o pêso aumenta!

Se pensa o leitor que sim, como explicaria o fato, lògicamente? Colocando o jarro com água sôbre uma balança, encontrará a melhor resposta. Embora possa surpreender, o jarro pesará mais quando a mão nêle mergulhar, e isso será acusado pelo ponteiro da balança. Retirando a mão o jarro voltará a acusar seu pêso anterior.

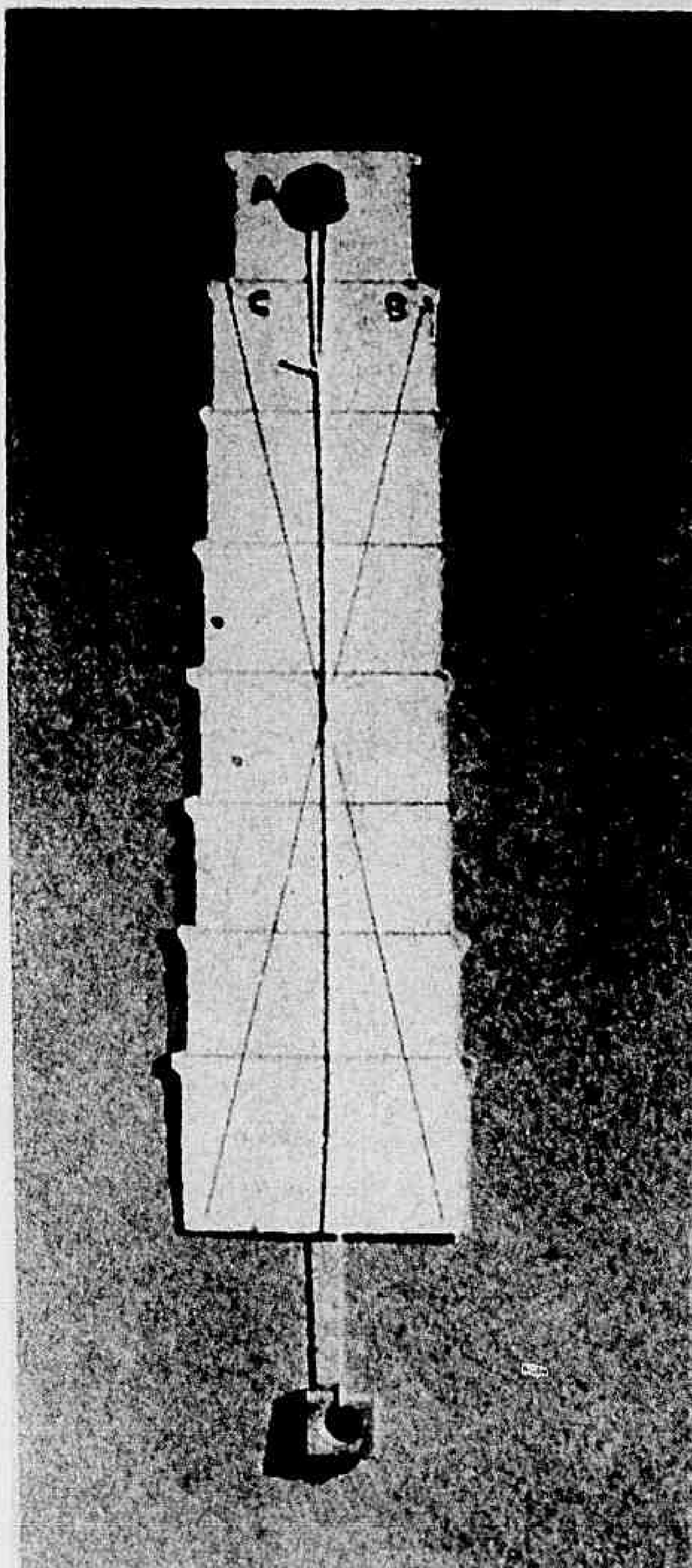
Arquimedes explicou êsse fenômeno há mais de 2 mil anos. Quando um objeto é mergulhado num recipiente contendo água, embora não tocando os bordos nem o fundo, o pêso que soma ao do conteúdo de água é igual ao pêso da água que deslocou.



Para saber até que ponto um objeto pode ser inclinado convém encontrar o seu centro de gravidade.

QUANTO MAIS FORTEMENTE UMA PESSOA PODE INCLINAR-SE SEM CAIR DEPENDE MENOS DO INDIVÍDUO QUE DO SEU CENTRO DE GRAVIDADE

OS clichês reproduzem apenas um modêlo, em papelão, da famosa Tôrre de Pisa, cuja inclinação é mundialmente conhecida (e por muitos temida). Todo grande edifício tem o seu centro de gravidade, como o resto, neste mundo. Os ônibus duplos de Londres e New York, os altos edifícios de Manhattan, que se inclinam com o vento, um automóvel fazendo curva em grande velocidade, todos têm o mesmo problema. Até que limites podem inclinar-se sem risco de cair completamente? A resposta, porém, é simples: um objeto pode inclinar sem risco de cair, enquanto uma linha reta, passando por seu centro de gravidade na direção do centro da Terra, passar pelo terior da base dêsse objeto. Êsse ponto imaginário em que podemos considerar que *todo o pêso* do objeto se concentra, pode ser localizado em qualquer objeto plano suspendendo-o (como foi feito com o modêlo da tôrre) sucessivamente de dois ou mais pontos (digamos A, B e C).

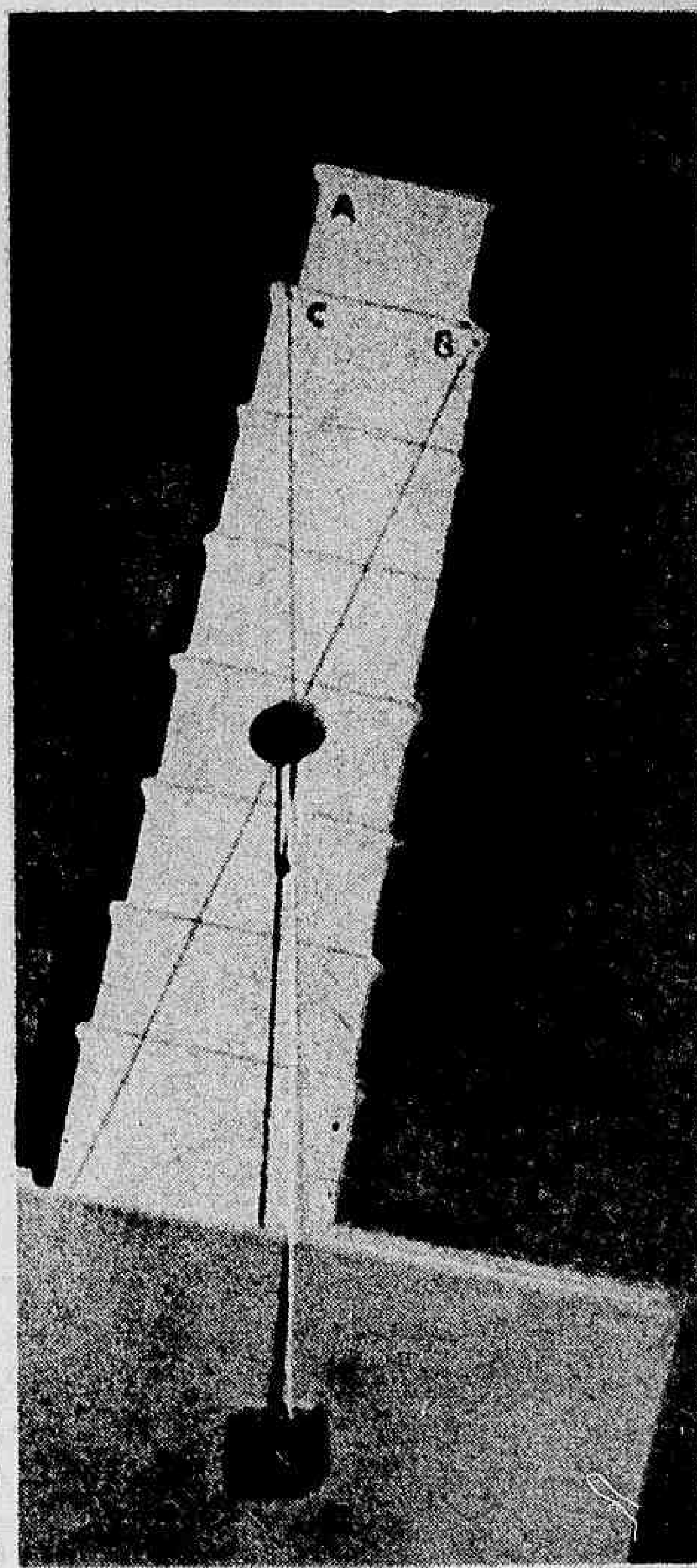


Simúlacro da Tôrre de Pisa é suspenso de dois ou mais pontos, enquanto um pêso num cordel marca seu ponto de gravidade.

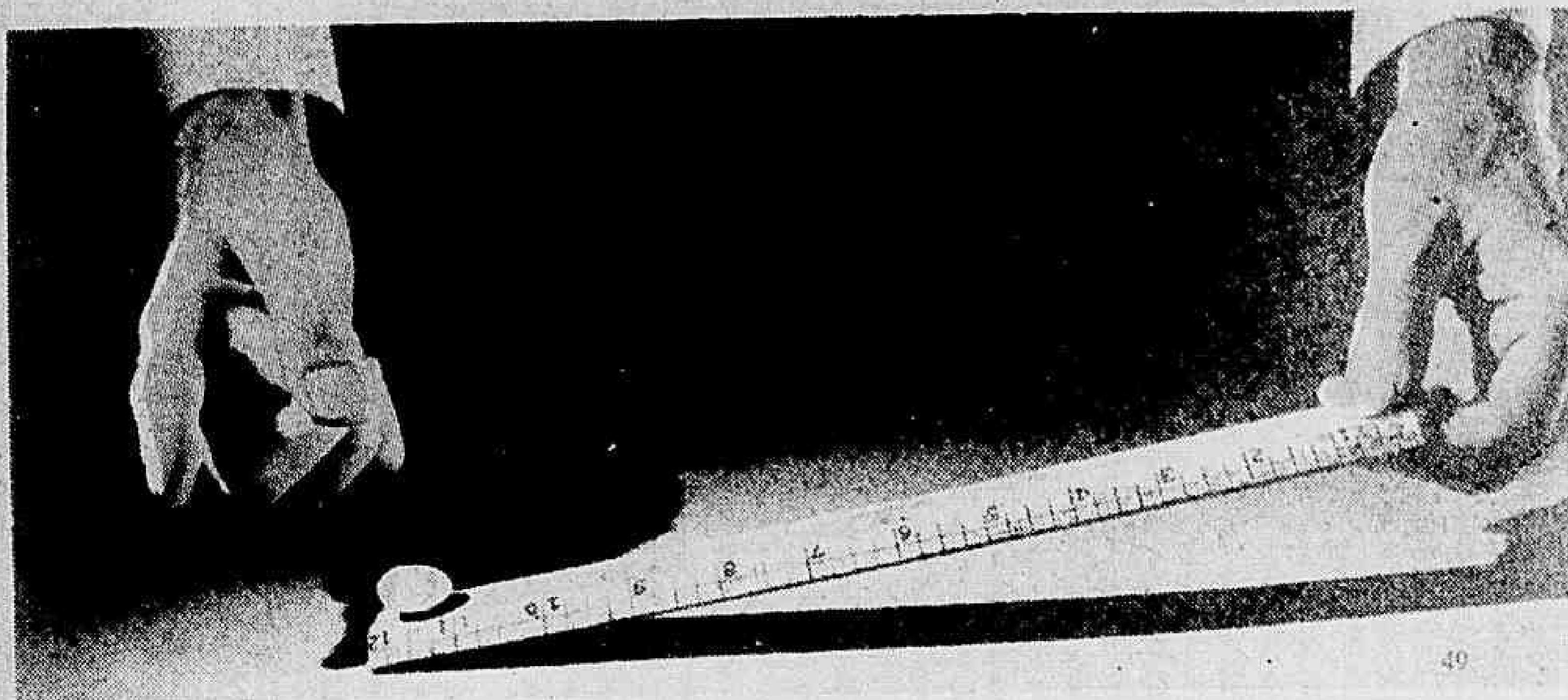
Suspendam um pêso dêsse ponto de suspensão e unam a linha no centro, até encontrar o justo ponto de cruzamento. Êste ponto marca o centro de gravidade.

Com isso poderemos saber (suspendendo, por sua vez, o objeto a uma parede) até que ponto pode êle ser inclinado sem risco de cair.

Enquanto a linha com o pêso na extremidade permanecer dentro da linha de base da tôrre, esta se sustentará. Desde que a linha desça por fora dessa base, tudo ruirá! Estudando êsse detalhe, é que os construtores de edifícios e automóveis ou navios, trabalham com absoluta segurança, fazendo suas obras perfeitamente estáveis.



Com o pêso cortando seu centro de gravidade, a tôrre não virá a cair enquanto a linha permanecer dentro da base.



Coloquem uma moeda na extremidade de uma régua e sustentem a outra ponta. A régua cairá primeiro, não há duvida nenhuma.

MAIS RAPIDO QUE A GRAVIDADE...

Nada pode cair mais depressa do que a gravidade permite? Isto não é verdade... segundo esta operação.

EIS um paradoxo de física que nem mesmo os amigos mais estudiosos da física talvez possam explicar. Ordinàriamente, nenhum objeto pode cair mais depressa do que a natural aceleração da gravidade. Mas há certas coisas que podem fazê-lo. Coloquem uma moeda na extremidade de uma régua e segurem esta última com as duas mãos a uma certa altura da mesa.

A seguir, larguem a extremidade da régua em que se encontra a moeda. Mesmo que os olhos não possam seguir a queda, o ruído avisará que a régua chegou à mesa primeiro que a moeda! A razão? Simplesmente porque, amparada no outro lado, a régua age como um pêndulo-composto, cujo centro de percussão (um ponto a um têrço da distância da extremidade livre) cai com aceleração de gravidade. A parte próxima da extremidade livre cai mais depressa, enquanto a extremidade amparada, mais devagar. Isso pode ser provado movendo-se a moeda para diferentes partes da régua e repetindo a operação. Quando a moeda está mais perto da parte livre que do centro de percussão, ouvem-se os dois ruídos juntos. Quando no centro, não há duplo ruído. Quando próxima da parte amparada, a moeda, embora querendo ir mais depressa que a régua, não pode fazê-lo.

MATÉRIA INERTE

QUANDO um objeto está parado, assim ficará, até que uma fôrça exterior venha movê-lo. Uma vez começado o movimento, êle se moverá para a frente e a igual velocidade até que uma fôrça oponente o faça parar. Quanto maior matéria êle contenha (maior massa) maior fôrça necessitará para começar a mover-se e também para ficar parado de novo.

Significativamente, Newton chamou essa tendência da matéria de mudar seu movimento "inércia" ou "preguiça". Êsse é um atributo da matéria, que não pode ser modificado pelo homem. Embora um quilo de manteiga pese muito menos na lua e nada no centro da terra, essa inércia será a mesma em qualquer outro ponto da terra. Por causa dessa inércia, um trem resfolega àrduamente ao iniciar a marcha. Também a inércia faz o trem prosseguir, ainda mesmo depois de entrarem em ação todos os seus freios, numa emergência. Quando um automóvel encontra um poste de iluminação em seu caminho, a inércia, infelizmente, teima em querer levá-lo mais além. A inércia comprime a cabeça do martelo, quando o batemos contra a bigorna.

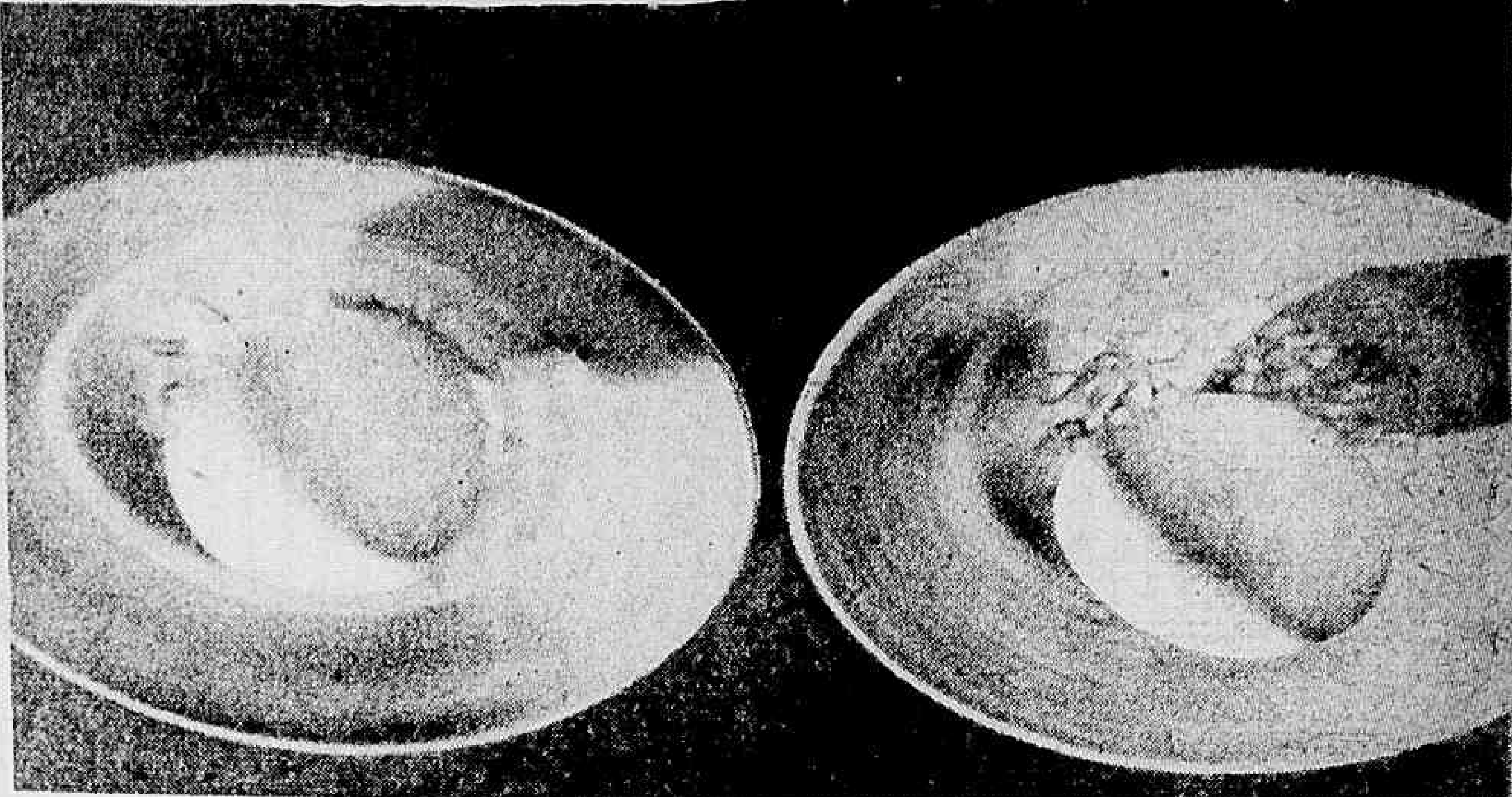


Um objeto é como um homem preguiçoso. Ficará parado, até que uma fôrça externa o mova.

Isto explica a "façanha" do moderno Hércules, no circo, no ato em que sustenta a pancada de poderoso martelo tendo no peito um poderoso bloco de cimento, em vez de aumentar a pressão, sob a martelada, o bloco de cimento, com sua inércia, forma como que um colchão de penas no peito do Hércules. Para demonstrar o princípio da inércia, suspendam um livro pesado num cordel e deixem cordel semelhante cair da base do mesmo. Apliquem o princípio e poderão quebrar qualquer cordel, apenas puxando o cordel de baixo. Para quebrar o cordel de cima, puxem lentamente e cada vez mais o cordel de baixo; o de cima sofrerá êste puxão mais o pêso do livro. Para quebrar o de baixo, dêem um puxão sêco ao cordel. A inércia impede que essa fôrça repentina atinja o cordel de cima, sofrendo apenas o de baixo.

QUANDO UM ÔVO ESTÁ COZIDO?

Se um de dois ovos está bem cozido, mas não se sabe qual dêles, é bastante fazê-los girar...



O ôvo bem cozido gira melhor que o ôvo cru, devido à fricção interna.

SIMPLESMENTE fazendo um ôvo girar, podemos saber se êle está bem cozido ou ainda cru. Coloquem-no num prato e dêem-lhe rotação. O ôvo bem cozido há de girar bem e por muito tempo. O não cozido, há de girar com "má-vontade" e dançando, logo parando. Também poderão fazê-los girar e pará-los, no meio do movimento, com os dedos. Logo a seguir, tornem a soltá-los. O ôvo bem cozido ficará imóvel, quando o largar de novo, enquanto o ôvo ainda cru voltará a rodar por conta própria. A razão está em que o ôvo mal cozido sofre fricção interna, em razão de estar a clara ainda líquida e também mole a gema. Quando parado com os dedos, o líquido interior continua a revolver, forçando a cascára a seguir-lhe o movimento. Essa fricção do líquido é usada nos compassos de marinha, sendo montado num recipiente contendo álcool e água. Resistindo pouco ao giro do mesmo, o líquido é bom amortecedor das vibrações.

O TRUQUE DA VARA

EIS um truque que parece mágica, mas que é apenas a natureza seguindo uma lei terrestre. Sustentem uma vara sôbre os dedos (vejam figuras), mantendo as mãos distanciadas. Se, a seguir, juntarem os dedos, que acontecerá? Não... A vara não cairá, em obediência a uma lei de fricção. Entretanto, um dedo não poderá deslizar ao encontro do outro, se êste não se aproximar igualmente do centro.

Se um dedo estiver diretamente sob o centro da vara, não poderá dali sair, enquanto o outro não se unir a êle.





Sustentem uma vara nos dedos afastados; juntem depois os dedos, até tocarem-se. A vara não cairá

A fricção, fôrça que resiste ao roçamento de um corpo sôbre o outro, é causada principalmente pelo movimento contrário de duas superfícies, mesmo as mais lisas.

Com duas superfícies dadas, a fricção é proporcional à fôrça que comprime uma contra a outra. Tambom e mau. Num autoinflui. O efeito da fricção é, ao mesmo tempo, bem e mau. Num automóvel e tôda espécie de máquina, a fricção gasta energia, transformando-a em calor inaproveitado.

Também gasta as partes que roçam entre si.

Por outro lado, sem fricção entre os pneus e a estrada, o automóvel não se moveria; sem fricção entre nossos pés e o chão, não caminharíamos; montanhas escorregariam para os vales, não construiríamos prédios, etc., porque pregos, parafusos e taxas não sustentariam.

Um dos problemas da ciência é o de encontrar meios de aumentar a fricção onde necessária e reduzi-la onde é indesejável.

Sonhos Perigosos

CUSTA crer que um simples livro possa prever o futuro! — resmungou Johnathan, com ar de aborrecido ceticismo.

Fechou lentamente o pequeno volume e colocou-o sôbre a mesa próxima, onde já estavam outros livros, uns mais usados que outros.

— Não é, verdadeiramente, o livro *em si mesmo* que revela o futuro — explicou seu amigo Wallace. — Apenas dá ao cérebro... digamos um certo elemento, que estimula o pensamento e, com certa habilidade do indivíduo, estimula a capacidade latente no cérebro para prever os acontecimentos que virão.

Supondo que um homem possa prever o futuro, que pode fazer para modificá-lo?

Disse e sorriu com ar de segurança e convicção.

— Não que eu creia nisso piamente, é claro... Mas foi o que me explicou o velhote da livraria.

"Contou-me, realmente, que êsses livros haviam pertencido à coleção de um estranho indivíduo, que morreu recentemente... Os parentes venderam todos os livros do falecido, sem qualquer exame preliminar. Precisavam, parece, de livrar-se dêles, para obter mais espaço ou porque, mesmo, não se interessavam por essas coisas. Achei interessante e imediatamente pensei em você.

— Sim, sim... São muito interessantes — disse Johnathan, tranquilizando seu interlocutor. — Apesar do que, imagino que o seu livreiro tenha contado essas coisas, com a finalidade nica de vender os livros.

— Hmm... Não direi o mesmo — declarou Wallace. — A ciência das probabilidades é coisa séria, não esqueça! Talvez o velhote fôsse sincero.

— Bem. Entretanto, *mesmo que um livro* — *por estranha hipnose* — *possa realmente afetar o subconsciente do leitor, como podemos afirmar que não acaba agindo, apenas, a sua imaginação do momento?*

Wallace ergueu os ombros, querendo significar que não desejava discutir o assunto e, finalmente, replicou, enquanto apanhava o chapéu: — Você mesmo decidirá sôbre isso. Mas, já sabe! Se sonhar a respeito do ganhador do próximo grande-prêmio, no Jockey, não deixe de me dizer o nome do cavalo: Adeus...

JOHNATHAN deu pouca atenção à sua saída, embora as rugas de sua fronte se vincassem um pouco mais ao ouvir a voz de Elsie, despedindo-se de Wallace, junto da porta.

Já dissera a sua espôsa, durante uma recente discussão, que não se mostrasse tão atenciosa e sorridente com o jovem e elegante Wallace, homem realmente impressionante pela bela estampa e, além do mais, incorrigível romântico. Elsie apenas rira, perguntando com ar de gracejo se Johnathan estava ficando ciumento. Johnathan ficou com o olhar parado, examinando os contornos do modesto volume pousado sôbre a mesinha elegante. Fôsse como fôsse, o que estava impresso nas páginas daquele livro, anunciado como capaz de ajudar a prever o futuro, não saía do seu

Conto de GENE L. HENDERSON



pensamento. Lançou um olhar ao relógio e verificou que tinha bem uma hora livre, antes do almôço. Então pensou, resignadamente:

— O melhor é ver logo o que diz êsse livro. Creio que poderia fazer outra coisa ou pensar fôsse no que fôsse, antes de saber. Wallace, de fato, não subestimou a minha curiosidade...

As páginas amareladas tinham realmente um peculiar fascínio, expondo uma filosofia nova e inesperada... Pareceu-lhe haver lido apenas o começo, com certo esfôrço, quando Elsie apareceu na sala.

— John! — exclamou. — Você parece estar dormindo sôbre êsse livro e até se esqueceu de que é hora de comer... Ou terá comido demais esta manhã?

— Esta manhã... — começou êle. Olhou para o relógio, mas viu apenas uma imagem vaga e branca, com pontinhos negros. Esfregou os olhos ràpidamente até conseguir ver que já passara de muito a hora do almôço. Irritado, curvou a cabeça, examinando o livro.

ELSIE riu de sua expressão consternada e aproximou-se de sua cadeira, até que seus belos cabelos perfumados lhe roçassem o rosto:

— Imagina o que Wallace planejou como uma surprêsa para você... e que pediu que eu não revelasse?

— Nunca posso saber o que vocês planejam, você e êle. Que é?

— Pois bem; vou contar: sabendo que há tempo de sobra para a nossa viagem às montanhas, e sabendo também como você adora pescar, simplesmente comprou uma pequena casa para êle mesmo e deixou-a à nosso disposição. Não é maravilhoso?

Johnathan moveu a cabeça, como se concordasse, mas estava, acima de tudo, pensando... "Então haviam agora pequeninas confidências e segredinhos entre sua espôsa e seu amigo... E por que Elsie manobrara de modo a poder estar sempre a sós com Wallace, enquanto êle próprio ficava isolado, na hora da despedida do visitante? Êle já devia ter suspeitado..."

Alguém estava chamando, agora, e tentou ouvir as palavras. Olhou em redor, procurando Elsie, para saber de que se tratava, porém seu rosto e silhueta começaram a dançar, como o reflexo na superfície de um lago enrugado pela brisa. Finalmente, ela e a própria sala pareceram diluir, diluir até desaparecer e êle ficou só, num imenso círculo de trevas, no qual a voz se tornou rolante e surda. Parecia chegar aos seus ouvidos muito rouca e retumbante... e de todos os lados. *Não parecia haver um só lugar para onde ir.* Finalmente, pareceu distinguir as palavras e compreendeu que a voz o chamava pelo nome. Tentou caminhar e então verificou que havia escorregado da cadeira, quase caindo sôbre o tapête. Viu também que era Elsie quem o chamava.

— Dorminhoco! — dizia ela. — Disse que era hora do almôço e você nem me ouviu! Que está fazendo aí, com êsses olhos muito abertos e parados?

Com esfôrço, olhou para o relógio e notou que o mesmo estava claro e distinto, voltado na sua direção.

Através de sua perturbação, Johnathan estava preocupado e também envergonhado por ter sido surprendido por Elsie naquela situação ridícula.

POUCO depois apanhava o livro, com gestos apressados, procurando saber se dormira realmente ou se o livro o induzira à auto-hipnose por algum meio estranho. Mas isso era impossível, naturalmente!

Apanhou o livro e ficou indeciso... Não encontrava a parte que já havia lido... Ou não se lembrava do que havia lido...

Mas as palavras voltavam a fasciná-lo, e logo ficou totalmente absorvido. Pareceu-lhe que mal havia lido algumas linhas, àrduamente, quando Elsie apareceu, ruidosamente.

— John! Você parece estar dormindo sôbre êsse livro... Terá comido demais esta manhã?

— Esta manhã... — começou êle quando emudeceu, recordando que essas palavras... *já tinham sido ouvidas!*

Tornou a olhar ràpidamente para o relógio e notou que estava outra vez brumoso, como da primeira vez.

Tentou dizer alguma ciosa, mas não conseguiu... Com nervosismo crescente, seu subconsciente esperou ansiosamente pelo que faria sua espôsa a seguir. Elsie

se aproximou de sua cadeira e curvou-se até que seus cabelos perfumados lhe roçassem o rosto.

Houve uma pausa, depois qualquer coisa como uma martelada o lançou violentamente sôbre o tapête. Quase simultâneamente, o espoucar de um tiro encheu seus ouvidos. E ficou a olhar, a olhar estupefato para a mancha rubra que se espalhava, manchando a sua camisa. Levantou o olhar para ver Elsie de pé, tendo na mão direita um revólver ainda fumegante... e ódio, ódio intenso nos olhos com que o fitava. Antes de que ela pudesse dizer alguma coisa, a campainha da porta tocou.

O toque da campainha se tornou arrastado e indeciso. Também Elsie — e a sala pareceram diluir, diluir, até desaparecer. Sentiu-se, a seguir, no mesmo círculo de trevas, como da primeira vez. A campainha se fêz tão pesada e insistente que quase lhe causava intolerável dor física. Pouco a pouco se amainou e cessou completamente. Então sua cabeça, lentamente, inclinou para trás...

Estava novamente sentado na cadeira, com o livro entre as mãos, quando Elsie apareceu com Wallace.

— Olá! — saudou o amigo, com ar risonho. — Está lendo o livro, pelo que vejo. Já conseguiu alguma boa previsão?

Johnathan fêz um gesto de descrença: — Como se isso fôsse possível... — resmungou.

Mas a verdade é que uma confusão crescente começava a povoar seu cérebro, enquanto procurava decifrar qual de suas "visões" era verdadeira... A primeira ou a segunda.. E essa dúvida persistiu até que chegou o dia seguinte e a proximidade da hora do almôço.



Finalmente! Ia poder ficar sentado com o livro, para ver se um dos seus dois sonhos seria repetido.

Se um dêles voltasse, então seriam duas vêzes em três. E isso daria um pouco mais de convicção... Queria ter bastante tempo para fazer a experiência e saber o que poderia haver de sério em tudo aquilo, antes de chegar a uma decisão.

Uma coisa entretanto era certa — caso tivesse que acreditar no livro e em seus poderes — o que tivesse que acontecer ocorreria imediatamente *antes* do seu almôço!'

Sentiu o tranquilizador volume do revólver no bolso interno do paletó. O bom-senso lhe dizia que era loucura acreditar nas histórias de um velho livreiro, mas uma dúvida invisível o levara a apanhar o revólver e guardá-lo no bôlso.

O livro continuava repousando entre as suas mãos paralisadas, quando Elsie apareceu ruidosamente.

— John — exclamou. — Você parece estar dormindo sôbre êsse livro. Terá comido demais esta manhã?

— Esta manhã — começou êle; mas logo parou, porque notou, com um súbito desmaio, que agora *tudo era realidade e não mais um sonho!*

Um rápido olhar ao relógio provou esta verdade — os números se destacavam, claros, nítidos e perfeitos. Com expressão de intenso alarma, olhou para a mulher, como se a visse pela primeira vez.

Elsie riu de sua expressão e aproximou-se de sua cadeira.

Os dedos de Johnathan procuraram apressadamente retirar o revólver, ao mesmo tempo que sentia a respiração dela sôbre a própria nuca. Tinha que tomar uma decisão, uma decisão imediata, pois não sabia qual dos sonhos seria concretizado...

Mas qualquer coisa o impediu, qualquer coisa que paralisava os seus dedos, a sua vontade...

Elsie, curvando-se, roçou os belos cabelos perfumados no seu rosto.

O MISTÉRIO DO CARRETEL

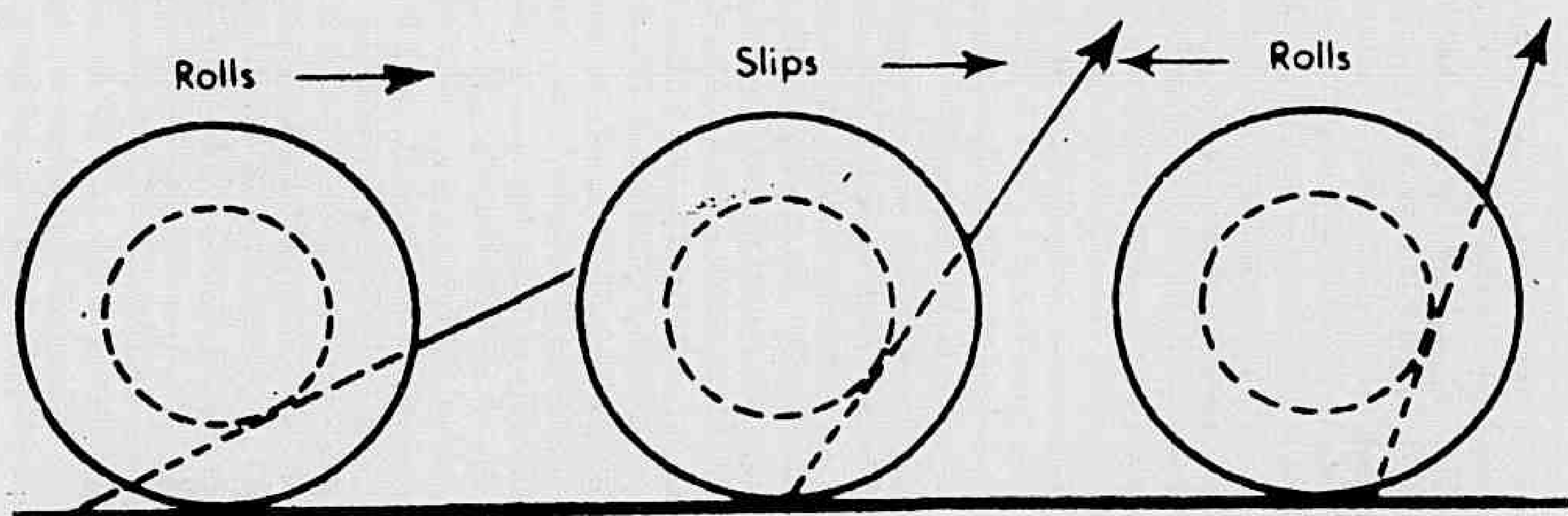
ÊSTE surpreendente truque é executado com a ajuda de um carretel de fita de máquina ou de esparadrapo, no qual se enrolou uma fita ou tira de papel. Puxando-se a extremidade da fita, como indica a gravura, podemos fazer o carretel rolar ao nosso encontro, na direção contrária, ou apenas arrastar-se, sem rolar!

Como?

Isto depende da maneira de puxar a fita de modo que o ponto de tração da linha *corte* a mesa de um lado ou de outro do ponto de contacto do carretel com a mesa ou interceda com êsse ponto, segundo o diagrama abaixo. A inclinação realiza tudo, alterando a fôrça de tração de acôrdo com o ponto de contato do carretel com a mesa.

Um simples carretel de esparadrapo pode agir «misteriosamente», para a frente ou para trás...

O leitor poderá compreender e estudar o truque, observando os desenhos.



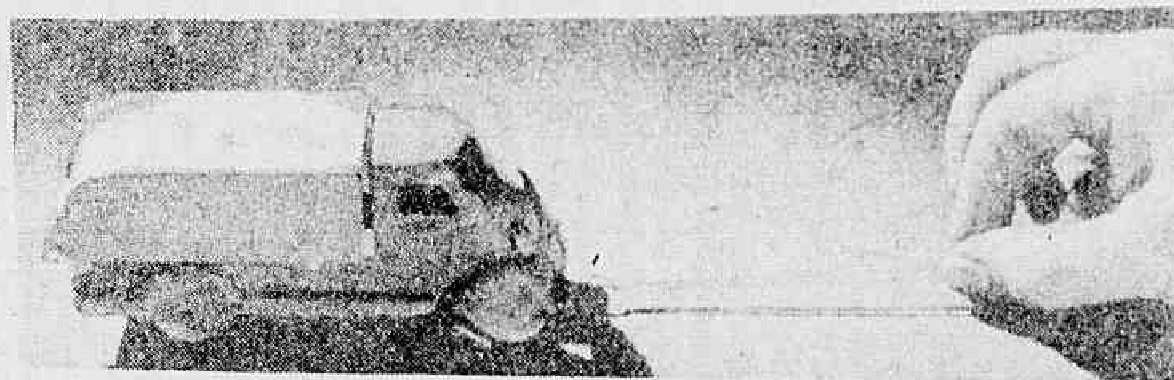
O DIFÍCIL É COMEÇAR

É mais fácil manter o movimento do que começar. A fricção e a inércia explicam o fenômeno. Por isso, o automóvel exige mais fôrça para arrancar e menos para ganhar velocidade. Um elástico e um caminhão de brinquedo explicam isso muito bem. Amarrem o elástico e pu-

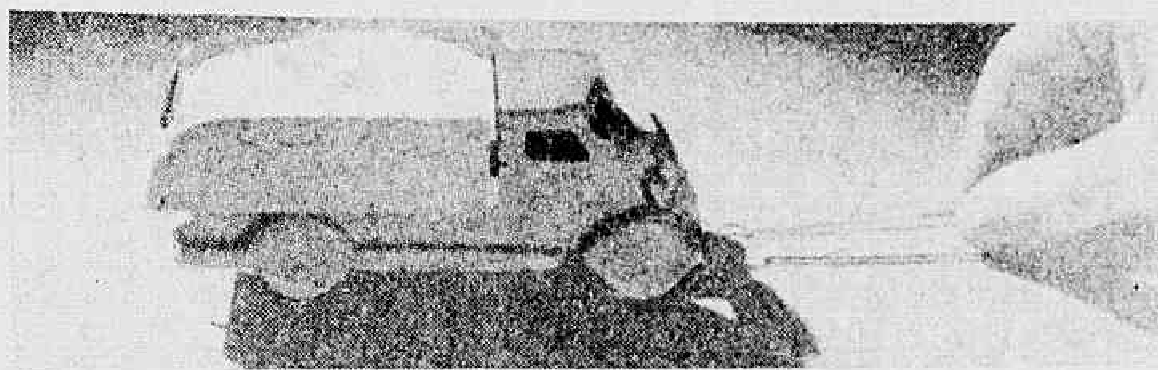



Pousem um lenço no braço, com uma ponta mais caída. A fricção inicial o conservará no lugar. Porém, baixando o braço, a inércia é vencida completamente pela fricção deslizante e o lenço tombará.

xem-no. Êste esticará muito, antes de movimentar o brinquedo. Depois sustentará a marcha sem mais esfôrço. A inércia é o que exige mais fôrça para iniciar o movimento do caminhão. É preciso fôrça para vencer a resistência do veículo parado; depois que o mesmo rola, qualquer fôrça sustenta a marcha. A segunda razão da necessidade dessa fôrça extra é a fric-



Um caminhão de brinquedo revela a fôrça da inércia. Os leitores podem notar o esfôrço do elástico.



Vencida a inércia, tudo e muito mais fácil.

ção entre as partes (maior antes de iniciada a marcha do que depois). Isto pode ser explicado colocando-se um lenço num braço com uma ponta mais pendurada que a outra.

Inclinem o braço para vencer a fricção e o lado mais pesado começará a puxar a parte restante, escorregando totalmente do braço, o que não era possível, antes, com o braço na posição inicial, incapaz de vencer a resistência da fricção.



LEMBRO-ME ainda de que, quando era criança, saí a passear com meu pai. Já havíamos caminhado um bom pedaço, e comecei a sentir cansaço. Ao chegarmos a uma pequena elevação do caminho, notei, diante de nós, uma enorme montanha escura, e próxima do horizonte, e que parecia elevar-se até ao céu.

— Teremos que subir tudo aquilo também? — perguntei, com a respiração ofegante. — Sinto que não posso. A montanha é muito grande, muito alta...

— Vamos descançar um pouco — respondeu meu pai. — Depois, caminharemos para lá e subiremos a montanha. Quando chegarmos ao cume, verificaremos que a subida não foi tão difícil assim. E tinha razão. À medida que avançávamos, passo a passo, a colina mais e mais se afastava, até que, finalmente, desapareceu. Não havia qualquer montanha; apenas a estrada, cuja elevação, quase imperceptível, eu não mais notava.

Êsse pequeno incidente ficou gravado em minha memória durante o resto de minha existência, e creio que isto era justamente o que meu pai desejava que acontecesse.

Vistos a certa distância, nossos problemas se assemelham a uma enorme elevação, quase intransponível. Mas, quando descançamos um pouquinho e caminhamos para a frente, dispostos a enfrentá-los, tôdas as negras e ameaçadoras perturbações que toldam o horizonte, desaparecem.

Lily Anderson, uma de minhas amigas, estava convencida de que sofria do miocárdio. Durante alguns meses, notei que se transformara, da alegre e agradável

pessoa que era, num tipo de mulher com as feições abatidas, olhos afundados nas órbitas e uma ansiedade nervosa estampada num dos cantos da bôca.

— Não quero acreditar nisso — disse-me ela. — Mas sou levada a tanto... Minha respiração afetada, o terrível pêso que sinto em meu peito, durante todo o tempo! São sintomas perfeitos da minha doença.

— Lily — falei, suavemente. — Só acreditarei no que me diz, depois que tiver feito um completo exame médico. Não creio em meras suposições.

Gastei semanas tentando convencê-la de que devia submeter-se a um exame. Quando o consegui, acompanhei-a a um Instituto para Cardíacos. Minha amiga estava nervosíssima, com a respiração ofegante, aumentando gradativamente o ritmo, de tal modo que cheguei a temer que ela sofresse um ataque cardíaco, antes de chegarmos ao nosso destino.

O exame foi trabalhoso e demorado e, a despeito do seu estado de grande nervosismo e de uma pulsação acelerada, ocasionada pela excitação e pelo temor, minha amiga não tinha qualquer vestígio de afecção cardíaca. Ficou apenas provado que estava com a bexiga ligeiramente afetada e que, com dieta e um pouco de repouso, além de um medicamente, ficaria curada.

Quando voltávamos para casa, Lily parecia outra mulher, completamente diferente daquela que fôra comigo ao Instituto.

— Sabe? — disse-me ela. — Êles me mostraram que os sintomas são quase idênticos. Eu, de fato, *estava* com os sintomas de uma afecção cardíaca. No entanto, o motivo de tudo é a minha bexiga, que não anda funcionando bem!

E, assim, passando por cima da pequena doença que a molestava, minha amiga voltou a ser novamente uma criatura alegre e jovial.

Ocorre-me também o caso de uma outra conhecida, Doro Hillyer. Era moça calma e pequenina, que levava uma vida metódica, dividindo seu tempo entre o trabalho de secretária em um escritório e o seu apartamento. Adorava o trabalho, mas era assaltada por um sentimento de temor constante. Que aconteceria, se perdesse o emprêgo, se perdesse a saúde e o seu dinheiro?

Certo dia, o patrão resolveu inquiri-la:

— Que está havendo com você, nestes últimos tempos?

E continuou a interrogá-la, até que ela confessou seus temores. Em consequência, durante duas semanas, o patrão de Doro auxiliou-a a obter um seguro de hospitalização e a formular um plano metódico de economias, a fim de assegurar um futuro livre de preocupações monetárias.

Existem poucos problemas, na vida, que se afiguram terríveis demais a ponto de não poderem ser resolvidos, se caminharmos firme e diretamente *sôbre* êles. Não há negar que ninguém pode esperar ter uma vida branda e suave, sem que apareçam obstáculos, desde os mais pequeninos até aos mais iemnsos. O ter que escalar uma colina é, ocasionalmente, um desafio às nossas qualidades de resistência, fôrça de vontade e determinação; é humano o hesitar um pouquinho, diante de certos obstáculos, que se apresentem em nosso caminho, e o evitar as pequenas dificuldades. Mas, se transformarmos em um hábito a transposição dos pequenos entraves que se nos apresentam, estaremos preparados para enfrentar os imensos e trabalhosos obstáculos, quando êstes se fizerem presentes. E, algumas vêzes, com o mero caminhar sôbre as nossas dificuldades, acabamos por achar que não passavam de perturbações comuns e insignificantes, das quais chegamos mesmo a zombar, depois de sanadas.



VÔOS DA FANTASIA

— Seu coração chorava, mas seus olhos, áridos, queimavam as lágrimas quando subiam para derramar pelas pálpebras. — Rebêlo da Silva

— Num teatro de Madrid, onde todo incômodo tem seu assento e todo assento seu incômodo. — Eugênio d'Ors.

— A tarde redigia páginas de luzes com ortografia colorido. — Bernardo Arias Trujillo



JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"**, obra destinada à mocidade que êle ama e à qual tão bons serviços prestou criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados (**"Regras de Harmonia", "Canto Dado em XIV Lições", "Curso de Instrumentação", "Modulação Passageira", "Sistema Trimodal Brasileiro"**). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de ler. **"MÚSICA PARA A JUVENTUDE"** está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: **Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música**. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

Preço dos 4 volumes pelo reembôlso postal: Cr$ 210,00

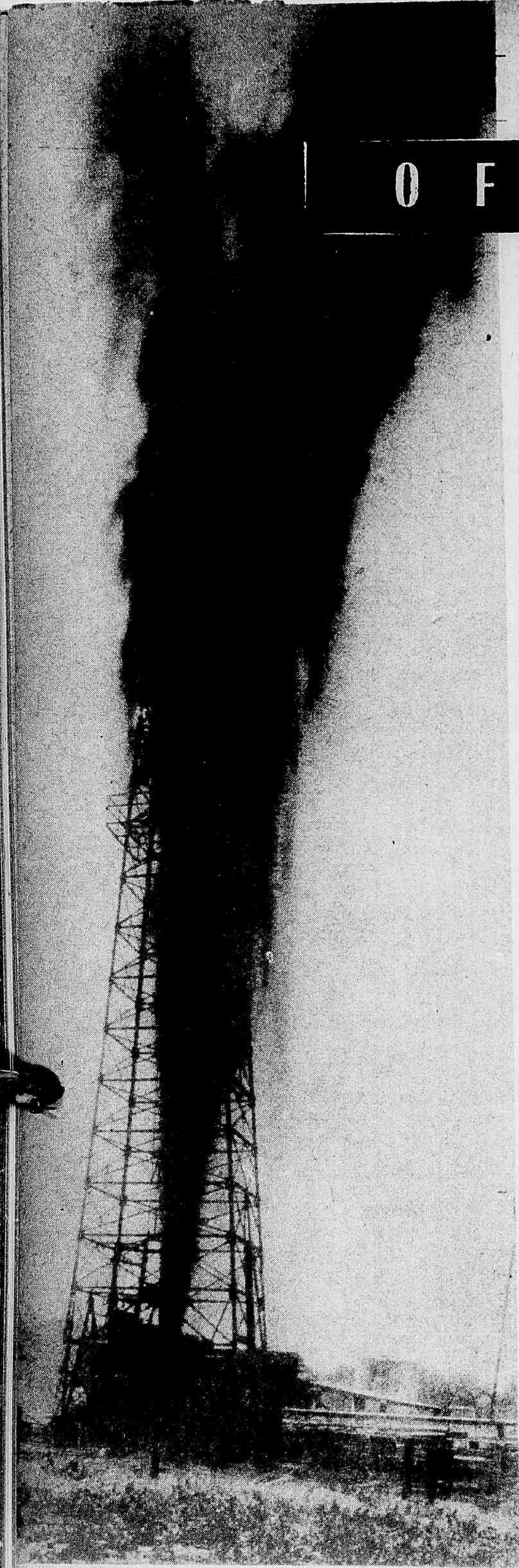
Pedidos a Rosa Paula Machado:

Av. Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856

RIO DE JANEIRO

O FUTURO DO HO

QUANDO SE ESGOTAREM OS RE
O HOMEM DISPORÁ, AINDA,



O mundo de amanhã! Embora existam os indiferentes, a grande maioria se preocupa. E um dos problemas que mais preocupam os homens e principalmente os sábios e os governos é o esgotamento progressivo das minas e outros recursos naturais como os minerais, gás e carburantes líquidos, que existem mais ou menos em todos os países.

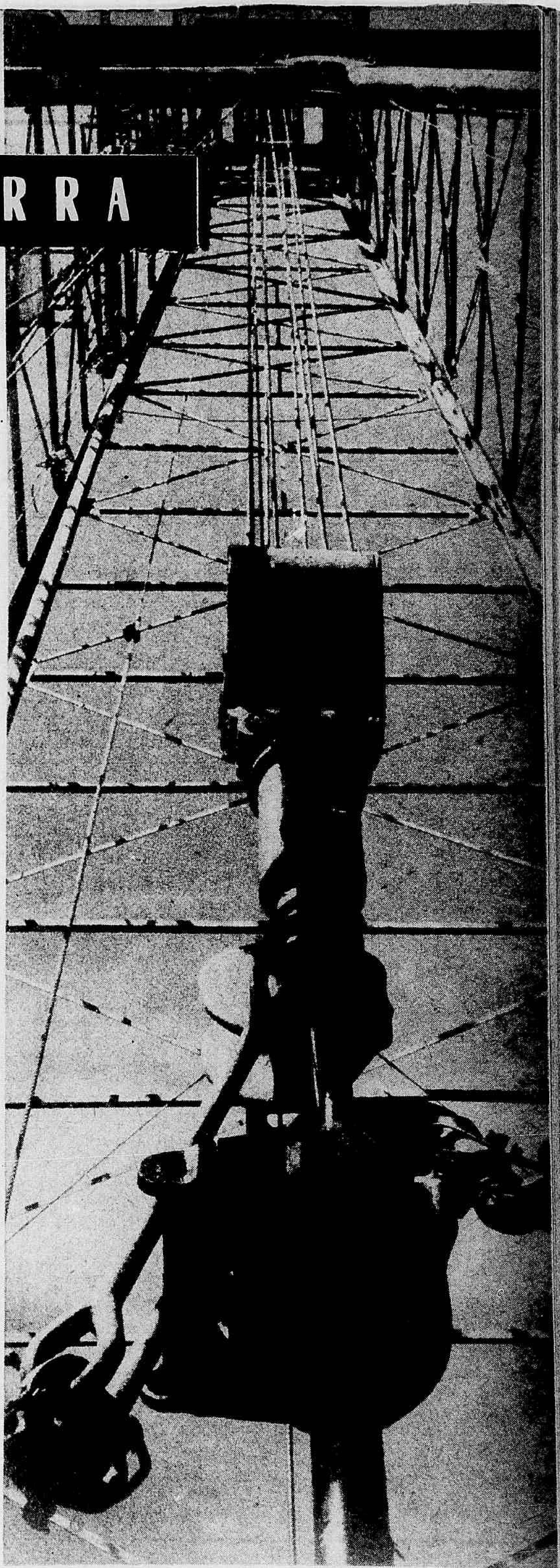
O mundo possui ainda vastas reservas de carvão, ferro, cobre, alumínio, zinco, chumbo, estanho, ouro, prata, petróleo e, em geral, tôdas as matérias-primas necessárias à sua indústria. O perigo de esgotamento total não é imediato. No entanto, a última guerra, ao obrigar a maior parte dos países a extrair das minas e jazidas, num ritmo imprevisto, alterou todos os cálculos anteriores e deixou compreender que o perigo existe, realmente, em um futuro previsível.

Os Estados Unidos, por exemplo, cujas reservas minerais e petrolíferas pareciam inesgotáveis, tiveram que empregar na guerra cinco milhões de toneladas de minerais e oito mil milhões de barris de petróleo. Em 1947, uma informação do Ministério do Interior norte-americano assinalava que os Estados Unidos tinham já, de suas reservas, apenas 8 por cento de mercúrio, 17 por cento de prata, 30 por cento de bauxita, 40 por cento de cobre, zinco e petróleo e que as mais ricas jazidas de ferro estavam quase esgotadas.

Podemos objetar que o homem ainda não conhece tôdas as riquezas acumuladas no subsolo, nem sequer as que estão à flor da terra. Todos os dias se busca, se explora, na América do Sul, na América

Os homens, dia e noite, arrancam do fundo da Terra os seus preciosíssimos recursos...

MEM E DA TERRA



CURSOS NATURAIS DA TERRA DE RECURSOS INEXAURÍVEIS.

Central, na Ásia, na África e bem assim nos Estados Unidos e na Europa, descobrindo-se novas jazidas, muitas vêzes riquíssimas.

Cabe, pois, pensar que os descobrimentos continuarão, no futuro. Porém isto não faz mais que retardar o momento inevitável em que a terra, efetivamente, não tenha mais matérias-primas para oferecer em abundância e sob uma forma fácil de tratar. Que será, então, das sociedades humanas altamente industrializadas?

Os especialistas respondem que se industrializarão ainda mais! E isto não é um paradoxo.

OS NOVOS RECURSOS SÃO INUMERÁVEIS

Sabemos, por exemplo, que a maior parte das minas que, antigamente, os gregos, os romanos, os íberos e os gauleses abandonaram, porque sua exploração já não dava rendimento, dado que o mineral extraído não era suficientemente rico para ser utilizado, voltam agora a ser exploradas. Concretamente, na Espanha, grande número de minas de chumbo e prata são antigas minas romanas. Os processos modernos permitem descer a maior profundidade que podiam fazer os romanos, e também tirar partido de minerais de proporções débeis, considerados inutilizáveis há dois mil anos.

Na realidade, segundo declaram os peritos, o temor de ver esgotados nossos recursos naturais é uma quimera. Pelo menos não se poderá falar de semelhante perigo senão depois que se tenha explo-

... mas estão sempre procurando fazer novas perfurações para atender às suas necessidades.

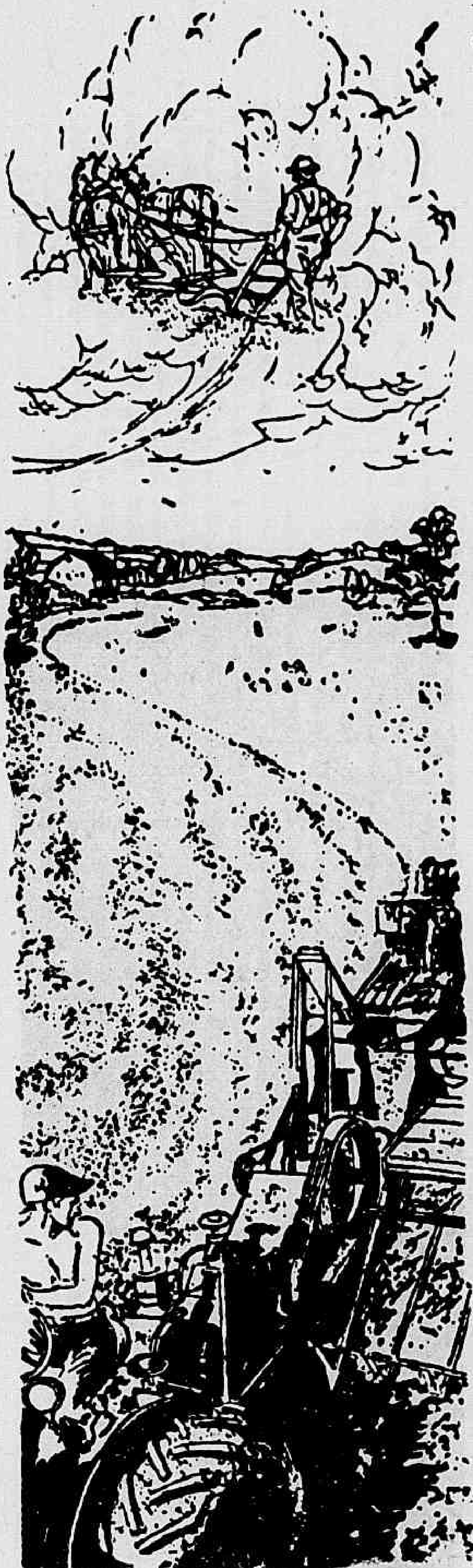
rado tôda a crosta da terra em tôda a sua extensão e profundidade, pois tôda ela está formada de materiais exploráveis.

As minas, as jazidas petrolíferas, não passam de acumulações, num espaço restrito, de um mesmo mineral, de um mesmo carburante, em estado relativamente puro. Porém a crosta terrestre está formada por 8 por cento de alumínio, 5 por cento de ferro, 25 por cento de sílice, etc. O homem, até agora, explorou as matérias-primas que encontrou reunidas em grandes quantidades, num alto grau de pureza; terá agora que abordar o problema da exploração das matérias-primas que se encontram em tôdas as partes em seu redor, porém em quantidades ínfimas e misturadas umas com as outras.

Êsse é um problema químico, industrial e econômico. Em muitos casos o problema químico já foi resolvido. De fato, já se sabe extrair em laboratórios o ouro, o ferro ou o rádio, que se encontram em quantidades ínfimas em um mineral ou em uma rocha. Porém o processo de laboratório não daria rendimento se se tratasse de extrair uma grande quantidade. E a energia necessária, além de esgotar nossas naturais reservas, exigiria despesas enormes.

A êsse argumento, os sábios respondem que até agora não exploramos senão uma parte ínfima da energia utilizável. Utilizamos a energia solar, que durante milhões de anos as plantas armazenaram (carvão e petróleo); porém não temos à nossa disposição a energia solar *em si*.

Mas já se procura usá-la de diversas maneiras.



Ontem era o esfôrço animal. Hoje a máquina exige mais carvão ou petróleo...

UTILIZAÇÃO DIRETA DO CALOR SOLAR

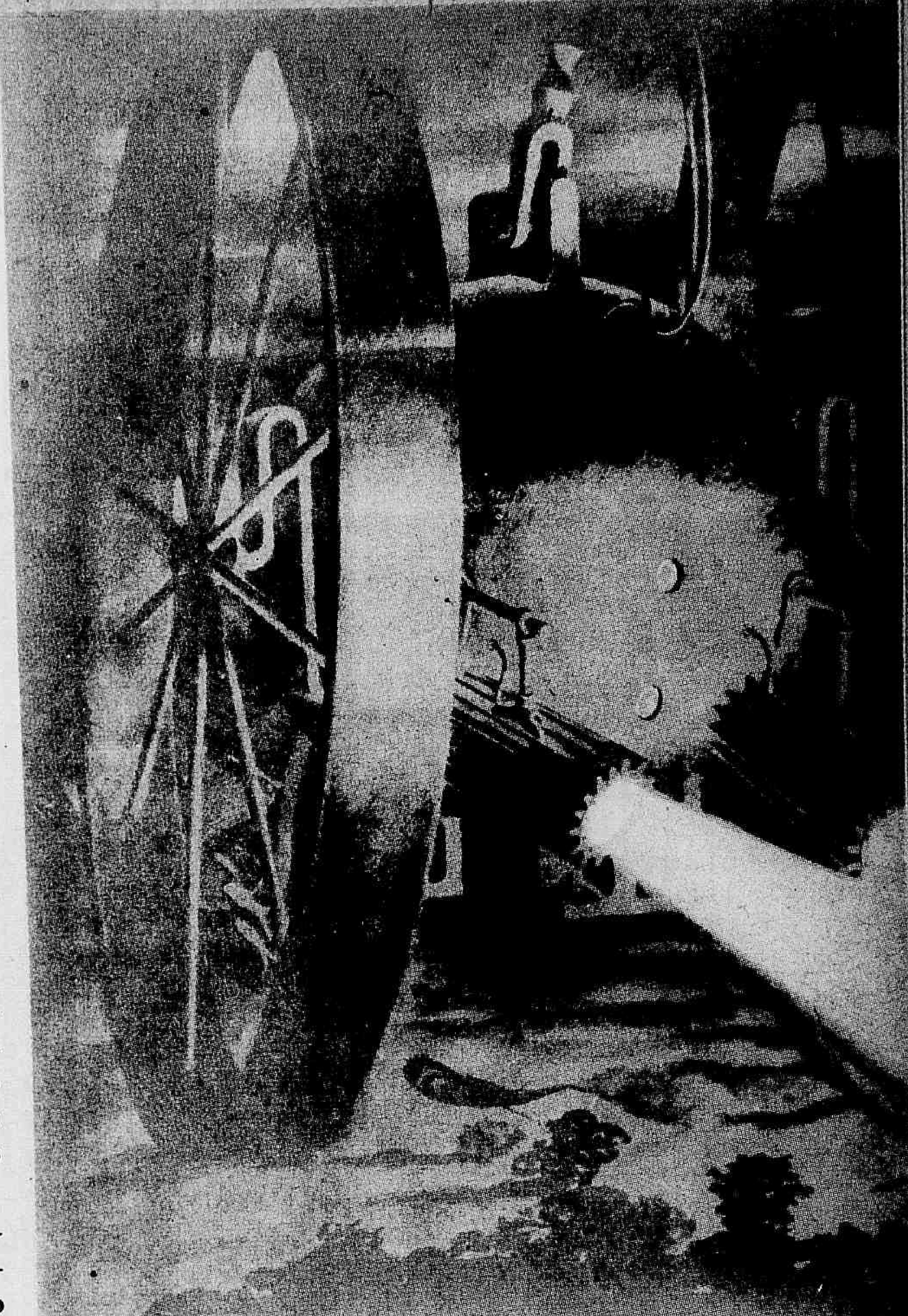
Na França já existe uma fábrica-pilôto, nos Pirineus, que utiliza diretamente o calor do sol, concentrado por espelhos parabólicos, para fundir uns cinquenta quilos de ferro por hora. Nos Estados Unidos se calculou que semelhantes espelhos, instalados nos desertos do Oeste, numa superfície inferior à metade do Estado do Arizona, seria suficiente para produzir todo o calor e a energia elétrica de que necessita atualmente essa nação.

Também se conseguiu, em laboratórios, transformar os raios solares em energia elétrica, mediante o emprêgo de células fotogalvânicas, que estabelecem uma corrente elétrica entre si, quando uma delas está iluminada e a outra escura. O processo deveria — e poderia — na opinião dos peritos, ser industrializado.

Outras experiências tiveram por objetivo procurar as plantas capazes de permitir a utilização mais eficaz dos raios solares e sua energia. A maior parte dela, inclusive as que formaram o carvão existente, só utilizam o 0,01 por cento da energia recebida por suas fôlhas. Porém a alga, chamada "chlorela pirenoidosa" utiliza o suficiente para transformar-se ràpidamente em coque, que pode ser empregado diretamente como carvão ou ser empregado diretamente como por outro lado convertido em gasolina. Um grupo de investigadores norte-americanos demonstrou que a "clorela" podia, cultivada sistemàticamente, fornecer cinquenta tonaladas por acre, isto é: um rendimento conhecido até agora. Isto significa que todo o país poderia, culti-

vando essa alga, acabar com o fantasma da escassez de gasolina.

Todos êsses processos de utilizar a energia solar e as que ainda estão por ser descobertas, como a utilização térmica dos mares, das marés, do vento, etc., deveriam, portanto, converter em realidade a exploração econômica de qualquer ponto do solo e do subsolo.



E os homens já pensam em construir uma batisfera que seja capaz de rolar livremente pelo fundo submarino.

DESCOBRIMENTO DE NOVOS PRODUTOS

Essa exploração será acompanhada, forçosamente, segundo os peritos, de descobrimentos de produtos novos ou, mais exatamente, de matérias-primas que até agora se consideravam inutilizáveis. A bauxita, por exemplo, por muitos anos foi considerada uma argila sem valor, até que se descobriram processos de extração do alumínio.

O volfrâmio, as rochas radioativas, também eram consideradas sem valor até ao século passado. O titânio, com o qual se fazem, hoje, aleações leves e resistentes, não interessava a ninguém porque sua fundição exigia uma temperatura elevadíssima. A areia ainda não tem grande valor. Porém a química moderna emprega a areia para extrair o sílice e, compondo-o com oxigênio e hidrogênio, fabricar lubrificantes.

O princípio que deve inspirar aos investigadores atuais é que sôbre a terra não há nada que possa ser considerado inútil. Tudo, realmente, pode ser considerado útil, pois que transformado em matéria útil ao homem. É bastante encontrar os processos próprios para isso.

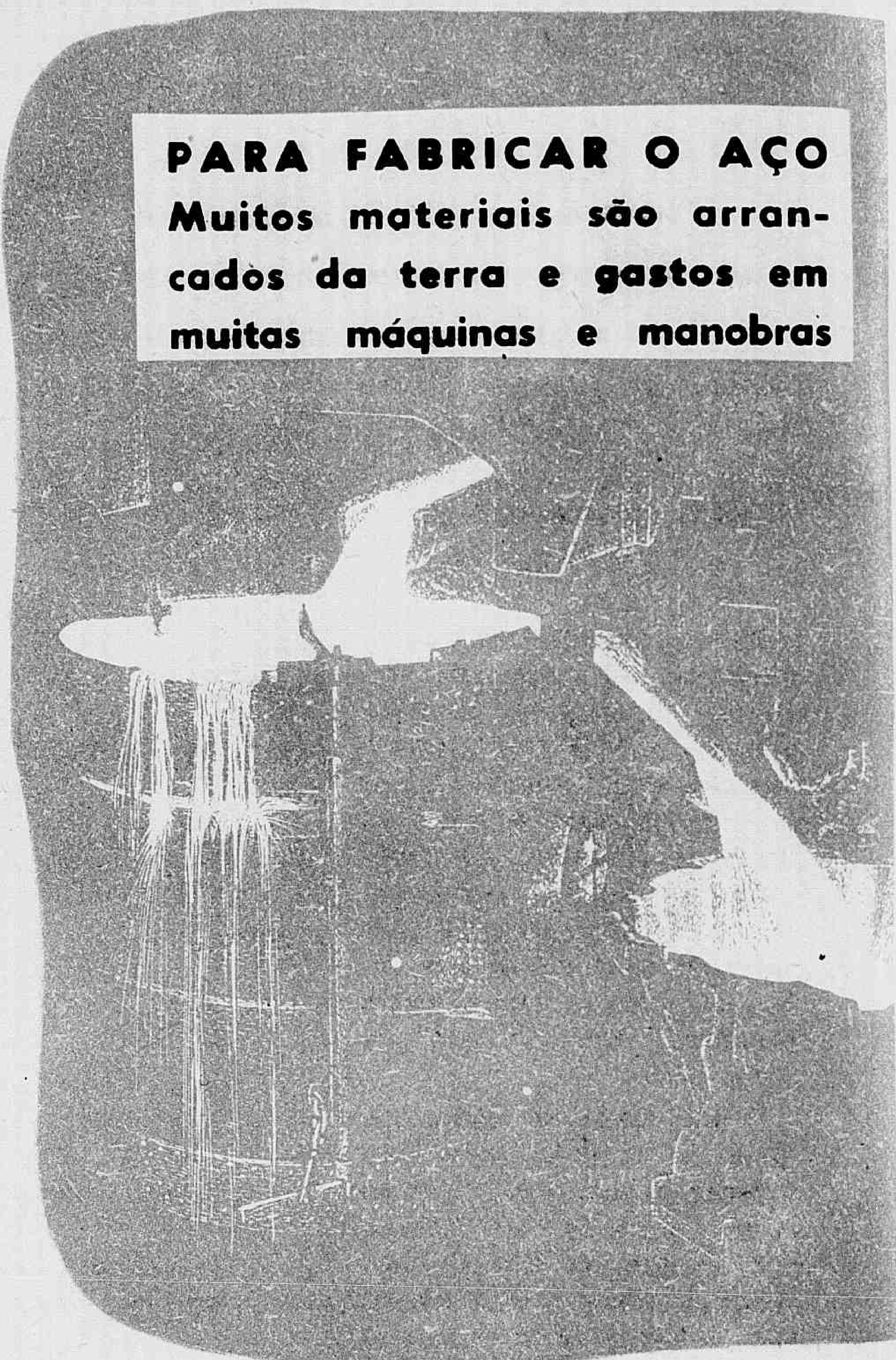
Êste princípio se estende aos mares e aos oceanos, vastos depósitos de todos os metais, embora os mais raros. O oceano contém oito milhões e quinhentas mil toneladas de ouro e os rios continuam arrancando, anualmente, toneladas dêsse metal das terras por onde correm. O oceano contém, além do mais, cêrca de dois milhões de toneladas de urânio, isto é: o suficiente para fornecer energia atômica ao mundo durante milhares de anos. Encerra mais de dois quilos de magnésio por tonelada de água; durante a segunda grande guerra, todo o magnésio de que necessitaram os exércitos aliados foi fornecido por uma fábrica instalada no Texas, que o extraía da água do mar. A mesma fábrica extraía também da água

do mar o bromuro que contém.

RECUPERAÇÃO ELEVADA AO MÁXIMO

Finalmente, a aplicação do mesmo princípio deve levar os investigadores e os engenheiros a idear fábricas nas quais nada seja desperdiçado.

Calcula-se que, atualmente, mais da metade de nossos recursos naturais se perdem em forma de fumaça, de água evacuada e de detritos. No entanto, sabemos que existem já hoje cidades cuja calefação é alimentada com o lixo das casas, que se recupera em um grande número de indústrias — a do petróleo em particular — sendo utilizados com fins diversos os resíduos produzidos pela extração e refinaria do produto principal. As indústrias de subprodutos são uma parte importantíssima dessas economias. Esta recuperação deverá ser levada ao máximo.

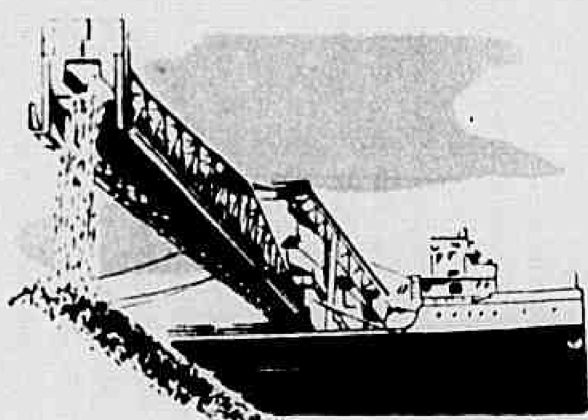


O problema da utilização química já está sendo resolvido desde há muito tempo; resta resolver, apenas, o problema econômico. Por exemplo: o hidrogênio que se forma na fabricação da soda cáustica, e do cloro, perde-se no ar porque as fábricas que poderiam utilizá-lo não estão próximas do lugar. Estas são apenas razões de tipo econômico, que levam uma fábrica a perder os resíduos de extração as águas das lavanderias, os ácidos já utilizados, etc.

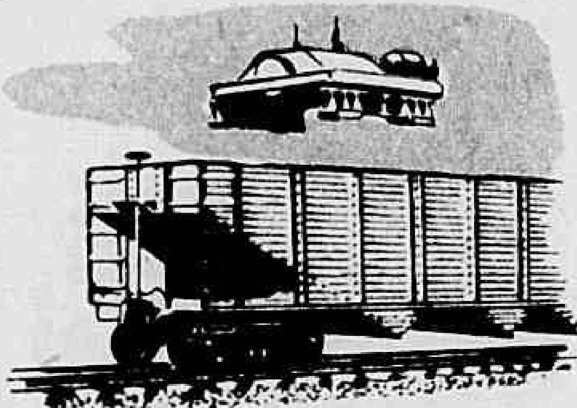
Seria mais caro utilizá-los, nessas condições, que deixar que se percam. Porém, o descobrimento de um processo econômico de utilização, a construção de uma fábrica que empregasse êsses resíduos próximo da indústria principal, seria suficiente para mudar o aspecto financeiro do problema.

Tendo em conta os progressos que a ciência realizou em menos de um século, não podemos dizer que êsse programa científico seja uma fantasia. Poderá ser, quando muito, otimista, embora não do ponto-de-vista científico, mas do ponto-de-vista humano.

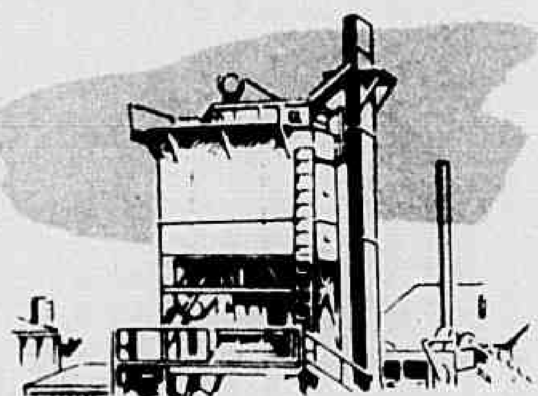
A experiência nos demonstra que o homem só se aplica sistemáticamente à resolução de problemas dêsse gênero, quando há uma guerra.



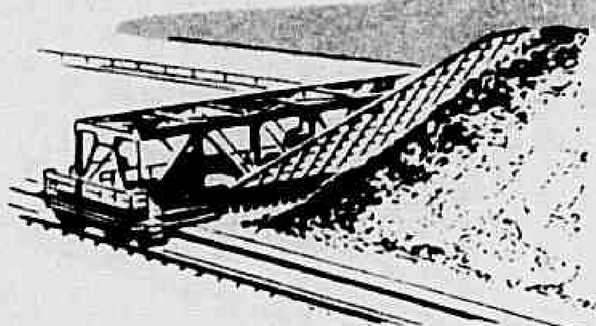
Carvão e navios . . .



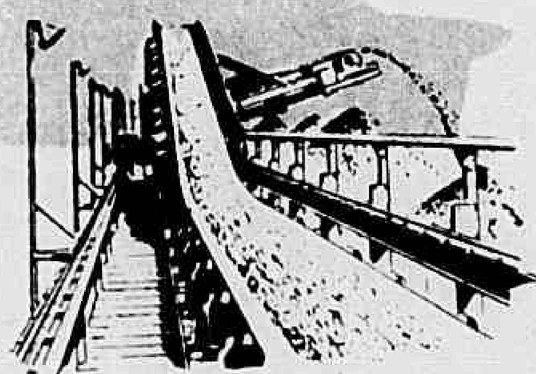
ou trens . . .



Altos fornos. . .



Extração de minérios . . .



Transporte de manganez, coque, pedra calcárea, etc.

No entanto, devemos aceitar com alegria e com reconhecimento projetos que tenham por finalidade, não a guerra, mas a melhoria da vida material.

Nesse campo, aliás, os recursos são múltiplos, restando, tão sòmente a necessidade mais premente, como uma guerra (não desejada, é claro) ou a compreensão de que mais vale um esfôrço maior e decidido, agora, em tempo de paz relativa, do que aguardar que a situação volte a ser de aperturas, como em 1914 e 1939.

Riquezas incontáveis são perdidas diàriamente, a cada hora e a cada minuto, na fabricação de produtos principais, para os quais dedicamos tôda a atenção, desdenhando os subprodutos e também as energias que sobram.

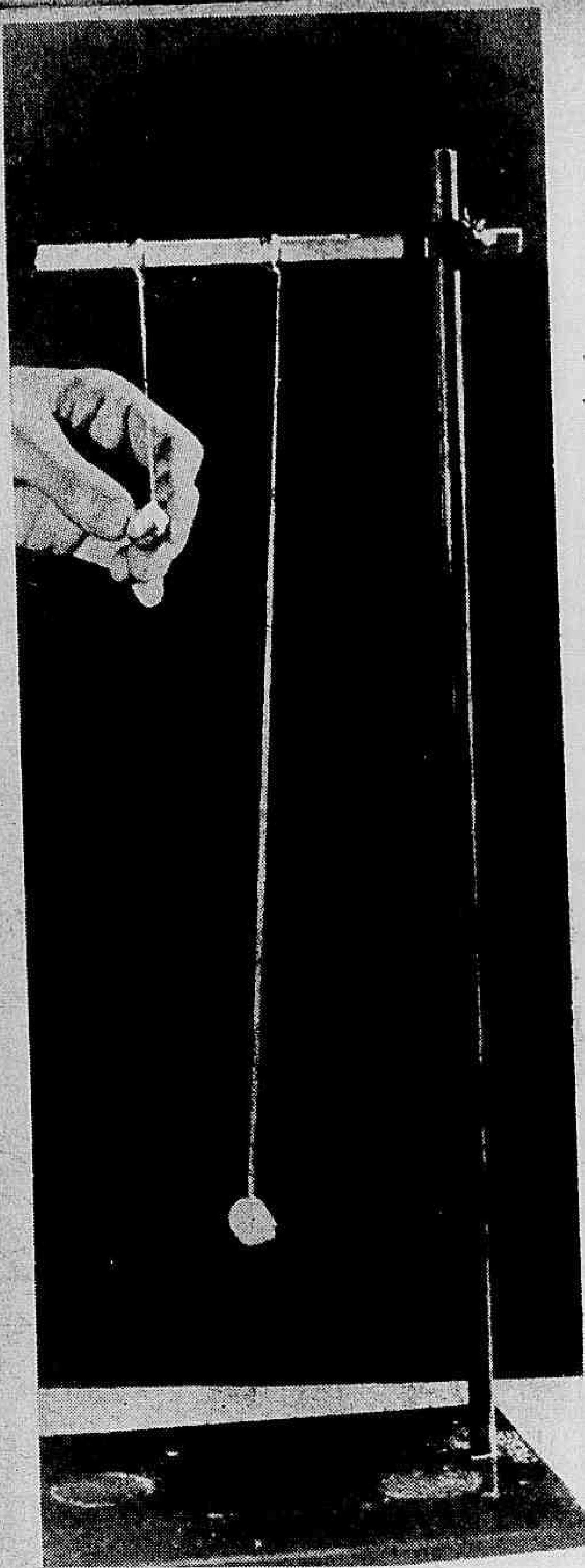
Em todos os aspectos da indústria sobram resíduos que, por si sós, seriam a base de outras tantas produções, mais baratas e utilíssimas.

Em muitos setores essas riquezas menores já vêm sendo aproveitadas, ao contrário do que se fazia há dez e vinte anos. A idústria do açúcar foi uma das que primeiro teve o prêmio do aproveitamento do bagaço da cana, industrializável em alto grau. Também o café, antes explorado ùnicamente para bebida e medicamentos, tem hoje variadas aplicações industriais, como o próprio trigo e outros artigos, que viram seu aproveitamento atingir quase cento por cento, quase nada ficando perdido.

A fôrça-motriz também é desperdiçada numa porcentagem representando fortunas fabulosas. Os técnicos, já agora, estudam novas aplicações das sobras, novos processos de maquinaria capazes de aproveitar todo o rendimento dos motores, sem esquecer a própria fumaça das caldeiras, do carvão, da lenha, etc.

No dia em que os técnicos, atiçados por uma necessidade dramática, reunirem seus esforços no sentido do aproveitamento total das fôrças que tratam todos êsses diversos materiais e principalmente saibam extrair dêstes últimos tôdas as suas bondades úteis à Humanidade e à sua crescente necessidade, o desgaste das jazidas, o desperdício cego dos produtos jacentes, sofrerá salutar redução e o rendimento será bem superior ao da atualidade. Não apenas os técnicos engenheiros, não apenas os químicos serão chamados a resolver o crucial problema. Também os financistas, encarregados de encontrar o ideal econômico-financeiro em que se baseiam êsses estudos e suas aplicações práticas.

COMO TRABALHA O PÊNDULO



O pêndulo de trinta-e-nove polegadas gasta um segundo para uma oscilação completa; outro mais curto, gastará menos tempo.

O movimento do pêndulo tem ajudado o Homem a marcar o tempo nestes trezentos últimos anos, porque seu movimento é absolutamente constante, segundo o notou Galileu, quando o cientista tinha apenas dezenove anos, em 1583, quando orava na catedral de Pisa e sua atenção foi despertada pelo movimento de uma lâmpada, que balançava após ser acesa.

Galileu começou a contar as oscilações pela batida do próprio pulso e, assombrado, verificou que o tempo exigido pela lâmpada para cada movimento era exatamente o mesmo, desde o início do movimento até ao instante de parar.

Mais tarde, descobriu que o tempo de balanço do pêndulo nada tinha que ver com o seu pêso ou material, mas sim com a proporção da raiz quadrada do seu comprimento.

Em 1641, já cego, ditou para seu filho a descrição e desenho do primeiro relógio de pêndulo. A regularidade do pêndula é devida à constante aceleração provocada pela gravidade e, dentro de certos limites, o comprimento do balanço (amplitude), não altera o tempo.

Com dois cordéis e duas bolas de "gude" suspensas de barbantes o leitor pode conhecer êsse princípio.

Preparem um cordel com 39 polegadas e o pêndulo se moverá de um para outro lado, em quase exatamente um segundo. O comprimento do barbante altera o tempo de movimento, segundo a vontade do operador.



FILHA E NORA

Carmen: — Como vai tua filha casada?

Matilde: — Esplêndidamente! O marido é muito atencioso. Comprou para ela um automóvel e conseguiu uma excelente governanta para os meninos. Minha filha se levanta às 11 horas. Até ao meio-dia cuida, apenas, da sua *toilette*. Depois do almôço sai para visitar as lojas de modas e tomar chá com as amigas. À noite, meu genro leva-a a teatros e *boîtes*...

Carmen: — Que ótimo! E teu filho?

Matilde: — Oh! O coitado teve pouca sorte! A mulher é uma preguiçosa. Exigiu que êle lhe comprasse um automóvel e quer uma governanta para os meninos. Minha nora se levanta às 11 horas. Até ao meio-dia só se ocupa com ela mesma. Depois de almoçar, sai de casa para percorrer as lojas de modas e, depois, acaba o resto da tarde conversando tolices com as amigas, nas casas de chá. E, à noite, ainda arrasta meu pobre filho, para teatros, cinemas e *boîtes*... Tudo muito lamentável!



PROVÉRBIOS INDIANOS

— Raro é encontrar uma trilha aberta para a árvore que não dá fruta.

— Se ouves dizer: fiquemos aqui mesmo, podes estar seguro de que o que falou não está sentado sôbre um formigueiro.

O INSTANTE QUE UM ÊRRO ABSURDO, CONSIDERA COMO UM FIM. (É o comêço de uma corrida de obstáculos).

O GUIA DO AMOR

SEGUNDO A IGREJA DA INGLATERRA...

ENHORES. Acaba de ocorrer um fato espantoso! Todos os jornais do mundo publicam, no mínimo uma vez por semana, artigos mais ou menos justos, mais ou menos bem informados sôbre as razões que podem unir ou separar os dois elementos de um casal. Não é novidade, portanto.

Mas, eis que a Igreja da Inglaterra — a *High Church* — a mesma da Rainha, a que reúne as altas personalidades do reino, sente que já é hora de fazer alguma coisa, a fim de assegurar o êxito de um maior número de casamentos. É, de fato, uma grande novidade, principalmente da maneira como foi feita.

Sem dúvida, existe em tôdas as livrarias um certo número de livros que tratam em tom elevado dos deveres dos cônjuges. Talvez sejam redigidos com excesso de cuidado e dignidade e proponham aos cônjuges atos de bondade e de desinterêsse que só mesmo um S. Francisco de Assis poderia seguir com regularidade. Talvez,



A SENSAÇÃO QUE NUNCA DEVE SER DADA AO HOMEM — (Sem o que êle poderá vir a tomar «liberdades» — ou mesmo a «liberdade»)

"O LIMIAR DO CASAMENTO"...

... e tôda a vez em que um casal fôr abençoado numa igreja, o sacerdote entregará ao mesmo um exemplar (a seis *pences*), escrito em estilo popular e cujo autor é um sacerdote desconhecido.

Foi impresso, pela primeira vez, sob outra forma, há 17 anos, sendo entregue a 250 mil casais! Desta vez, toma forma definitiva e contém o que nenhum outro livro editado conteve até hoje: *um estudo sôbre a biologia humana, informações de ciência sôbre o tema sexual, conselhos para a lua-de-mel, para o emprêgo dos lazeres, que constituem perigo muito sério para a separação de um casal e, ainda, um estudo muito franco do contrôle racional dos nascimentos!*

. Ora, quando os bispos inglêses se ocupam oficialmente dêsse assunto, é tempo de pensarmos nêle também.

POR QUE A MULHER CHORA? — indaga êsse pequeno livro. A explicação é muito simples: *porque nem o homem nem a mulher procura compreender o que o outro pode sentir! A mulher reage, então, por meio das lágrimas*. E o guia, tipo metropolitano, dá as *explicações*:

"— As emoções de uma espôsa, em regra geral, são despertadas mais depressa que as do homem. Ela ri mais depressa, como mais depressa pode chorar."

"— Um homem — diz o texto preparado pelos religiosos inglêses — tende a ser absorvido por certos interêsses princi-

enfim, tenham sido redigidos de uma forma um tanto solene, ao passo que a Igreja da Inglaterra adotou resolutamente a forma mais moderna de um "Guia da Cidade" ou de um "Livro de Receitas".

Dá conselhos para o casamento, exatamente como os ministérios inglêses editam constantemente pequenos volumes sôbre o Uso do Gás, as Economias de Eletricidade, as Necessidades das Alfândegas, etc.

O livro se intitula:

país, e está quase sempre fora de casa; desde que não lhe falam dêsses interêsses, mostra-se aborrecido."

Como isso é profundamente exato! Como é verdade, por exemplo, que, num domingo, no seio das famílias burguesas ou quando há reunião para jogar cartas ou se vai a um passeio campestre, em grupo, os homens se separam para um lado e as mulheres para outro, como fariam uma matilha de cães orgulhosos e um grupo de gatas nostálgicas.

É bem raro que um homem fique no meio das mulheres. Mais raro ainda que uma mulher ouse ficar no meio dos homens. (Tôdas as outras a olhariam, então, como a uma *Vamp*, uma espécie de espiã, uma traidora.) Quanto ao homem que se diverte entre as mulheres e que as compreende é muito raro. De uma maneira geral, os homens continuam a falar de política ou de esporte. E o cúmulo é que acreditam que as mulheres só falam de vestidos, quando conversam sôbre teatro, literatura e outras coisas elevadas. Por isso, êles as consideram simplesmente *frívolas*...

Que pode haver de mais frívolo que a preocupação de muitos homens sôbre os assuntos de política? Afinal, um vestido é uma realidade, enquanto que as idéias de um ministro...

Em todo caso, um fato é certo: a imensa maioria dos homens casa para ter um lar, isto é: uma escrava e um par de chinelos. *E isso é o início imediato de um divórcio sentimental, porque a mulher, se é normal, não tem outro prazer senão o de se submeter e de servir um homem; mas desejaria que êsse homem fôsse seu herói...*

Já se disse — muito antes dos bispos inglêses, aliás — que nenhum homem era um herói para o seu criado de quarto. Com mais razão ainda restam para o estudo dêsse homem muitas zonas ignoradas por seu criado de quarto. Como pode, então, ser um herói para sua espôsa? Se ela é inteligente, logo o *adivinhou*, da cabeça aos pés.

É mais que notável que Napoleão, cuja inteligência não pode ser posta em dúvida, não tenha jamais compreendido Josefina e não muita coisa de Maria Luísa e que



Tudo deve ser feito com a mesma harmonia e cautela com que começam, cortando o bôlo nupcial.

tenha dito ao Marechal Bertrand, em Santa Helena, falando de Josefina:

"*— Ela me compreendia perfeitamente.*"

Se Napoleão passa por um homem de gênio e Josefina de Beauharnais por uma criatura medíocre, e se, num casal assim, é a mulher quem compreende *antes* do marido, que pensar dos outros casais?



— Você deve arranjar argumento melhor, que dizer que não tem dinheiro.

HERÓIS BEM DIFERENTES

Não podemos esperar que um homem se mostre heróico a... jato-contínuo! Outrora êle saía da caverna, pela manhã, a fim de caçar as feras. E, em redor do fogo (que bem merecia o nome de lareira), o fruto do seu esfôrço. Hoje, infelizmente, o homem não sai de casa para caçar feras com um bordão. Caça simplesmente cheques e é com êles que leva para o lar, agora eletrificado, as peles que a espôsa deseja.

Caçada muito mais dura, esta de hoje; e, por isso, se a escolha não foi má e se, realmente, êle se esforçou, que ela perdoe ao desgraçado se estiver fatigado! *Se não se sentir com ânimo para sair de casa!*

Conhecemos casos interessantes, como o de um grande industrial que levava uma vida duríssima o dia inteiro, discutindo negócios com adversários difíceis e voltava à noite a casa para ouvir a espôsa dizer: — *Fulano, vista o "smoking". Vamos jantar fora!*

Conhecemos também uns três ou quatro que *evoluíram*, naturalmente, *para outras companheiras*. Mas não pensem que procuraram "vedettes" dos teatros de variedades. Preferiram boas e tranquilas burguesas, que lhes dizem:

— Repousa, meu querido...

E oferecem-lhes camomila e um par de bons chinelos.

SABER REPOUSAR O GUERREIRO

O livrinho dos bispos inglêses segue êsse raciocínio, quando diz: "Se um homem está fatigado ao voltar para o lar; se não se interessa pelos pequeninos assuntos da casa senão depois de haver recebido sua refeição, não o chame de bruto e indelicado ou desagradável. Dê-lhe de comer e de beber... e três quartos de hora depois, terá um homem muito diferente e agradável..."

Como isso é verdade! E surpreende que tão grande número de mulheres não compreenda essa verdade elementar. Pois se êsse homem, mau grado seus belos discursos e suas poéticas pretensões do período pré-nupcial, acreditou intalar-se por tôda a vida e se foi preciso, de início, assegurar as necessidades de uma vida material bem estudada, a espôsa deve harmonizar com o seu jeito. Tem, ao menos, a obrigação de se mostrar esforçada, nesse sentido.

Um profundo pensador disse: *"O rouge nos lábios não tem mais graça quando o assado está sempre frio"*.

Infelizmente, quando êle passa a pensar ùnicamente no jantar, que esteja sempre pronto, e nos chinelos, sempre à mão (e é a imensa maioria dos casos) ela o despreza obscuramente e procura o cinema, a fim de vibrar diante de um Errol Flynn ou outro herói substituto.

ERSATZ: O CINEMA, O ROMANCE

Até o dia em que encontre em sua vida outro homem que excite sua imaginação, seu senso de romance e não lhe fale mais em chinelos! Eis quando o marido está ameaçado. O *handicap* da depoetização, da vida comum, demasiadamente comum, vai pesar fortemente sôbre a espôsa e êle.

Na Inglaterra, como em tôda parte (e aqui o guia dos Bispos é precioso) não dão grande importância à continuação da lua-de-mel. Se a união física é perfeita (nenhum livro brasileiro religioso ousaria jamais abordar êsse problema essencial, que os inglêses não desprezam) restará ainda a obrigação de prolongá-la e será preciso, principalmente — afirma o livro em questão — manter essa espécie de *cumplicidade romanesca*, que deve durar, entre os esposos *e que é pròpriamente o Amor!*

A SOGRA EXCELENTE... VISTA DE LONGE

Coisa curiosa: o livro não hesita em abordar a questão das sogras — e da maneira mais pejorativa.

"A guerra que lançou nos braços um do outro enorme quantidade de sêres que não deveriam jamais contrair matrimônio, logo os separou, *porque diante dêsse problema social importantíssimo: encontrar apartamento, tiveram que viver com os sogros.*

"Deve haver — insiste o livro — entrega total do homem à mulher e da mulher ao homem. O amor que (é de desejar)



— Chiii! Eu não gostaria de ser «sua secretária, hoje»....

toma a forma do casamento, é um dom total. E isto é impossível quando os pais estão presentes. Devemos estar lembrados de que, segundo Freud, persistem obscuras ligações entre as mães e as filhas e entre os pais e os filhos. Aquêle dos dois que se julga ferido, corre imediatamente a derramar sua bílis no seio dos sogros. Êstes tomam partido e não tardará a chegar o dia em que se ouve um dêles dizer: — *"Veja lá como você fala com mamãe! Não se esqueça de que ela é minha mãe!"*

Ainda recentemente, uma criatura muito moça confessava, amargurada, que, por falta de apartamento, teria que ir viver com os sogros. Seu tom era desesperado. Sentia que o seu casamento corria perigo...

E os leitores a compreenderão muito bem.

OS FILHOS DEVEM UNIR, NUNCA SEPARAR

Sôbre a questão dos filhos o livro revela grande coragem. "Recusar ter filhos não é apenas detestável; significa que o marido e a mulher se privam de algumas das maiores alegrias dêste mundo. Mas, quando os filhos chegam, é possível que tomem grande parte das energias da mulher e esta desdenhe o marido. É preciso ter grande cuidado. A espôsa tem que continuar sendo mulher, sem esquecer seu papel de mãe!

Fácil de dizer, mas difícil de fazer...

Se ela é ajudada, tudo vai bem. Continuará sendo a amiga e a companheira amorosa do marido. Se, com três filhos, ela tiver que fazer tudo, é bem provável que seu romance termine ou fique guardado num armário por algum tempo.

E O DINHEIRO!!!

O que ganha o casal deve ser considerado como pertencente, em partes iguais, ao marido e à mulher. Mas é importante que cada um tenha uma quantia mensal para dispender e da qual não terá que dar nenhuma conta. O que faz a mulher para guardar a casa limpa, confortável e atraente é uma contribuição tão importante para suas riquezas unidas como o dinheiro ganho pelo marido.

E aqui está um trecho que causará grande alegria a tôdas as mulheres:

"Poucos homens — acrescenta o autor cheio de sabedoria — compreendem que o trabalho da mulher, no lar, é muitas vêzes tão duro ou mais que o seu. Não é porque tenha estado algumas horas no escritório, onde não levantou êste mundo nem provocou revoluções decisivas, que deve recusar, ao voltar para casa, uma ajuda à espôsa extenuada após pequeninos trabalhos realmente exasperantes..."

É evidente que, à noite, após um dia de odiosa fadiga, Julieta estará distanciada do Romeu. Êste deverá tomar grandes precauções, a fim de apaziguá-la e chamá-la à sua companhia, para que ela sinta que, em vez de um insuportável crítico, êle é seu companheiro, seu escudo e seu repouso...

O ESFÔRÇO PARA AGRADAR

E isso está ligado diretamente a êsse esfôrço para agradar, que deve sempre ser perseguido. Sacha Guitry, o grande ator e autor francês já nos dera "A Pelerine Escocesa", na qual um casal estava à beira do divórcio... porquê a mulher vestia uma velha pelerine para andar pela casa. Afinal, a pelerine foi jogada fora e a felicidade voltou. O marido, porém, a êsse tempo, fôra tentado por uma bela e jovem criatura, que se apresentava sempre bem vestida...

Que mulher já não sentiu êsse perigo? A liberdade, a mocidade aparente, a graça da rival que o marido nunca vê despenteada e sem *make-up*?

A leitora já cometeu êsse êrro? Mas não vai repeti-lo? Porque nada é mais errado do que chamar a atenção do marido para essa outra mulher. Nada é mais absurdo do que deixá-lo acreditar que se receia *aquela* e não uma outra.

As mulheres, aliás, têm um verdadeiro sexto-sentido para adivinhar a rival perigosa! Mas, se êsse senso falta, se fazem, sem razão, uma censura ao marido, a respeito de uma mulher na qual não pensava, êle a desprezará, de uma parte e, de outra, começará a pensar nessa desconhecida. Se atacam, de frente, aquela que rodeia o marido, só obterão um resultado: "esfriar" o marido, tornando-o indiferente, ao seu lado... porque continuará a pensar na outra!

A tática a ser observada exige muito sangue frio. É preciso tentar compreender *por que* êle tem necessidade de outra. Nada de mostrar irritação e acrimonia. E isso, de fato, exige paciência sôbrehumana.

De qualquer modo isso não deve ser sentido pelos filhos, que, em caso contrário, muito sofrerão. Nada deve ser

dito, principalmente, a tôdas as "amigas", como o fazem, infelizmente, 80 por cento das mulheres.

Também não convém pronunciar a frase decisiva: Ou *ela* ou *eu*! Igualmente errado é procurar ler as cartas que êle tem nos bolsos, enquanto se escova a sua roupa... Muitas vêzes fica-se sabendo coisas que melhor teria sido ignorar.

Para terminar, o livrinho dos bispos inglêses dá aos casados e a todos os enamorados, conselhos preciosos, que podemos resumir assim:

"Não acredite que seu amor continuará e se manterá pela graça do acaso. Tudo depende exclusivamente de você mesmo. Não acredite que o dia do casamento ou o dia da união seja o fim da côrte que fêz a essa deliciosa criaturinha. Deve continuar tôda a vida, se quiserem continuar juntos."

Homens e mulheres podem, realmente, tirar boas lições dêsse extraordinário livrinho que os religiosos inglêses escreveram e que agora entregam aos casais, logo após a cerimônia nupcial.

★ ★

DECLAMAÇÃO

UM prisioneiro de guerra acabava seu primeiro almôço no campo de concentração. Ficou muito surpreendido, quando um dos prisioneiros se levantou e disse em voz alta:

— Sessenta e dois.

Todos os demais riram até não podem mais. Outro prisioneiro se levantou, pouco depois, e disse:

— Oitenta e sete!

Risos ainda mais sonoros foram ouvidos.

O recém-chegado perguntou a um companheiro o que significava aquilo.

— É muito simples — explicou êste. — Só há um livro de anedotas na biblioteca, e todos as conhecemos de cor, uma a uma. De maneira que para recordar uma anedota, é bastante citar o número da página.

No dia seguinte, o novo prisioneiro foi à biblioteca e leu o livro. Depois de almoçar, quis fazer a experiência com as anedotas que lhe haviam parecido mais hilariantes. Levantou-se e disse:

— Quarenta e sete!

Ninguém respondeu, embora todos os olhares se cravassem nêle. Muito surpreendido, resolveu, entretanto, fazer outra tentativa:

— Oitenta e um! — gritou.

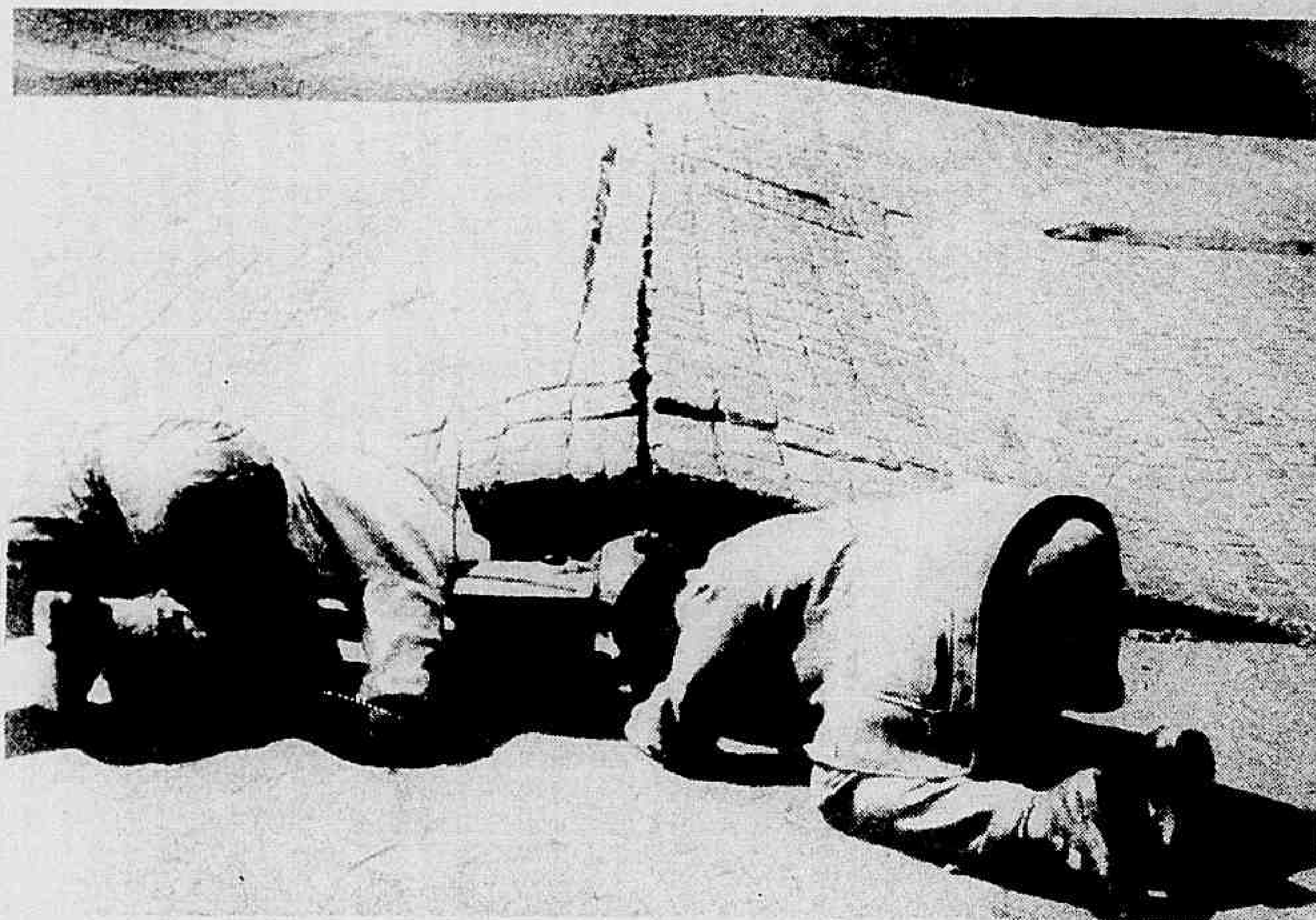
Mais uma vez, ninguém esboçou sequer o menor sorriso.

Desanimado, foi sentar-se junto do companheiro da véspera:

— Não entendo — confessou, meio aborrecido. — Escolhi as duas melhores anedotas do livro e ninguém pareceu achar graça. Que aconteceu?

— Não deves levá-los a mal — explicou o outro, que havia muito estava no acampamento. — Há gente que tem mais graça para contar uma anedota do que outra.

ISTO, SIM, É CALOR!



Das ruas subia um calor de torrar e depois o próprio pavimento também subiu, levantado pelo enorme calor do solo. Onde isto ocorreu? Pois.. em Copenhague, atingido por uma esmagadora onda de calor. Na gravura dois engenheiros municipais examinam os estragos.

★

PROVÉRBIOS AFRICANOS

— O que se diz diante do cadáver de um leão, não se diria em presença do leão vivo.

— Não se pode quebrar uma cabeça na ausência do seu possuidor.

— Os camelos não zombam reciprocamente de suas gibas.

QUANDO UM HOMEM PARECE INTOXICADO, TALVEZ ESTEJA DO

NEM TODO "BÊBEDO" ...ESTÁ BÊBEDO

VEJAM só! Lá vai o Fulano, cambaleando... Bêbedo como êle só! — Não. Não devemos dizer tal coisa, só pelo fato de um homem trocar pernas, encostar-se às paredes e fazer ziguezagues com os passos. *Nem mesmo se o indivíduo que cambaleia estiver com a bôca cheirando a álcool.*

Nada disso significa, forçosamente, que o indivíduo esteja bêbedo!

E tem acontecido, muitas vêzes, fatos tristíssimos de indivíduos, que, após um simples "teste do hálito", perdem a consideração da sociedade, vêem recusados os menores cuidados médicos e até mesmo a compaixão que todo ser humano tem o direito de esperar de seus semelhantes.

Na opinião do Dr. Anton J. Carlson, fisiologista da Universidade de Chicago e membro do Conselho de Pesquisas dos Problemas do Alcoolismo: "O tratamento dispensado aos bêbedos, na atualidade, é tão errado como o que era dispensado aos loucos na Idade-Média."

A fim de ilustrar como essas injustiças podem e são realmente praticadas, aqui está uma história real, onde a vítima poderia ter sido o próprio leitor ou algum membro de sua família.

Um habitante de Cleveland, escriturário bancário, encontrou dois de seus colegas, que o convidaram para jantar, numa certa noite de junho. O jantar se prolongou até às 10 horas da noite e dois dos três homens voltaram para casa sem qualquer novidade. O terceiro, porém, foi encontrado por um rondante caído na calçada, diante de um edifício comercial. Estava desacordado e cheirando a álcool.

Um cartão de identificação, em sua algibeira, revelava seu nome e ocupação. Sem qualquer consideração sôbre o fato estranho de um bancário não possuir carteira de dinheiro nem sequer moeda pequena nos bolsos, nem relógio, o policial pediu auxílio e mandou jogar o "bêbedo" no fundo do xadrez, "*para cozinhar*".

Na manhã seguinte o jovem bancário estava morto! A autópsia revelou como



causa-mortis: fratura do crânio, com forte hemorragia interna. *Homicídio por meio de agressão com instrumento contundente por pessoa ou pessoas desconhecidas*".

Algumas testemunhas depuseram mais tarde, afirmando que o infeliz estava muito bem, quando deixou o restaurante na direção do seu automóvel. Ao passar junto da loja comercial, então com as suas vitrinas apagadas, algum ladrão o assaltou, atingindo-lhe a cabeça com um cano de chumbo, talvez, abandonando-o, depois, inconsciente.

No entanto, a sua vida poderia ser salva com uma imediata intervenção cirúrgica e total cuidado médico!

Mas, infelizmente, raramente isso acontece. Em geral, se um indivíduo cheira a álcool está bêbedo! Nada mais interessa!

ENTRETANTO, os médicos sabem que nem só o álcool é responsável por um andar titubeante, um falar arrastado e difícil ou um estado de inconsciência. O Dr. Richard Ford, chefe de Medicina Legal da Universidade de Harvard afirma: "Tenho visto casos em que o estado de intoxicação não é devido a uma certa quantidade de álcool, como obra de dois cálices, mas a um ataque do coração, derrame cerebral ou envenenamento por monóxido de carbono, devido a um defeito na descarga do automóvel. Realizei autópsias em presos que morreram de hemorragias cerebrais, pneumonia, intoxicação por barbitúricos ou a combinação de tudo isso, nada tendo sido sequer suspeitado por ocasião da prisão dêsses infelizes."

Examinemos algumas histórias em que dois cálices ou três de álcool, camuflaram o fato real.

Depois de conhecer uma dessas desnecessárias tragédias, o Dr. Kurt M. Dobrowsky, do "Norfolk Hospital", de Connecticut, aconselha a todo indivíduo sofrendo de desmaios, perturbações do coração, epilepsia ou diabetes o uso de um distintivo especial revelador dêsse fato, *se não quiserem ser confundidos com os bêbedos*.

O caso que tanto o impressionou, levando-o a aconselhar essa precaução desesperada, ocorreu com um homem de 38 anos, que foi encontrado caído na rua, não distante de um bar; estava inconsciente e cheirava a álcool. Foi levado para a delegacia mais próxima e atirado no xadrez, por embriaguês. Uma hora depois entrou em coma, sendo então levado urgentemente para um hospital. Pouco tempo depois estava morto.

Testes químicos rotineiros de seu sangue, fluido cérebro-espinhal e urina revelaram que o desgraçado havia morrido de acidose diabética. Uma simples barra de "candy" teria salvado sua vida!

Em Paris, a Patrulha Noturna prendeu um soldado "embriagado" e caído em plena rua. Sua bôca cheirava a álcool... Foi, por isso, atirado na *cafua*. Trinta e seis horas depois o desgraçado morria no Hospital do Exército!

Sim. O infeliz tomara alguns tragos... mas recebera *também* três formidáveis estocadas, que lhe vararâm o peito sem provocar hemorragia externa!

POR tudo isso, em Los Angeles, hoje, há um médico de plantão, cada 24 horas, em todos os xadrezes da cidade. E W. H. Parker, Chefe de Polícia local, explica: "Se uma pessoa, levada para o xadrez aparenta estar doente ou perde os sentidos ou, ainda, aparenta estar *anormal*, a última coisa em que pensamos é que esteja bêbedo, *mesmo que possa haver evidência de bebedeira, como hálito carregado de álcool, etc*.

"Antes de tudo consideramos o caso como podendo ser devido a algum choque de insulina, derrame cerebral, etc.

Muitas dessas pessoas são logo removidas para um hospital, mal dão entrada na delegacia". O Dr. R. B. H. Gradwohl, diretor do Laboratório Policial, em Saint-Louis, revela que os testes do "hálito alcoólico" são usados constantemente, pois que assim a intoxicação pode ser medida pela quantidade exalada pelos pulmões nos balões especiais.

— "Qualquer indivíduo, apresentando fratura ou estado de inconsciência é levada para o Hospital Municipal e não para o xadrez; desde que assim procedemos, não mais ocorreram casos lamentáveis na nossa jurisdição" — concluiu.

Também em New York, Chicago, Detroit, Washington e muitas outras grandes cidades dos Estados Unidos, as autoridades já se convenceram de que *nem todo "bêbedo" está realmente bêbedo*. Porém, mesmo nas cidades em que tais cuidados não são adotados, nem tôda a culpa pode ser lançada à polícia. Os próprios médicos e os auxiliares dos postos de pronto socorro se mostram, às vêzes, não muito cuidadosos. As queixas não são tão raras como seria de desejar. Assim, por exemplo, quando um bêbedo turbulento dá entrada num nosocômio é comum dar-lhe alguma droga como paraldehyde, *para aquietá-lo*. Ora, se a concentração de álcool é muito alta, essa droga pode levar o infeliz para um estado de coma que termina com a morte.

Existem, entretanto, testes químicos capazes de medir a concentração de álcool no sangue, na urina ou no hálito. Um concentração de 15% é aceita como prova de intoxicação. E há casos em que essa concentração chega a 45 e mesmo 60%, segundo foi observado pelos examinadores do "Hospital de Richmond", na Virginia!



Nessas condições, é mais que perigoso administrar uma droga como o paral-

dehyde no indivíduo. Apesar disso, uma enfermeira de Ohio deu paraldehyde a três pacientes, sem o necessário teste — e os três desgraçados morreram!

Muitos médicos legistas têm assinado relatórios reveladores de fatos semelhantes e admitem que outros muitos casos ocorram, passando tudo ignoradamente, em razão da aparência mais forte de outras causas... apesar de tudo, erradas!

Há outros casos a citar, revelando o pouco cuidado de um primeiro exame. Recentemente, a Polícia londrina encontrou um homem caminhando em ziguezague. Tinha um ferimento na pálpebra e forte odor de álcool. Imediatamente foi levado para um pôsto de assistência, onde um médico aplicou pontos no ferimento e deu no paciente uma injeção de sôro antitetânico, restituíndo-o à polícia. Morreu, pouco depois, de uma hemorragia devida a uma rutura de artéria cerebral.

Um homem de 55 anos morreu dez dias depois da polícia o haver levado para um hospital, em Cuba. Pois bem: durante todo êsse tempo, não houve quem o examinasse mais profundamente... para descobrir que o pobre homem tinha concussão cerebral!

Um mineiro de Pittsburgh morreu de uma hemorragia cerebral, no chão de um cárcere, para o qual fôra jogado por acusação de intoxicação pelo álcool.

A polícia, antes de tudo, levara o infeliz a um hospital, onde um médico cuidara de uma pequena laceração no couro cabeludo da vítima... e a entregara de volta ao xadrez, como *bêbedo*!

Uma das maiores autoridades em testes de álcool no sangue e no cérebro — o Dr. Charles H. Hine, da "Escola Médica" da Universidade da Califórnia, com sede em San Francisco — declara: "Acredito que possa ser feito um diagnóstico clínico, sem um teste químico; mas, com certeza, não será nada seguro! Sempre que faço um diagnóstico de intoxicação, tenho em mente que êsse é o *único* fator *evidente* em todo o quadro. Muitos outros poderão estar dissimulados."

AGORA, perguntará o leitor: — *Que é possível fazer, a fim de atender a essa situação?*

Antes de tudo, convém insistir na necessidade de um teste mais profundo que o de "cheirar a bôca do suspeito de embriaguês", para saber se o mesmo está realmente alcoolizado. *É preciso saber em que grau de intoxicação* se encontra.

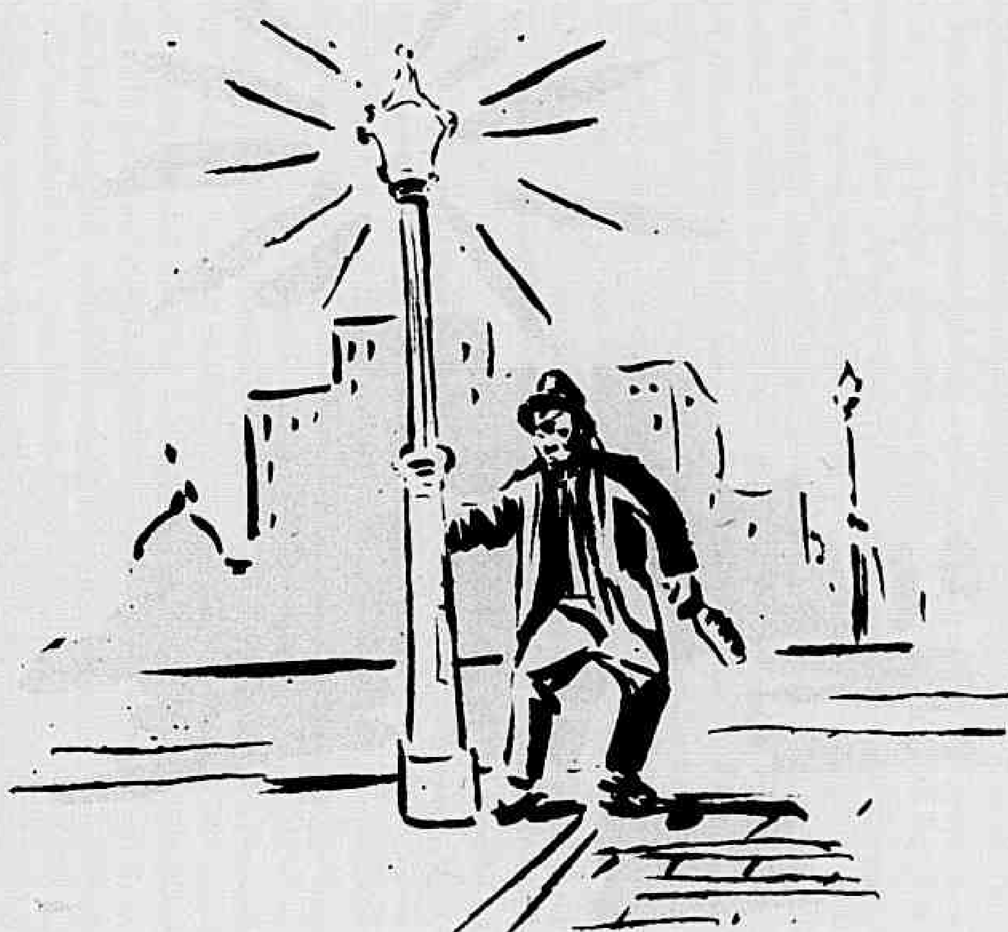
Em Chicago, recentemente, um motorista exigiu êsse exame, quando, após um



Um homem caído numa calçada pode estar bêbedo, realmente, mas também pode estar em coma diabético. Sòmente o exame médico pode esclarecer.

acidente entre o seu automóvel e o de outros indivíduos, êstes o acusaram de haver bebido. Pediu que lhe fôsse feito imediatamente um teste de sangue; findo o exame ficou provado que êle não ingerira álcool e a acusação ruiu de uma vez por tôdas.

Mas, acima de tudo, se um homem cambaleia, ao caminhar, e diz coisas incoerentes, não o acusem de bêbedo! Levem-no imediatamente a um hospital. E, se os exames de sangue e de urina nada revelarem sôbre embriaguês, melhor será que o médico proceda a um exame mais profundo, pois a causa pode ser outra *e muito séria.*



Também podemos lembrar às autoridades que os guardas conheçam alguma coisa sôbre sinais evidentes de fraturas ou doenças, para que, quando apanharem um "bêbedo" na via pública não o levantem sem qualquer cuidado, sacudam, empurrem e, e, como as vezes acontece, espanquem o desgraçado.

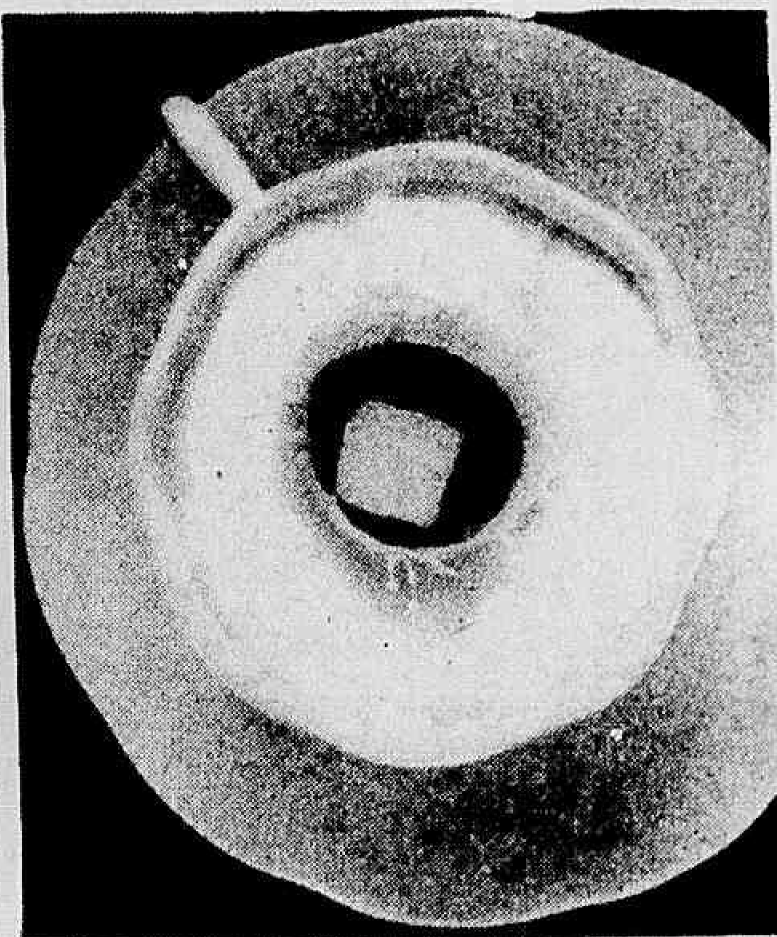
Finalmente, podemos seguir o exemplo de Charles Doerler, diretor do "Caddo-Bossier Safety Council", de Shreveport, Louisiana, o qual educou o público a pedir científicos testes de álcool, relatando tôdas as ocorrências acima citadas — e outras mais — a sacerdotes, associações, clubes femininos e todos os outros agrupamentos que modelam a opinião pública. Somos muito afoitos em pregar o label de "bêbedo" em todo indivíduo que não use um distintivo qualquer que nos indique que o seu mal é bem diverso. É preciso ter em mente que um homem que tenha tomado um cálice ou mesmo dois pode estar perfeitamente normal. E, se passou além do limite razoável, nem por isso deixou de ser uma criatura humana, com os mesmos direitos que nos protegem e, acima de tudo, *com mais direito a cuidado médico.*



QUANDO A VELOCIDADE DA LENTE VENCE OS OLHOS...



Alta velocidade: — A patinadora.



Alta velocidade: — O torrão de açúcar.

EXTRAVIO

O torcedor conseguiu levar a espôsa a uma partida de futebol. Durante o jôgo, gritou até ficar muito rouco. A páginas tantas, virou-se para ela, dizendo com ar preocupado:

— Veja só! Perdi minha voz!

— Não te preocupes, querido — disse ela. Ela está, aqui, no meu ouvido direito.



O elogio que mais saboreamos é, de ordinário, o que menos merecemos.

TODO homem tem duas educações: uma que lhe é dada por outrem, e outra (mais importante) que êle dá a si mesmo. — **Gibbon**

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

— Sir Charles telefonou — interrompeu o secretário, em tom magoado. — Eu vinha, justamente, a sua procura. Sir Charles avisou que se encontra com Mr. Lamb e que deve regressar tarde da noite. Já procederam à identificação de Sholto. Hall, o chofer, o reconheceu...

Minutos depois, Murch deixava os dois a sós, no *hall*. Rodney e Aline subiram juntos e ela observou que Rodney continuava a manter fechada a mão direita. Quando chegaram ao segundo andar, ela parou diante da porta do próprio quarto; êle, sem uma palavra, continuou seu caminho para penetrar no quarto de Lady Júlia, que ficava no fundo do corredor.

Um ou dois minutos mais tarde, Aline ouviu novamente os passos de Rodney. Havia deixado a porta aberta; sentada diante de sua mesa de *toilette*, viu, pelo espelho, Rodney parado diante da porta. Um pedaço de papel saía de sua algibeira.

— Poderia dar uma olhadela nas plumas que você usava por ocasião da recepção no palácio?

— Certamente — respondeu ela. — Estão no meu guarda-roupa, com meu vestido.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e Lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava estriando bastante, com grande desgôsto de Lady Júlia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. A tarde, preparando-se para a grande recepção dada à côrte, por Lady Júlia, Aline recebe um recado desta noite, no palácio real, onde seria apresentada, de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de Lady Júlia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de Lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando, agora, completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o Dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O Dr. Pergetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga Lady Júlia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa despede o policial. Surge Rodney e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, da gaveta do seu «boudoir», onde o guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movi-

Êle entrou no quarto de Aline, caminhando vagarosamente na direção do armário apontado, onde ela guardava suas *toilettes* de gala. O vestido que usara para ser apresentada aos soberanos ali estava, protegido por um lençol. As três plumas brancas, sôbre fundo de tule, ocupavam um canto da prateleira superior. Ela mesma as apanhou.

— É estranho — disse Aline. — Eu declarei ao inspetor que havia perdido a pluma branca, que fôra encontrada por êle próprio no apartamento de Barry, e agora me recordo de que não tinha mais minhas plumas quando fui ver Barry! Deixara-as no automóvel. E a prova é que estão, tôdas três, aqui, prêsas ainda no tule...

Colocara as plumas nas mãos de Rodney. Êle examinou, uma por uma e, a seguir, restituiu o ornamento a Aline. Depois, sem nada dizer, consultou o relógio.

— Tenho que ir a Broadlet — anunciou.

— A Broadlet? Esta noite?

— Sim.

— Mas... Não é muito longe?

— Uma hora de estrada, apenas...

— Pretende ficar lá tôda a noite?

— Não.

Ela tocou, de leve, na sua mão.

— Rod... Por favor... Leve-me também!

Êle, porém, parecia mergulhado em estranho torpor. Ela o sacudiu por um ombro.

— Hein? Que disse você?

— Quero ir, também! Sentirei mêdo, sabendo que estou sòzinha neste casarão. E só Deus sabe a que horas Sir Charles vai voltar!

— Teria muito prazer em que você me acompanhasse — disse êle, hesitante.

— Mas... Não! Realmente, é melhor que você fique aqui!

— Oh, Rod! Por favor... — rogou ela.

— Esta casa imensa me enche de mêdo.

---

mentos da véspera e chegam à conclusão de
que possuem bons alibis. Os outros procurariam
saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pa-
mento que, por conta própria, **telegrafara a Sholto,**
reciam bem esclarecidos. Rod informa nesse mo-
em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso.
os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela
para êles, além de Murchie, é o único que **não tem**
Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que,
realmente os seus passos, movendo apenas um
pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas,
de Larking, que saiu misteriosamente, de casa.
a Frant House. Mas, seu relato piora a situação
Depois, rebuscando na copa, encontram um boné
pertencente a Sir Charles, escondido numa gaveta.
Aline afirma que **êsse boné** é igual ao que viu
na cabeça do vulto misterioso, que saíra, furtiva-
mente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao
escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta.
Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão
exibir a arma esta já desaparecera **da gaveta**
da mesa da máquina e, retirando-se por alguns
instantes, retorna quando chegava Sir Charles.
Sir Charles, furioso, vai interrogar Gerry. Nada
adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre
a arma. Sir Charles pede para que escondam o
caso de Lady Júlia e todos acreditam na culpabi-
lidade (ou cumplicidade) de Larking, que desa-
pareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Man
derton, que se mostra reservado e retira-se para
lançar seus homens no encalço do mordomo. Na
mesma noite, procurando um livro, altas horas,
para entreter sua insônia, Aline vai ao «court» de
tênis e, após apanhar o que deseja, auxiliada
pela luz de uma vela, nota que o tambor do
paredão... desapareceu. Cheia de mêdo, foge e
esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve
sua história e volta para verificar o fato. O tambor
lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando
êsse fato ao que lera, certa vez, nas Memórias de
Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de
reler as famosas cartas, não antes de surpreender
o jovem Dene, agachado, no «court», examinando
a muralha e que, ao vê-la, vem aconselhar a norte-
americana a deixar quanto antes aquela casa.
Impressionada, Aline começa a reler as cartas. É
surpreendida por Rodney nessa leitura e conta-lhe
o que descobrira. Em Frant House havia uma
apresenta um relatório ao inspetor-chefe e pro-
tambor, no «court» de ténis. A êsse tempo, Manderton
passagem secreta, nas imediações da figura do
metia-lhe melhores resultados para breve, pois
Hornesse e já tivera ncotas a pagar à polícia, anos
descobrira que Larking se chamava realmente
antes. Precisava apenas de encontrar certo
«chauffeur», para completar seu esquema tático e
apontar o criminoso. Isto é o que consegue,
instantes depois, graças a seus auxiliares e,
imediatamente retira-se para interrogar o homem.
Na mesma tarde, surge em Frant House, onde de
novo interroga Gerry e declara-lhe que havia
encontrado o «chauffeur» de um táxi, que a conduzira
na noite do crime, de Covent Garden ao aparta-
mento de Swete, ida e volta, ameaçando-a ainda
com uma ordem de prisão, caso não contasse tôda
a verdade. Nesse instante, para assombro geral,
surge Sholto que, dirigindo-se a Manderton,
de Swete. E apresenta a arma do crime. Ao
apresenta-se e declara ser o verdadeiro assassino
mesmo tempo, em voz baixa, pede a Rodney que
apanhe e esconda o seu passaporte, que deixara
no sobretudo, na saleta. Sir Charles trata de
telefonar para um advogado, enquanto, no meio
da desolação geral, Sholto é levado pelo Inspetor.
Gerry confessa, então, aos de casa, que estivera
no apartamento de Swete para lhe dizer que
desistisse, pois que continuava a amar o marido...
porque aguardava um filho de Sholto! Sir Charles
apressa a saída de Lady Júlia e Gerry para a
casa de campo e a transferência de Aline para a
casa dos Chamberlain. À hora da partida, vendo o
passaporte de Sholto, que Rodney começava a
examinar, Lady Júlia se apodera do documento.
Depois que ela sai, com Gerry, Aline e Rodney
vão sondar novamente o paredão do «court» de
tênis e, mais felizes, conseguem descobrir uma
passagem secreta que conduz ao apartamento de
Barry. Ali, Rod apanha no chão uma pluma, como
a que foi usada por Aline e Lady Júlia na noite
do crime, para a recepção na côrte. São surpreen-
o secretário de ter estado na casa de Swete na
didos ali por Murchie que os seguira. Rod acusa
noite do crime, êste confessa, mas diz que lá estêve
por ordem de Lady Júlia, para apanhar uma carta,
que queimou, sem ler, também por ordem dela.
Lady Júlia também lhe ensinara o caminho secreto.

Oh! Como gostaria de ir com você, através dos campos, numa corrida de automóvel! Prometo ter muito juízo, todo o tempo em que você permanecer na casa-de-campo. Ninguém suspeitará de minha presença.

— Mas você terá que ir assim mesmo como está. Já passa de uma hora e tenho que me apressar.

Êle capitulava! Aline não esperou mais para retirar uma ampla capa do armário, vesti-la às pressas, apoderar-se de uma *écharpe*, colocar sôbre o ouro velho dos seus cabelos uma boina irlandesa...

— Se você não se recusa — disse Rodney — passaremos pelo Row. Não desejo fazer volta à casa com o automóvel.

E, segundos depois, lançando um último olhar ao espelho, Aline o seguiu.

Capítulo XXXI

A ATITUDE DE LADY JÚLIA

Os ponteiros de Big Ben, rasgando a noite no seu quadrante luminoso marcavam nove horas e quinze minutos. Um suave carrilhão, melancólico, descendo de Westminster, vinha, ainda assim, perturbar o grande silêncio de Scotland Yard. O ruído dos passos apressados ao longo dos corredores, o metralhar das máquinas de escrever, os inumeráveis chamados telefônicos, tinham findado com as luzes do dia.

Mas não o trabalho! Enquanto no céu, por trás do Parlamento, o crepúsculo acabava de transformar-se em noite, os edifícios onde sedia a direção geral da polícia, começaram a mostrar suas janelas brilhantes de luz.

Já para os lados do Surrey, sôbre o Tâmisa, brilhavam e se extinguiam os sinais elétricos e seus reflexos cadenciados brincavam através dos *stores* na grande sala onde trabalhava o diretor-adjunto. Repentinamente, êsses reflexos desapareceram, porque a luz brilhou também nesse salão.

— Só a lâmpada da mesa, Smith — ordenou Sir Ernest.

— Vestia roupa de cerimônia e tinha um charuto entre os dedos. Tendo passado ao guarda de plantão seu chapéu de fêltro negro, sentou-se diante de sua escrevaninha.

— O inspetor Manderton procurou por mim?

— Acaba de telefonar, Sir Ernest. De Marlborough Street. Disse que viria imediatamente.

— Mande-o entrar, tão logo apareça!

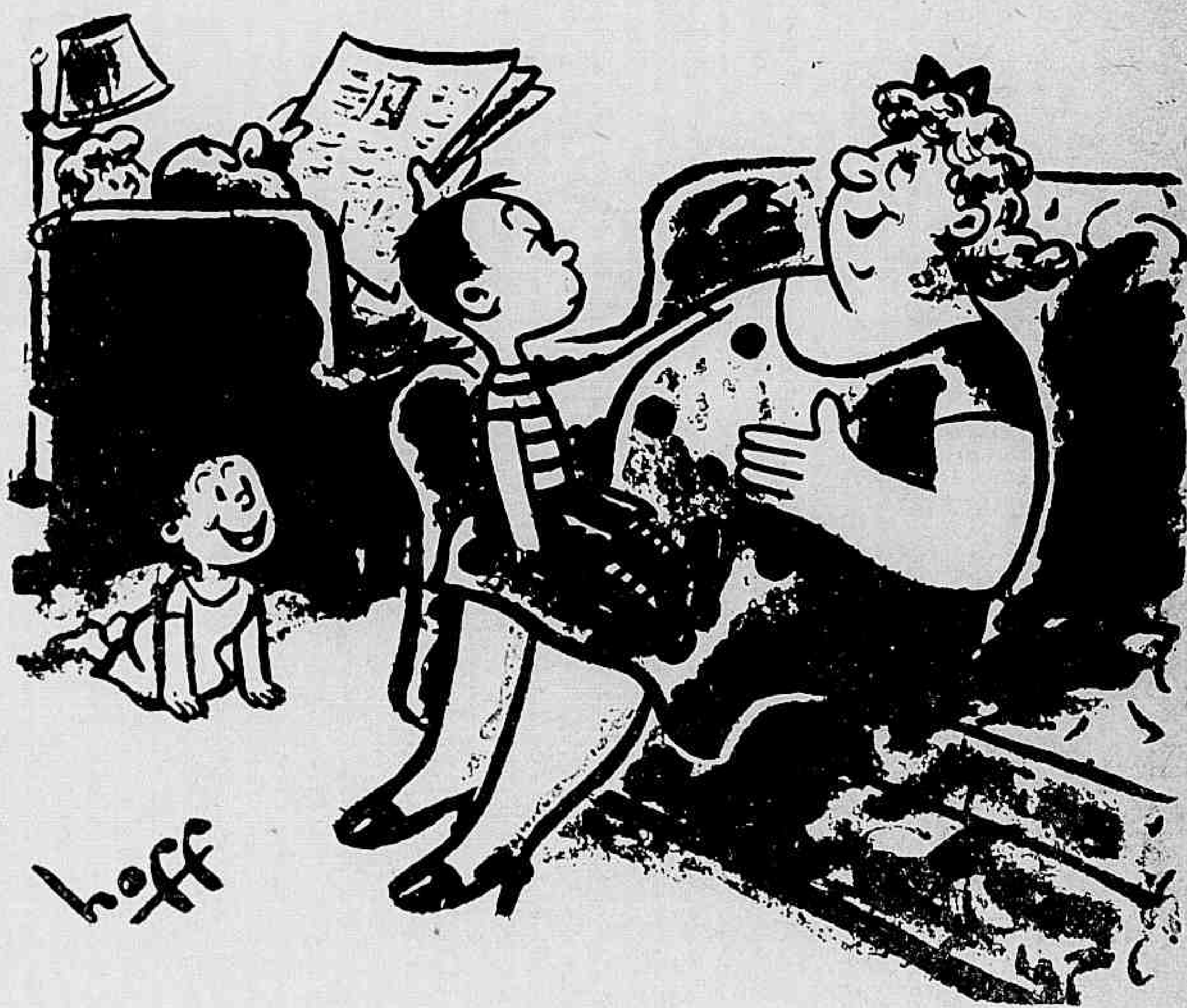
— Muito bem, Sir Ernest.

O homem fêz meia-volta para sair. Mas logo se deteve para dizer:

— Ia me esquecendo, Sir Ernest. Está lá em baixo uma senhora que deseja vê-lo. Parece que telefonou de sua residência, para a do senhor; mas não souberam informar onde o senhor jantava...

Ao falar apresentava ao diretor um pequenino envelope.





— *Então, quando eu passei, seu pai assobiou "fiu-fiu" para mim. O resto você já sabe...*

Sir Ernest estendeu preguiçosamente dois dedos para apanhá-lo e rasgou um dos bordos: um cartão de visita logo caiu do interior e sôbre êle estavam traçadas a lápis algumas palavras. Sir Ernest enrugou a fronte.

— Há quanto tempo essa senhora espera por mim?

— Há uns dez minutos, Sir Ernest.

Está bem. Vou vê-la.

O plantão ia sair. Uma pancada sêca na porta, que ficara entreaberta, despertou sua atenção. No mesmo momento a porta se abriu de todo.

— Entre, Manderton! Você pode sair, Smith.

O plantão retirou-se. O diretor, por sua vez, recostou-se confortàvelmente em sua poltrona.

— Então? — disse êle, interrogando o inspetor com o olhar. — Já tratou do *nosso homem*?

Manderton moveu a cabeça negativamente.

— Não, Sir Ernest — disse êle, com ar aborrecido. — Ainda não pude acusá-lo como desejava poder fazer. Êle não se explica! Oh! Bem entendo o jôgo dêle... Deseja, antes de tudo, livrar de lama o bom nome da espôsa. Os fatos, aliás, falam por si sós. Êle veio da França para apanhar a culpada com seu amiguinho. Munido de um revólver, espreitou-a... e viu quando ela entrava na casa. Esperou que saísse e, a seguir, subiu, a fim de ajustar contas com Swete. Muito simples... Simples *demais*!

— Não acredita que sua confissão seja suficiente?

— E se êle se retrata? Não temos contra êle senão provas indiretas. Até mais amplas informações, êle é apenas suspeito; nada mais! Espero ainda deitar a mão sôbre Larking e, se não estou muito errado, hei de cozinhar tão bem êsse patife que êle não tardará a dizer tôda a verdade.

O diretor fêz um gesto de aprovação. Depois, apanhou sôbre a escrevaninha o cartão de visitas que ali deixara e entregou-o ao inspetor.

À vista do nome gravado sôbre o papel de linho, Manderton fêz uma careta.

— Que quererá ela? — resmungou.

Sir Ernest ergueu os ombros.

— Recorda-me que temos velhas relações. Será, portanto, conveniente que eu a receba sem testemunhas. Mas não se afaste muito.

— Estarei em minha sala, Sir Ernest.

Visìvelmente, o inspetor se sentia mortificado por não ser admitido à audiência.

— Sem dúvida vem pedir que eu solte o seu filho — comentou o diretor a meia-voz, enquanto apanhava o fone. — Você sabe como são as mulheres... Mas chamarei você dentro de pouco tempo.

Manderton saiu e um minuto depois Lady Júlia era introduzida no gabinete de Sir Ernest.

— Sir Ernest — disse ela. — Não sei se é a pessoa que se ocupa do assunto que me interessa. Venho ao senhor porque prefiro falar com alguém realmente com autoridade e a quem, além do mais, tenho o prazer de conhecer.

Êle havia pensado que a veria desesperada, prêsa de uma crise nervosa e literalmente acabrunhada. Porém ela se apresentava com a mesma calma, como se viesse interessá-lo numa venda de caridade ou um baile de beneficência. Êle se propusera dominar a entrevista, mostrar-se cortês, simpático mesmo, mas inflexìvelmente firme. E ela mostrava uma atitude tão calma, uma tão graciosa condescendência, aceitando a poltrona que êle lhe ofereceu e começando a descalçar as luvas, que o diretor quase perdeu o equilíbrio, muito surpreendido e começando a balbuciar excusas por ter sido tão longa a espera.

Ela replicou, sorrindo como só ela sabia sorrir, que cabia a ela própria pedir desculpas, por vistá-lo em suas horas de serviço. Mas julgara-se com êsse direito, dado que se conheciam há tantos anos, encontrando-se em todos os brilhantes salões de Londres... e, certa vez, num jantar na residência de Sir Roger Batling, o juiz...

Evidentemente ela decidira assumir a direção da entrevista. Por isso, sem outro preâmbulo, foi diretamente ao fato.

— Disseram-me que o senhor frequentemente passava noites inteiras traba-

lhando. Ora, eu não podia deixar de vir importuná-lo, hoje. Por isso esperei tanto tempo! Ignoro se o senhor tem ou não algum motivo para suspeitar do assunto que aqui me trouxe. Trata-se de meu filho.

Estas últimas palavras proporcionaram a Sir Ernest um recurso, do qual logo se apoderou com muito empenho, para recuperar o equilíbrio e a voz...

— Não preciso de dizer o quanto simpatizo com Sir Charles e com a senhora mesma — disse êle, em tom absolutamente neutro e frio. — Infelizmente, nada posso fazer, desde que seu filho confessou, de *motu-próprio*, acusando-se com exclusividade...

— Meu filho é inocente, Sir Ernest! — exclamou Lady Júlia, com ardorosa emoção.

— Perdão, Lady Júlia — insistiu êle, com um sorriso paciente. — Êle confessou ter assassinado o Sr. Barry Swete! Afirmo que fiquei desolado... Mas, desgraçadamente, o caso foge já agora da minha competência.

— E se lhe demonstrar que meu filho não falou a verdade? Se lhe provar que êle não praticou êsse assasinato?

— A senhora tem provas do que afirma?

Em silêncio, ela abriu a bôlsa e dela retirou o passaporte de Sholto. Sir Ernest logo reconheceu o azul da carteirinha. Empunhando, então, o fone do aparelho colocado sôbre a sua mesa, falou rápidamente, solicitando a imediata presença do Inspetor Manderton.

Ouvindo o nome do Inspetor, uma sombra invadiu o rosto de Lady Júlia. Porém, com o mesmo gesto calmo, abriu o caderninho sôbre a mesa, ante os olhos de Sir Ernest e, com a ponta da unha, indicou o carimbo sôbre uma assinatura indecifrável.

Sir Ernest tornou a fechar o passaporte, a fim de ler, na capa, o nome do titular. A seguir, examinou a fotografia interior e, curvando mais a lâmapada de mesa, estudou os selos e o carimbo.

— Onde a senhora conseguiu isto? — perguntou pouco depois, com ar interessado.

Nesse mesmo instante, outra voz anunciou:

— O Inspetor Manderton!

O policial entrou na sala com passo de vitorioso. Viu imediatamente Lady Júlia instalada numa poltrona junto da mesa do chefão e lançou um olhar desconfiado para ela, primeiro, e, em seguida, para Sir Ernest.





— *Exatamente! É só colocar neste tabuleiro e mover estas figurinhas...*

— Não pergunto se conhece o Inspetor Manderton, Lady Júlia — disse Sir Ernest, no tom mais natural que pôde e sem interromper seu exame.

Manderton baixou o nariz cêrca de três polegadas, na direção da visitante. Depois, com a cara fechada e o olhar sombrio, pareceu voltar *ao normal*.

Sir Ernest, para enfrentá-lo, fêz girar a poltrona em que se achava sentado.

— A que horas — perguntou — o trem noturno deixa Londres para Paris, via Tilbury-Dunquerque? Dez horas, creio? E de Saint-Pancras?

— Dez horas e trinta — respondeu Manderton, com um rosto de pedra.

— Sabe se há outra condução para o mesmo destino?

— Não, Sir Ernest. Nenhuma outra. Sòmente o trem noturno.

— Era justamente o que eu pensava...

E o diretor coçou o rosto, antes de prosseguir:

— Foi na noite de quarta-feira que mataram Barry Swete?

— Exatamente, senhor.

— E... às onze horas e quinze, creio?

— Onze e vinte, para ser exato.

O diretor levantou a mão, que até então mantivera cobrindo o passaporte.

— Isto é o passaporte de Mr. Rossway. Tem um "visa" do pôrto de Dunquerque, com data de quinta-feira, às primeiras horas do dia. O que significa que tomou o trem na noite de quarta-feira, em Saint-Pancras, justamente às dez e vinte, estando assim a caminho de Paris mais de três quartos de hora antes do assassinato de Swete.

— Posso ver êsse passaporte, por favor? — disse tranquilamente o Inspetor.

Apanhou o documento, aproximando-o da luz. Sôbre o papel de linha rosada havia um carimbo em forma de losango, um tanto apagado, mas perfeitamente visível. Ao alto estava impresso *"Entrada"*; na base, a fórmula *"Visto no desembarque"*, atravessado pelo sêlo *"Dunquerque"* e logo seguido da data.

Alisando os cabelos com uma das mãos, Sir Ernest se voltou para Lady Júlia. Com pose altiva e perfeita, em sua poltrona, as mãos juntas, ela esperava sem qualquer aparente inquietação. Teve a impressão de que ela desejava dizer alguma coisa, mas não se arriscava a perturbar a conversa do chefe com o subordinado.

E, efetivamente, com uma vivacidade que êle não esperava em vista da maneira como soubera até então mostrar-se senhora dos próprios gestos e palavras, ela tomou a palavra. E foi com voz vibrante que declarou:

— Os senhores vêem, agora, que meu filho nada tem que ver com o assassinato de Swete, pois deixara o continente antes do crime ser praticado! Portanto, nada existe contra êle. Pode ser sôlto imediatamente. Tenho meu automóvel à porta. Não há impedimento para que o leve em minha companhia...

A voz profunda do inspetor a deteve:

— Onde obteve êste passaporte? — perguntou, sempre curvado sôbre o documento, que aproximara da lâmpada.

— Rossway deixara a carteira em Frant House, antes de vir com você — informou o chefe. — Foi encontrado por Lady Júlia, que imediatamente tratou de trazer a mim...

Sempre com voz amuada, o inspetor declarou, antes de fechar o caderninho azul com gesto brusco:

— Isto é o que vamos verificar.

E guardou o passaporte.

— E meu filho? — interrogou Lady Júlia. — Vai soltar meu filho? Não há mais razão para que o detenham, não é verdade, Sir Ernest? Êle pode recuperar a liberdade agora mesmo?

— Não antes de que tenha sido verificado o alibi invocado em seu favor — replicou Manderton, sêcamente.

Ela se ergueu bruscamente.

— Em que direito se baseia para prender meu filho? Insinua, por acaso, que o "visa" é falso? Apelo para o senhor, Sir Ernest...

Foi novamente o inspetor quem respondeu:

— Nada insinuo... Mas a senhora deve comprender, que, antes de que soltemos o Sr. Rossway, é preciso provar que êle próprio usou êste documento.

— E por que não pode êle voltar para casa, livremente, enquanto o senhor faz

a verificação? Meu marido está pronto a pagar a fiança que fôr necessária!

E como, com um gesto, Sir Ernest pedia clemência, ela acrescentou, veemente:

— Sei que meu filho é inocente! Trago a prova disso! Cabe aos senhores libertá-lo!

Seu olhar ia de um para outro policial. Não descobrindo qualquer sombra de simpatia no semblante dos dois homens, cobriu o rosto com as duas mãos, pela primeira vez deixando transparecer a angústia que a assaltava:

— Os senhores não pretendem, com certeza, infligir-lhe a vergonha de se ver forçado a comparecer perante a justiça por êsse assassinato, quando o documento que lhes confio livra meu filho de tôda suspeita!

E, ante o silêncio de ambos, a cólera voltou-lhe e com ela tôda a firmeza:

— Não lhe parece, Sir Ernest, que seria bom considerar se a polícia tem o direito de praticar um êrro grave?

Sir Ernest, antes de responder, tossiu para firmar a voz:

— Posso declarar-lhe, Lady Júlia, que temos contra seu filho simples presunções... Nada de acusação formal.

A fisionomia de Lady Júlia se iluminou:

— Nessas condições pode soltá-lo!

— Não, infelizmente.

O inspetor tem razão. É preciso, antes de qualquer outra coisa, fazer a verificação do "visa". Isso, é claro, exige algum tempo e, enquanto esperamos, não podemos...

Os lábios de Lady Júlia tremeram e sua fronte se enrugou. Reconhecia, finalmente, a sua derrota. Baixou a cabeça e, nervosamente, começou a calçar as luvas. Sir Ernest imediatamente aproveitou a oportunidade, levantando-se como se entendesse que a entrevista terminara. Porém ela tentou um supremo esfôrço:

— Ao menos o senhor concorda comigo em que êste passaporte o inocenta?

— Direi — respondeu êle, com o seu ar mais firme — que outra questão se impõe à polícia: *Por que, sendo inocente, o Sr. Rossway se acusou de assassino?*

Ela não respondeu, muito ocupada em calçar as luvas e, após ligeira hesitação, Sir Ernest insistiu:

— A senhora mesma... não teria a dizer alguma coisa que nos esclarecesse sôbre o assunto?

— Saber... dizer... o que não sei! — respondeu ela, em voz baixa.

Levantou repentinamente a cabeça e sustentou o olhar que a estudava. Sua fisionomia não aparentava a menor emoção, os olhos estavam tranquilos, a expressão serena...

— Receio — disse ela, com voz estranha e que pareceu impressionar Sir Ernest — que não possamos contar com o Sr. Manderton para nos ajudar...

E, num grande gesto, em que uma grande dama tudo resume, estendeu a Sir Ernest a mão elegante e fina, sob o *suede* de bordos franjados.

— Boa-noite, Sir Ernest. Obrigada por me haver recebido a esta hora. E recor-

☆



de-se de que tenho confiança em que me restituirá o meu filho.

Sir Ernest se inclinou, com profundo respeito.

— Sua recusa de explicar a atitude dêle não facilita as coisas nem para êle nem para mim. Mas creia que farei o possível.

Inclinou-se, novamente. Ela apanhou a bôlsa e saiu.

Mal fechada a porta, Sir Ernest se voltou para Manderton:

— Que diz, agora? Mais valia, creio, haver esperado um pouco para acusar Rossway como assassino de Swete!

O inspetor, sem sair de sua reserva amuada, fêz sinal que concordava.

— Sim — disse, afinal. — Quem poderia saber que êsse passaporte... Porém é preciso examinar tudo muito bem...

— O alibi é claro, não acha?

— É possível. Em todo caso, já serviu para alguma coisa... Cabe-nos sòmente encontrar Larking.

— Acha que êle está em Paris?

— Sem sombra de dúvida. Foi prevenir Rossway. Levou consigo o revólver, que entregou a Sholto.

— Mas... Por Deus! Quem Rossway está querendo esconder com a sua confissão?

O inspetor nada respondeu imediatamente. Contemplava, numa espécie de êxtase mudo, os desenhos do tapête. Depois, lentamente, seu olhar procurou a porta pela qual, minutos antes, desaparecera Lady Júlia. Suas pupilas semiveladas pelos tufos de pestanas, deixaram filtrar um brilho estranho.

— É no que estou pensando... — disse êle, com voz surda.

Capítulo XXXII

A CARTA

A areia estalou. O pequeno automóvel passou vagarosamente e foi parar sob o ramo estendido de um imenso cedro. O motor resfolegou uma última vez e emudeceu. Os faróis se extinguiram. Imediatamente, a sombra em redor se animou com os ruídos noturnos próprios do campo. Uma lua enorme brilhava na vidraça de uma janela baixa.

— Espere-me aqui mesmo — ordenou Rod, falando ràpidamente. — Vou verificar se ainda estão acordados.

Desceu do veículo e o solo ressoou com os seus passos, até que Aline o perdeu de vista.

Era a primeira vez, desde que haviam partido, que êle lhe dirigia a palavra. Como que despertada em sobressalto, ela se surpreendeu com a rápida chegada. Aquela corrida louca através das estradas quase desertas e sob a suave noite de verão lhe causara a impressão de um sonho. Ao ruído, à agitação de intermináveis arrabaldes, sucedera a paz de uma estrada vazia, sob o luar incomparável. Após as dúvidas, os temores, as febres angustiantes do dia, tinha sido um bálsamo para a jovem norte-americana poder estirar os pés, recostar-se confortàvelmente, ver os campos desfilando como se fugissem, enquanto o pequenino automóvel quase voava.

Agora, tinham chegado ao fim da viagem. E essa certeza a tornou novamente bem viva e apreensiva. Uma ou duas vêzes durante o percurso, na passagem diante de alguma luz, pudera ver o perfil de Rodney, sombrio e resoluto. E pensava... "Por que Rod teimara em vir a Broadlet? Sua decisão repentina podia ser atribuída, talvez, a alguma descoberta, feita na passagem secreta, depois de haver falado a Murchie? Mas, então, a pluma branca, apanhada por Manderton, no apartamento de Barry, quem poderia haver perdido?". Aline se lembrava de haver deixado as suas plumas no automóvel, antes de correr para a porta amarela. E Gerry, sem dúvida, havia falado a verdade, ao declarar que não podia ter usado um leque de plumas, na noite do drama, dado que não possuía tal objeto.

— Oh!...

O som, o sôpro expiravam sôbre os lábios de Aline. *E se Lady Júlia tivesse penetrado no apartamento de Barry, naquela noite, pelo corredor que começava no "court" de tênis?*

(*Cont. no próximo número*)



"MUDE O DISCO"

"VEJA-O bem, agora. Está seguro de que foi êsse o homem que lhe passou o cheque falso?"

Um prisioneiro, com aspecto agoniado, os cabelos cortados rente e um bigodinho apenas perceptível, surgiu fortemente iluminado por luzes especiais, na sala da delegacia, enquanto policiais e vítima se colocavam na parte que estava mais escura.

— É um terrível engano. Sou inocente... — repetia o prisioneiro.

— Ora... *Mude o disco*! — gritou um dos detectives entre zangado e zombeteiro. A seguir, tratou de repetir as intruções para o observador e vítima:

— "É êsse ou não o homem que comprou o seu automóvel, no dia 5 de Dezembro, pagando com um cheque falso?"

Homer D. Kroeker não queria mandar um inocente para a cadeia. O que desejava era reaver seu calhambeque ou a importância da sua venda. Por isso examinou atentamente as feições e o aspecto geral de Robert Baudin, de 28 anos, trabalhador da estrada de ferro e que fôra prêso por suspeita de ter sido o autor do golpe.

— Sim. É êle mesmo! — disse, finalmente.

Robert Baudin foi levado pelo detective.

— É um terrível engano. Sou inocente... — repetia o acusado. Nunca vi aquêle senhor, antes! Não comprei o carro dêle nem o de nenhuma outra pessoa, nem nunca passei um cheque falso em minha vida!

E repetiu seus protestos, minuto a minuto. Ora, a polícia não quer que ninguém pague pela culpa de outro e por isso decidiu procurar o acusador, residente em Los Angeles.

— Afinal, Mr. Kroeker... é a sua palavra contra a dêle!

— Mas tenho testemunhas! Meu irmão e meu cunhado estavam comigo, quando tratamos da venda do automóvel.

Os detectives foram logo buscar as citadas pessoas e Baudin, novamente colocado na parte iluminada da delegacia, esperou a sentença. O primeiro a ser interrogado foi William Kroeker,.

— Pode apontar qual dêsses homens passou o cheque falso para o seu irmão?

Depois de olhar para Robert Baudin e outros três indivíduos, quase do mesmo tipo, alinhados na plataforma da delegacia, o interrogado não hesitou, logo apontando para Baudin.

Depois de levar William Kroeker para outra sala, o detective chamou o cunhado.

— O senhor pode dizer se ali, entre aquêles homens, está o indivíduo que passou o cheque falso ao seu cunhado?

Sem hesitação, o interrogado apontou para Robert Baudin, que, embora protestando inocência, foi levado para a prisão estadual, acusado de estelionato.

Apenas uma pessoa (outro jovem prisioneiro, que seguiu com êle no mesmo "tintureiro") acreditou na inocência e nos protestos de Baudin, quando êste se queixava:

— Não passei o cheque... No entanto, ninguém acredita em mim!

— Eu acredito, companheiro! — disse êle.

— Obrigado... gemeu o pobre Baudin. — Isto já é um consôlo.

Semanas passaram. No sumário, perante o juiz, o ferroviário recomeçou a protestar inocência. Não mudara, realmente, o seu "disco", embora tivesse notado o arzinho zombeteiro do detective de pé a seu lado.

EPISÓDIO REAL

Assim, Robert Baudin foi reconhecido culpado. Mas continuava com os mesmos protestos, quando finalmente chegou à sala do tribunal, perante o juiz William R. McKay, quase um ano depois.

Levantou-se, meia hora depois, para ouvir a própria condenação. Mas, nesse mesmo instante, o juiz foi interrompido pela entrada de dois policiais, flanqueando um rapaz de 24 anos.

— Sr. Juiz — disse um dos policiais, quando a ordem foi restabelecida. — Êste homem tem importante declaração a fazer com relação ao caso em julgamento.

O recém-chegado tinha forte semelhança física com o réu. Depois de prestar juramento, sentou-se na cadeira dos depoentes.

— Chamo-me Robert D. Trullinger e sou vendedor pracista — anunciou com esfôrço. — Venho declarar que êste tribunal vai enviar um inocente para a prisão.

— Mas, se Baudin não roubou Kroeker, suponho que o senhor nos dirá quem foi o ladrão — replicou o Juiz, em tom irritado.

— Fui eu! — confessou Trullinger, enquanto todo o tribunal se emocionava. — Fui, uma vez, condenado devido a um êrro de identidade... A polícia me acusou no lugar de outro. Recordo-me de como me senti, então... e não quero que um inocente sofra o mesmo que sofri naquela ocasião... Desta vez sou realmente culpado. Comprei o automóvel do Sr. Kroeker com um cheque falso!

Imediatamente, Kroeker, o irmão e o cunhado reconheceram o êrro em que haviam incorrido. Porém o engano era compreensível, devido à semelhança entre o verdadeiro culpado e o suspeito, que pareciam gêmeos. O próprio juiz juntou seus pedidos de desculpas aos dos acusadores. Baudin foi imediatamente pôsto em liberdade, enquanto Trullinger era levado para a prisão, para aguardar sentença.

O interessante foi a estupefação de Robert Baudin, ante a dramática mudança operada nos acontecimentos. Já estivera com seu salvador, uma vez, antes... *no "tintureiro"*! Robert Trullinger tinha sido, então, o único a acreditar na sua inocência!



— Está bem! Está bem! Deixe os garotos com a criada e vamos ao cinema!

RECORD

MARY Ashton, uma irlandesa balzaquiana, estabeleceu, recentemente, em Port Rush, um «record» mundial ao tocar piano, durante 133 horas, sem qualquer interrupção.

Durante a sua longa execução, assistida por mais de dez mil pessoas, Mary Ashton ainda se deu ao luxo de cantar três mil cançonetas populares! Como alimento ingeriu 107 xícaras de chá e mastigou quase duas centenas de pílulas vitaminadas.



NINGUÉM É TÃO INFELIZ COMO IMAGINA

O coração ainda agitado pelo resto de uma paixão é mais acessível a uma paixão nova que quando perfeitamente calmo.

OS FATOS OCORRIDOS EM ABRIL DE 1954

MEMENTO de EU SEI TUDO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

1 — QUINTA-FEIRA — Continuam sangrentos e ininterruptos os ataques dos comunistas do Viet-Minh à fortaleza de Dien Bien Phu, defendida pelos franceses. ★ Cresce na Inglaterra o temor pelos efeitos da bomba de hidrogênio sendo interpelado sôbre os riscos futuros do povo inglês, o premier Churchill. ★ O General Juin, recentemente destituído pelo govêrno francês dos seus postos militares, também o será da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

2 — SEXTA-FEIRA — As potências ocidentais repelem oficialmente a oferta russa de adesão ao Pacto do Altântico Norte. ★ Dispostos a morrer até o último homem a guarnição francesa de Dien Bien Phu. ★ Pede o premier Nehru, da Índia, imediata suspensão das experiências atômicas. ★ Turquia e Paquistão assinam tratado de ajuda mútua no caso de ataque não provocado.

3 — SÁBADO — Embora resistam com denodo, a impressão dos técnicos militares é a de que os franceses não tardarão ceder ante a violenta pressão dos assaltantes de Dien-Bien Phu. ★ Segundo o Marechal Tito, a possibilidade de guerra entre Oriente e Ocidente é agora mais remota. ★ Israel denuncia "manobras provocadoras" de Jordânia, ao Conselho das Nações. ★ O líder nacionalista Jagan, da Guiana Inglêsa é detido pelas autoridades inglêsas. ★ O artista Brian Fawcett, filho do famoso explorador do mesmo nome, anuncia sua próxima viagem às selvas brasileiras, para esclarecer o mistério do desaparecimento de seu pai. ★ Inaugurada em São Paulo, pelo Sr. Presidente da República, a I Exposição Nacional de Animais.

4 — DOMINGO — Reforços de pára-quedistas franceses chegam à fortaleza de Dien Bien Phu, cercada pelos comunistas do Viet-Minh. ★ Indivíduos armados de fuzis metralhadoras tentam assasinar o sr. Anastazio Somoza, presidente, numa estrada a 30 quilômetros da capital nicaraguenha.

5 — SEGUNDA-FEIRA — O premier Churchill anuncia, nas Comuns, que não pedirá aos Estados Unidos que interrompam suas perigosas experiências atômicas. ★ Novos reforços, lançados de aviões norte-americanos, chegam à desmantelada fortaleza francesa de Dien Bien Phu. ★ Direitistas e Comunistas, no parlamento francês atacam o premier Laniel pela demissão do general Juin.

6 — TÊRÇA-FEIRA — Os Três Grandes Ocidentais, apoiados pela Austrália e Nova Zelândia advertem a China Comunista de que não deve intervir na questão indo-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



AGORA SIM!



Sugestões MAIZENA



resolve o seu PROBLEMA.

Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas

INTEIRAMENTE GRATIS.

Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro

Sugestões MAIZENA



Amido de milho "MAIZENA" 55 E

Caixa Postal, 8006 - São Paulo

GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... ESTADO ....

chinesa. ★ Continuam acesos os debates das Comuns sôbre as experiências atômicas dos norte-americanos. ★ Assustador movimento de tropas indianas na fronteira com o Paquistão leva êste país a pedir urgentes providências à Sociedade das Nações.

7 — QUARTA-FEIRA — O Presidente Eisenhower anuncia ao mundo que seu país não pretende desenvolver as experiências com a bomba de hidrogênio "até saber qual o seu maior poder". E como num "a propósito" enveredou pelo assunto asiático para dizer que a Indo China nas mãos dos comunistas constituiria sério perigo para a independência das demais nações do sul dêsse continente. ★ Destacamentos vietminenses cruzam o rio Mekong, ao sul de Laos, fazendo piorar em muito a posição dos franceses. ★ Nomeado comandante da Zona Militar do Centro, com sede na capital paulista, o general Newton Estilac Leal.

8 — QUINTA-FEIRA — Cresce a campanha popular, em Londres, contra o uso da bomba de hidrogênio. ★ Mais reforços são lançados de aviões norte-americanos sôbre a fortaleza de Dien Bien Phu. ★ Festejando o cinqüentenário da Entente Cordiale (aliança franco-britânica) os ministros das Relações Exteriores da França e da Grã Bretanha exaltam os benefícios dessa política fraternal, fortalecida em duas guerras mundiais. ★ Os três Grandes ocidentais renovam, numa declaração conjunta que só reconhecem como govêrno legal alemão o do Oeste. ★ Eleito para a Academia Brasileira de Letras, na vaga de Miguel Osório, o historiador Luís Viana Filho.

9 — SEXTA-FEIRA — A França disposta a pressar a paz na Indo-China. ★ Enquanto isso a guarnição francesa de Dien Bien Phu vive suas últimas horas de resistência. ★ Cai no Mediterrâneo um Comet, a jato, perdendo-se sua tripulação e 21 passageiros, sendo decidida a suspensão de vôo dêsse tipo de aparelho até que fiquem esclarecidas as causas dos repetidos acidentes.

10 — O Sr. Foster Dulles, ao juntar-se em Paris a seus colegas da França e da Inglaterra declara que sua missão é a de efetuar demarches no sentido de obter uma paz mediante a fôrça. ★ Melhora a situação dos franceses na baluarte de Dien Bien Phu, havendo desalojado os assaltantes de importantes posições. ★ O Imperador Bao Dai apela para seu povo no sentido de que jamais permita que seu território se transforme em satélite da China. ★ A Espanha decide fechar seu consulado em Gibralta. ★ Falece em Paris Auguste Lumière, grande cientista, considerado, com seu irmão, o pai do Cinema.

11 — DOMINGO — Viajando para a capital francesa, o imperador Bao Dai do Viet Nam declara que pleiteará total independência para a sua pátria. ★ Anunciada pelo sr. Anthony Eden a organização de um consórcio para exploração do petróleo iraniano. ★ Pára-quedistas franceses em dura luta expulsam os comunistas de importantes posições do baluarte de Dien Bien Phu.

12 — SEGUNDA-FEIRA — Disposto Foster Dulles a dar um "rumo certo e rápido para êxito completo" na política ocidental para o Extremo Oriente. ★ A Im-

prensa norte-americana bem impressionada com os novos rumos da política financeira brasileira. ★ Falece na Bahia o antigo político Guilherme Carneiro da Rocha Marbach. ★ Chega a esta capital o professor Dudwig Erchard, Ministro da Economia da República Federal da Alemanha.

13 — TÊRÇA-FEIRA — "Estamos unidos e bem dispostos a rechassar qualquer agressão comunista na Ásia" — declara Foster Dulles, após conferenciar em Londres com os "premiers" da Inglaterra e da França. ★ O diplomata russo, Vladimir Petrov, que servia em Camberra, pede asilo político ao govêrno australiano, ao qual entrega importante documentação sôbre grande rêde de espionagem na Ásia. ★ O Brasil reduz sua dívida comercial com os credores inglêses. ★ Novamente agravadas as relações árabes-israelitas.

14 — QUARTA-FEIRA — Truman declara que o cientista Oppenheimer não deveria ser punido por simples deduções. ★ McCarthy, por sua vez, aplaude a decisão do govêrno contra o cientista atômico. ★ Os Três Grandes ocidentais voltam a afirmar que a China Comunista não participará da Conferência de Genebra, como membro da mesma, mas apenas como convidada. ★ Resolve-se a Inglaterra a enviar uma divisão blindada para o projetado exército europeu de 12 divisões. ★ Decretada a mobilização geral no Viet Nam, cujas fôrças ficarão sob direção francesa. ★ O sr. Aneurin Bevan, retira-se do Partido Trabalhista inglês. ★ Grandes homenagens do Itamarati ao Ministro alemão da Economia.

15 — QUINTA-FEIRA — Chega a Hanoi, para assumir a direção do auxílio norte-americano às fôrças da União Francesa, o general John O'Daniel. ★ Os comunistas do Viet-Minh inutilizam o aeroporto de Dien Bien Phu. ★ Ganha terreno também nos Estados Unidos a campanha contra as experiências atômicas. ★ O gabinete francês escapa, por pouco, de uma derrota no Parlamento, apelando para a necessidade de continuação em vista da situação na Indo-China. ★ Ameaçado de cisma completo o Partido Trabalhista britânico. ★ Costa Rica decide apresentar à ONU a decisão de suas divergências com a Nicaragua. ★ Volta a Índia a falar em tomar as possessões portuguêsas naquela península. ★ Deixa o Brasil, de regresso a Bonn, o ministro da Economia da República Federal Alemã.

16 — SEXTA-FEIRA — A Rússia repele proposta ocidental de eliminação dos obstáculos que se opõem ao livre movimento de pessoas e mercadorias entre a Alemanha Oriental e Ocidental. ★ O rei Baudoin, da Bélgica convida o sr. Max Buset, Socialista, para formar o govêrno, o que é recusado. ★ Demitem-se quatro ministros civis do gabinete egípcio, não sendo de absoluta calma a situação interna. ★ O ex-gauleiter nazista Otto Abetz,

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias

Laboratórios BINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório "Racé".

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....






de pelas autoridades francesas, tendo a polícia perdido seus passos logo após a sua saída da prisão. ★ Novos reforços chegam a Dien Bien Phu, sempre sob o fogo dos canhões comunistas. ★ O rei do Cambodge dissolve o govêrno. ★ Designados embaixadores do Brasil na Colômbia, na Guatemala, na Nicarágua, em Formosa os srs. Jacome Baggi de Berenguer César, Francisco d'Alamo Louzada, Rui Pinheiro Guimarães e Labieno Salgado dos Santos, respectivamente.

18 — DOMINGO — O Papa volta a condenar o emprêgo das armas atômicas, biológicas e químicas. ★ Realizada troca de prisioneiros capturados nos incidentes de fronteira entre Peru e Equador, afastando-se a ameaça de conflito geral entre os dois países. ★ Embarcará a 8 de Maio para o Brasil, o presidente Chamoun, do Líbano. ★ Falece em Paris o embaixador Souza Dantas, do Brasil.

19 — SEGUNDA-FEIRA — O sr. Vishinsky anuncia que a Rússia nunca aceitará o plano Baruch de desarmamento e afirma que também já se fabrica a bomba de hidrogênio em seu país. ★ O Govêrno mexicano desvaloriza o pêso, como medida tendente a aumentar a exportação e reduzir a importação. ★ Diversas solenidades marcam a passagem do Dia do Índio. ★ Designados embaixadores do Brasil na Suécia e na Noruega, os srs. Raul Bopp e Jorge Latour. Para a

"o homem odiado da França", é pôsto em liberdade, após 10 anos de encarceramento na França. ★ Receia o vice-Presidente dos Estados Unidos que seu país seja forçado a enviar tropas para a Indo-China.

17 — SÁBADO — Divergência entre a França e os Estados Unidos relativamente ao rearmamento da Alemanha Ocidental, ameaça a estabilidade do gabinete Laniel. ★ Prossegue a crise do govêrno belga, procurando o rei um político de prestígio para formar o novo gabinete. ★ Também sem solução a crise governamental egípcia. ★ Desaparece misteriosamente o ex-gauleiter Abetz, ontem pôsto em liberda-

Islândia é designado o sr. Glauco Ferreira de Souza.

20 — TÊRÇA-FEIRA — Reúnem-se em Londres os representantes da Comunidade Britânica, a fim de combinar a atitude do govêrno relativamente à conferência de Genebra. ★ Protesta a Rússia, violentamente contra o asilo concedido pela Austrália ao diplomata russo Petrov e espôsa. ★ Melhora a situação do café nos Estados Unidos, apesar da campanha contrária ao consumo do produto.

21 — QUARTA-FEIRA — Molotov será o chefe da delegação russa à Conferência de Genebra. ★ Encarregado o General Van Fleet, que comanda o VIII Exército na campanha coreana, de estudar um plano de assistência no Extremo Oriente. ★ Graves conflitos durante a campanha eleitoral argentina, na cidade de Eva Peron. ★ Estabelecida uma "ponte aérea" entre a França e a Indo-China, para intensificar o auxílio ao baluarte de Dien Bien Phu. ★ Comemorado em todo o país o Dia de Tiradentes.

22 — QUINTA-FEIRA — Chega a um estado alarmante, segundo a imprensa norte-americana a disputa entre o senador McCarthy e as autoridades do Exército norte-americano. ★ Grandes aviões norte-americanos se empenham em socorrer os franceses em Dien Bien Phu. ★ Três agentes da polícia secreta soviética pedem asilo às autoridades militares norte-americanas na Alemanha Ocidental.

23 — SEXTA-FEIRA — Não desiste, a Rússia, de que a China seja tratada como potência na Conferência de Genebra, o que anuncia debates intermináveis e estéreis, prejudicando os futuros trabalhos daquela reunião. ★ Perdem os defensores de Dien Bien Phu importantes posições, ante os teimosos ataques dos comunistas. ★ Formado novo gabinete belga, sob a chefia do sr. Van Acher, sendo logo aprovado pelo rei Baudoin. ★ Encerrada a campanha eleitoral argentina. ★ Os EE. UU. emprestam 1.000 milhões de dólares à Comunidade Européia do Carvão e do Aço. ★ O ex-couraçado brasileiro Minas Gerais, chega a Spezia, onde será desmontado como ferro velho. ★ Nomeado o sr. Ivan Rodrigues Serzedelo do I. A. P. T. E. C.

24 — SÁBADO — Tentam os franceses uma derradeira e desesperada resistência em Dien Bien Phu, para onde convergem colossais fôrças comunistas. ★ Suspenso o estado de guerra na República Argentina por motivo das eleições. Êsse estado de guerra está em vigor desde 28 de Setembro de 1951. ★ Encontrados os cadáveres dos treze membros de um grupo excursionista, desaparecido dia 15 na montanha austríaca de Dachtein. ★ A Rússia rompe relações diplomáticas com a Austrália. ★ Assinado acôrdo no Itamarati entre França e Brasil, com o fim de incentivar os investimentos franceses em nosso país.

25 — DOMINGO — Inaugurada a Conferência de Genebra com a presença de todos os países que enviaram tropas para



DORES nas JUNTAS

A tortura das juntas rijas e inchadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que êstes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida.

Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pílulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pílulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante.

Pílulas DEWITT

Para os Rins e a Bexiga



vierem a empregar. ★ Presos quatro candidatos radicais nas eleições argentinas, cujos resultados favorecem mais uma vez ao Partido Peronista. ★ Chega a esta capital a missão econômica iugoslava. ★ Falece nesta capital o desembargador Colares Moreira. ★ Instala-se a Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, presidida pelo Ministro da Fazenda.

27 — TERÇA-FEIRA — A Coréia do Norte apresenta um plano para seu país, logo declarado inaceitável pelos ocidentais. ★ Ao mesmo tempo Bidault, da França e Molotov, da Rússia procuram encontrar uma solução para a Indo-China. ★ A Inglaterra não assumirá qualquer compromisso quanto à Indo-China, segundo declara Churchil. ★ Israel protesta

a campanha coreana. ★ Eisenhower estuda a possibilidade de enviar tropas aéreas e navais para a Indo-China. ★ Revela Washington que a Rússia está enviando dinheiro em massa para o Hemisfério Ocidental, para financiar a incrementação do comunismo nos 20 países americanos.

26 — SEGUNDA-FEIRA — O representante da França na Conferência de Genebra advoga a causa de paz imediata na Indo-China e apela para que seja permitida pelos comunistas a retirada dos feridos. ★ O Chefe do govêrno russo, Malenkov, anuncia que os EE. UU. estão querendo provocar a guerra mas que serão esmagados com as mesmas armas que

contra a ajuda militar norte-americana ao Iraque como prejudicial à paz no Oriente Médio. ★ O Presidente Peron, acusa o Partido Radical argentino como "inimigo irreconciliável da lei, da ordem e do justicialismo".

28 — QUARTA-FEIRA — A Rússia propõe "sejam removidos os govêrnos existentes na Coréia para substituí-los por um Comunista-Satélite", o que é recusado pelos Ocidentais. ★ A China pede a suspensão de tôdas as bases aéreas de potências não asiáticas, em tôda a Ásia. ★ Pede a Rússia a não remilitarização do Japão. ★ Pedem os ocidentais a paz imediata na Indo-China, "para evitar o grande derramamento de sangue". ★ A França propõe a

imediata e total independência do Vietnam, o maior dos três Estados indo-chineses. ★ Presos vários oficiais superiores no Egito, sob acusação de conspiração contra o govêrno. ★ Falece nesta capital o deputado federal Carvalho Neto. ★ Instala-se nesta capital o Instituto Cultural Israel-Brasileiro. ★ Reeleitos presidente e vice-presidente do Supremo Tribunal Federal, os Ministros José Linhares e Orozimbo Nonato, respectivamnte.

29 — QUINTA-FEIRA — Eisenhower recusa aceitar o direito de, como chefe do Executivo, poder enviar tropas para qualquer parte do mundo, sem autorização do congresso. ★ Por sua vez é rechassada nos Comuns proposta visando proibir a fabricação da bomba H sem prévia autorização do Parlamento. ★ A Rússia acusa em Genebra os Estados Unidos de "agressão sistemática à China Comunista". ★ Washington afirma que a Rússia e seus satélites têm 6 milhões de homens em armas, enquanto Adenauer, chanceler da Alemanha ocidental, afirma que a Rússia quer expulsar os norte-americanos da Europa, a fim de apossar-se dêsse continente.

30 — SEXTA-FEIRA — Churchill advoga uma aproximação com a Rússia, para convencer povo e govêrno dêsse país de que a Inglaterra deseja sòmente a paz. ★ Aproveitando o fato a Rússia pede à Inglaterra que sirva de mediadora em favor do ingresso da China Comunista na ONU, como membro efetivo. ★ Recusada pela Comissão de Marinha da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos autorização para a venda de navios ao Brasil. ★ O Papa Pio XII, numa encíclica de .. 10.000 palavras recorda aos sacerdotes católicos a "importância fundamental da castidade e do celibato" ★ Falece nesta capital o Prof. Martagão Gesteira.

MÁQUINAS IMPRESSORAS

VENDEM-SE: — Marcas "KOENING & BAUER", "MIEHLE", "RECORD" e "AUFGUSTARKE", Formatos 2-A (76 x 112) e 2-B (66 x 96). Dupla Rotação. Usadas em Perfeito Funcionamento. CIA. EDITÔRA AMERICANA. Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — DIST. FEDERAL.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«Valem os idiomas não só como veículo de pensamentos, mas também como instrumento da literatura, que reflete a alma dos povos.» — JOSÉ RICARDO

CAMÕES

O dia 10 de junho assinala mais um aniversário da morte de Camões. Nesse dia, os estudiosos voltam o pensamento para o maior poeta da língua portuguêsa, e, recordando-lhe a obra, fixam aspectos de uma vida acidentada, plena de aventuras e de ilusões, aspectos que se refletem, principalmente, nos seus versos líricos.

Os grandes artistas tiveram pelo menos um grande amor. Não se lhes compreenderia, mesmo, a inspiração, a doçura de suas composições, sem a existência dêsse sentimento maravilhoso, que retempera os corações e os eleva aos páramos do sublime.

Escreveram algures: "os grandes poetas não parecem completos sem uma mulher que os acompanhe perante a história. Só se compreende que êles tenham inspiração, tendo amor."

E Camões, o grande lírico, teve mais de um amor... Inicialmente, a abandonada Isabel Tavares, "menina dos olhos verdes"... Depois, a infanta D. Maria. A seguir, D. Catarina de Ataíde, conhecida pelo anagrama de Natércia. Êsse amor é de tradição secular. Referindo-se à dama da Côrte, escreveu Camões:

"De quantas graças tinha, a natureza
Fêz um belo e riquíssimo tesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angélica beleza!"

Dêsse modo, tentou o poeta reproduzir a preciosidade de sua dama. A seguir, porém, irritado consigo mesmo, julgando-se incapaz de descrever a pureza e a divinal expressão de sua amada:

"Se da célebre Laura a formosura
Um numeroso Cisne ufano escreve,
Uma angélica pena se te deve,
Pois o céu em formar-te mais se apura;

E se voz menos alta te procura
Celebrar (ó Natércia!), em vão se atreve;
De ver-te já a ventura Liso teve,
Mas de cantar-te falta-lhe a ventura!"

Também D. Francisca de Aragão, espôsa de D. João de Borja, mereceu atenções do poeta. Mas Dinamene, jovem chinesa, foi quem lhe inspirou uma das mais profundas paixões. Após o naufrágio de que resultou a morte de sua amada, Camões escreveu êste sonêto, que considero um dos mais belos da literatura portuguêsa:

"Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou."

Depois, Nise...

"Aqui a vi os cabelos concertando,
Ali co'a mão na face tão formosa;
Aqui falando alegre, ali cuidosa;
Agora estando queda, agora andando.

Aqui estêve sentada, ali me viu,
Erguendo aquêles olhos tão isentos;
Comovida aqui um pouco, ali segura.

Aqui se entristeceu, ali se riu;
E, enfim, nestes cansados pensamentos
Passo a vida vã, que sempre dura."

Camões e Petrarca. Dois nomes, dois destinos paralelos, porque viveram os mesmos incidentes amorosos... porque sobreviveram às suas damas... porque viram, por vêzes, diluir-se em nuvens efêmeras o fogo de paixões violentas...

Que a admiração dos pósteros, o respeito das gerações vindouras, como até agora, sejam a derradeira homenagem a quem, amando apaixonada e desinteressadamente, viveu o que poderíamos denominar o maior poema lírico da história lusitana.

CORRESPONDÊNCIA

L. A. (Nesta) — Não há êrro de colocação de pronome em as notas do nosso país. A distribuição dos dizeres faz supor a seguinte ordem: "Se pagará...", em que o período começaria por variação pronominal. Melhor exame revelará, no entanto, que a ordem é a seguinte: "No Tesouro Nacional se pagará..." O caso não comporta maiores discussões.

JOSÉ RICARDO NETO

VOCÊ TEM MÊDO DE VIVER?

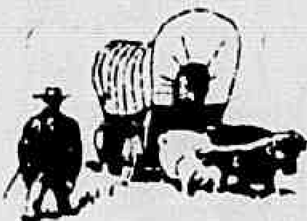
Pela CONDESSA SKOWRONSKA



MEU trisavô morreu repentinamente, com a idade de 42 anos, deixando minha trisavó com onze filhos e mais outro *em caminho*. Não cuidara muito de garantir seus haveres; fizera empréstimos a muitos amigos, sem qualquer documento e, nessas condições, tudo o que se salvou foi uma pequena propriedade agrícola, em lugarejo desolado e desprovido de recursos elementares.

Tratava-se de um pequeno terreno com uma colina rochosa e uma cabana miserável, situada a 15 milhas de distância de Genessee Valley, ao noroeste de New York. Um bom vizinho, apiedado, emprestou-lhe um cavalo e uma carroça coberta com tôldo de lona, onde a viúva se refugiou com os filhos, o mais velho dos quais tendo 15 anos.

Os anos seguintes foram bem árduos e desanimadores, entre uma população hostil e quase selvagem e invernos rigorosos. Ouvi meu avô dizer que meu bisavô sempre contava que ela, minha trisavó, costumava dormir com as portas abertas, para contar com a gratidão dos índios, que ali se refugiavam, também, nas noites de inverno, para ter o confôrto da lareira doméstica, desistindo de atacar a casa e liquidar a família inteira.



Minha trisavó, a despeito de tudo, conseguiu criar os filhos e conduzir a família numa vida de constante progresso, enviando alguns ao colégio e fazendo de todos excelentes cidadãos.

Viveu muitos anos e, quando se recolheu ao leito, para morrer, uma irmã, positivamente sem sombra de bom-senso, perguntou-lhe:

— Elizabeth; você tem mêdo de morrer?

A sua resposta foi admirável.

— Por que teria mêdo de morrer, *se nunca tive mêdo de viver?*

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



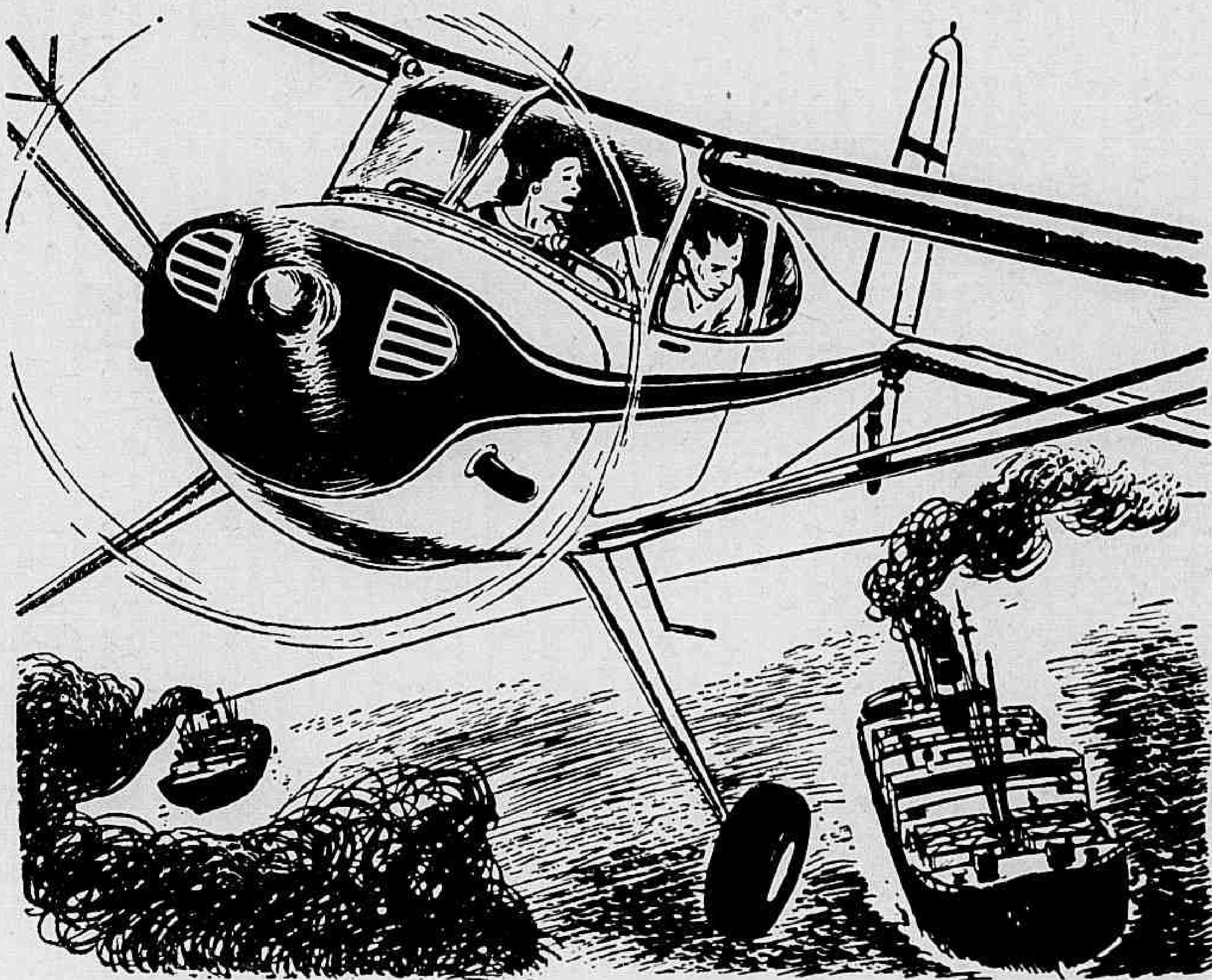
NOS primeiros dias, o pai orgulhoso pulava da cama, juntamente com a mulher, e corria para o quarto do bebê e ansiosamente perguntava o que «estava acontecendo» com o guri. Ela, emocionada com essa solidariedade, respondia com um sorriso gentil: **«Não sei...»**

Mas as noites se sucederam e o recém-nascido continuava a protestar em horas impróprias da noite. O pai passou a ficar na cama, deixando que a mãe fôsse, sòzinha, investigar o que havia com o filhinho. Mas, quando voltava ao leito, êle não deixava de perguntar o que acontecera. Uma noite, em que o menino cismou de chorar de meia em meia hora, a mãe, exausta, retornou pela oitava vez para o leito, onde se deixou cair, quase sem fôrças. Mas logo veio a inevitável perguntinha: — Que tem o bebê? — indagou o marido, com voz sonolenta.

— **Êle não disse!** — gritou a espôsa, com maus modos, enterrando a cabeça no travesseiro.



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?



MINHA espôsa e eu havíamos comprado um pequenino avião de turismo, para voar ao longo da linda costa da Nova Inglaterra, onde passávamos o nosso período de férias. Como compasso, o aparêlho tinha coisa muito sumária, que servia mais como enfeite do que como aparelho útil. A meio caminho entre a baía de Massassuchetts, Princetown e Boston, o compasso deixou de funcionar, sem qualquer prévio aviso. Quando descobri a coisa, estávamos executando círculos longos e vagarosos.

Então ficamos em apuros Para onde ir? Sob nós, e até onde a vista podia atingir, em redor, sòmente o mar!

Além do mais, o sol se escondera por trás de nuvens escuras, dificultando a nossa visão. Como poderíamos achar o caminho de terra? A gasolina que nos restava não era muita... Poderíamos seguir na direção da Europa, em vez de voar para Boston! Repentinamente, avistamos dois navios, navegando em direções opostas. Mas não tínhamos rádio a bordo, a fim de entrar em comunicação com êles. E tinhamos que encontrar, quanto antes, o caminho de terra e de casa! Como acha o leitor que fizemos? (Resposta à página 117)

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 13 — JUNHO — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso. Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossilabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape. 15 — e endereçada ao redator desta seção

2.º TORNEIO ABRIL-JUNHO

ENIGMAS

— 103 —

No ar sonâmbulo da noite
(Vem até recordação...)
Rola o tear da saudade
No **desastre** da paixão...

Mascobei

— 104 —

Se no encalço de seu ninho
Vai a fera com perfídia
Solta a voz o estorninho
Alertando a família

Roama (Guapiaçu)

— 105 —

(Ao Azil)

Tens da partida no ensejo,
Um quadro real da vida.
Até parece gracejo
A ausência dos teus amigos
Na hora da despedida.
Não é dos grandes castigos...
Tudo acontece hoje em dia...
Bem sabes que só nas lousas
Existe a vera **harmonia**
Entre duas ou mais coisas.

Jayreis. ACCB (Bahia)

— 106 —

(Ao D'Ávila, agradecendo)

Se lhe pareço alamão
Que vende bijutaria,
Faz-me ufano, e com razão,
Sua rica fantasia.
A quem se inspire ante um riso
É passageira a alegria.
Se anel **tomo de improviso,**
É apenas de fantasia,

R. Kurban (T. B. - S. Paulo)

— 107 —

A mais longa das histórias
Ouvi com muita atenção;
Falava de lutas inglórias,
De **viagens** pelo Japão.
Onde?

Bereco - G.C.N. (Recife)

CHARADAS SINCOPADAS

108 — Três (duas) — Embora **respeitável pela sua idade** o eminente senador, não conseguia convencer a **oposição.**

Cysneirense

109 — Três (duas) — Indivíduo sem **caráter,** porém **delicado.**

Cysneirense Júnior

110 — Três (duas) — Menino **que leva** repreensão é porque não tem bom **comportamento.**

De Souza - T.G. (Rio)

111 — Três (duas) — Tôda essa **corja** de brejeiros tem doença no **estômago.**

Fiote (Cuiabá)

112 — Três (duas) — O **prêto fugido** era filho da **ama de leite.**

Heron Silpes (Canavieiras)

113 — Três (duas) — Aquêle grande **comprador de diamantes** tem-me passado cada **mentira!**

Joleno (S. Paulo)

114 — Três (duas) — Não adianta **discutir!** O serviço vai **demorar.**

P. Del Debbio (S. Paulo)

115 — Três (duas) — Estar a **admirar** quanto aquilo pode **custar?**

Zenon (Ouro Fino)

116 — Três (duas) — Mais uma **frase** criada pela gíria: **lavagem** como vitória folgada.

Cysneirense

117 — Três (duas) — Aos garotos o barqueiro impede de atravessar a **corrente de rio,** com um **modo insinuante de dizer.**

Cysneirense Júnior

118 — Três (duas) — Quem é **muito pobre,** nos dias amargos de hoje, não pode ter espírito **tranquilo.**

De Souza - T.G. (Rio)

119 — Três (duas) — Não foi um bom negócio que fiz comprando um **cavalo arisco, difícil de apanhar,** eu que escapei da **bebedeira.**

Heron Silpes (Canavieiras)

120 — Três (duas) — **É com** água **corrente** que se limpa **o** vidro **fosco.**

Joleno (S. Paulo)

121 — Três (duas) — **Ao** comprar uma **canção melancólica inspire-se** na saudade de **alguém...**

KTQZ (S. Paulo)

122 — Três (duas) — **No pequeno planalto** fica a **barreira** divisória.

José Balsamo

CHARADAS ANTIGAS

— 123 —

A plena **vitória** — 2
Só deve **agradar** — 2
Quem teve na história,
Ocasião de castigar
Com palmatória

Asil

— 124 —

Indício algum de perigo, — 2
Além de certa implicância, — 1
Divisar eu não consigo
Num **dito sem importância.**

J. D. Mingo

CHARADAS CASAIS

125 — Três — O **cardume de sardinhas** só aparece no dia **em que há** muito **calor.**

Bisilva (Manaus)

126 — Três — **Os ombros** desta jovem são lindos, **não achas?**

Bereco - G.N.C. (Recife)

127 — Três — **Grande** é **o** esfôrço dum indivíduo **gordo** quando sobe ladeira **desenvolvida.**

Conde de la Fére (Salvador)

128 — Duas — No espaço **ilimitado** a Terra gasta 365 dias e

¼ para fazer o giro completo em tôrno do Sol.

Conselheiro (R. G. do Norte)

---

129 — Três — Quando bem **preparado** é muito gostoso o **doce feito de rapadura e farinha de mandioca**.

De Souza - T. G. (Rio)

---

130 — Duas — Não é preciso muita **inteligência** para se fazer uma **vasilha feita da metade do endocárpio do côco**.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá)

---

131 — Três — **A revolta popular** foi causada por um homem **estúpido e glutão**.

Fiote (Cuiabá)

---

132 — Quatro — Veja aquêle casal: êle muito **acanhado**, ela tão **enfezada**.

Heron Silpes (Canavieiras)

---

133 — Três — O caldo de cana **ligeiramente azêdo** é ótimo para **mordedura de inseto**.

Joleno (S. Paulo)

---

134 — Três — O ímpio foi **condenado ao inferno** porque na igreja vendia **cachaça**.

Paulistinha (Rio)

---

135 — Quatro — Preparou-se uma **cilada** para pegar o **tatu das índias**.

Joca I - C.E.C. (Rio)

---

136 — Três — Quem **fala com embaraço** vê-se sempre em **embaraço**.

KTQZ (S. Paulo)

---

137 — Duas — **Como** concorrente não entres nisso outra **vez**.

Nilva (Rio)

---

138 — Três — **O tabuleiro superior no banco do carpinteiro é de côr escura**.

O Sineiro - P.S. (S. Paulo)

---

139 — Quatro — Tal maneira de expressão é **confusa** e dá motivo a uma **interpretação ambígua**.

Oarcim

---

140 — Três — Ela ficou **triste** com a partida do **namorado**.

Sertanejo II (Lavras)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



CHARADAS NOVÍSSIMAS

141 — Duas — uma — Cara **mal feita não** agrada, principalmente quem já é **narigudo**.

Guilherme Tell (Rio)

---

142 — Três — uma — **Muda** o tempo, justamente **onde** devíamos fazer o nosso piquenique e, assim, perdemos o **farnel**.

Eva Dio (Rio)

---

143 — Duas — uma — É fabricando **clava** que obtenho o meu **sustento** e posso comer **bôlo de farinha de trigo com ovos e amêndoas**.

Paulistinha (Rio)

---

144 — Duas — duas — O **estado atmosférico** muito **cálido** causa até **barulho**.

Segon (Rio)

---

145 — Uma — duas — Custou um **cruzeiro** o jornal que trouxe o **labeu** do homem que ateou fogo na **coivara**.

José Balsamo (Rio)

---

146 — Duas — duas — Vi numa canoa **quase escura** na **corrente de água uma grande porção de pardais**.

Iza Abel (Rio)

---

147 — Uma — uma — **Não** tenho **êxito** quando faço qualquer coisa num **espaço ilimitado** de tempo.

Guilherme Tell (Rio)

---

148 — Duas — duas — Só vou a **baile magnífico** onde a aristocracia impera, e não a **baile popular**.

Eva Dio (Rio)

---

149 — Duas — uma — Numa **sociedade rudimentar** tudo se pode **fazer** e até **fazer trapaça em qualquer jôgo**.

Paulistinha (Rio)

150 — Duas — duas — A **quebra** de um dente pode causar **doença** na **língua**.

Segon (Rio)

---

151 — Uma — uma — **Onde** e como um **tumor** pode ser visto por **alguma** causa.

Asil

---

152 — Duas — três — A polícia **toma** providências para a prisão dos **alcoviteiros** e famosos **ladrões de animais**.

Bereco - G.C.N. (Recife)

---

153 — Duas — uma — Nunca **desaparece** o **sofrimento** do indivíduo **covarde**.

Conde de la Fére - A.C.C.B. (Salvador)

---

154 — Quatro — duas — Minha granja pouco **dá de renda**, portanto terei que deixar de raspar a **barba**, economizando assim, para conseguir **matrícula** no colégio.

Cysneirense Júnior

---

155 — Duas — uma — **Desatina** a qualquer um **aquilo** que só provoca aumento de preços, principalmente ao pobre **vendedor ambulante de peixe**.

Cysneirense

---

156 — Duas — uma — Quem **briga** por qualquer coisa, sempre me causa **nojo**, mesmo provocado por um **embriagado**.

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fá qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender aa ceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

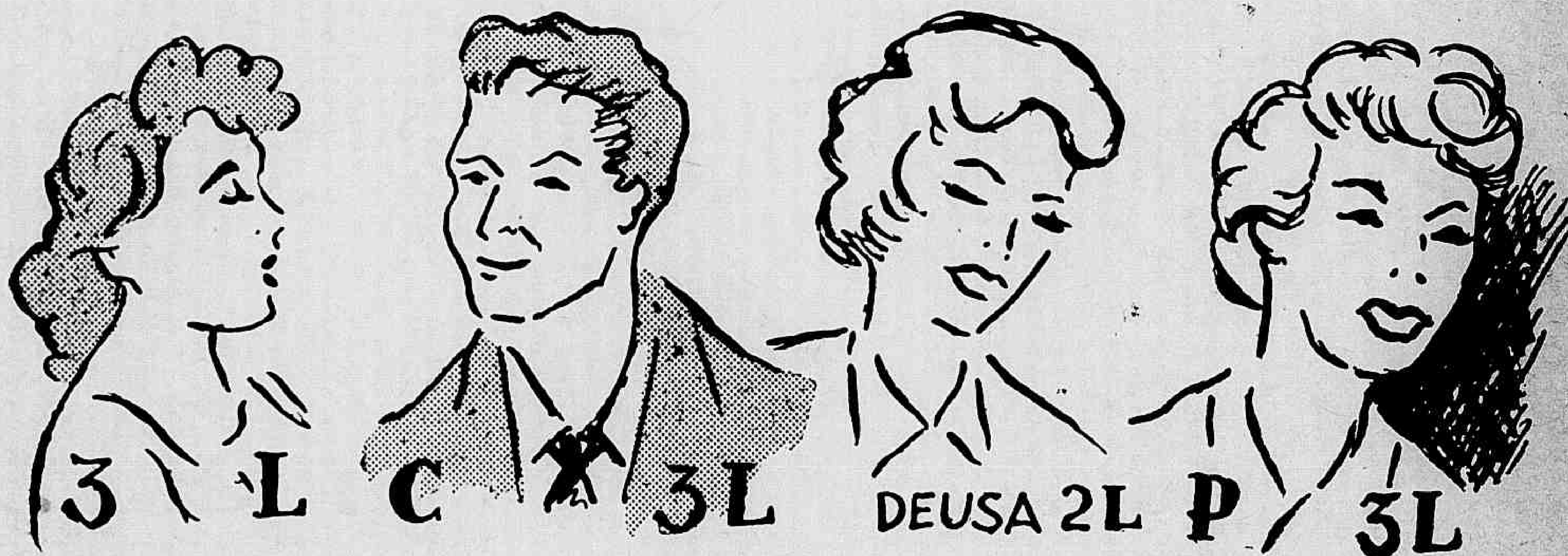
INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

ENIGMA FIGURADO — 156



Zenon - T.E.O. (Ouro Fino)

Alívio rápido para

HEMORROIDES

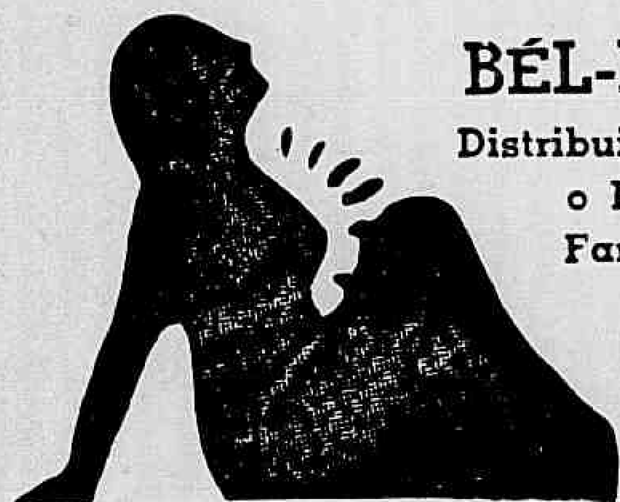
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada ManZan

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOMÉ ....

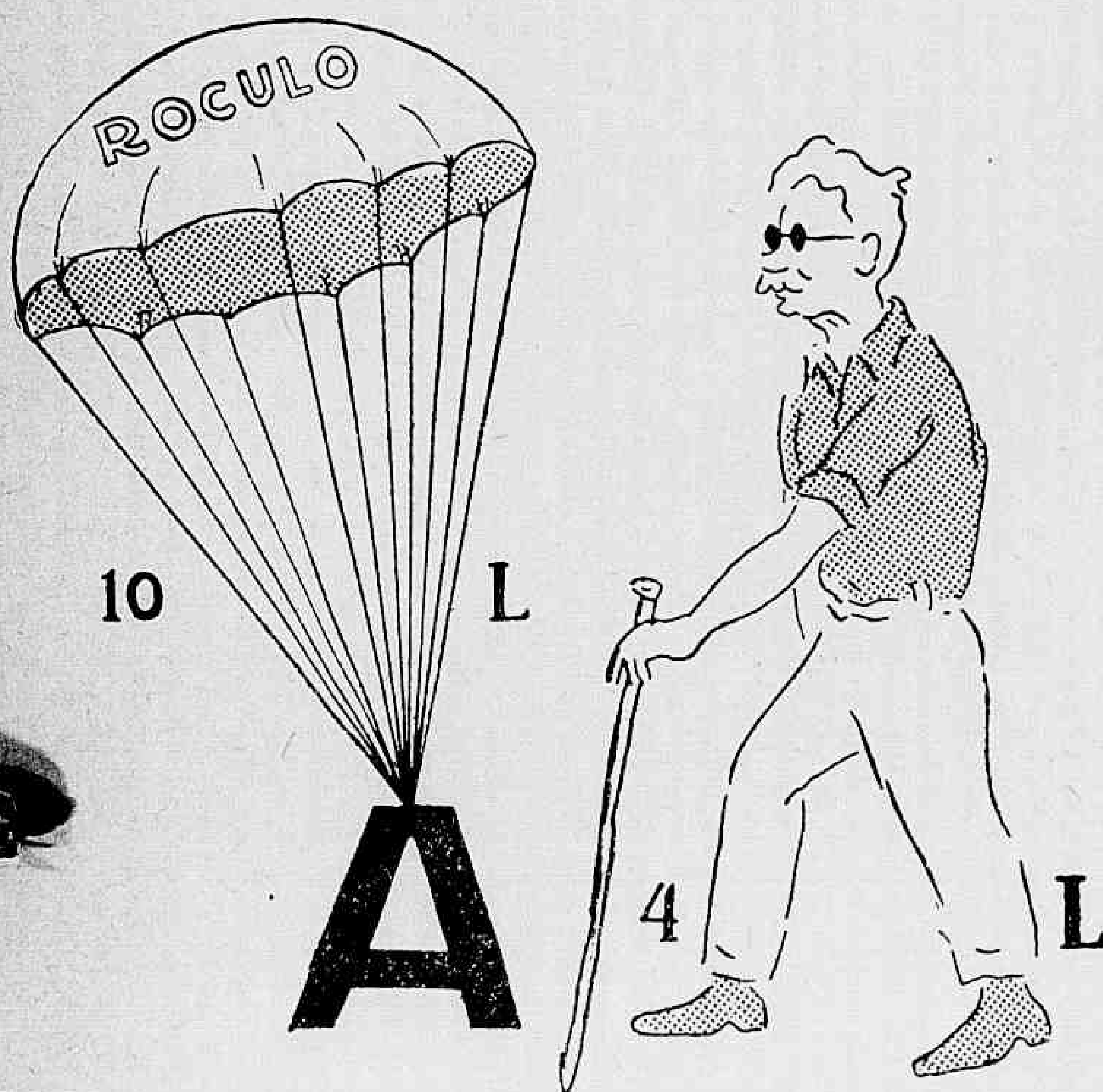
RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

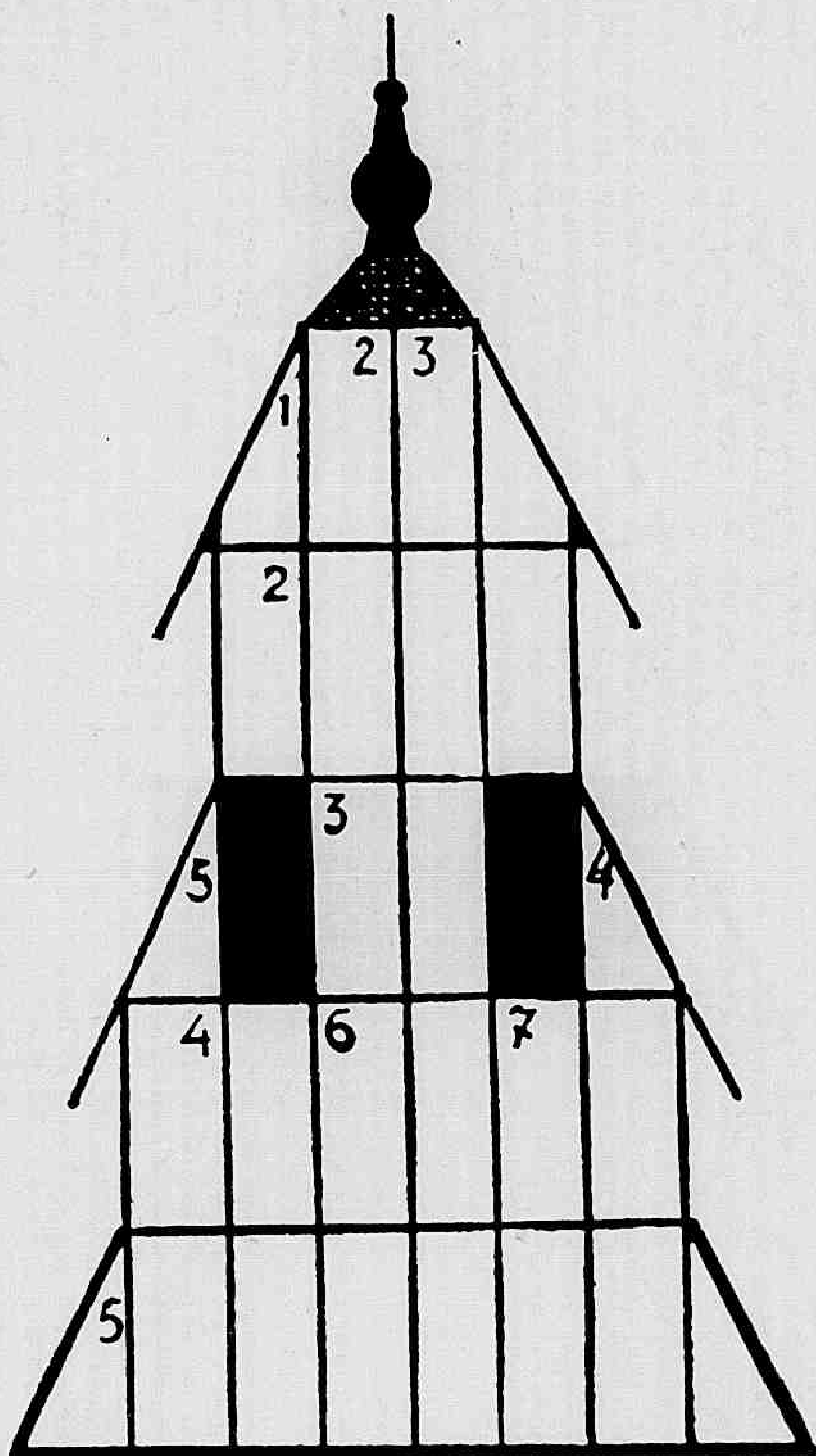
ENIGMA FIGURADO — 157

Ao **Ueniri** agradecendo o saboroso churrasco do dia 7 de março.



Dr. Lavrud

PROBLEMA N.º 3



Pedro C. Amorim (R. G. do Norte)

Horizontais — 1 — Escavar; 2 — Grande nação de índios da Guiana brasileira; 3 — Pron. pessoal, forma oblíqua; 4 — Chibatada; 5 — venerara.

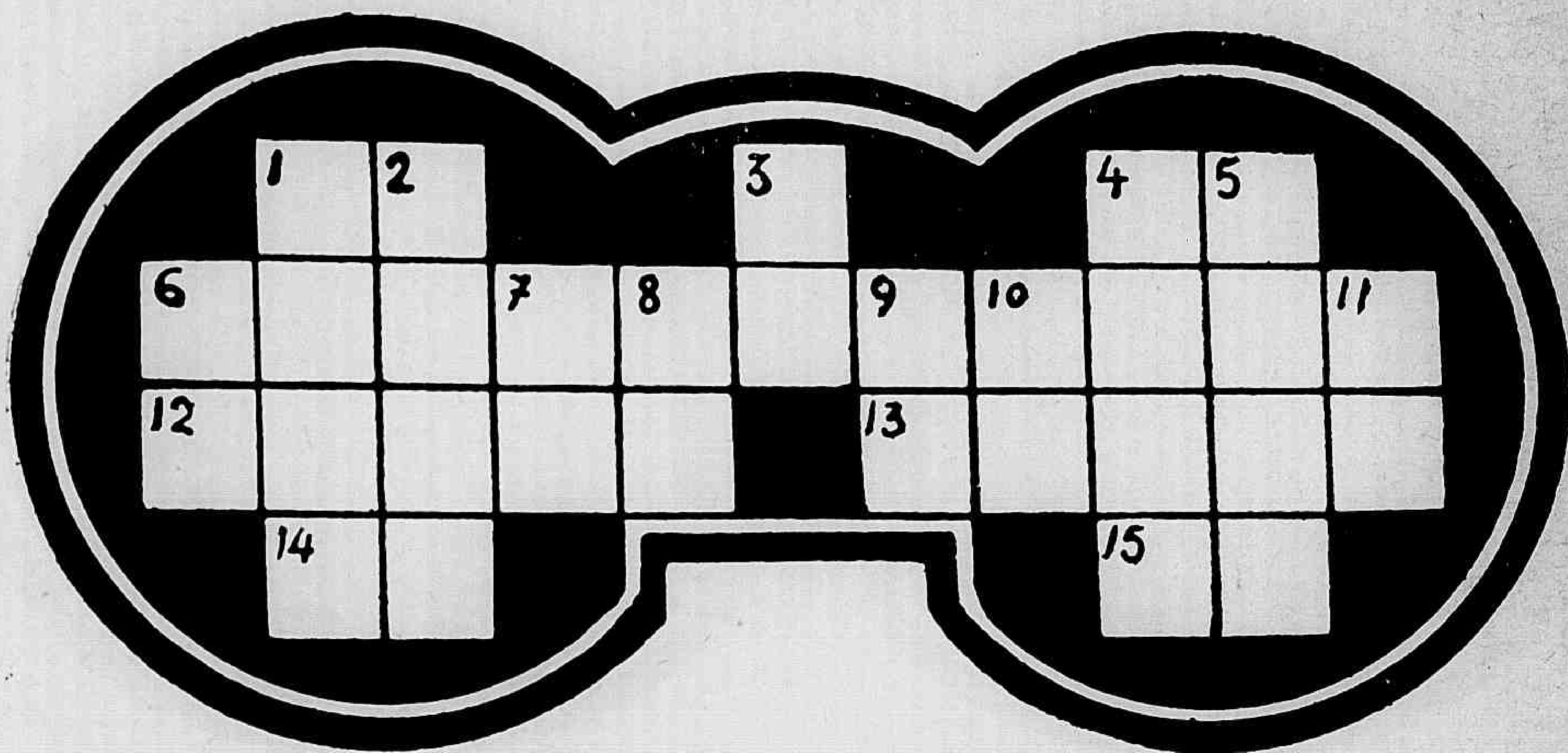
Verticais — 1 — Rio da Rússia Asiática; 2 — Cama de viagem; 3 — Estonteara; 4 — Cada um dos mais poderosos vassalos do rei; 5 — Pessôa astuta e ladra; 6 — Pref. ind. privação; 7 — Brota.

3.º TORNEIO DE 1953

Soluções

1 — Mocororó; 2 — Areu; 3 — Amarra; 4 — Domar; 5 — Pinante; 6 — Avatar; 7 — Espêto; 8 — Fundado; 9 — Tabela; 10 — Gamenho; 11 — Granito; 12 — Meandrar; 13 — Gibarra; 14 — Tormento; 15 — Pingante; 16 — Fôlego; 16-A — Amar; 17 — Vaca; 18 — Estanhada-o; 19 — Fósmea-o; 20 — Pirtiga-o; 21 — Regalo-a; 22 — Memorio-a; 23 — Tapado-a; 24 — Queimada-o; 25 — Pedrada-o; 26 — Imaculado-a; 27 — Botelha-o; 28 — Conta-o; 29 — Aparelha-o;

PALAVRAS CRUZADAS
PROBLEMA N.º 4



P. Del Debbio - C.E.P. (S. Paulo)

Horizontais — 1 — Acontecer; 4 — Interj. Exprime espanto; 6 — Arraial de tropas; 12 — Cadeira pontifícia; 13 — Ofícios; 14 — Sol dos Egípcios; 15 — Rio da Rússia Asiática, afluente do Ural.

Verticais — 1 — Sânie; 2 — Atormenta; 3 — Aqui; 4 — Óleo; 5 — O espaço celeste; 6 — Carta de jogar; 7 — Primeira corda do violino; 8 — Polvilho; 9 — Tumor; 10 — Símbolo químico do érbio; 11 — Artigo plural.

30 — Aviltado-a; 31 — Partida-o; 32 — Pisco-a; 33 — Enfesta-o; 34 — Filha-o; 35 — Janota; 36 — Mãe de santo; 37 — Volta-face; 38 — Caça-fecho; 39 — Ocaso; 40 — Trasteja; 41 — Branco da Bahia; 42 — Uva; 43 — Prego-dourado; 44 — Cabra-de-peia; 45 — Bossagem; 46 — Queda; 47 — Moças-e-velhas; 48 — Torna-viagem; 49 — Tibial; 50 — Porta-colo; 51 — Malsim; 52 — Malroupido; 53 — Apucuitaua; 54 — O peixe na quaresma é rei; 55 — Peixe barato nem no Crato; 56 — Charpa; 57 — Floresta; 58 — Juremeiro; 59 — Desafio; 60 — Intempérie; 61 — Gralhada; 62 — Mamparra; 63 — Armipotente; 64 — Timão; 65 — Encostada; 66 — Pinguelo; 67 — Tecedura; 68 — Bicho-de-sete-cabeças; 69 — Banho-de-igreja; 70 — Crespos; 71 — Cachamorra; 72 — Revolvedor; 73 — Convescote; 74 — Frialdade; 75 — Conquista; 76 — Rabona; 77 — Litigar; 78 — Gosmento; 79 — Cevado; 80 — Frescata; 81 — Matança; 82 — Mitico; 83 — Bufete; 84 — Galinha; 85 — Frequente; 86 — Coleta; 87 — Rapapé; 88 — Troca-pernas; 88-A — Porteira-o; 89 — Farta-o; 90 — Altiva-o; 91 — Harto-a; 92 — Virtuoso-a; 93 — Falho-a; 94 — Escarapelo-a; 95 — Mágica-o; 96 — Pachola-o; 97 — Plano-a; 98 — Pisco-a; 99 — Sinistra-o; 100 — Conforto-a; 101 — Metralha-o; 102 — Oberado-a; 103 — Frasca-o; 104 — Coma e cale; 105 — O mulato diz ao negro que é branco; 106 — Atrasas; 107 — Meleira; 108 — Bombo; 109 — Intrigado; 110 — Bem-afortunado; 111 — Pimpolha-o; 112 — Caduco-a; 113 — Bolso-a; 114 — Trolho-a; 115 — Casta-o; 116 — Chaço-a; 117 — Fôrro-a; 118 — Rebenta-o; 119 — Bota-o; 120 — Conta-o; 121 — Baralha-o; 122 — Pespega-o; 123 — Baluda-o; 124 — Matuta-o; 125 — Respeito-a; 126 — Falido; 127 — Cajetilha; 128 — Almadia; 129 — Chupa-rôlha; 130 — Floresta; 131 — Roda-viva; 132 — Já-começa; 133 — Pedestremente; 134 — Paulatino; 135 — Malhoada; 136 — Corroida; 137 — Frioleira; 138 — Paladina; 139 — Gato-pingado; 140 — Sobrepujar; 141 — Esganadura; 142 — Tabefe; 143 — Marcada; 144 — Numeroso; 145 — Naveta; 146 — Cadena; 147 — Atalho; 148 — Farroupa; 149 — Ligação; 150 — Brandido; 151 — Papista; 152 — Danada; 153 — Gasalho; 154 — Gamela; 155 — Desverde; 156 — Ordena; 157 — Tapera; 158

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO "O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO "CORREIO DA NOITE" e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAÍS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES: Telefones: 32-9309 e 32-9415
Av. Rio Branco, 137 - sala 616
RIO

— Cachaço; 159 — Calina; 160 — Bichos em casa, só na panela; 161 — O mar dá o peixe e o sal.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1

COS — AREAL — CIRCÍO — ROSINI — OUTRAS — LEV — ADA.

Problema n.º 2

MA — SA — ARCABUS — TO — AN — ER — ID — PU — TAL — AL — ALGERAVIA.

Problema n.º 3

COR — CORÉA — ARIGO — BROIS — ANA.

Problema n.º 4

DEY — UNS — I — RACEMO — B — PE — OISE — RA — EMA — RE — MOZ — PRECOCES — ARTÍFICE — OCA — NA — ATA — HA — BADA — AX — M — MALOCA — I — ZEU — AIN.

Problema n.º 5

CAT — CALAM — AMAPA — TANIS — ARIES — APATIA — MUDAR — SASAO.

Problema n.º 6

PANAMA — APARAM — NAMORA — AROMAS — MARAUS — AMASSA.

DR. LAVRUD

Estêve internado no Hospital dos Servidores do Estado, onde sofreu melindrosa operação, o diretor desta seção.

O **Dr. Lavrud** teve ocasião de receber a visita pessoal e por telefone de muitos confrades e amigos.

A todos e ao seu médico assistente e amigo Professor Dr. Guerreiro de Faria, êle apresenta os seus agradecimentos.

ENIGMÍSTICA

Recebemos e agradecemos um volume dêste precioso livro escrito por Irineu Vilas-Boas Esteves, o nosso velho amigo e colaborador **Ueniri**.

O charadismo está de parabéns com o aparecimento dêste livro.

O seu autor procurou fazer obra diferente do que existe, pois muito trabalhou para apresentar um estudo sôbre o histórico do charadismo no Brasil e outros países.

Realmente é um livro de grande utilidade para os estudiosos e para aquêles que quiserem aprender a nossa arte-ciência.

Ueniri não poupou esforços para apresentar uma obra completa quer na parte do texto, quer na parte material, que é de grande formato.

Sentimos não caber no limitado espaço desta seção, uma crítica detalhada de **Enigmística.**

Os confrades devem dar todo o apoio ao **Ueniri** adquirindo a sua obra.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 5 de maio:

Malba Tantan (Santos) — Gratos pela colaboração enviada, que chegou em boa hora.

Dr. Zinho (S. Paulo) — Anotada a sua nova residência.

Dr. Legnar (Urupés - S. Paulo). Idem, idem, na mesma data.

Mavicaro (Recife) — Tudo em ordem. Gratos.

Plapece (Salvador) — Inscrito com muito prazer.

Jayreis (Salvador) — **Dr. Barreto Cardoso** (Maceió); Anchieta (S. Paulo. **Radge** (Recife) — Gratos pela colaboração enviada.

Alô Tropina — (S. Luís, Maranhão) — O seu enigma "Comentários" vai para o Almanaque de 1955. Mande outros. Um abraço para o Roaso.

PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados 90.

Tôda a correspondência sôbre charadas deve ser dirigida ao diretor desta seção.

DR. LAVRUD

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

OS MISTÉRIOS MARINHOS

(*Cont. da pág.* 53)

Uma das histórias mais extraordinárias de navios abandonados é, sem dúvida, a que corresponde ao barco norte-americano "Mary Celeste".

Partiu, em novembro de 1872, do pôrto de New York com destino a Gênova, tendo solicitado, por empréstimo, alguns tripulantes ao veleiro inglês, "Dei Gratia". Os dois navios, segundo fôra combinado por seus comandantes, com conhecimento dos armadores, deveriam encontrar-se nos Açores.

A viagem do "Dei Gratia" ocorreu normalmente e no prazo previsto chegou ao pôrto açoriano. Porém ali não estava o "Mary Celeste" e as autoridades não sabiam dizer o que fôra feito do navio norte-ameriacno.

Depois de permanecer no pôrto o tempo previsto para embarque e desembarque de carga e passageiros, o "Dei Gratia" levantou âncoras e partiu novamente para o mar alto, onde, quatro dias mais tarde, encontrou finalmente o "Mary Celeste"... abandonado, errando sôbre as águas, com o velame em perfeito estado e alimento ainda quente sôbre as mesas!

Êsse mistério sòmente pôde ser revelado cinquenta anos mais tarde. Sem que fôsse possível explicar, o destino mais negro se revelara contra o infeliz barco e seus tripulantes. A bordo do "Mary Celeste", no corrente de violenta tempestade (que não surgira na rota, quase igual, do "Dei Gratia") o navio jogara violentamente e o piano de bordo, resvalando, foi tombar sôbre a espôsa do capitão, esmagando-a. Sua morte foi instantânea. Enlouquecido pelo choque tremendo, o capitão se lançara ao mar, logo desaparecendo. Entre si mesma, a tripulação se desentendera, havendo luta. Um tripulante morreu, esfaqueado, e os demais homens, temendo o castigo que os aguardava no primeiro pôrto, haviam decidido abandonar o navio. A bordo permaneceram apenas os três homens, que haviam sido emprestados pelo comandante do "Dei Gratia".

Para conseguir obter o prêmio pelo salvamento do "Mary Celeste", que tomou a reboque até Gibraltar, o capitão do "Dei Gratia" resolveu declarar às autoridades dêsse pôrto inglês, que havia encontrado o "Mary Celeste" sem nenhum tripulante a bordo, dividindo finalmente a quantia correspondente ao prêmio entre seus comandados e mais os três que haviam servido por algum tempo no "Mary Celeste". Tendo todos, por interêsse próprio, jurado guardar segrêdo do acontecimento real, a história do "Mary Celeste" foi inscrita por várias dezenas de anos entre as de outros muitos "navios fantasmas".

Porque essas histórias sem explicação são mais do agrado dos tripulantes e do grande público, servindo para que os cronistas encham muitas e fascinantes páginas em jornais, revistas e livros, muitas outras, perfeitamente explicáveis, tomaram ares fantasmagóricos.

Entre as principais, surgem aquelas que terminam com o navio sendo levado para o famoso Mar de Sargaços, pois que ali, realmente, vão parar muitas embarcações desarvoradas pelas tempestades em lugares distantes dos vastos oceanos. Tratam-se de navios mortos, abandonados por suas equipagens e que, levados ao sabor das vagas, vão encalhar nesse mar coalhado de algas, corais e outras vegetações marinhas.

Outros, entretanto, continuam a errar com seus marinheiros fantasmas, sob as ordens de um poder misterioso e terrível; são os velhos veleiros, desmantelados, com rombos terríveis em seus cascos apodrecidos e que ali se reúnem, formando verdadeira e perigosa muralha para a navegação; são navios de todos os tipos e de tôdas as épocas, desde os tempos em que espanhóis, portuguêses e holandeses transportavam o ouro da América para as arruinadas côrtes da Europa e também os que se dedicavam exclusivamente ao comércio dos escravos para o Novo-Mundo, até as embarcações mais modernas, que a êles se juntaram, principalmente no

correr da primeira guerra mundial, de 1914 a 1918.

Quantos marinheiros viram — ou acreditaram ver passar, nas noites de tempestade, lento e todo iluminado, um navio-fantasma, seguindo uma rota interminável e desconhecida?

Em 1934, alguns pescadores gregos juraram ter visto não uma só vez, porém durante vários dias, cruzando ao largo de Falera, um navio-fantasma do qual não ousaram aproximar-se.

É muito conhecida a história de outro navio-fantasma. Trata-se do famoso veleiro holandês, que foi apanhado por uma violenta tempestade não distante do Cabo da Boa-Esperança; os passageiros e também a equipagem, ajoelhados, imploram a Deus a sua salvação; o capitão, porém, um ateu, zomba de suas preces. Bruscamente, uma luminosa aparição entra a brilhar no passadiço; o capitão procura expulsar êsse ser de luz; mas em vão. Blasfema, oferece sua alma ao Diabo, pedindo que êste o defendesse. Repentinamente, ouve uma voz:

— Dêste momento em diante errarás eternamente sôbre o mar. A partir de agora, pertences ao Diabo!

A luz desaparece; a tempestade logo se acalma; não há mais a bordo nem um só tripulante, nem um só passageiro... E o navio-fantasma começa, através dos oceanos, sua viagem sem fim.

Shakespeare pôs na bôca de Hamlet estas famosas palavras:

— "Há, sôbre a terra e no céu, muito mais coisas que nossa filosofia não pode conceber."

Tinha esquecido o mar!



— *Mas há uma coisa que me preocupa: Como êles sabem quando vamos embora?*

RENDA NACIONAL BRASILEIRA

SEGUNDO os dados referentes à estimativa da renda nacional, em 1952, calculados pela «Fundação Getúlio Vargas» e publicados no último número do «Boletim Estatístico» do Conselho Nacional de Estatística (IBGE), o montante atribuído aos dois maiores centros do país — Distrito Federal e o Estado de São Paulo — ascendia a 151.698,1 milhões de cruzeiros. O total, no Brasil inteiro, era de 308.055,4 milhões.

Segue-se daí que 49,2 por cento da renda nacional se concentravam naquelas Unidades Federadas.

Ainda outras verificações de desequilíbrio ocorrente entre as diferentes regiões podem ser feitas através do exame dos dados em questão. Na região norte, a estimativa alcançou 5.525,5 milhões de cruzeiros (1,8 por cento) para uma população equivalente a 3,6 por cento do total do país; no nordeste, 31.468,9 milhões (10,2 por cento), e uma população que representa 24,1 por cento; no Leste, 108.687,9 milhões (35,3 por cento), representando a população 36,1 por cento; no sul, cuja população reúne 32,7 por cento, a estimativa subiu a 155.909,0 milhões (50,6 por cento); e, no centro-oeste, onde o número de habitantes equivale a 3,3 por cento, 6.464,1 milhões (2,1 por cento).

Isso mostra que são sensíveis as diferenças de renda «per capita», em cada uma das grandes regiões geo-econômicas. Os desníveis mais acentuados residem, como se vê, entre as regiões norte e sul.

A POESIA DOS CONQUISTADORES...

(Cont da página 38)

vertiginosos, etéreos, vagos e universais, que ornamentam a poesia movimentada dos "Vedas". O fogo idealizado em Agni, o firmamento figurado em Varuna, o ar simbolizado em Indra e a natureza personificada em Prisni, faíscam nos ritmos como cintilantes Pervas, generalização poética, sob cuja imagem, a poesia ariana abrange a plêiade de espíritos luminosos.

O SALMO CÓSMICO DA IMAGINAÇÃO ARIANA — Nada mais belo e infinitamente misterioso do que o "Rig-Veda", êsse canto secreto e universal, criado por todo um povo. A salmódia milenar da Índia Sagrada, verte a todos os momentos infantil sinceridade, combinada com uma intuição profunda do sonho humano e uma inocência coletiva. Ao contrário dos românticos culturizados, que comparam as fascinações da mulher aos encantos da Natureza, prefere o poeta védico a inversão dos efeitos poéticos: "A aurora branca é como uma virgem de formas leves, jovem e radiante, de luminoso seio, corpo esplêndido de beleza que a sua mãe vem de purificar". A fantasia védica, imaginosa e variável, compraz-se em motivos frescos e naturais.

No "Rig", os cantores falam e respondem pelos deuses, como ocorre com Agastya, quando obriga a divindade Indra a exclamar: "Agastya, meu irmão e meu amigo, de que me acusas tu? Nós conhecemos as tuas intenções!"

Eis uma maneira harmoniosa de cantar e declamar a onisciência dos deuses, exibindo com êles uma tocante intimidade. O voto de felicidade e de fidelidade, que a noiva dirige ao eleito toca o coração pela imagem divina: "Deus não é melhor para o homem do que a mulher é para o amante". A metafísica do "Rig-Veda" sobrepuja as especulações escolásticas e filosóficas das raças mais antigas da Ásia e da Europa, equivalendo à sabedoria da Bíblia Hebraica pela sua universal tonalidade. O canto védico da alma merece ser compreendido e sentido com tôda a sua inspiração cósmica: "Antes nada existia, nem o ser, nem o éter.

Onde estava, pois, o que envolve tôdas as coisas, o receptáculo da água, o espaço do ar? Então, nem morte, nem imortalidade, nem noite, nem dia.

O ser único respirava sem inspirar nada e absorto em seu próprio pensamento, não havia nada fora dêle. As trevas estavam envôltas em outras trevas e a água não tinha nenhum brilho. Tudo estava confundido nêle. Repousava o ser em sua própria vida. Enfim, pela fôrça da sua vontade, produziu-se o Universo. Formou-se em seu espírito um desejo, primeiro manancial de tudo. A essência do supremo ser sobreviverá a todos como a tudo precedeu. Quem conhece, porém, êsses mistérios? Quem poderia revelá-los? De onde vem êsses sêres e êsse Universo? Os deuses nasceram porque êle o quis, porque êle os fêz nascer. Quem saberá, porém, de onde saiu o mesmo, de onde surgiu essa imensa criação?".

Não há poesia anônima de outra literatura, que possa superar o vasto sentimento dêsse hino sânscrito. Por entre as brumas da Índia, a civilização védica ressurge como uma rara flor de graça e de luz, aos olhos do homem moderno, que interroga a origem das coisas primitivas e que supunha haver inventado o mistério da poesia universal.

A VAIDADE DOS TEXANOS

OS habitantes do Texas têm fama, nos Estados Unidos, de sentir-se exageradamente orgulhosos de sua origem. Como é natural, os que pertencem aos outros Estados da União norte-americana não aceitam fàcilmente como axioma, a superioridade de todo o texano e são numerosas as anedotas e gracejos em sentido contrário. Eis uma delas: Um texano, ao chegar às portas de sua eterna morada, exclamou:

— Nunca pensei que o céu se parecesse tanto com o Texas!

— Meu filho — disse-lhe, tristemente, o porteiro, que lhe deu passagem — aqui não é o céu...

POR QUE A BÚSSOLA APONTA O NORTE ?

(*Cont. da pág. 15*)

elementos, *tetravalentes* é o carbono, a "alma da química orgânica". O carbono é, de fato, para os outros elementos, o que a "rainha" é, no jôgo de xadrez, comparada com os "bispos" e as "tôrres".

Infelizmente, o esquema que precede não apresenta mais que o aspecto primário dos fenômenos. Ao lado da *ligação "normal" dos átomos, sob a ação das fôrças elétricas*, conhecemos, de fato, certas *ligações magnéticas*, cuja importância não é menor.

Pelo fato de ser constituído por cargas elétricas em movimento, o átomo se comporta, de fato, como uma *espiral* que fôsse percorrida por uma corrente elétrica, isto é: engendra, automàticamente, um campo magnético. Por isso devemos ter em conta esta outra realidade: *todo átomo deve, "a priori", ser considerado como um ímã em miniatura*. Isso nos explica por que, *em estado natural*, os átomos de um gás simples qualquer não ficarão em estado livre: ao contrário, tenderão a reunir-se, dois por dois. Nessas condições, no ar que nos cerca, êsses sêres que são as moléculas de oxigênio ou de azôto são constituídos, respectivamente, pela união de dois átomos de oxigênio ou de dois átomos de azôto. E no hidrogênio de nosso gás de iluminação encontramos ainda moléculas formadas de dois átomos de hidrogênio. Tôdas essas moléculas dos gases ordinários são, portanto, comparáveis a pequenos *haltères* que vogassem em todos os sentidos e em velocidades de várias centenas de metros por segundo. Ao contrário, no líquido, encontramos os mesmos *haltères*, mas permanecem colocados uns aos outros, deslocando-se como caranguejos num cêsto.

Em certas condições é possível obter os gases correntes em estado "atômico". Sua atividade química é então extraordinária. Por exemplo, a fôrça de oxidação do oxigênio atômico é tal que permite o p e r a r imediatamente quase tôdas as sínteses, mesmo as mais difíceis. Quanto ao hidrogênio atômico, êste se "recombina" em hidrogênio ordinário, liberando a maior energia química que se pode obter de uma reação. Se essa energia pudesse ser utilizada num motor-foguete, daria aos gases ejetados uma velocidade da ordem de 20 km/*segs*, isto é: dez vêzes maior que a obtida normalmente pelos atuais foguetes. Seria o sonho dos argonautas, porque com uma tal velocidade estariam seguros de livrar-se da atração terrestre ao preço de desgaste pouco elevado com relação à massa.

Todos os segredos da química estão, portanto, aí mesmo, no estudo dêsses meios de que dispõem os átomos para unir-se em moléculas ou para destacar-se delas. Infelizmente, nossos conhecimentos são ainda muito fragmentários, tanto mais que nos é impossível "ver" o que se passa *efetivamente* nessa escala atômica, enquanto que o cálculo é, às vêzes, arma que decepciona e mesmo parece difícil pôr em equação uma realidade algumas vêzes estranhamente complexa.

EXPLICAÇÃO REVOLUCIONÁRIA DO MAGNETISMO — Tal é a razão pela qual os estudos de alguns detalhes imobilizam os sábios do mundo inteiro há várias dezenas de anos. Ao mesmo tempo, a natureza profunda das fôrças do universo ainda nos é desconhecida e apenas aos seus efeitos sabemos dar um nome.

Assim também para considerar os dois agentes fundamentais do mundo molecular, *que é a eletricidade? Que é o magnetismo?*

Há cinco anos, apenas, afirmava-se que o magnetismo não existia: aos olhos dos físicos, não passava de "um efeito relativista", causado pelo movimento de cargas elétricas.

Hoje, entretanto, não é mais possível considerar os fenômenos de maneira tão simples. O físico inglês Blackett, um dos mais eminentes sábios presentes ao congresso de física-química foi quem trouxe seu ponto-de-vista pessoal sôbre o magnetismo.

Se o magnetismo era simplesmente imputável a movimentos de cargas elétricas, não se atreviam os sábios a avançar que não devesse haver magnetismo onde

não houvesse eletricidade. Mas há! Verificaram, de fato, que um neutron possui um "spin" (movimento magnético) *pelo simples fato de sua rotação sôbre si mesmo.*

Êsse fenômeno é surpreendente e mesmo desorienta, no quadro da física. Por isso, Blackett propôs uma nova interpretação: diz êle que todo corpo em rotação — seja qual fôr — possui um momento magnético *pelo simples fato dessa própria rotação*! Isto quer dizer, em outras palavras: — Tomem um pião ou um corpo qualquer e façam-no rodar. Êle será um ímã!

Naturalmente, a intensidade de imantação dependerá da massa *em rotação* e de sua velocidade *de rotação*. Segundo Blackett, haveria proporcionalidade rigorosa com o "momento" cinético da rotação, isto é: o produto do momento de inércia do corpo por sua velocidade angular.

E a primeira consequência sensacional seria a de nos dar, enfim, uma explicação aceitável para o magnetismo terrestre. Se sabemos, há milhares de anos que uma agulha imantada se volta para o norte e que, por isso, a Terra deve ser assimilada a um ímã gigantesco, o *motivo* sempre escapou ao físico! Falaram em massas magnéticas no coração da Terra, mas é muito difícil admitir essa hipótese, tanto mais que o ferro perde tôda propriedade magnética acima de 776 graus e é sabido que abaixo da crosta terrestre reinam temperaturas muito superiores.

Blackett nos afirma que a Terra é imantada... simplesmente por que roda!

BLACKETT DESMONTA A MECÂNICA CELESTE — Com a fórmula de Blackett, podemos "calcular" os campos magnéticos que deveriam, teòricamente, reinar sôbre os outros mundos. Sôbre a Lua, o campo seria insignificante, pelo fato do nosso satélite só efetuar um giro sôbre si mesmo em 29 dias e possuir, além disso, massa 80 vêzes mais fraca que sôbre a Terra. Ao contrário, o planêta Júpiter deveria possuir um campo magnético bastante intenso. Porém Blackett calculou os campos magnéticos teóricos do Sol e das estrêlas. E a êsse respeito o milagre da ciência moderna está na altura de nos afirmar que a verificação é possível.

Quando uma irradiação de comprimento de onda determinada chega através de um campo magnético, sofre o efeito Zeeman, isto é: desdobra-se segundo duas raias secundárias, cujo afastamento é justamente proporcional à intensidade do campo. É suficiente, pois, considerar o desdobramento das raias espectrais emitidas pelas estrêlas para obter um valor do seu campo magnético. E, até agora, as observações parecem plenamente favoráveis à teoria de Blackett. Parece, realmente, valiosa para as nebulosas do Universo. Em outros têrmos, cada galaxia (nossa Via-Láctea é apenas uma entre milhões de outras) seria, por sua vez, a sede de um campo magnético gigantesco, que viria interferir com o magnetismo das estrêlas...

Se considerarmos que numerosas cargas elétricas livres circulam um pouco por tôda parte nas nebulosas, parece que sob a influência dos campos magnéticos, elas se comportariam como emissoras de ondas de rádio. São essas ondas que o radioastrônomo tenta, atualmente, captar e analisar sistemàticamente.

São elas, indiretamente, a causa do ruído desagradável contra o qual resmungamos quando nosso receptor tenta ouvir uma emissão distante. Ignoramos, porém, êsse fato grandioso: uma ocorrência que afetou uma região do Universo, há vários milhares ou vários milhões de anos... e nos vem falar a sua linguagem desconhecida...



COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

(Resposta da página 103)

Descemos até o mais próximo que pudemos de um dos navios e notamos o **deck**, onde a tripulação cuidava de cobrir os alçapões do porão, como para uma longa travessia, segundo sabíamos pela leitura de livros de aventuras marítimas. Concluímos logo que **êsse vapor se afastava de Boston**. A bordo do outro navio, ao contrário, os tripulantes começavam a libertar os alçapões e a preparar os guindastes, como para descarregar os porões. Imediatamente, decidimos seguir o rumo do segundo nacio. Em breve estávamos pousando em terra firme, no campo de Boston.

EU SEI TUDO

Nº 445 — Ano XXXVIII   Nº 1 — Junho — 1954

SUMÁRIO:

Assuntos de Família 3
Para o Lar: Faça Isto... Você Mesmo! 4
É a Lei 6
Alvo Errado (Conto) 7
Por Que a Bússola Aponta o Norte? (Agora os sábios já sabem) 12
A Ciência Contra o Crime — Os incêndios criminosos 16
Casamento Não é Para Mim... (Conto) 21
Ecos 27
Pronto Para Atingir a Lua 27
Vôos da Fantasia 27
Nunca Há que Desesperar 27
Pode Alguém Ser "Possuído" por Espíritos Diabólicos? (Muita gente pode ir para o Inferno, diz a Ciência) 28
Conselhos de Uma Quituteira 33
A Poesia dos Conquistadores Védicos 34
A Fôrça de Um Juramento (Romance-Continuação) 39
Os Mistérios Marinhos (Policromia) — A lenda dos mares rola seus mitos ao sabor dos oceanos infinitos 47
Gravidade... (Estabilidade errada? — A surprêsa das bolas — Com a palavra o sábio Arquimedes — Melhor equilíbrio — Quanto mais fortemente uma pessoa pode inclinar-se sem cair depende menos do indivíduo que do seu centro de gravidade — Mais rápido que a gravidade — Matéria inerte — Quando um ôvo está cozido? — O truque da vara) 54
Sonhos Perigosos (Conto) 60
O Mistério do Carretel 64
O Difícil é Começar 64
Passe por Cima 65
Vôos da Fantasia 66
O Futuro da Terra e do Homem (Quando se esgotarem os recursos naturais da terra, o homem disporá, ainda, de recursos inexauríveis) 68
Como trabalha o pêndulo 74
Filha e Nora 74
Provérbios Indianos 74
O "Guia do Amor"... Segundo a Igreja da Inglaterra (O instante que um êrro absurdo considera como um fim... é o começo de uma corrida de obstáculos) 75
Declamação 81
Isto, Sim, é Calor! 81
Provérbios Africanos 81
Nem Todo "Bêbedo"... Está Bêbedo! (Quando um homem parece intoxicado, talvez esteja doente. Não bêbedo!) 83
Quando a Velocidade da Lente Vence a dos Olhos .. 86
Extravio 86
Por Trás da Porta Amarela (Romance-Continuação) 82
Mude o Disco... (Episódio real) 95
Memento Eu Sei Tudo (Olhando o mundo há sessenta dias) 97
Nos Domínios da Gramática 104
Você Tem Mêdo de Viver? 105
A "Boa Resposta" do Mês 106
Como Você Resolveria Isto? 106
Charadas — Quebra-Cabeças 107

CORRESPONDÊNCIA

Aurora B. Brasser (Laranjeiras, D. Federal) — Êsse romance foi publicado em 1944. Não vemos razão para que voltemos a fazê-lo. De acôrdo?

Aristides de Oliveira Paz (Belo Horizonte, M. Gerais) — Depende de ilustrações. Faremos o possível.

Luís Antônio Borba (D. Federal) — Agradecemos o seu interêsse, mas não é possível aceitar o seu oferecimento, pois já temos o pessoal necessário.

Inês Silveira (Belém do Pará) — O atraso não é nosso, pois os exemplares são remetidos para o Norte do país, com boa antecipação. Quanto ao segundo item de sua carta, passamos à administração para imediata providência.

Tte. Orlando de Lima Soares (Goiânia, Goiás) — Não é assunto para esta publicação. Como velho leitor de EU SEI TUDO — conforme frisou — certamente nos dará razão.



CAPA: Festas juninas! Rodinhas, foguetões, busca-pés. A quadrilha, as fogueiras e músicas novas, cantigas de roda não só no campo como também nas cidades, levadas pelas emissoras, a todos os lares, em todos os recantos do país. Os balões estão proibidos, com muita razão. Mas que saudades nos deixam aquêles céus pontilhados de luzinhas viajantes!